

**LÍNGUA
PORTUGUESA**

Editora: Valley Editora Ltda.
Direção: João Vicente Strapasson Silveira Netto
Gestão: Vinícius Azambuja de Almeida
Coordenação Editorial: Camila Nunes da Rosa
Coordenação Pedagógica: Vanessa Bianchi Gatto
Autoria: Taciane Weber (Português)
Lucas da Cunha Zamberlan (Literatura e Artes)
Revisão técnica e organização: Vanessa Bianchi Gatto (Português)
Rodrigo Bentancurt (Literatura e Artes)
Revisão Editorial: Alana Hoffmann
Caroline Guerra
Pesquisa Iconográfica*: Camila Nunes da Rosa

*As imagens identificadas com a sigla BID pertencem ao Banco de Imagem e Documentação da Valley Editora.

Programação Visual: Camile Weber
Sibele Righi Scaramussa
Capa: Camile Weber
Editoração Eletrônica: Camila Nunes da Rosa
Camile Webber
Juliana Facco Segalla
Sibele Righi Scaramussa
Ilustrações: Fabiano da Costa Alvares
Gabriel La Rocca Coser
Sibele Righi Scaramussa

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação – CIP

L755

Língua Portuguesa, Literatura e Artes / Taciane Weber, Lucas Cunha Zamberlan. Santa Maria: Valley Editora, 2024.

v. 2
248 p.

ISBN 978-65-89574-34-7

1. Gêneros 2. Classes gramaticais 3. Linguagem 4. Leitura I. Título

CDU 806,90

Bibliotecária responsável Trilce Morales – CRB 10/2209

Coleção 2024

Sistema de Ensino



Comercialização e distribuição: NTRV Distribuidora

SUMÁRIO

Unidade 1

- 5** Análise sintática - período simples

Unidade 2

- 12** Pontuação

Unidade 3

- 16** Regência verbal e nominal

Unidade 4

- 20** Crase

Unidade 5

- 23** Concordância nominal e verbal

Unidade 6

- 27** Colocação pronominal

» Olá, aluno. Conheça seu livro!

Ao longo deste livro, você encontrará **QR Codes** que levarão a **conteúdos extras para complementar seu estudo**. Entre eles, temos **aulas-pílula** em cada início de unidade, **vídeos diversos e resoluções de questões mais complexas**.

Para acessar esses conteúdos, você deverá fazer o *download* do **App Totem** na Play Store (em aparelhos Android) ou na Apple Store (em aparelhos Apple). Os **codes** não são acessíveis por outros leitores de **QR Code**. Em caso de dificuldades com o app, procure a secretaria do Curso.



Qual é a temperatura nesse termômetro?

- a) 5°C
- b) 7°C
- c) 13°C
- d) 15°C
- e) 19°C

Nas seções de testes, utilize os **marcadores** que acompanham a numeração da questão (○) para **assinalar testes** mais importantes, que precisam ser revisados ou para tirar dúvidas. **Você pode criar sua própria legenda** atribuindo cores para cada destaque.

Sugestões:

1. (ENEM) Compreensão de reivindicação que surge da Grécia antiga: a redação faz mais que assegurar-lhes tornam-se bem comumente cada a todos da mesma

1. (ENEM) Compreensão de reivindicação que surge da Grécia antiga: a redação faz mais que assegurar-lhes tornam-se bem comumente cada a todos da mesma

Exemplos de legendas:



Questão fácil / Acertei / Não preciso revisar



Questão importante / Revisar / Acertei, mas tive dificuldades



Achei difícil / Errei, preciso refazer na próxima revisão / Levar para tirar dúvidas



» Análise sintática – período simples



Reprodução autorizada por Alexandre Beck

A Sintaxe é a parte da gramática que estuda a disposição das palavras na frase e a das frases no discurso, bem como a relação lógica entre as frases. Ao emitir uma mensagem verbal, o emissor procura transmitir um significado completo e compreensível. Para isso, as palavras são relacionadas e combinadas entre si. A sintaxe é um instrumento essencial para o manuseio satisfatório das múltiplas possibilidades que existem para combinar palavras e orações. Nesta unidade, portanto, iremos verificar como isso ocorre.

Frase é a palavra ou o grupo de palavras que formam um enunciado de sentido completo.

Anotações:

Atenção!

Saia daqui!
A prova estava acessível.
Bebida e direção. Essa dupla é de morte.

- ▶ **Frase nominal:** não constituída por verbos.
- ▶ **Frase verbal:** oração = constituída por verbo.

Oração é a unidade sintática formada em torno de **verbo** ou de **locução verbal**.

Perceba:

- a) Ai! Oi! Boa noite!
São frases, mas não orações, pois não possuem verbo.
- b) Os professores auxiliam na aprovação.
É uma frase, pois transmite ideia.
É também uma oração, pois possui um verbo.

Período é a unidade sintática formada em torno de **um ou mais verbos**.

- ▶ **Período simples:** constituído de uma oração = um só verbo ou uma locução verbal.
- ▶ **Período composto:** constituído de duas ou mais orações.



Termos essenciais da oração

- Sujeito** {
- ▶ Simples
 - ▶ Composto
 - ▶ Indeterminado
 - ▶ Inexistente
 - ▶ Oculto

- Predicado** {
- ▶ Nominal
 - ▶ Verbal
 - ▶ Verbo-nominal

- Predicativo** {
- ▶ Do sujeito
 - ▶ Do objeto

Termos integrantes da oração

Complemento nominal

- Complemento verbal** {
- ▶ Objeto Direto
 - ▶ Objeto Indireto

Agente da passiva

Termos acessórios

Adjunto adnominal

Adjunto adverbial

Aposto

Termo independente

Vocativo

Lembre-se: Para haver oração, é preciso verbo!

Anotações:



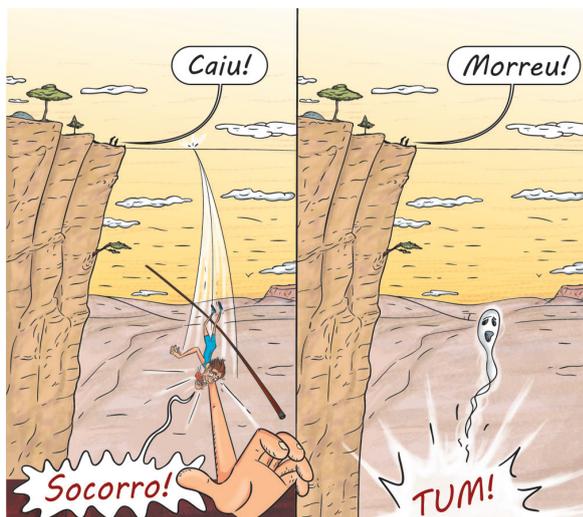
Verbo

O verbo é o termo central de qualquer oração. Toda análise sintática parte dele, que é o primeiro termo a ser identificado. Por isso, antes de estudarmos a fundo cada um dos termos da oração, vamos conhecer os tipos de verbo que você poderá encontrar.

Transitividade verbal

VERBOS INTRANSITIVOS (VI)

São verbos com conteúdo significativo que não necessitam de complemento. Muitas vezes, os verbos intransitivos vêm acompanhados de termos que indicam lugar, tempo, modo – são os chamados adjuntos adverbiais.



Anotações:

VERBOS TRANSITIVOS DIRETOS (VTD)



Exigem complemento **sem** preposição obrigatória. O complemento é chamado de **objeto direto** (OD).

Anotações:

VERBOS TRANSITIVOS INDIRETOS (VTI)

Exigem complemento **com** preposição obrigatória. O complemento é chamado de **objeto indireto** (OI).



Reprodução autorizada por Alexandre Beck



Importante

Por uma questão estilística, alguns verbos, mesmo sendo transitivos diretos, aceitam complemento introduzido por preposição. Observe que isso não muda a transitividade do verbo. Ele continuará sendo VTD, e seu complemento passará a ser chamado de **objeto direto preposicionado**.

- Exemplos:

Carlota amava mais a ele do que aos próprios irmãos.

Cada cidadão deve beber do vinho depois da ceia.

Naquele dia, comeu da sobremesa de sua mãe.

Existe a possibilidade de, na mesma frase, haver uma repetição de objetos, tanto diretos como indiretos. Primeiro aparece o objeto, antecipado para o início da oração; depois ele é repetido por meio de um pronome oblíquo (objeto pleonástico).

- Exemplos:

As obras indicadas, ainda não **as** li.
OD OD pleonástico

Aos inimigos, nada **lhes** devemos.
OI OI pleonástico

VERBOS TRANSITIVOS DIRETOS E INDIRECTOS (VTDI)

São verbos que exigem dois complementos: um **direto** e outro **indireto**.

- Exemplos:

Ele deu flores a ela.

Maurício comprou um carro para a mãe.

VERBOS DE LIGAÇÃO

São verbos que não indicam ações. O sujeito não sofre nem pratica ação, pois não há ação. Os verbos de ligação, assim como os verbos intransitivos, também não exigem complemento, e sim **predicativo**, que pode ser do sujeito ou do objeto, conforme veremos adiante.

Importante

Os principais verbos que costumam funcionar como de ligação são: **ser**, **estar**, **permanecer**, **ficar**, **continuar**, **virar** (no sentido de **tornar-se**), **andar** e **parecer**.

Vozes verbais

▶ **Voz ativa:** o sujeito **pratica** a ação verbal.

- Exemplo:

Empresa multinacional **contrata** estagiários.

▶ **Voz passiva:** o sujeito é **alvo** da ação praticada.

Analítica - com locução verbal e agente da passiva.

- Exemplo:

Estagiários **são contratados** por empresa multinacional.

Sintética - com verbo simples e pronome "se".

- Exemplo:

Contratam-se estagiários.

▶ **Voz reflexiva:** o sujeito **pratica** a ação e é **alvo** dela.

- Exemplo:

Pedro **cortou-se**. (reflexivo).

Pedro e Ana **beijaram-se**. (recíproco).

CONVERSÃO DA VOZ ATIVA EM VOZ PASSIVA

▶ Só é possível com VTD (verbo transitivo direto).

- O OD da voz ativa vai para o início da frase.

- O sujeito da ativa vai para o fim da frase, antecedido pela preposição "por" (pelo, pelos, pela, pelas).

- O verbo da voz ativa vira locução verbal, no mesmo modo e no mesmo tempo verbal.

Veja:



VOZ PASSIVA NA PROVA DA UFSM

Efeitos discursivos

A voz passiva é frequentemente usada nos textos quando não se quer revelar o sujeito agente ou dar-lhe destaque. Por isso, é considerada uma estratégia de **impessoalização**, bastante comum em textos científicos, por exemplo. Veja:

▶ A construção "Nós analisamos os seguintes dados", que está na voz ativa, colocaria em evidência os sujeitos agentes, que são os pesquisadores.

▶ A construção "Os seguintes dados foram analisados", que está na voz passiva analítica e sem a presença do agente da passiva, coloca em evidência os dados que são alvo da ação, e não as pessoas.

▶ A construção "Analisaram-se os seguintes dados", na voz passiva sintética, coloca em evidência a própria ação, e não as pessoas que a praticam.

Também no texto jornalístico - apesar da sua pretensa neutralidade - a escolha pela voz ativa ou passiva pode ser reveladora de uma intencionalidade. Veja:

Ruas **são asfaltadas** no bairro Camobi.

X

Prefeitura **asfalta** ruas no bairro Camobi.

Qual das manchetes circulou no jornal da administração pública? Qual circulou no jornal da oposição?



Sujeito

Termo com o qual o verbo concorda.

Importante

Para encontrar o sujeito, pergunte ao verbo: "quem é que + ação verbal". A resposta que o verbo der é o sujeito.

- **Exemplo:** As crianças comeram pizza ontem.

Pergunta: Quem é que "comeram"?

Resposta: As crianças = sujeito.

O SUJEITO OCULTO NA PROVA DO ENEM: RECURSO DE PROGRESSÃO TEXTUAL

A Habilidade 18 do Enem envolve a percepção das estratégias usadas nos textos para fazer a progressão textual, ou seja, para inserir informações novas retomando informações já dadas. Uma das formas de fazer isso é deixar o sujeito (já conhecido) em elipse (oculto), evitando repetições. Veja:

João é casado com Maria, ele tem trinta anos, ele mora no campo, ele vive da agricultura e ele gosta da sua rotina. (todas as orações apresentam sujeito marcado)

João é casado com maria, tem trinta anos, mora no campo, vive da agricultura e gosta da sua rotina. (só a primeira oração apresenta sujeito marcado; as outras todas têm sujeito elíptico)

CLASSIFICAÇÃO DO SUJEITO

▶ **Simples:** apresenta um só núcleo, que é o elemento de maior importância sintática do sujeito.

- **Exemplo:** Isabel comeu melancia à tarde.

▶ **Composto:** apresenta mais de um núcleo.

- **Exemplos:**

Fiscais e candidatos agrediram-se durante o concurso vestibular.

A direção e os professores da escola aprovaram o projeto.

Meu pai e minha tia querem que eu faça vestibular para Zootecnia.

▶ **Oculto/implícito/elíptico/desinencial:** ocorre quando o sujeito não está explicitamente representado na oração, mas pode ser identificado pela desinência e/ou pelo contexto.

- **Exemplo:** Dispensamos todos os funcionários.

Nessa oração, o sujeito é **implícito** e **determinado**, pois está indicado pela desinência verbal **-mos**.

▶ **Indeterminado:** existe, mas não se encontra na oração, nem explícito, nem implícito. Por isso, não pode ser identificado. O sujeito será indeterminado em dois casos:

a. Quando o verbo está na **terceira pessoa do plural** (eles), mas não está explícito nem pode ser identificado pelo contexto.

- **Exemplos:**

Assaltaram a farmácia.

Dizem que sim.

b. Quando o verbo está na **terceira pessoa do singular** e é um **VI**, **VTI** ou **VL** seguido do pronome "se", que é chamado de índice de indeterminação do sujeito.

- **Exemplos:**

Precisa-se de funcionários competentes.

Trata-se de um novo caso de gripe.

Vive-se bem naquela cidade.

Fica-se tranquilo aqui.

Importante

Perceba que, quando o verbo for **transitivo direto** e estiver acompanhado da partícula "se", o sujeito **não** é indeterminado.

- **Exemplo:** Contratam-se estagiários.

Nesse caso, com VTD, temos voz passiva. O sujeito é "estagiários" (estagiários são contratados), **por isso o verbo concorda com ele**. E o "se", o que é? É partícula apassivadora!

O SUJEITO INDETERMINADO NA PROVA DA UFSM

Assim como a voz passiva, o sujeito indeterminado também funciona como estratégia de **impessoalização**, pois permite ocultar da frase o agente. Há dois cuidados importantes a serem tomados na prova da UFSM:

1º) Não confundir com a voz passiva sintética. Para respeitar a norma-padrão, devemos lembrar que, na passiva sintética, o verbo (VTD) flexiona para concordar com o sujeito passivo que existe lá. Já no caso do sujeito indeterminado, o verbo (VTI ou VI) nunca vai flexionar, pois não existe um sujeito com o qual possa concordar. Veja:

Casos de voz passiva: verbo concorda com o sujeito

Contrata-se garçom. Contratam-se garçons. (VTD)

Visão que se usa para que se enxergue o mundo. (VTD)

Óculos que se usam para que se enxerguem as coisas. (VTD)

Casos de sujeito indeterminado: verbo fica sempre no singular

Necessita-se de garçons. (VTI)

Trata-se de casos isolados. (VTI)

Óculos de que se precisa para que se enxergue melhor. (VTI e VI).



2º) Verbos no infinitivo impessoal (não flexionado) também deixam o sujeito indeterminado nos períodos compostos. Nesses casos, é preciso lembrar que a oração que fica com sujeito omissa é aquela que tem o verbo no infinitivo (subordinada), e não a outra (principal). Veja:

- Exemplo 1:

Estudar é importante. (= É importante que se estude)

O sujeito do verbo “estudar” está indeterminado: é importante que *eu* estude?, ou que *tu* estudes?, ou que o *João* estude?, ou que *nós* estudemos?, ou que *eles* estudem?

O sujeito do verbo “é” está claro: O que é que “é importante”? Resposta: “Estudar”. Trata-se de um sujeito em forma de oração.

- Exemplo 2:

Era proibido comer naquela sala. (=Era proibido que se comesse naquela sala)

O sujeito do verbo “comer” está indeterminado: era proibido que *eu* comesse?, ou que *eles* comessem?

O sujeito do verbo “era” está claro: O que é que “era proibido”? Resposta: “Comer naquela sala.” Trata-se também, como no exemplo 1, de um sujeito oracional.

▶ **Inexistente:** a oração não terá sujeito quando for composta por verbos impessoais – invariáveis na 3ª pessoa do singular. São eles:

a. Haver no sentido de existir.

- Exemplo: Havia muitas pessoas na sala de espera.

b. Fazer, ser, estar indicando tempo cronológico.

- Exemplos:

Há anos que não o vejo.

Hoje são 2 de abril.

c. Verbos que indicam temperatura ou fenômenos da natureza.

- Exemplos:

Poderá chover nas próximas horas.

Fez 30°C à sombra.

Predicado

O que se diz sobre o sujeito.

- Exemplos:

Paulo deu aula ontem.

Paulo está cansado.

O Paulo deu aula cansado ontem.

Eu notei o Paulo cansado ontem.

Importante

Perceba que, depois que você localiza o sujeito da frase, todo o restante dela será o predicado.

Predicativo

Termo (substantivo ou adjetivo) do predicado que indica uma característica do sujeito ou do objeto.

Só aparece quando há um verbo de ligação (explícito ou implícito).

▶ **Predicativo do sujeito:** exprime qualidade ou estado do sujeito.

- Exemplos:

Mariana parecia confiante depois da prova.

Todos estavam ansiosos com a disputa.

Os candidatos saíram satisfeitos com a prova.

▶ **Predicativo do objeto:** exprime qualidade ou estado do objeto.

- Exemplos:

Consideraram o ambiente apropriado para a ocasião.

Julgaram o réu culpado pelo crime.

Os adultos julgam os adolescentes irresponsáveis.

Complementos verbais (OD e OI)

No início da unidade, quando estudamos a Transitividade Verbal, já mencionamos os tipos de complemento que um verbo pode ter: **objeto direto** (sem preposição) e **objeto indireto** (com preposição). Sendo assim, podemos já passar para os outros termos integrantes da oração: o Complemento Nominal e o Agente da Passiva.

Complemento nominal

Não são só os verbos que podem precisar de complemento. Há nomes (substantivos, adjetivos e advérbios) que não possuem sentido completo.

Os termos que vêm para completá-los são os complementos nominais, introduzidos sempre por uma **preposição**.

- Exemplos:

Agia favoravelmente ao ladrão.

Ninguém era responsável por ela.

O povo tinha necessidade de atenção.

Este remédio é prejudicial à saúde.

Sempre lhes foi submisso. (submisso a eles)

Tudo me era difícil. (difícil para mim)



Agente da passiva

É o termo que representa aquele que pratica a ação quando a frase está na voz passiva. Vem sempre introduzido pela preposição **por** (pelo(s), pela(s)).

- **Exemplo:**

A professora foi homenageada pelos alunos.

Adjunto adverbial

É a função exercida pelos advérbios e locuções adverbiais. O adjunto adverbial transforma verbos, adjetivos ou outros advérbios, indicando diferentes circunstâncias (tempo, modo, intensidade, lugar...).

- **Exemplo:**

Eles correram muito ontem nos arredores do bairro.

Adjunto adnominal

É o termo que determina, explica ou especifica um substantivo. Pode vir expresso por adjetivo, locução adjetiva, pronome adjetivo, artigo e numeral.

- **Exemplos:**

As minhas duas melhores amigas chegaram.

Os meus três melhores livros foram rasgados.

A claridade da manhã entrava na casa.

Roubaram me os documentos. (me = meus)

A resposta do aluno foi satisfatória.

Aposto

É o termo que serve para explicar, identificar ou esclarecer um termo anterior. Pode ser classificado como:

▶ **Enumerativo:** Revisamos as seguintes disciplinas: biologia, literatura e física.

▶ **Explicativo:** Camilo Castelo Branco, escritor português, é autor de *Amor de Perdição*.

▶ **Resumitivo:** Seriedade, disciplina e estudo, tudo isso é necessário para alcançar o sucesso.

▶ **Especificativo:** A rua Tenente Coronel Brito é muito movimentada.

Efeitos semânticos da ordem sintática

Os falantes de língua portuguesa costumam construir suas frases colocando os termos na seguinte ordem:

sujeito + verbo + complementos + adjuntos adverbiais

Por isso dizemos que frases assim dispostas estão na ORDEM DIRETA.

As inversões sintáticas ocorrem sempre com alguma intencionalidade. Geralmente, coloca-se no início da frase o termo a que se quer dar mais destaque.

Contudo, há que se ter cuidado na hora de inverter os termos de uma frase, pois além de gerar mudança de efeito de sentido, podemos gerar alguma ambiguidade. Veja:

Campanha contra a violência do governo do estado entra em nova fase

Você consegue perceber que a manchete acima está ambígua? Como podemos desfazer a ambiguidade?

Vocativo

É o termo de chamamento ou de apelo, o qual é independente da oração. Sempre usamos vírgula para isolá-lo.



Vídeo resumindo a análise sintática



Vídeo Desvio de verbo





» Pontuação



Reprodução autorizada por Alexandre Beck.

Diferentemente do que se costuma dizer, os sinais de pontuação não servem apenas para marcar as pausas e as entonações da fala. Eles também funcionam como elementos de coesão e coerência, garantindo clareza ao texto.

De imediato, devemos considerar a ordem direta do período simples (sujeito + verbo + complemento verbal + adjunto adverbial) e estabelecer que esses elementos não serão separados por vírgula, uma vez que relações essenciais não se separam por sinal gráfico.

Sendo assim, observe:

Os alunos	estudam	muito.
Sujeito	Verbo intransitivo	Adjunto adverbial de intensidade

O Congresso	aprovou	a lei	no Rio Grande do Sul.
Sujeito	Verbo transitivo direto	Objeto direto	Adjunto adverbial de lugar

Vírgula (,)

Ordem direta**SUJEITO + VERBO + COMPLEMENTO + ADJUNTO ADVERBIAL**

A ordem direta da frase não deve ser separada por vírgulas.

Quando ocorre qualquer alteração na sequência dos termos, temos a ordem indireta.

Separam-se por vírgula:

▶ **Adjunto adverbial deslocado**

- *Exemplo:* Naquele momento, ele contou a verdade ao rapaz.

A regra vale para adjuntos adverbiais com verbo (orações subordinadas adverbiais).

- *Exemplo:* Quando ele chegou, fui dormir.

Importante

Para os adjuntos adverbiais de pequena extensão, o uso de vírgula é facultativo.

- *Exemplo:* Hoje estudaremos pontuação.

▶ **Termos de mesma função sintática/enumeração**

- *Exemplos:*

Crianças, jovens, adultos manifestaram revolta.

Falavam de aventuras, de tragédias, de acontecimentos inesperados.

Gabaritei geografia, matemática e física.

▶ **Expressões explicativas ou corretivas, de retificação: além disso, por exemplo, isto é, ou seja, aliás, outrossim, com efeito, a saber.**

- *Exemplo:* Eis os exemplos, ou melhor, os exercícios.

▶ **Aposto explicativo**

- *Exemplo:* Machado de Assis, autor de Dom Casmurro, é um dos maiores escritores brasileiros.

A regra vale para apostos com verbo (orações subordinadas adjetivas explicativas)

- *Exemplo:* Machado de Assis, que é autor de Dom Casmurro, é um dos maiores escritores brasileiros.



- ▶ **Vocativo**
- *Exemplos:*
Meninos, ajudem-me agora.
Observem, senhoras, aquele cartaz.
- ▶ **Elipse do verbo (ou zeugma)**
- *Exemplo:* Nós nos referimos a fatos; você, a hipóteses.
- ▶ **Objeto direto e indireto pleonástico antecipado ao verbo**
- *Exemplos:*
Este livro, eu já o li em algum lugar.
Aos professores, sempre lhes serei grato.
- ▶ **Predicativo deslocado**
- *Exemplos:*
Cansados, os meninos encerraram o jogo.
Os meninos, cansados, encerraram o jogo.
- ▶ **Orações coordenadas assindéticas/justapostas**
- *Exemplos:*
Vim, estudei, venci, passei.
O dia amanheceu, as lojas se abriram, os comentários continuaram, tudo voltou ao normal.
- ▶ **Orações coordenadas sindéticas (exceto as aditivas)**
- *Exemplos:*
Todos acordaram cedo, pois era dia de visitas.
Ele estava cansado, por isso foi deitar.

Observação

Antes da conjunção “e”, a vírgula é indicada quando:

- ▶ **o sujeito da segunda oração não é o mesmo sujeito da primeira:**

- *Exemplo:* Nós chegamos à festa cedo, e eles depois das 4h da madrugada.

- ▶ **o “e” tiver valor adversativo:**

- *Exemplo:* Estudou muito, e não passou.

- ▶ **se tratar de um caso de polissíndeto:**

- *Exemplo:* As crianças brincaram, e cantaram, e dançaram, e conversaram.

- ▶ **Conjunções adversativas e conclusivas deslocadas:**

- *Exemplos:*

Não estudei; espero, todavia, ser aprovado.

Estudei; espero, por isso, ser aprovado.

Não use vírgula

- ▶ **Entre sujeito e predicado.**
- *Exemplo:* O Paulo_x nunca colabora.
- ▶ **Entre o verbo e seus complementos.**
- *Exemplo:* A pesquisa indica_x aumento nos preços.
- ▶ **Antes ou depois de conjunção integrante.**
- *Exemplo:* A pesquisa indica_x que_x os preços aumentaram.
- ▶ **Depois de conjunção explicativa causal.**
- *Exemplo:* Aproveite, visto_x que_x a vida passa rápido.
- ▶ **Em orações restritivas.**
- *Exemplo:* Os brasileiros_x que são ricos_x viajam muito.

Ponto e vírgula (;)

Esse sinal gráfico serve para marcar uma pausa intermediária entre o ponto e a vírgula. É empregado para separar:

- ▶ **Orações coordenadas que já tenham sido separadas por vírgula**

- *Exemplos:* Ela prefere ler as obras indicadas para o vestibular; eu, ler os clássicos da literatura.

Não esperava outra coisa; afinal, já havia sido avisado.

- ▶ **Orações coordenadas de sentido oposto**

- *Exemplo:* Muitos se esforçam; poucos conseguem.

- ▶ **Orações coordenadas adversativas e conclusivas quando o conectivo estiver deslocado**

- *Exemplos:*

Jonas tem muito dinheiro; não pode, porém, desfrutar suas vantagens.

Terminaram os mantimentos; devemos, portanto, voltar para casa.

- ▶ **Itens longos em um texto ou itens de lista**

- *Exemplos:* Havia vários fatores que justificavam sua personalidade violenta: morava numa região muito violenta; nunca teve acesso à escola e à boa informação, por não desfrutar as condições econômicas básicas para isso; era espancado pelo pai.

- Tarefas do dia:
- limpar a casa;
 - estudar;
 - treinar;
 - fazer mercado.

Importante

Depois desse sinal de pontuação, usa-se letra minúscula!



Ponto final (.)

É utilizado na finalização de **períodos declarativos** e deve, também, ser utilizado em **abreviaturas**.

- *Exemplos:*

Vamos gabaritar todas as provas de português.

Vejamos, na pág. 7, os conceitos de pontuação.

Anotações:

Dois-pontos (:)

Os dois-pontos são empregados nos seguintes casos:

▶ **Para anunciar citação ou discurso direto**

- *Exemplos:*

Joana disse: – O arroz acabou.

Marx afirma: “A religião é o ópio do povo”.

▶ **Para anunciar uma enumeração**

- *Exemplo:* Comprei várias coisas no mercado: arroz, legumes, produtos de limpeza.

▶ **Para inserir um esclarecimento**

- *Exemplo:* Comigo acontece o contrário: fico mais disposta no verão.

Anotações:

Ponto de interrogação (?)

É utilizado em **perguntas diretas**.

- *Exemplo:* Você deseja ingressar em qual instituição de ensino superior?

Anotações:

Ponto de exclamação (!)

O ponto de exclamação é empregado nos seguintes casos:

▶ **Depois de interjeições ou de expressões exclamativas**

- *Exemplo:* Ui, ui! Essa doeu!

▶ **Depois de um imperativo**

- *Exemplo:* Não matarás!

Anotações:

Parênteses ()

São usados para intercalar, em um texto, qualquer expressão secundária (indicação, informação acessória) e são empregados nos seguintes casos:

▶ **Para indicar explicação inserida em um texto**

- *Exemplo:* Predicado verbo-nominal é aquele que tem dois núcleos: o verbo (núcleo verbal) e o predicativo (núcleo nominal).

▶ **Na separação de um comentário ou reflexão**

- *Exemplo:* Os escândalos estão se proliferando (a imagem política do Brasil está manchada) por todo o país.

Importante

Os parênteses podem ser usados para isolar orações intercaladas, sendo mais frequentes, porém, para este fim, as vírgulas e os travessões.

Cuidado

Devemos evitar muita informação dentro dos parênteses (expressões muito extensas), pois isso prejudica a fluidez textual.

Anotações:



Reticências (...)

Indicam uma interrupção ou uma suspensão na sequência normal da frase. São usadas nos seguintes casos:

- ▶ **Para indicar suspensão ou interrupção do pensamento ou da fala**
- *Exemplo:* Estava escrevendo quando...
- ▶ **Para indicar hesitações comuns na língua falada**
- *Exemplo:* Não farei isso porque... porque... não quero problemas.
- ▶ **Para indicar movimento ou continuação de um fato**
- *Exemplo:* E o fiscal foi chegando...
- ▶ **Para criar suspense**
- *Exemplo:* Você... passou no vestibular!
- ▶ **Para deixar uma informação implícita**
- *Exemplo:* Ele fez a prova sem estudar, então...
- ▶ **Para indicar supressão de um fragmento de citação**
- *Exemplo:* Segundo Souza, "estudos (...) já confirmaram a ineficácia do medicamento".

Anotações:

Aspas (" ")

São usadas nos seguintes casos:

- ▶ **Em títulos**
- *Exemplo:* "Os Lusíadas", de Camões, tem grande importância literária.
- ▶ **No início e no fim de discursos ou citações diretas**
- *Exemplo:* "Tudo começou logo depois da divulgação do listão. Já havia anunciado aos quatro ventos a minha aprovação, só depois de duas semanas percebi que o Francisco do listão não era eu, e sim um Francisco Lima de outra cidade e com outro RG. Não sabia se ria ou se chorava", revelou Francisco, o não aprovado.
- ▶ **Para sinalizar ironias e metáforas**
- *Exemplo:* Que "belo" exemplo você deu.
- ▶ **Para apresentar gírias, vulgarismos, estrangeirismos e neologismos**
- *Exemplo:* Apresentou um trabalho todo "frankensteiniado".
- ▶ **Para destacar expressões**
- *Exemplo:* O primeiro termo a ser analisado é a palavra "parcimônia".

Travessão (-)

O **travessão simples** é usado para:

- ▶ **Indicar mudança de interlocutor em um diálogo**
- *Exemplo:* - Olá, Ana! Tudo bem?
- Tudo bem comigo. E contigo?
- ▶ **Para destacar explicação, síntese ou conclusão no final de um período**
- *Exemplo:* Estudei durante anos, sem pensar em desistir, até alcançar o meu objetivo - e eis, hoje, que me formo médico.

O **travessão duplo** é usado para:

- ▶ **Isolar o aposto ou oração adjetiva, substituindo as vírgulas**
- *Exemplos:*
O Tiradentes - cujo nome de batismo é Joaquim José da Silva Xavier - foi enforcado por lutar por nossa independência.

Consoante Rousseau - filósofo suíço -, o homem é bom por natureza, mas a sociedade o corrompe.

Anotações:





» Regência verbal e nominal



Reprodução autorizada por Alexandre Beck.

• Regência verbal

A regência verbal estuda a relação que se estabelece entre os verbos e os termos que os complementam (objetos diretos e objetos indiretos) ou modificam (adjuntos adverbiais).

- ▶ **Verbos intransitivos:** não necessitam de complemento. Podem receber um adjunto adverbial.
- ▶ **Verbos transitivos diretos:** exigem complementos SEM preposição.
- ▶ **Verbos transitivos indiretos:** exigem complementos COM preposição.
- ▶ **Verbos transitivos diretos e indiretos:** exigem dois complementos – um SEM e um COM preposição.
- ▶ **Verbos de ligação:** não aceitam complementos, mas sim predicativos; esses verbos, em específico, não serão nosso foco no estudo desta unidade.

Anotações:

O estudo da regência verbal permite-nos ampliar nossa capacidade expressiva, pois oferece oportunidade de conhecermos as diversas significações que um verbo pode assumir com a simples mudança ou retirada de uma preposição.

Observe

Algumas vezes, usar uma preposição em lugar de outra ou não usá-la pode resultar em mudança no sentido do verbo.

- Exemplos:Lavar **a** máquina = o que foi lavadoLavar **à** máquina = como foi lavadoTomar parte **na** reunião = participar delaTomar parte **da** reunião = usar tempo delaSentar **à** mesa = próximo a elaSentar **na** mesa = em cima delaBater **à** porta = pedir para ser atendidoBater **a** porta = fechá-la com forçaBater **na** porta = dar pancadas nela

Anotações:



Observe a regência dos verbos apresentados, no quadro abaixo, em relação ao **desacordo entre o registro culto e o coloquial**, frequentemente apresentado no cotidiano, em função da língua falada.

Verbo	Exemplo
Agradecer	Culto: Agradeceu ao colega a colaboração. Coloquial: Agradeceu ao colega pela colaboração.
Arrasar	Culto: A bomba arrasou o edifício. Coloquial: A bomba arrasou com o edifício.
Habituar-se	Culto: Ele se habituou à nova rotina. Coloquial: Ele se habituou com a nova rotina.
Implicar	Culto: Criatividade implica mudança. Coloquial: Criatividade implica em mudança.
Ir, vir, chegar	Culto: O presidente irá ao sindicato hoje. Coloquial: O presidente irá no sindicato hoje.
Namorar, amar, convidar	Culto: Eu namoro o fulano. Coloquial: Eu namoro com o fulano.
Obedecer	Culto: Obedeça aos sinais de trânsito. Coloquial: Obedeça os sinais de trânsito.
Preferir	Culto: Preferiu trabalhar a estudar. Coloquial: Preferiu trabalhar do que estudar
Residir (e morar)	Culto: O assessor reside na Rua das Flores. Coloquial: O assessor reside à Rua das Flores.
Ser	Culto: Somos trinta nesta equipe. Coloquial: Somos em trinta nesta equipe.

Verbos que admitem mais de uma regência

Verbo	Exemplo
Aspirar*	Algo: Todos aspiram ar poluído . (aspirar = inalar) A algo: Vocês aspiram a uma vaga ? (aspirar = almejar)
Atender	A algo: Atendi ao telefone . A alguém: Atendi ao cliente . Alguém: Atendi o cliente .
Avisar, informar, certificar	Algo a alguém: Avise lhe que chegamos. Alguém de algo: Avise o de que chegamos.
Cumprir	Algo: Cumpriremos nossa palavra . Com algo: Cumpriremos com nossa palavra .
Dignar-se	De algo: Dignou-se de expedir as ordens . Algo: Dignou-se expedir as ordens .



Verbo	Exemplo	
Esquecer	Se de algo: Algo:	Esqueci- me dos documentos . Esqueci os documentos .
Lembrar	Se de algo: Algo:	Ele lembrou- se de tudo . Ele lembrou tudo .
Pagar	Algo: A alguém: Algo a alguém:	Pagou a conta de luz . Pagou ao cobrador . Pagou a conta ao cobrador .
Perdoar	Algo: A alguém: Algo a alguém:	A prefeitura perdoou a dívida dos inadimplentes . A prefeitura perdoou aos inadimplentes . A prefeitura perdoou a dívida aos inadimplentes .
Presidir	Algo: A algo:	O analista presidirá o Congresso . O analista presidirá ao Congresso .
Procurar	Algo: Por algo:	Procuraram uma Instrução de Trabalho. Procuraram por uma Instrução de Trabalho.
Visar*	Algo: A algo:	Estou visando as provas , os cheques. (visar = assinar) Estamos visando à vaga nesta instituição. (visar = almejar)

* No caso de "aspirar" e de "visar", a mudança de regência gera mudança de sentido, tal como acontece com o verbo "assistir".

Importante

O verbo **assistir** permite, por meio de sua regência verbal, mais de uma ocorrência. Vejamos:

- 1. Prestar assistência:** sem preposição *a*.
- Exemplo: Os médicos assistem os pacientes.
- 2. Presenciar, ver:** com preposição *a*.
- Exemplo: Assistirei aos jogos da Copa.
- 3. Caber, pertencer:** com preposição *a*.
- Exemplo: Saúde é um direito que assiste a todos.
- 4. Morar:** com preposição *em*.
- Exemplo: Eles assistem em Campos do Jordão.

Atenção

Lembre-se de que, ao utilizar **pronomes relativos**, também precisamos ficar atentos às **regências verbal e nominal**. No caso de o verbo ou o nome exigirem preposição, devemos inseri-la antes do pronome.

- Exemplos:

- Havia condições **a que** nos opúnhamos.
Havia condições **com que** não concordávamos.
Havia condições **de que** desconfiávamos.
Havia condições **a que** éramos favoráveis.
Havia condições **em que** insistíamos.

Importante

O pronome oblíquo **lhe** desempenha diferentes funções sintáticas no período, fato que depende da regência verbal instituída pelo verbo. Cuidado para não confundir o uso desse pronome com os oblíquos **o, os, a, as**.

Observe:

- Enviou-lhe o relatório. (enviou o relatório a ele) → O.I.
- Roubou-lhe a carteira. (roubou a carteira dele) → adj. adn.
- Era-lhe submisso (submisso a ele) → C.N.
- Encontrou-o no restaurante. (encontrou ele no restaurante) → sempre O.D.

REGÊNCIA NO ENEM

Os desvios de regência pode representar, na prova do ENEM, uma marca de informalidade.

Eles podem ocorrer tanto pela falta da preposição quanto pelo uso de uma preposição alternativa, que não é aquela prevista pela norma-padrão.

Anotações:



• Regência nominal

A regência nominal estuda a relação que se estabelece entre um **nome** (substantivo, adjetivo ou advérbio) e os termos regidos por esse nome. Essa relação é sempre intermediada por uma **preposição**. No estudo da regência nominal, portanto, é preciso considerar que vários nomes apresentam exatamente o mesmo regime dos verbos de que derivam.

- *Exemplo:* Temos confiança em vocês.
Substantivo regente Substantivo regido



Vídeo: Encontro gramatical

Substantivos

Admiração a, por	Devoção a, para, com, por	Medo de
Aversão a, para, por	Doutor em	Obediência a
Atentado a, contra	Dúvida acerca de, em, sobre	Ojeriza a, por
Bacharel em	Horror a	Proeminência sobre
Capacidade de, para	Impaciência com	Respeito a, com, para com, por

Adjetivos

Acessível a	Entendido em	Necessário a
Acostumado a, com	Equivalente a	Nocivo a
Agradável a	Escasso de	Paralelo a
Alheio a, de	Essencial a, para	Passível de
Análogo a	Fácil de	Preferível a
Ansioso de, para, por	Fanático por	Prejudicial a
Apto a, para	Favorável a	Prestes a
Ávido de	Generoso com	Propício a
Benéfico a	Grato a, por	Próximo a
Capaz de, para	Hábil em	Relacionado com
Compatível com	Habitado a	Relativo a
Contemporâneo a, de	Idêntico a	Satisfeito com, de, em, por
Contíguo a	Impróprio para	Semelhante a
Contrário a	Indeciso em	Sensível a
Descontente com	Insensível a	Sito em
Desejoso de	Liberal com	Suspeito de
Diferente de	Natural de	Vazio de

Advérbios

Longe de
Perto de

Importante

Os advérbios terminados em *-mente* tendem a seguir o regime dos adjetivos de que são formados: paralela a; paralelamente a; relativa a; relativamente a.





AULA-
-PÍLULA

» Crase



beckillustras@gmail.com
Reprodução autorizada por Alexandre Beck.

Para o estudo desta unidade, iremos utilizar os conceitos de regência verbal e nominal já estudados na unidade anterior.

Para esse fim, observe:

A **crase** é assinalada pelo acento grave, o qual marca a fusão de uma preposição e de um artigo feminino, fusão que indica que a regência exige preposição.

- *Exemplo:* Obedecemos **à** norma.
(a + a)

Nesse exemplo, percebemos que o indicativo de crase é obrigatório, uma vez que temos a união de duas vogais iguais (a + a = à).

Podemos observar, por outro prisma, que, quando o verbo exigir preposição, mas o referente posterior não aceitar artigo feminino, não haverá indicativo de crase, e sim contração de preposição com artigo masculino.

- *Exemplo:* Obedecemos **ao** regulamento.
(a + o)

Regra geral

Haverá crase sempre que:

- ▶ o termo antecedente exigir a preposição *a*;
- ▶ o termo conseqüente aceitar o artigo *a*.

Observe:

- ▶ Mandou flores **às** formandas.
- ▶ Refiro-me **às** questões de física.
- ▶ Minha caneta é igual **à** (caneta) que você me emprestou.
- ▶ São semelhantes **à** mãe.
- ▶ Foi **à** lavanderia deixar as roupas para lavar.

• Crase proibida

1. Diante de palavras masculinas.
- *Exemplo:* Andamos **a** cavalo.
2. Quando um **a** (sem o **s** de plural) vem antes de um nome plural.
- *Exemplo:* Falei **a** pessoas estranhas.
3. Diante de verbos.
- *Exemplo:* Começamos **a** ler.
4. Diante dos pronomes pessoais retos e de tratamento, com exceção de **senhora, senhorita e dona**.
- *Exemplo:* Diga **a** ela que não iremos hoje.
5. Diante de numeral masculino.
- *Exemplo:* Chegou **a** duzentos o número de candidatas por vaga.
6. Diante de artigo indefinido.
- *Exemplo:* Dei o presente **a** um colega.
7. Antes de pronomes indefinidos, com exceção de "outra(s)".
- *Exemplo:* Não dê ouvidos **a** nenhuma delas.
8. Diante de pronome demonstrativo iniciado com "e" e "i".
- *Exemplo:* Fiz referência **a** esta autora.
9. Quando existir outra preposição (que não seja a preposição **a**) antes do artigo **a**.
- *Exemplo:* Compareceu **perante a** juíza no dia da audiência.

Importante

Com a preposição **até**, o uso é **facultativo**.

Reprodução proibida. Art. 184 do Código Penal e Lei nº 9.610, de 19 de fevereiro de 1998.



10. No meio de expressões com palavras repetidas.

- *Exemplo:* Ficamos cara a cara.

• Crase obrigatória

1. Diante de palavras que aceitam artigo "a".

- *Exemplo:* Faltei às aulas de anatomia.

2. Diante da palavra "moda", com sentido de "à moda de", "à maneira de" (mesmo que o sentido dessa expressão fique subentendido).

- *Exemplo:* Escreve à (moda de) Alencar.

3. Nas expressões adverbiais femininas.

Observação

Expressões adverbiais femininas são aquelas que se referem a verbos, exprimindo circunstâncias de tempo, de lugar, de modo. Veja alguns exemplos:

À maneira de, à moda de, à procura de, à disposição de, às voltas com, às custas de, à proporção que, à medida que, à noite, às pressas, à direita, às vezes, às cegas.

- *Exemplos:*

Chegaram à noite.

Caminhava às pressas.

Ando à procura de meus livros.

4. Antes da palavra "casa" quando a palavra estiver modificada por adjetivo ou locução adjetiva.

- *Exemplo:* Iremos à casa de minha mãe.

Atenção

Se a palavra "casa" não estiver especificada, não se usa crase.

- *Exemplo:* Iremos a casa assim que chegarmos.

5. Antes da palavra "terra" quando a palavra significa planeta ou estiver modificada por adjetivo ou locução adjetiva.

- *Exemplos:*

Voltei à terra natal.

A espaçonave voltará à Terra em um mês.

Atenção

Se a palavra "terra" significar "chão firme" (oposto de mar ou de ar) e não vier especificada, não se usa crase.

- *Exemplo:* Os marinheiros voltaram a terra ontem.

6. Antes da palavra "distância" se estiver especificada.

- *Exemplos:*

Via-se o barco à distância de quinientos metros.

Olhava-nos a distância.

7. Diante de nomes de lugar que admitem artigo "a".

- *Exemplos:*

Vou à Bahia. (aceita, já que: volto da Bahia)

Vou a Curitiba. (não aceita, já que: volto de Curitiba)

Importante

Se o nome da cidade vier especificado por algum adjunto adnominal, por mais que não se encaixe na regra dada acima, ocorrerá a crase.

- *Exemplo:* Cheguei à Curitiba dos pinheiros.

8. Diante de horas, se ainda não houver preposição.

- *Exemplos:*

Às 19h30, deu-se por encerrada a reunião.

O baile começa após as 23h.

Importante

Para comprovar que, nesse caso, ocorre preposição + artigo, basta confrontar com uma expressão masculina correlata.

- *Exemplo:* Ao meio-dia chegamos. (a + o)

É por isso que, em se tratando de horas, também devemos marcar a preposição antes de pronome relativo:

- *Exemplo:* A que horas ela chega? Às duas horas.

9. Diante dos pronomes demonstrativos iniciados com "a".

Sempre que o termo antecedente exigir a preposição a e vier seguido dos pronomes demonstrativos **aquele, aqueles, aquela, aquelas, aquilo**, haverá crase.

- *Exemplos:*

Falei àquele amigo.

Dirijo-me àquela cidade.

Aspiro a isto e àquilo.

Fez referência àquelas situações.

Anotações:



10. Antes dos pronomes relativos “qual” e “quais” se o masculino correspondente for “ao qual” ou “aos quais”

– *Exemplos:*

Esta é a festa **à** qual me referi.

Este é o filme **ao** qual me referi.

Estas são as festas **às** quais me referi.

Estes são os filmes **aos** quais me referi.

Importante

Com os **demais pronomes relativos** (que, quem, aonde, cujo, quando, quanto, como) **não ocorre crase**.

– *Exemplos:*

Esta é a cena **a que** me referi.

Achei a pessoa **a quem** procuravas.

Entendo a situação **a cuja** gravidade você se referiu.

No caso do relativo “**que**”, porém, poderá ocorrer crase se pudermos **subentender a presença de um substantivo feminino**.

– *Exemplo:*

Houve uma sugestão anterior **à que** você deu.
(Subentende-se: “anterior **à** sugestão”)

É o mesmo fenômeno que justifica a ocorrência de crase antes da preposição “**de**”:

– *Exemplo:*

Minha opinião é igual **à de** todo mundo.
(Subentende-se: “igual **à** opinião”)

• Crase facultativa

1. Diante de nome próprio feminino

– *Exemplos:*

Enviei as cópias **a Martina**. (= para)

Enviei as cópias **à Martina**. (= para a)

Entreguei **a Mariana** todas as propostas. (= para)

Entreguei **à Mariana** todas as propostas. (= para a)

► Cuidado:

Enviei **a** João, **a** Mariana e **a** Joaquim as fotocópias.

Nesse caso, como há nomes masculinos, não há ocorrência de crase diante do nome feminino.

2. Diante de pronome possessivo feminino

– *Exemplos:*

Entreguei **a minha** mãe os gabaritos das provas. (= para)

Entreguei **à minha** mãe os gabaritos das provas. (= para a)

Falei **à sua** mãe o que eu penso. (= para a)

Falei **a sua** mãe o que eu penso. (= para)

3. Junto da preposição “até”

– *Exemplo:* Fui até **a** escola.

Fui até **à** escola.

Anotações:





» Concordância nominal e verbal

Concordância é o mecanismo pelo qual duas palavras alteram sua terminação para se adequarem de forma harmônica na frase. Há dois tipos de concordância: nominal e verbal.

A **concordância nominal** se baseia na relação entre os nomes; é o ajuste que realizamos com os termos da oração para que concordem em gênero e em número com o nome a que se referem.

A **concordância verbal** trata das alterações do verbo para se acomodar ao seu sujeito.



Atualmente, na língua portuguesa do Brasil, há vários casos particulares que permitem várias possibilidades de concordância. Alguns usos são permitidos porque correspondem à regra clássica da gramática; outros porque foram vistos em obras de autores consagrados; outros porque começaram a ser usados na linguagem coloquial e hoje já são usados até mesmo na linguagem culta. Os próprios gramáticos não são unânimes ao apresentarem as regras de concordância, já que cada um valoriza determinado(s) uso(s) em detrimento de outro(s). Aqui, tomaremos como referência a “Nova gramática do português contemporâneo”, de Cunha e Cintra (2008).

• Concordância nominal

Regra geral

Há uma regra geral a qual exige que os elementos de uma oração – o artigo, o numeral, o adjetivo e o pronome adjetivo – concordem com o substantivo a que se referem, mas há regras específicas que veremos mais adiante, ainda nesta unidade.

Observe:



Anotações:



Casos particulares

1. Adjetivo posposto a substantivos do mesmo gênero

O adjetivo pode concordar com o substantivo mais próximo ou ir para o plural.

- *Exemplos:*

A série tem figurino e roteiro **ótimo**.

A série tem figurino e roteiro **ótimos**.

A série tem atores e roteiro **ótimos**.

A série tem atores e roteiro **ótimo**.

2. Adjetivo posposto a substantivos de gêneros diferentes

O adjetivo pode concordar com o substantivo mais próximo ou ir para o masculino plural.

- *Exemplos:*

O filme tem roteiro e direção **ótima**.

O filme tem roteiro e direção **ótimos**.

O filme tem atores e atrizes **ótimas**.

O filme tem atores e atrizes **ótimos**.

O filme tem músicas e figurino **ótimos**.

O filme tem roteiro e músicas **ótimas**.

O filme tem músicas e figurino **ótimo**.

Obs: Se o adjetivo tiver função de predicativo (com verbo de ligação), deverá ficar no masculino plural, concordando com o verbo.

- *Exemplo:* O vestido e a bolsa são **lindos!**

3. Adjetivo anteposto a substantivos

O adjetivo deve concordar com o substantivo mais próximo.

- *Exemplos:*

Que **lindo** vestido e bolsa!

Ela usou **novas** técnicas e métodos.

Obs: Se o adjetivo tiver função de predicativo (com verbo de ligação), poderá ir para o masculino plural ou concordar com o mais próximo.

- *Exemplos:*

São **lindos** o vestido e a bolsa!

É **lindo** o vestido e a bolsa!

Ficaram **lindos** a bolsa e os acessórios!

Ficou **linda** a bolsa e os acessórios!

4. Substantivo anteposto a adjetivos

O substantivo poderá ficar no singular se for colocado artigo antes de cada adjetivo. Se não houver artigo, o substantivo deverá ir para o plural.

- *Exemplos:*

Meu professor ensina a **língua** inglesa e a francesa.

Meu professor ensina as **línguas** inglesa e francesa.

5. Alerta e menos

Devem permanecer sempre invariáveis.

- *Exemplos:*

Os guardas permanecem **alerta**.

Tenho **menos** disposição à noite.

6. Extra, quite e obrigado

Devem concordar sempre com o substantivo.

- *Exemplos:*

Cobro por cada hora **extra**; por todas as horas **extras**.

Paulo ficou **quite** com João. Eles estão **quites** agora.

Ele disse "**obrigado**", e ela, "**obrigada**".

Todos disseram: "**Obrigados!**"

7. Mesmo, só, meio, junto, anexo, bastante, muito/pouco, caro/barato, todo(a), melhor

Se estiverem funcionando como advérbios, devem permanecer sempre invariáveis. Se pertencerem a outra classe gramatical, deverão concordar com o substantivo.

- *Exemplos:*

Eles gostam **mesmo** de pizza!

Ela **mesma** fez o bolo!

Elas ficam **só** em casa!

Elas preferem ficar **sós**.

Ela ficou **meio** preocupada.

Tomei **meia** taça de vinho.

Fui **junto** com meu pai ao médico.

As crianças brincavam **juntas** no pátio.

As fotografias seguem **em anexo**.

As fotografias seguem **anexas**.

Comi **bastante** ontem.

Comi **bastantes** batatas ontem.

Dormi **pouco/muito** ontem.

Dormi **poucas/muitas** horas de sono.

Paguei **caro/barato** essa blusa.

Comprei uma blusa **cara/barata**.

Eles ficaram **todo** molhados.

Eles **todos** ficaram molhados.

Devemos analisar **melhor** o fato.

OBS: O fato foi **mais bem** analisado.

Tivemos os **melhores** resultados.

8. O(s) mais... possível(is)

O adjetivo "possível" deve concordar com o artigo.

- *Exemplos:*

Recebeu homenagens o mais expressivas **possível**.

Recebeu homenagens as mais expressivas **possíveis**.

9. É bom, é necessário, é proibido/permitido

Se não houver determinante antes do substantivo, o adjetivo deverá ficar no masculino. Se houver determinante, deverá concordar com o substantivo.

- *Exemplos:*

É **necessário** intervenção da população.

É **necessária** a intervenção da população.

Proibido entrada pela frente.

Proibida a entrada pela frente.



• Concordância verbal



Regra geral

A regra geral de concordância verbal evidencia que o **verbo concorda em número e em pessoa com o sujeito**.

- *Exemplo:* As crianças **comeram** muito chocolate.

Casos particulares

1. Sujeito é uma expressão partitiva seguida de substantivo plural

O verbo pode ficar tanto no singular quanto no plural.

- *Exemplos:*

A maioria dos professores **aderiu** à greve.

A maioria dos professores **aderiram** à greve.

2. Sujeito é uma porcentagem

a) sem especificação do grupo: o verbo concorda preferencialmente com o numeral.

- *Exemplos:*

1% **faltou** ao Simulado.

99% **fizeram** o Simulado.

b) com especificação do grupo: o verbo concorda preferencialmente com o grupo.

- *Exemplos:*

1% dos alunos **faltaram** ao Simulado.

99% da turma **fez** o Simulado.

c) posposta ao grupo, ao verbo ou ao determinante: o verbo deve concordar com o numeral.

- *Exemplos:*

Da turma, 99% **fizeram** o Simulado.

Faltou 1% dos alunos no Simulado.

Aqueles 2% da turma **fazem** a diferença.

3. Sujeito é “um dos que”

O verbo pode ficar tanto no singular quanto no plural.

- *Exemplos:*

Um dos que **receberam** o prêmio foi o atacante Neymar.

Um dos que **recebeu** o prêmio foi o atacante Neymar.

4. Sujeito é um nome próprio (plural aparente)

O verbo só vai para o plural se o nome estiver precedido de um determinante.

- *Exemplos:*

Os Estados Unidos **venceram** a guerra comercial.

Estados Unidos **vence** a guerra comercial.

5. Sujeito é um pronome relativo

a) que: o verbo concorda com o termo a que o pronome se refere.

- *Exemplo:* Fui eu que **fiz** o bolo.

b) quem: o verbo pode concordar com o termo a que o pronome se refere ou ficar na terceira pessoa do singular.

- *Exemplos:* Fui eu quem **fiz** o bolo.

Fui eu quem **fez** o bolo.

6. Sujeito é substantivo coletivo

O verbo deve concordar com o substantivo.

- *Exemplo:* A matilha **atrevessou** a rua em segurança.

7. Sujeito é um pronome de tratamento

O verbo deve ficar na terceira pessoa e concordar em número com o sujeito.

- *Exemplos:* Vossa Excelência **aceita** um café?

Vossas Excelências **aceitam** um café?

Silepse: a concordância ideológica

Apesar da regra geral de concordância verbal/nominal e das regras especiais, existem ainda os casos de concordância ideológica (silepse), possíveis de serem encontrados na linguagem literária e na linguagem informal. Esse fenômeno ocorre quando se opta por concordar não com a palavra em si (substantivo/sujeito), mas com a “ideia” (de número, gênero ou pessoa) que a palavra representa.

Silepse de gênero: Vossa Excelência chegou **atrasado**.

Silepse de número: Turma, **façam** silêncio!

Silepse de pessoa: Todos os brasileiros **devemos** praticar o isolamento social.

CONCORDÂNCIA NO ENEM: MARCA DE LINGUAGEM INFORMAL/COLOQUIAL/POPULAR

Os desvios de concordância nominal e/ou verbal são muito comuns na fala cotidiana: “escovar os dente”, “comprar dois pão”, “a gente somos felizes”, “elas gosta disso” etc.

Conforme o gênero textual em que aparecem, podem ser reveladores de uma situação comunicativa informal e/ou podem estar sendo usados como forma de valorização de uma cultura (na música, por exemplo), como recurso para verossimilhança (na literatura, por exemplo) ou até como estratégia para atingir o público-alvo (numa publicidade, por exemplo).



8. Concordância com verbo "ser"

Facultativa, mas, em geral, os falantes preferem concordar com o termo que está no plural.

- *Exemplos:* Nem tudo são flores.
Isso são ferramentas.
Os livros são uma dica ótima!

9. Sujeito composto

a) anteposto ao verbo: o verbo deve sempre ir para o plural.

- *Exemplo:* "Eduardo e Mônica **eram** nada parecidos".

b) posposto ao verbo: o verbo poderá ir para o plural ou ficar no singular.

- *Exemplos:* **Moram** a Joana e o Fábio com minha avó.
Mora a Joana e o Fábio com minha avó.

c) núcleos sinônimos: o verbo pode ir para o plural ou ficar no singular.

- *Exemplos:* Dedicção e empenho não **faltava**.
Dedicção e empenho não **faltavam**.

d) núcleos em gradação: o verbo pode ir para o plural ou ficar no singular.

- *Exemplos:* O pensamento, a palavra, a ação **revela** quem és.
O pensamento, a palavra, a ação **revelam** quem és.

e) núcleos ligados por "com": o verbo pode ir para o plural ou ficar no singular.

- *Exemplos:* O novo prefeito, com os vereadores, **estão** sendo investigados.
O prefeito, com a esposa e os filhos, **comemorou** a vitória.

f) com núcleos ligados por "ou": o verbo pode ir para o plural ou ficar no singular.

- *Exemplos:* João ou Ana **vencerá** o concurso.
Gengibre ou maçã **lubrificam** as cordas vocais.

g) "um e outro": o verbo pode ir para o plural ou ficar no singular.

- *Exemplos:* Um e outro **compareceram** à reunião.
Um e outro **compareceu** à reunião.

h) "nem um nem outro": o verbo pode ir para o plural ou ficar no singular.

- *Exemplos:* Nem um nem outro **compareceu** à reunião.
Nem um nem outro **compareceram** à reunião.

10. Sujeito Inexistente: o verbo deve ficar sempre no singular.

- *Exemplos:* Já **faz** dez anos daquele episódio traumático.
Havia muitas pessoas na manifestação.

11. Sujeito Indeterminado: quando o verbo for intransitivo (VI), de ligação (VL) ou transitivo indireto (VTI), deverá ficar sempre na 3ª pessoa do singular.

- *Exemplos:* Quando se **dança**, **fica-se** alegre.
Precisa-se de estagiários.

12. Sujeito da passiva sintética: o verbo (VTD) deve concordar sempre com o sujeito.

- *Exemplos:* **Contrata-se** estagiário.
Contratam-se estagiários.

13. O verbo no infinitivo será impessoal (não flexionará) quando:

a) for o sujeito da oração;

- *Exemplos:* **Navegar** é preciso.
É obrigação dos pais **educar** os filhos.

b) for um complemento nominal;

- *Exemplos:* Temos a obrigação de **ajudar**.
A prova estava **difícil de resolver**.

c) estiver em locução verbal;

- *Exemplos:* Eles disseram que **iriam estudar**.
Vamos **andar** mais rápido.

d) o sujeito for um pronome oblíquo.

- *Exemplos:* Deixe-**as** ir.
Ouvi-**os** cantar.
Mandei-**o** parar.

14. O verbo no infinitivo será pessoal (concordará com o sujeito) quando:

a) houver sujeito explícito;

- *Exemplos:* Quando **eles forem**/ se **nós formos**/ quando **tu fores**, chorarei.

b) mudar o sujeito;

- *Exemplos:* Convido **vocês** para **irem** comigo.
É hora de **nós reagirmos**.

c) marcar o sujeito que está oculto;

- *Exemplos:* Acho melhor **acabares** com isso logo.

d) o verbo for reflexivo;

- *Exemplos:* Estão dispostos a se **reconciliarem**.

e) estiver na voz passiva sintética;

- *Exemplos:* Qual a razão de se **fecharem** as portas?

f) o sujeito for indeterminado.

- *Exemplos:* Eu vi **maltratarem** os moradores de rua.

15. A flexão do infinitivo será facultativa se:

a) o sujeito for o mesmo;

- *Exemplos:* **Vimos** para **fazer** as fotos.
Vimos para **fazermos** as fotos.

b) o sujeito mudar e for um substantivo.

- *Exemplos:* Deixei **as crianças entrarem**.
Deixei **as crianças entrar**.





» Colocação pronominal



É o estudo da colocação dos pronomes oblíquos átonos: **me, te, se, o, a, lhe, nos, vos, os, as, lhes** em relação ao verbo. Os pronomes átonos podem ocupar três posições:

- ▶ Antes do verbo – próclise
– *Exemplo:* Eu te falei que não iria.
- ▶ No meio do verbo – mesóclise
– *Exemplo:* Buscar-te-ei amanhã no show.
- ▶ Depois do verbo – ênclise
– *Exemplo:* Dê-me um abraço.

• Próclise

Usa-se a próclise quando o verbo vier antecipado de:

- ▶ **Palavras negativas**
– *Exemplo:* **Não me** diga que você já terminou a tarefa.
- ▶ **Advérbio**
– *Exemplo:* **Sempre lhe** disse a verdade.
- ▶ **Pronomes (relativos, indefinidos, interrogativos e demonstrativos)**
– *Exemplo:* Há indivíduos **que se** esforçam arduamente para vencer na vida.
- ▶ **Conjunção subordinativa**
– *Exemplo:* **Quando o** viram, ele já tinha atravessado na rua.
- ▶ **Preposição**
Com verbo no gerúndio
– *Exemplo:* **Em se plantando**, tudo dá.
Com infinitivo pessoal flexionado
– *Exemplo:* Foram demitidos **por se queixarem** de tudo.
- ▶ **Verbos auxiliares do participípio**
– *Exemplo:* O aluno **tem-se esforçado** muito.
- ▶ **Frases que exprimem desejo**
– *Exemplo:* Deus o abençoe!
Deus o livre (de todo mal)!

• Mesóclise

Usa-se a mesóclise nos seguintes tempos verbais:

- ▶ **Futuro do presente**
– *Exemplo:* **Dir-lhe-ei** a verdade na ocasião certa.
- ▶ **Futuro do pretérito**
– *Exemplo:* **Dir-lhe-ia** a verdade na ocasião certa.

Importante

- ▶ Havendo palavra que exija próclise (partícula atrativa), essa colocação prevalece sobre a mesóclise.
– *Exemplo:* **Não** te buscarei amanhã.

• Ênclise

Usa-se ênclise (essa construção já é um exemplo de ênclise) nos seguintes casos:

- ▶ **No início de frase**
– *Exemplo:* **Vão-se** as minhas esperanças em vê-lo.
- ▶ **Com o verbo no imperativo afirmativo**
– *Exemplo:* Crianças, **aproximem-se** da mesa.
- ▶ **Com o verbo no gerúndio sem a preposição**
– *Exemplo:* Saí do trabalho, **ausentando-me** um pouco.
- ▶ **Infinitivo impessoal (sem flexão)**
– *Exemplo:* Não era minha intenção **machucar-te**.
Não era minha intenção **machucá-lo**.
- ▶ **Depois de pontuação**
– *Exemplo:* Ele se olhou, **admirou-se** e saiu.
- ▶ **Sempre que não houver fator de próclise e se queira uma linguagem mais culta**
– *Exemplo:* A sociedade contemporânea **encontra-se** em uma profunda crise espiritual.



• Facultativo

▶ Em locuções verbais

Relembrando: locução verbal é a reunião de dois ou mais verbos para exprimir uma só ação. O primeiro verbo é chamado auxiliar; o último é o principal e está sempre no infinitivo, no gerúndio ou no particípio.

- Auxiliar + infinitivo

- Exemplos:

Quero fazer-**lhe** uma surpresa.

Quero-**lhe** fazer uma surpresa.

Quero **lhe** fazer uma surpresa. [Brasil]

Eu **lhe** quero fazer uma surpresa.

- Auxiliar + gerúndio

- Exemplos:

Eles foram afastando-**se**.

Eles foram-**se** afastando.

Eles foram **se** afastando. [Brasil]

Eles **se** foram afastando.

- Auxiliar + particípio

- Exemplos:

O povo havia-**se retirado** quando chegamos.

O povo havia **se retirado** quando chegamos. [Brasil]

O povo **se** havia retirado quando chegamos.

▶ Após conjunções coordenativas

- Exemplos:

Ceguei cedo, mas a encontrei.

Ceguei tarde, mas encontrei-a.

▶ Após pronome reto ou substantivos

- Exemplos:

João cortou-se. [mais formal]

João se cortou. [menos formal]

Importante

Esteja sempre atento para ver se não há palavra atrativa de pronome, geradora de próclise.

COLOCAÇÃO PRONOMINAL NO ENEM: ÍNDICE DE VARIAÇÃO LINGUÍSTICA

No Brasil, a próclise é a construção pronominal mais utilizada, sendo uma marca típica da linguagem popular brasileira. A ênclise é reservada aos textos escritos em linguagem culta. E a mesóclise é quase um arcaísmo, que caiu em desuso até mesmo na linguagem culta, sendo hoje uma marca da norma-padrão.

Já em Portugal, existe uma preferência natural pela ênclise, até mesmo na linguagem coloquial.

Anotações:



DEMAIS VESTIBULARES

» Análise sintática: período composto

Estudamos, na Unidade 1, que os termos essenciais, integrantes e acessórios da oração constituem o período simples. Agora, trabalharemos com o período composto e com suas propriedades. Um período pode ser composto por coordenação ou por subordinação.



Vejam os:

▶ **Orações coordenadas:** são sintaticamente independentes.

- *Exemplo:* Trabalho / e estudo.

▶ **Orações subordinadas:** são sintaticamente dependentes.

- *Exemplo:* Penso / que serão aprovados.

Estudo das orações coordenadas

▶ **Assindéticas:** as orações coordenadas assindéticas são aquelas não unidas por conectivo.

- *Exemplo:* Trabalho, estudo.

▶ **Sindéticas:** as orações coordenadas sindéticas são aquelas unidas por conectivo, que pode também ser denominado de conjunção, síndeto (palavra de origem grega que significa união).

- *Exemplo:* Trabalho e estudo.

Aditivas

Estabelecem relação de **adição**, de soma entre as orações. As principais conjunções aditivas são: e, nem, não só... mas também, não somente... mas ainda, não só... como também, ademais, além de (disso, disto, aquilo).

- *Exemplo:*

Não só trabalha, mas também estuda.

Nunca vi nem ouvi falar.

Alternativas

Estabelecem relação de **alternância** entre as orações. As principais conjunções alternativas são: ou... ou, quer... quer, ora... ora, seja... seja.

- *Exemplos:*

Ora escreve poemas, ora os lê com o mesmo entusiasmo.

Serei aprovado, quer queiram, quer não queiram.

Adversativas

Estabelecem relação de **contradição, adversidade** entre as orações. As principais conjunções adversativas são: mas, porém, contudo, no entanto, entretanto, todavia, não obstante, e sim, só que, senão*.

***Cuidado:** não confunda com seu parônimo "se não".

- *Exemplos:*

Trabalha muito, mas ganha pouco.

Não quero seu amor, senão sua amizade.

Explicativas

Estabelecem relação de **explicação** entre as orações. As principais conjunções explicativas são: porque, pois (anteposto a verbo), porquanto, já que, visto que, que (= porque).

- *Exemplos:*

Abram as apostilas, pois faremos exercícios.

Tomara que seja aprovado, porque merece.

Saia da frente, que atrás vem gente.

Conclusivas

Estabelecem relação de **conclusão** entre as orações. As principais conjunções conclusivas são: logo, então, portanto, assim, por isso, pois (posposto ao verbo), conseqüentemente, por conseguinte, destarte.

- *Exemplos:*

Penso, logo existo.

Estudei bastante, por isso serei aprovado.

Terminaram os mantimentos, devemos, pois, voltar para casa.

Anotações:

Estudo das orações subordinadas

A oração subordinada é aquela que **depende** sempre da **oração principal e que desempenha uma função sintática**, sendo sempre introduzida por um nexos (também chamado de conectivo ou de conjunção).

As orações subordinadas se dividem em:

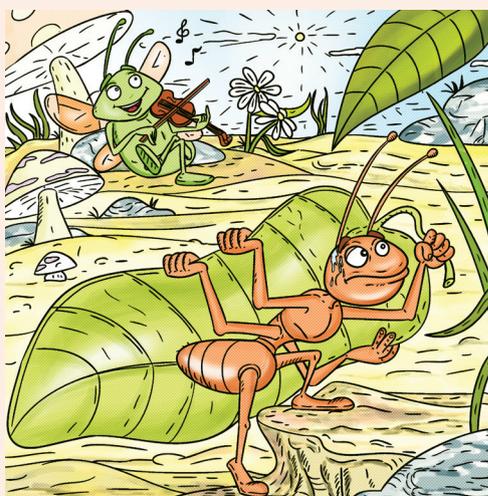
- ▶ **Substantivas:** vêm introduzidas pelas conjunções integrantes QUE ou SE e, por vezes, por ONDE ou QUANDO.



- ▶ **Adverbiais:** são introduzidas pelos diferentes tipos de conjunções adverbiais.



- ▶ **Adjetivas:** são introduzidas pelos pronomes relativos (geralmente QUE).



A cigarra, que é despreocupada, vê a formiga trabalhar duro.

Subordinadas substantivas

Podem ser classificadas como:

OBJETIVAS DIRETAS

A oração subordinada exerce função sintática de **objeto direto** em relação à oração principal.

– *Exemplos:*

Espero que dê tudo certo.

Desejo que sejam aprovados.

Não sei se faço vestibular na UFRGS ou na UFSM.

OBJETIVAS INDIRETAS

A oração subordinada exerce função sintática de **objeto indireto** em relação à oração principal.

– *Exemplos:*

Ele me convenceu de que eu estava errada.

Gostaria de que vocês analisassem o caso.

As crianças necessitam de que cuidemos delas.

COMPLETIVAS NOMINAIS

A oração subordinada exerce função sintática de **complemento nominal** em relação à oração principal.

– *Exemplos:*

Tenho necessidade de que sejam aprovados.

Tenho medo de que zere matemática.

Sou favorável a que o condenem.

PREDICATIVAS

A oração subordinada exerce função sintática de **predicativo** em relação à oração principal.

– *Exemplos:*

A verdade é que todo mundo sabia disso.

Sua vontade era que todos estudassem lá.

O importante é que sempre exista amor.

APOSITIVAS

A oração subordinada exerce função sintática de **aposto** em relação à oração principal.

– *Exemplos:*

O problema é só um: eu não estudei para a prova.

Tenho um plano: que você volte para casa.

Uma coisa era certa: eu não sabia o que estava fazendo.

SUBJETIVAS

A oração subordinada exerce função sintática de **sujeito** em relação à oração principal.

– *Exemplos:*

É fundamental que todos participem.

Acontece que vou pedir para sair daqui.

Convém que se compre o restante dos mantimentos.

Ficou resolvido que você assumirá o cargo.

Subordinadas adjetivas

Podem ser classificadas como:

EXPLICATIVAS

Enfatizam ou **explicitam** o termo antecedente. As orações explicativas são isoladas por vírgulas ou por travessões, assumindo a função sintática de **aposto**.

– *Exemplos:*

Os melhores alunos, que são vocês, serão aprovados.

Nós, que acreditamos na aprovação, temos grandes chances de obtê-la.

RESTRITIVAS

Restringem o sentido do termo antecedente, funcionando como um **adjunto adnominal**.

– *Exemplos:*

Há muitos universitários que estudaram aqui.

Os homens que geralmente têm sentimentos nobres adquirem confiança dos demais.

Subordinadas adverbiais

Exercem função sintática de **adjunto adverbial**, podendo ser classificadas em:

CAUSAIS

Indicam a **causa** da ação expressa pelo verbo da oração principal. As principais conjunções causais são: por quanto, visto que, uma vez que, já que, pois que, como.

– *Exemplos:*

Como se esforçaram o ano inteiro, foram aprovados.

Já que fui aprovado no vestibular, posso viajar tranquilo.

Chorou, pois viu seu nome na lista dos aprovados.

Anotações:



CONSECUTIVAS

Indicam a **consequência** da ação expressa pelo verbo da oração principal. As principais conjunções consecutivas são: que, tanto que, tão que, tal que, tamanho que, de forma que, de modo que, de sorte que, de tal forma que.

– Exemplos:

Confiam tanto em si, que foram aprovados.

Estudei, de modo que passei.

CONFORMATIVAS

Estabelecem relação de **conformidade** em relação à oração principal. As principais conjunções conformativas são: conforme, como, consoante, segundo, de acordo com.

– Exemplos:

Segundo Darwin, os mais fortes sobreviveriam.

Consoante pesquisas realizadas, 50% dos alunos são aprovados.

COMPARATIVAS

Estabelecem relação de **comparação** com o fato indicado pelo verbo da oração principal. As principais conjunções comparativas são: como, mais do que, menos do que, assim como, bem como, que nem, tanto quanto.

– Exemplos:

Assim como eu falo rápido, ela também fala.

Sou maior que meu irmão.

CONDICIONAIS

Indicam a **condição** necessária para que ocorra a ação expressa pelo verbo da oração principal. As principais conjunções condicionais são: se, salvo se, desde que, exceto se, caso, desde, contanto que, sem que, a menos que, uma vez que, sempre que, a não ser que.

– Exemplos:

Podemos comemorar muito, contanto que passes no vestibular.

Se eu for, você irá também.

CONCESSIVAS

Admitem contrariedade ou **fato inesperado** ao fato principal, sem negá-lo, sem impedi-lo. As principais conjunções concessivas são: embora, conquanto, ainda que, mesmo que, se bem que, posto que, apesar de que, por mais que, por pouco que, por muito que.

– Exemplos:

Apesar de saber o conteúdo, continuarei estudando.

Não passou na prova, conquanto tivesse estudado.

TEMPORAIS

Exprimem circunstância de **tempo**. As principais conjunções temporais são: quando, enquanto, agora que, logo que, desde que, assim que, tanto que, apenas, antes que, até que, sempre que, depois que, cada vez que, mal.

– Exemplos:

Quando o vestibular terminar, faremos uma festa.

Enquanto ele fala, ela olha para o infinito.

PROPORCIONAIS

Estabelecem relação de **proporção**, qualquer alteração em uma implica alteração na outra. As principais conjunções proporcionais são: à proporção que, à medida que, ao passo que, quanto mais... mais, quanto menos... menos, quanto maior... maior, quanto maior... menor.

– Exemplos:

À medida que o folículo amadurece, ele produz hormônios femininos ou estrogênios.

FINAIS

Indicam o **objetivo** do fato enunciado na oração principal. As principais conjunções finais são: a fim, a fim de que, para que, que.

– Exemplos:

Devemos manter a calma para que possamos ser aprovados.

Estudo a fim de que possa ser aprovado.

Subordinadas Reduzidas

Quando as orações subordinadas apresentam conjunção integrante, conjunção adverbial ou pronome relativo, dizemos que são orações **desenvolvidas**. Quando essas palavras dão lugar a uma das formas nominais do verbo (infinitivo, gerúndio ou particípio), dizemos que são orações **reduzidas**. Veja:

DE INFINITIVO

É bom que estudemos bastante. (desenvolvida)

É bom estudarmos bastante.

(Oração Subordinada Substantiva Subjetiva reduzida de infinitivo)

Ele disse que estava cansado. (desenvolvida)

Ele disse estar cansado.

(Oração Subordinada Substantiva Objetiva Direta reduzida de infinitivo)



DE GERÚNDIO

Os meninos **que cantam** são meus filhos. (desenvolvida)

Os meninos **cantando** são meus filhos.

(Oração Subordinada Adjetiva reduzida de gerúndio).

Contanto que se dediquem, serão aprovados. (desenvolvida)

Dedicando-se, serão aprovados.

(Oração Subordinada Adverbial Condicional reduzida de gerúndio).

DE PARTICÍPIO

Quando acabaram as férias, fez o trabalho. (desenvolvida)

Terminadas as férias, fez o trabalho.

(Oração Subordinada Adverbial Temporal reduzida de particípio).

Já que estava cansado, decidi dormir. (desenvolvida)

Cansado, decidi dormir.

(Oração Subordinada Adverbial Causal reduzida de particípio).

////// APOIO AO TEXTO ////

Instrução: Para responder às questões 1 a 3, considere o texto abaixo.



Autoexposição adolescente

1 O Facebook existe para que a indústria de pro-
2 dução e consumo do Eu possa se expandir. Em 1967,
3 Debord criou a expressão "sociedade do espetáculo"
4 para falar de um modo de vida no qual a relação en-
5 tre as pessoas é mediada por imagens. A vida só é
6 real quando se torna imagem – "se não tem foto, não
7 aconteceu"; e a imagem é mais real do que a vida: a
8 "família margarina" é mais família que a nossa. A visi-
9 bilidade passa a ser muito importante, porque ajuda a
10 fazer as coisas acontecerem.

11 Na sociedade do espetáculo, aparecer é ter valor:
12 "quem aparece é bom, e quem é bom, aparece". Em-
13 bora a gente saiba que não é bem assim: há pessoas
14 talentosas, competentes e generosas que não apare-
15 cem.

16 A equação *aparecer = ser bom* acaba tendo efeitos
17 sobre o que sentimos que é bom e desejável, sobre o
18 que nos torna felizes ou infelizes e sobre nossos valo-
19 res. Por isso, a necessidade de aparecer tem menos a
20 ver com vaidade do que com o sentimento de existir
21 aos olhos dos outros, de ser, ter valor e poder.

22 Programas como o Facebook e muitos outros re-
23 cursos são desenvolvidos para que a indústria da pro-
24 dução e consumo de imagens do Eu possa se expan-
25 dir. Tudo vai virando espetáculo. Paradoxalmente, até
26 a intimidade. Isso nos ajuda a entender a autoexposi-
27 ção de adolescentes na net. Quando a necessidade de
28 experimentar e testar limites, típica da adolescência,

29 se junta à necessidade de aparecer o máximo possí-
30 vel, típica da sociedade do espetáculo, e ao fator tec-
31 nologia, a autoexibição se torna fenômeno cada vez
32 mais frequente.

33 O jovem tira a roupa diante da *tweetcam* para ser
34 admirado por sua coragem e ousadia, atestada pelo
35 "número de seguidores". E, quem sabe, tornar-se cele-
36 bridade... Isso não lhe parece tão arriscado, não tanto
37 por imaturidade, mas porque o infinito da net é de-
38 mais para sua (nossa) imaginação. É difícil conceber
39 que a imagem de seu corpo poderá ser acessada para
40 sempre, a qualquer momento, por qualquer um, em
41 qualquer lugar do planeta. É difícil pensar que a au-
42 toexposição não se limitará nem ao seu quarto, nem
43 ao momento presente. Como calcular um risco que
44 envolve outra noção de tempo e espaço?

45 A sociedade do espetáculo oferece novas formas
46 de testar limites criando "ritos de passagem" que esta-
47 mos começando a conhecer. A autoexposição adoles-
48 cente nos deixa perplexos porque a transgressão, que
49 sempre foi feita às escondidas, se tornou espetacular.

*Marion Minerbo, psicanalista (Sociedade Brasileira de Psicanálise de São Paulo).
<http://www1.folha.uol.com.br>

1. (UFN) "... a autoexibição se torna fenômeno cada vez mais frequente" (l. 31-32), em relação à "Quando a necessidade de experimentar e testar limites..." (l. 27-28), é uma oração:

- a) encaixada.
- b) encadeada.
- c) principal.
- d) complexa.
- e) intercalada.

2. (UFN) As expressões **para** (l. 4-5) em "... para falar de um modo de vida no qual a relação entre as pessoas..."; **por isso** (l. 19) em "Por isso, a necessidade de aparecer..."; e **embora** (l. 12-13) em "Embora a gente saiba..." expressam, respectivamente:

- a) causa - explicação - consequência
- b) finalidade - consequência - concessão
- c) consequência - consequência - concessão
- d) concessão - explicação - finalidade
- e) finalidade - concessão - consequência

3. (UFN) No período "Etimologicamente, o selfie, que já transformamos em verbo, era um ato individualista, um autorretrato.", a oração sublinhada tem função sintática de:

- a) aposto.
- b) objeto direto.
- c) objeto indireto.
- d) sujeito.
- e) agente da passiva.



Instrução: Para responder à questão 4, considere o texto abaixo.



Fonte: REVISTA GALILEU. Publicado em: 24 ago. 2019. Disponível em: <https://revistagalileu.globo.com/Cultura/noticia/2019/08/ilustrador-cria-nova-versao-de-o-rei-leao-com-especies-da-amazonia.html>. Acesso em: 16 dez. 2023.

4. (UFSM) Para responder à questão, leia o excerto a seguir, extraído da versão integral do texto.

01 “O personagem Pumba, que é um javali, foi repre-
02 sentado como um cateto, mamífero que vive no Pantanal e na Amazônia. Já o pássaro Zazu aparece como
03 um araçari-castanho, uma ave pequena que faz parte
04 da fauna amazônica. [...]”
05
06 Para fazer o primata Rafiki, o ilustrador fez vários
07 testes; o personagem quase virou um mico-leão-dourado, mas acabou sendo transformado em um macaco
08 uacari. [...]”
09
10 As hienas, que aparecem no filme como sendo
11 bem malvadas, deram mais trabalho, segundo o artista. ‘Optei pelo cachorro-vinagre, pois apresenta
12 comportamentos que se encaixam na substituição’,
13 afirmou.”
14

Fonte: REVISTA GALILEU. Publicado em: 24 ago. 2019. Disponível em: <https://revistagalileu.globo.com/Cultura/noticia/2019/08/ilustrador-cria-nova-versao-de-o-rei-leao-com-especies-da-amazonia.html>. Acesso em: 16 dez. 2023 (Adaptado)

Com relação à ordenação da informação no trecho e aos efeitos de sentido decorrentes, assinale V (verdadeiro) ou F (falso) em cada afirmativa a seguir.

- () Os termos “mamífero” (l. 02) e “uma ave pequena” (l. 04) estabelecem uma relação hierárquica de inferioridade com relação, respectivamente, a “javeli” (l. 01) e a “araçari-castanho” (l. 04).
- () As orações “que vive no Pantanal e na Amazônia” (ls. 02-03) e “que faz parte da fauna amazônica” (ls. 04-05) particularizam, respectivamente o significado de “mamífero” (l. 02) e de “uma ave pequena” (l. 04).
- () A inversão de ordem das orações que compõem o período “o personagem quase virou um mico-leão-dourado, mas acabou sendo transformado em um macaco uacari” (ls. 07-09) não impacta o significado pretendido.
- () A relação que se estabelece entre Pumba e cateto, Zazu e araçari-castanho, Rafiki e macaco uacari e entre hienas e cachorro-vinagre é de sinonímia.

A sequência correta é

- a) F – V – F – F.
- b) V – V – F – F.
- c) F – V – V – F.
- d) F – F – V – V.
- e) V – F – F – V.

5. (UFSM)



WATTERSON, B. O mundo mágico: as aventuras de Calvin & Harold. São Paulo: Conrad, 2007. p. 116.

No segundo quadrinho, analise a organização dos períodos que compõem a justificativa do menino para recusar-se a coletar a folha.

Qual das alternativas NÃO está de acordo com a organização da resposta de Calvin?

- a) O primeiro período é simples, constituído de uma oração absoluta que não apresenta sujeito.
- b) O segundo período é composto por subordinação.
- c) O pronome oblíquo “la” e “trabalhos ridículos” desempenham a mesma função sintática.
- d) A oração reduzida que acompanha a principal expressa uma ideia de concessão.
- e) Os termos “linda” e “ridículos” desempenham a mesma função sintática.

Reprodução proibida. Art. 184 do Código Penal e Lei nº 9.610, de 19 de fevereiro de 1998.

6. (UFSM) Observe a relação entre a primeira e a segunda oração do período:

“É interessante que isso aconteça para que professores e crianças discutam e argumentem”.

Em qual dos períodos a seguir a oração iniciada pelo conetivo “que” apresenta, em relação à oração principal, função sintática idêntica à destacada no exemplo?

- a) Esse exercício forma crianças que sabem questionar.
- b) O professor pediu que ele registrasse muitas coisas.
- c) O objetivo do exercício é que a criança aprenda a raciocinar.
- d) Diz-se que a decoreba não tem valor.
- e) A professora quer somente isto: que os alunos raciocinem.

7. (UFSM) Analise as afirmações relacionadas a “O próprio cliente retira as bebidas da geladeira e anota, em uma comando, os itens que escolheu”.

- I. Na composição da mensagem, foi usado um período composto por coordenação e subordinação.
- II. Se a palavra “cliente” fosse colocada no plural, mais cinco palavras do período deveriam ir, também, para o plural.
- III. A substituição de “retira” por “seleciona” implicaria a alteração de “as bebidas” por às bebidas.

Está(ão) correta(s)

- a) apenas I.
- b) apenas I e II.
- c) apenas I e III.
- d) apenas II e III.
- e) I, II e III.

8. (UPF) “O auditor afirma que só conseguiu investigar as fraudes, em 2014, porque foi afastado de atribuições pelos chefes da Superintendência Federal da Agricultura no Paraná.”

“Como sou mais criterioso e as empresas reclamavam de mim, eu fiquei só com dois, por retaliação.”

As duas orações sublinhadas, mesmo estando em estruturas sintáticas diferentes, apresentam uma ideia de:

- a) causa, por trazerem informações que dizem o que gerou a “solução do problema”.
- b) consequência, por trazerem informações causadas pela ação anterior.
- c) qualificação, já que, em ambas as orações, há predicativos expressos pelos verbos de ligação “foi” e “sou”.
- d) comparação, em função do uso dos conectores “porque” e “como”, que comparam entre si as ações tomadas.
- e) finalidade, pois ambos explicam as ações colocadas na oração a que se ligam.

9. (UPF)

Notícias de Gotham City

1 Imagino que todos tenham tido notícia do fato. No
2 início de junho, ocorreu, no Parque da Redenção, em
3 Porto Alegre, outra jornada da Serenata Iluminada. A
4 atividade é organizada via redes sociais e reúne mi-
5 lhares de jovens dispostos a ocupar os espaços pú-
6 blicos para garantir sua condição pública. No caso da
7 Redenção, os manifestantes se opõem à proposta do
8 cercamento que vem sendo cogitada há anos. Nas se-
9 renatas, levam velas, lanternas, violões, se divertem,
10 debatem e se manifestam pacificamente.

11 Jornalistas presentes no evento perceberam que
12 algumas pessoas estavam sendo assaltadas quando
13 se afastavam do grupo maior. Nas imediações, não
14 havia policiamento. Então, o comandante do 9º BPM,
15 tenente-coronel responsável pela área, foi informado
16 do que estava ocorrendo pelo *whatsapp*. Sua resposta
17 foi: “– Quem frequenta esse tipo de evento não quer
18 BM perto. Agora aguentem! Que chamem o Batman!
19 Gente do bem está em casa agora!”

20 Entre muitos dos seus colegas, o oficial encontrou
21 apoio e compreensão. Em um país civilizado, atitude
22 do tipo seria considerada evidência de inaptidão ao
23 trabalho policial.

24 Vejamos os motivos.

25 Todo policial com formação profissional deve sa-
26 ber que a principal arma a sua disposição não é aque-
27 la que carrega na cintura. Para o trabalho policial, a
28 arma mais importante é a informação.

29 Quando os policiais possuem uma informação de
30 qualidade, sabem o que fazer. Caso contrário, atuam às
31 cegas, e a possibilidade de que produzam bons resul-
32 tados se aproxima de zero. A fonte de informação mais
33 ampla e mais acessível para a polícia é a população.

34 Por isso, é fundamental para o trabalho das polí-
35 cias que seus membros tenham a confiança do públi-
36 co. Quanto mais a cidadania confiar na polícia, mais
37 irá informar aos policiais, mais irá demandar seus
38 serviços e mais irá colaborar com investigações em
39 andamento.

40 Em um contexto de confiança-colaboração, as po-
41 lícias se tornam muito mais eficientes, e as taxas de
42 impunidade caem significativamente. Já quando as
43 pessoas não confiam nas polícias, elas deixam de re-
44 gistrar ocorrências, param de solicitar proteção e se
45 recusam a colaborar. Não por acaso, as melhores po-
46 lícias do mundo selecionam e formam seus policiais
47 para que as pessoas sejam tratadas com urbanidade
48 e respeito e que, em qualquer abordagem, inclusive
49 quando se tratar de usar a força, nos casos em que
50 ela seja absolutamente necessária, isto não autorize
51 qualquer incivilidade.

52 A criminologia moderna acumulou toneladas de
53 evidências a respeito das dinâmicas criminais que
54 seguem desconsideradas no Brasil. Com respeito aos
55 espaços públicos, sabemos que o medo do crime – ou
56 a sensação de insegurança – faz com que as pesso-
57 as se isolem em suas residências, abandonando ruas
58 e praças que, antes, eram locais de convivência. Um
59 dos resultados desse processo – que elimina a vigilân-
60 cia natural – é que os espaços públicos passam a ser



61 ocupados por pessoas envolvidas com o crime, espe-
62 cialmente à noite. Não por outra razão, uma política
63 séria de segurança – pensada na confluência de vários
64 serviços públicos – deve estimular e propor atividades
65 culturais e esportivas noturnas para a ocupação de es-
66 paços públicos.

67 Iniciativas como a Serenata Iluminada são impor-
68 tantes, assim, também para a prevenção do crime. A
69 ideia de que os humanos se dividem em “pessoas do
70 bem” e “pessoas do mal” costuma ser bastante útil na
71 formação moral das crianças.

72 Quando contamos a elas histórias com “heróis” e
73 “vilões”, a divisão maniqueísta corporifica virtudes
74 e vícios, facilitando a tarefa pedagógica.

75 Adultos, entretanto, deveriam saber que as pesso-
76 as não são, em si mesmas, boas ou más, mas boas e
77 más; que todos possuímos qualidades e defeitos; que
78 carregamos possibilidades trágicas e que, a depender
79 das nossas circunstâncias, ocorre de agirmos escolhen-
80 do alternativas ilegítimas, ilegais ou imorais. A propó-
81 sito, estudos de autorrelato (*self report studies*) sobre
82 práticas criminais mostram que quase todas as pesso-
83 as cometem um ou mais crimes, em algum momento
84 de suas vidas, especialmente quando muito jovens. O
85 ser humano, entretanto, não pode ser reduzido a um
86 gesto. Ele é maior e mais complexo do que uma ação
87 viciosa ou virtuosa. Por isso, não deveríamos permitir
88 que as pessoas fossem tratadas a partir de “rótulos”.
89 Conceber que os milhares de jovens que se reuniam na
90 Redenção naquela noite não eram “pessoas de bem”
91 seria apenas ridículo, não estivéssemos falando de al-
92 guém a quem se confiou a responsabilidade de prote-
93 ger pessoas, sem adjetivos.

94 Declarações do tipo conspiram contra a polícia;
95 degradam a imagem da instituição e ampliam seu
96 descrédito entre a população. Reforçam, no mais, a
97 imagem de uma polícia autoritária, ineficiente e or-
98 gulhosa do que não sabe. Bem, talvez seja a hora de
99 parar de ler histórias em quadrinhos.

ROLIM, Marcos. Notícias de Gotham City. Disponível em: <http://www.extraclasse.org.br/edicoes/2015/07/noticias-de-gotham-city>. Adaptado. Acesso em: 12 ago. 2015.

Assinale a alternativa cuja ideia apresentada **não** indi-
ca a relação de sentido expressa no segmento indicado.

- a) “Quanto mais a cidadania confiar na polícia, mais irá informar aos policiais, mais irá demandar seus serviços e mais irá colaborar com investigações em andamento.” (linhas 36 a 39) – proporcionalidade.
- b) “Por isso, é fundamental para o trabalho das polícias que seus membros tenham a confiança do público.” (linhas 34 a 36) – conclusão.
- c) “(...) e que em qualquer abordagem, inclusive quando se tratar de usar a força” (linhas 48 e 49) – restrição.
- d) “Quando contamos a elas histórias com ‘heróis’ e ‘vilões’, a divisão maniqueísta corporifica virtudes e vícios, facilitando a tarefa pedagógica.” (linhas 72 a 74) – tempo.
- e) “Declarações do tipo conspiram contra a polícia; degradam a imagem da Instituição e ampliam seu descrédito entre a população.” (linhas 94 a 96) – adição.

10. (UPF) “O espaço público não ameaça, congrega. Não violenta, ensina. Não afasta, aproxima. Não produz muros, produz jardins.”

Considere as seguintes asserções a respeito do segmento acima:

I. Há uma estrutura formada por períodos compostos por coordenação, pois as orações que constituem os períodos são estruturalmente independentes.

II. As orações de cada período estão interligadas por uma ideia de alternância.

III. A elipse caracteriza a construção dos períodos.

É correto o que se afirma em:

- a) I e II apenas.
b) I e III apenas.
c) I apenas.
d) II e III apenas.
e) I, II e III.

11. (UFN) Em relação à estrutura sintática das orações, é possível afirmar:

I. O período “Chega mais um Dia Internacional da Mulher com as estatísticas eloquentes sobre o quanto ainda falta para eliminar a diferença de gênero no mundo do trabalho, na academia ou na empresa.” é composto, e a oração principal tem sujeito simples.

II. Na oração “Mas neste ano o símbolo dilacerante da jornada são mulheres paralisadas de frio que avançam com seus filhos pelos bosques, caminho do paraíso europeu; (...)”, “de frio” é circunstância adverbial de “paralisadas”.

III. O período “Todas elas sofrem um duplo risco, por sua condição de fugitivas e pelo fato de serem mulheres, o que as expõe à violência sexual e à exploração.” é composto, tem sujeito composto na oração principal e um aposto.

IV. O período “Muitas outras não tiveram tanta sorte e morreram no bombardeio ou na travessia, ou se tornaram escravas sexuais, como as meninas sequestradas pelo grupo radical Boko Haram na África, ou as mais de 3.000 mulheres yazidis aprisionadas por combatentes do Estado Islâmico.” é composto por subordinação e se percebe isso pelas conjunções “e” e “ou”.

Estão corretas:

- a) apenas I e II.
b) apenas I e III.
c) apenas I e IV.
d) apenas II e III.
e) apenas III e IV.



12. (UFSM) Observe cada uma das alternativas que se apresentam na forma de duas orações.

1. A imprensa nacional costuma endeusar pseudocraques - Ronaldinho é reverenciado pela imprensa nacional.
2. A seleção brasileira tem vencido na sorte, desde 1994 - O desempenho da seleção brasileira é sofrível.
3. A mídia quer fazer de Ronaldinho mais do que um craque - Todos os brasileiros gostam de Ronaldinho.
4. A seleção é motivo de orgulho para o povo brasileiro - A mídia tem falado sobre as deficiências da seleção.
5. O brasileiro perdeu qualquer critério de exigência - A obsessão do brasileiro pelo futebol é evidente.

Qual das alternativas a seguir, ao transformar a oração sublinhada em oração adjetiva, NÃO segue a norma padrão da língua portuguesa?

- a) A imprensa nacional, *pela qual Ronaldinho é reverenciado*, costuma endeusar pseudocraques.
- b) A seleção brasileira, *cujo desempenho é sofrível*, tem vencido na sorte, desde 1994.
- c) A mídia quer fazer de Ronaldinho, que *todos os brasileiros gostam*, mais do que um craque.
- d) A seleção, *sobre cujas deficiências a mídia tem falado*, é motivo de orgulho para o povo brasileiro.
- e) O brasileiro, *cuja obsessão pelo futebol é evidente*, perdeu qualquer critério de exigência.

13. (UFSM) Em “As marcas, palitinhos, pauzinhos, não são eficientes nesse caso, pois seriam muitos”, a segunda oração justifica a primeira. Se a questão da eficiência das marcas, palitinhos, pauzinhos fosse redigida em forma de oração adjetiva e o fato de serem muitos em forma de oração principal, o período seria:

- a) As marcas, palitinhos, pauzinhos, que não são eficientes nesse caso, seriam muitos.
- b) Não seriam eficientes, nesse caso, as muitas marcas, palitinhos, pauzinhos.
- c) Seriam muitos, nesse caso, as marcas, palitinhos, pauzinhos.
- d) As marcas, palitinhos, pauzinhos, que seriam muitos, não seriam eficientes nesse caso.
- e) Seriam muitos as marcas, palitinhos, pauzinhos; logo, não seriam eficientes.

14. (UFSM) Se “País do futebolzinho, que há décadas não demonstra brilho algum, mas que sobrevive com o comprometimento da imprensa em manter o tubo de oxigênio ligado” tivesse uma nova redação, qual das alternativas a seguir NÃO corresponderia ao sentido expresso no texto?

- a) Há décadas o país do futebolzinho não demonstra brilho algum, porém sobrevive com o comprometimento da imprensa em manter o tubo de oxigênio ligado.
- b) Apesar de não demonstrar brilho algum há décadas, o país do futebolzinho sobrevive com o comprometimento da imprensa em manter o tubo de oxigênio ligado.
- c) Com o comprometimento da imprensa em manter o tubo de oxigênio ligado, o país do futebolzinho sobrevive, mesmo sem demonstrar brilho algum há décadas.

d) O comprometimento da imprensa em manter o tubo de oxigênio ligado é o que permite ao país do futebolzinho demonstrar algum brilho há décadas.

e) Embora o país do futebolzinho não demonstre brilho algum há décadas, sobrevive com o comprometimento da imprensa em manter o tubo de oxigênio ligado.

Instrução: Para responder às questões 15 a 17, considere o texto abaixo.

“BRINCADEIRAS” que machucam a alma

01 A criança entra na sala eufórica. Você se aco-
02 moda na mesa enquanto espera que os alunos se
03 sentem, retirem o material da mochila e se acalmem
04 para a aula começar. Nesse meio tempo, um deles gri-
05 ta bem alto: “Ô, cabeça”, passa o livro!” O outro res-
06 ponde: “Peraí, espinha”, Em outro canto da sala, um
07 garoto dá um tapinha, “de leve”, na nuca do colega. A
08 menina toda produzida logo pela manhã ouve o cum-
09 primento: “Fala, metida!” Ao lado dela, bem quietinha,
10 outra garota escuta lá do fundo da sala: “Abre a boca,
11 zumbi!” E a classe cai na risada.

12 O nome dado a essas brincadeiras de mau gos-
13 to, disfarçadas por um duvidoso senso de humor, é
14 bullying. O termo ainda não tem uma denominação
15 em português, mas é usado quando crianças e ado-
16 lescentes recebem apelidos que os ridicularizam e
17 sofrem humilhações, ameaças, intimidação, roubo e
18 agressão moral e física por parte dos colegas. Entre
19 as consequências, estão o isolamento e a queda do
20 rendimento escolar. Em alguns casos extremos, o
21 bullying pode afetar o estado emocional do jovem de
22 tal maneira que ele opte por soluções trágicas, como
23 o suicídio.

24 Há inúmeros exemplos de estudantes que, víti-
25 mas de bullying, têm atitudes extremadas. Em janeiro
26 de 2003, Edmar Aparecido Freitas, de 18 anos, entrou
27 no colégio onde tinha estudado e feriu oito pessoas
28 com disparos de revólver calibre 38. Em seguida, ma-
29 tou-se. Atitude semelhante tiveram dois adolescentes
30 norte-americanos na escola Columbine, no Colorado
31 (EUA), em abril de 1999. Após matar 13 pessoas e de-
32 xar dezenas de feridos, eles também cometeram suicí-
33 dio quando se viram cercados pela polícia. Esses casos
34 são um alerta para os educadores. “Os meninos não
35 quiseram atingir esse ou aquele estudante. O objetivo
36 deles era matar a escola em que viveram momentos
37 de profunda infelicidade e onde todos foram omisso-
38 ao seu sofrimento”, analisa o pediatra Aramis Lopes
39 Neto, coordenador do Programa de Redução do Com-
40 portamento Agressivo entre Estudantes, desenvolvido
41 pela Associação Brasileira Multiprofissional de Prote-
42 ção à Infância e à Adolescência (Abrapia). Pesquisa re-
43 alizada em 11 escolas cariocas pela Abrapia, no Rio de
44 Janeiro, revelou que 60,2% dos casos acontecem em
45 sala de aula.

46 Como o bullying ainda é tratado como um fe-
47 nômeno natural, pouquíssimas escolas conhecem e
48 combatem o problema. Porém, sejam meninos, meni-
49 nas, crianças ou adolescentes, é preciso evitar o sofri-
50 mento dos estudantes. A pesquisa da Abrapia revela
51 que 41,6% das vítimas nunca procuraram ajuda ou



52 falaram sobre o problema, nem mesmo com os cole-
53 gas. “Às vezes, o aluno, quando resolve conversar, não
54 recebe a atenção necessária, pois a escola não acha o
55 problema grave e deixa passar”, alerta Aramis.

56 No caso daqueles que recorrem à família, a ajuda
57 também não é eficaz. Se os pais reclamam, a direção
58 e os professores tomam medidas pontuais, sem de-
59 desenvolver um trabalho generalizado, permitindo que
60 o problema se repita. “A escola não deve ser apenas
61 um local de ensino formal mas também de formação
62 cidadã, de direitos e deveres, amizade, cooperação e
63 solidariedade. Agir contra o bullying é uma forma ba-
64 rata e eficiente de diminuir a violência entre estudan-
65 tes e na sociedade”, conclui o pediatra.

Revista Nova Escola, dezembro 2004, p. 58. (adaptado)

15. (UFSM) Na composição do título, o substantivo “brinca-
deiras” está delimitado por uma oração adjetiva. Nessa ora-
ção, a escolha de um verbo transitivo _____
empregado no sentido figurado contribui para a
construção da expressividade do título, onde se antecipa
uma _____ do problema tratado na matéria, o
qual será definido a partir do _____ parágrafo.

A sequência que completa corretamente as lacunas é

- a) direto - circunstância - segundo.
- b) direto e indireto - caracterização - segundo.
- c) direto - circunstância - primeiro.
- d) direto - caracterização - segundo.
- e) direto e indireto - circunstância - primeiro.

16. (UFSM) Ao esclarecer a motivação dos suicidas, Ara-
mis Lopes Neto destaca a imagem negativa de escola que
os estudantes tinham (l. 34-38). No texto, essa imagem é
construída através de duas caracterizações ligadas pela
conjunção “e” que estão na forma de orações

- a) coordenadas explicativas.
- b) subordinadas apositivas.
- c) subordinadas adverbiais.
- d) subordinadas adjetivas.
- e) coordenadas conclusivas.

17. (UFSM) Considere as seguintes possibilidades de colo-
cação da oração subordinada adverbial:

- I. no início do período, antecedendo a oração principal;
- II. intercalada, em meio à oração principal;
- III. após a oração principal.

Analise o período a seguir.

“Às vezes, o aluno, quando resolve conversar, não re-
cebe a atenção necessária, pois a escola não acha o pro-
blema grave e deixa passar.” (l. 53-55)

Nesse período, as orações adverbiais ocupam a(s) po-
sição(ões) descrita(s) em

- a) I apenas.
- b) II apenas.
- c) III apenas.
- d) I e III.
- e) II e III.

18. (ACAFE 2022) Assinale a alternativa correta.

a) A frase “Esse foi considerado um dos melhores textos já
produzidos até então, versando sobre epidemiologia des-
critiva de doenças infecciosas” constitui-se em um período
composto por uma oração principal e uma oração subor-
dinada adverbial temporal.

b) Na frase “Entre os pecados que, acreditava-se, pode-
riam ser punidos por meio do adoecimento, estavam as
atitudes de cuspir ou urinar em canais hídricos, comer
do prato de uma pessoa doente ou molhar o pé em água
suja”, ocorre um erro de pontuação.

c) Em “Essa crença, apesar do empirismo da época, evi-
denciava a percepção de que havia algum vínculo entre o
homem, a saúde e o meio ambiente”, existe uma oração
subordinada substantiva objetiva indireta.

d) No período “A correlação entre fenômenos sazonais ou
circunstanciais com menos ou mais ocorrência de deter-
minadas doenças levava os homens dessa época a estabe-
lecer medidas específicas de profilaxia”, a segunda oração
exerce a função de objeto indireto do verbo “levava”.



19. (UFSC 2023)

Os novos antropófagos

Artistas da periferia de São Paulo lançam sua própria
Semana de Arte Moderna

Manifesto da Antropofagia Periférica

01 A Periferia nos une pelo amor, pela dor e pela cor.
02 Dos becos e vielas há de vir a voz que grita contra o
03 silêncio que nos pune. Eis que surge das ladeiras um
04 povo lindo e inteligente galopando contra o passado.
05 A favor de um futuro limpo, para todos os brasileiros.
06 A favor de um subúrbio que clama por arte e cul-
07 tura, e universidade para a diversidade. Agogôs e tam-
08 borins acompanhados de violinos, só depois da aula.
09 Contra a arte patrocinada pelos que corrompem a
10 liberdade de opção. Contra a arte fabricada para des-
11 truir o senso crítico, a emoção e a sensibilidade que
12 nasce da múltipla escolha.
13 A Arte que liberta não pode vir da mão que escraviza.
14 A favor do batuque da cozinha que nasce na cozi-
15 nha e sinhá não quer. Da poesia periférica que brota
16 na porta do bar.
17 Do teatro que não vem do “ter ou não ter...”. Do
18 cinema real que transmite ilusão.
19 Das Artes Plásticas, que, de concreto, querem
20 substituir os barracos de madeira.
21 Da Dança que desafoga no lago dos cisnes.
22 Da Música que não embala os adormecidos.
23 Da Literatura das ruas despertando nas calçadas.
24 A Periferia unida, no centro de todas as coisas.
25 Contra o racismo, a intolerância e as injustiças so-
26 ciais das quais a arte vigente não fala.
27 Contra o artista surdo-mudo e a letra que não fala.
28 É preciso sugar da arte um novo tipo de artista: o
29 artista-cidadão. Aquele que na sua arte não revolu-
30 ciona o mundo, mas também não compactua com a
31 mediocridade que imbeciliza um povo desprovido de
32 oportunidades. Um artista a serviço da comunidade,
33 do país. Que, armado da verdade, por si só exercita a
34 revolução.
35 Contra a arte domingueira que defeca em nossa
36 sala e nos hipnotiza no colo da poltrona.
37 Contra a barbárie que é a falta de bibliotecas, cine-
38 mas, museus, teatros e espaços para o acesso à pro-
39 dução cultural.
40 Contra reis e rainhas do castelo globalizado e qua-
41 dril avantajado.
42 Contra o capital que ignora o interior a favor do ex-
43 terior. Miami pra eles? “Me ame pra nós!”
44 Contra os carrascos e as vítimas do sistema.
45 Contra os covardes e eruditos de aquário.
46 Contra o artista serviçal escravo da vaidade.
47 Contra os vampiros das verbas públicas e arte privada.
48 A Arte que liberta não pode vir da mão que escraviza.
49 Por uma Periferia que nos une pelo amor, pela dor
50 e pela cor.
51 É TUDO NOSSO!

Sérgio Vaz, Poeta da Periferia. BRUM, Eliane. Os novos antropófagos. Disponível em:
<http://elianebrum.com/reportagens/os-novos-antropofagos>. Acesso em: 13 ago. 2022.

Com base no texto e de acordo com a variedade pa-
drão da língua escrita, é correto afirmar que:

01. o termo “vampiros” (linha 47) está sendo empregado
como uma metonímia, em que a parte (dinheiro privado) é
tomada pelo todo (dinheiro público).

02. no trecho “Miami pra eles? ‘Me ame pra nós!’” (linha
43), o autor joga com diferenças fonológicas e ortográficas
entre o inglês e o português, reforçando a importância do
nacional sobre o estrangeiro.

04. em “é preciso sugar da arte um novo tipo de artista: o
artista-cidadão” (linhas 29-30), a parte sublinhada corres-
ponde ao sujeito, termo oracional sobre o qual é feita uma
afirmação.

08. a oração “que liberta” (linha 13) amplia a abrangência
do nome “Arte”, correspondendo a uma oração adjetiva
explicativa.

16. as expressões “do batuque” (linha 14), “Da Dança”
(linha 21) e “Da Música” (linha 22) correspondem a com-
plementos do nome “favor” (linha 14), indicados como os
mais importantes elementos do Manifesto da Antropofa-
gia Periférica.

32. a expressão “das quais” (linha 26) está retomando “in-
justiças sociais” (linhas 25-26).

GABARITO

- | | | |
|------|-------|-----------------------|
| 1. C | 8. A | 15. D |
| 2. B | 9. C | 16. D |
| 3. A | 10. B | 17. E |
| 4. A | 11. A | 18. D |
| 5. D | 12. C | 19. 02 + 04 + 32 = 38 |
| 6. D | 13. A | |
| 7. B | 14. D | |



» Funções do QUE e do SE

Que

Morfologicamente, o **QUE** pode pertencer às seguintes classes gramaticais:

- ▶ **Substantivo:** Encontrei onze quês naquele texto.
- ▶ **Preposição:** Tenho que ir embora.
- ▶ **Interjeição:** Quê! Ela faz isso?
- ▶ **Advérbio de intensidade:** Que longe de casa estamos!
- ▶ **Partícula expletiva ou de realce:** Nunca que eu faria isto!
- ▶ **Conjunção**
 - **coordenativa explicativa:** Levante-se, que já é tarde!
 - **subordinativa comparativa:** Ficou maior que eu.
 - **subordinativa integrante:** Dizem que vai chegar.
 - **subordinativa final:** Torço que você seja feliz.
 - **subordinativa consecutiva:** Choveu tanto que alagou a cidade.
- ▶ **Pronome**
 - **Adjetivo:** Que música você ouviu?
 - **Substantivo:** Que aconteceu?
 - **Relativo:** Amor: palavra que salva.

Sintaticamente, o pronome relativo **QUE** desempenha função de:

- ▶ **Sujeito:** Os alunos que se prepararam bem foram aprovados. (Os alunos prepararam-se bem.)
- ▶ **Objeto direto:** Chegaram os materiais que solicitei para a obra. (Solicitei os materiais para a obra.)
- ▶ **Objeto indireto:** Aqueles são os ingredientes de que você precisa. (Você precisa dos ingredientes.)
- ▶ **Complemento nominal:** são muitas as profissões para que o garoto é apto. (O garoto é apto para muitas profissões.)
- ▶ **Predicativo do sujeito:** Aprecio a grande mulher que ela é. (Ela é uma grande mulher.)
- ▶ **Agente da passiva:** Esta é a revista por que fui homenageado. (Fui homenageado pela revista.)
- ▶ **Adjunto adverbial:** Este é o sítio em que vivi durante algum tempo. (Vivi no sítio durante algum tempo.)

Se

Morfologicamente, o **SE** pode pertencer às seguintes classes gramaticais:

- ▶ **Substantivo:** O se é uma palavra muito interessante.
- ▶ **Conjunção:**
 - **subordinativa condicional:** Se ela vier, viajaremos.
 - **subordinada integrante:** Perguntei se ela viria.
- ▶ **Partícula expletiva de realce:** Passaram-se anos, e ela não voltou.
- ▶ **Pronome oblíquo:** Álvaro se tornou um grande homem.

Sintaticamente, o pronome oblíquo **SE** pode exercer as seguintes funções:

- ▶ **Objeto direto** (junto aos verbos reflexivos): Paulo feriu-se./ Pedro e José se cumprimentaram.
- ▶ **Objeto indireto** (com verbos transitivos indiretos): Ele reservou-se o melhor lugar.
- ▶ **Parte integrante do verbo** (com verbos essencialmente pronominais): Suicidou-se. Arrependeu-se.
- ▶ **Partícula apassivadora:** (quando, junto a verbos transitivos diretos, serve para formar a voz passiva): Alugam-se casas. (= casas são alugadas).
- ▶ **Índice de indeterminação do sujeito**
 - Junto a verbos intransitivos: Vive-se bem.
 - Junto a verbos transitivos indiretos: Precisa-se de empregados.
 - Junto a verbos transitivos diretos, tomados em sentido vago ou geral: Estuda-se neste colégio. (esse tipo de verbo torna-se automaticamente intransitivo.)
- ▶ **Sujeito de um infinitivo:** Sofia deixou-se estar à janela.

Anotações:



APOIO AO TEXTO

1. (UFSM) Assinale V (verdadeira) ou F (falsa) nas afirmativas sobre o seguinte período:

A mídia quer que os brasileiros pensem que Ronaldinho é mais do que um craque.

- () O segmento **que**, tanto em “que os brasileiros pensem” como em “que Ronaldinho é mais”, é uma conjunção integrante.
- () Na frase, há tanto verbos transitivos diretos quanto verbo de ligação.
- () No trecho “mais do **que** um craque”, o elemento sublinhado é um pronome relativo.

A sequência correta é

- a) F - V - F.
b) V - V - F.
c) F - F - V.
d) V - V - V.
e) V - F - F.

2. (UFSM) Analise o emprego da palavra sublinhada no trecho a seguir.

“(...) a deusa do mar, **que** purifica e nos dá força para vencer os obstáculos (...)”

Identifique o período em que a palavra sublinhada NÃO tem a função de retomar o termo anterior.

- a) Conheça as motivações **que** estão por trás das superstições.
- b) É algo saudável, **que** nos ajuda a encarar os desafios.
- c) As superstições têm um poder enorme na vida das pessoas **que** as praticam.
- d) A ciência prova uma série de fenômenos **que**, no passado, assustavam o homem.
- e) Uma pesquisa mostrou **que** até pássaros podem ter comportamentos parecidos.

3. (UFSM) Observe a função da palavra sublinhada no segmento a seguir.

“(...) boa parte do aprendizado ainda é de responsabilidade da família, **que** infelizmente se mostra omissa no cumprimento desse papel (...)”

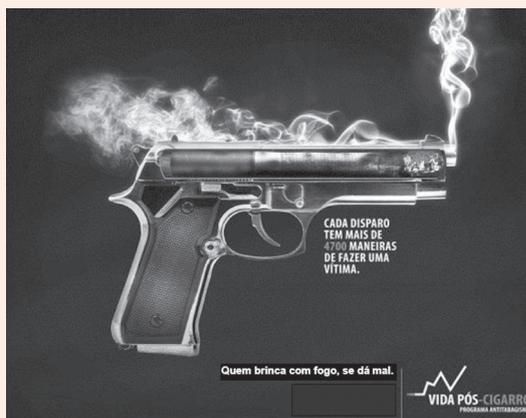
Essa mesma função é desempenhada em

- a) A família, **que** é importante para o aprendizado, negligencia o seu papel.
- b) Vimos **que** a família se mostra omissa no cumprimento desse papel.
- c) A verdade é **que** boa parte do aprendizado é responsabilidade da família.
- d) Sabe-se **que** infelizmente a família descuida de seu compromisso.
- e) O artigo defende **que** os compromissos não são cumpridos pela família.

4. (UFSM) Em *um ratinho que sonha em se tornar um grande chef*, o segmento sublinhado tem a mesma classe gramatical do sublinhado em:

- a) Vimos **que** o ratinho queria ser um grande chef.
- b) A verdade é **que** o ratinho desejava o impossível.
- c) O ratinho não comia qualquer coisa **que** encontrasse pela frente.
- d) Linguini, o rapaz, precisa fingir **que** sabe cozinhar.
- e) É possível **que** o ratinho realize seu sonho.

5. (UFSC)



Disponível em: <https://rafaelazevedoandrade.wordpress.com/2013/03/05/campanha-cigarro-e-arma>. Acesso em: 30 mar. 2019.

Com base na leitura do texto e de acordo com a variedade padrão da língua escrita, é correto afirmar que:

01. trata-se de um anúncio para uma campanha pelo desarmamento.
02. um tiro pode ocasionar até 4700 vítimas.
04. em “Quem brinca com fogo, se dá mal”, o termo “se” desempenha a função de índice de indeterminação do sujeito.
08. “Quem brinca com fogo, se dá mal” mantém relação intertextual com o ditado popular “Quem brinca com fogo, acaba queimado”.
16. em “Quem brinca com fogo, se dá mal”, podemos substituir a palavra “fogo” por “arma” sem prejuízo ao sentido do anúncio.



6. (UFSC adaptada) Considere os trechos abaixo:

- I. "Aprendi com ele que palavrão em boca de mulher é como lesma em corola de rosa."
II. "[...] encontra-se o reconhecimento da importância das línguas como elemento de transmissão da cultura como referência para os diversos grupos sociais que vivem no país."
III. "[...] o país tem uma história, uma dinâmica social que atropela tudo isso".
IV. "[...] tão erudita que se quisesse podia dizer as piores bandalheiras em grego antigo [...]".
V. "Quem brinca com fogo se dá mal".
VI. "[...] a implementação de políticas que resultassem... [...]".
VII. "Agora você é que precisa ir conhecer minha terra."

Em relação aos trechos, é correto afirmar que:

02. Em I, o vocábulo "que" funciona como conjunção integrante.
04. Em II, III e VI, o vocábulo "que" retoma um antecedente e introduz uma oração subordinada em cada uma das ocorrências.
08. Em IV, os vocábulos "que" e "se" funcionam, respectivamente, como conjunção conclusiva e conjunção condicional.
16. Em V, o termo "se" desempenha a função de índice de indeterminação do sujeito.
32. Em VII, se a expressão "é que" for retirada da frase, as relações sintáticas entre os constituintes da oração serão alteradas.



7. (UFN) Marque a alternativa em que o uso do "que" é idêntico ao do trecho destacado: "Sorte que pelo menos a Maju, no JN, tem o cuidado de não cometer essa indelicadeza, ela mudou essa história, juro".

- a) "Quem disse que os meus parentes mais velhos da Baixada Fluminense, mesmo sob o bafo no cangote da Intervenção Militar no Rio, comentaram outra pauta."
b) "[...] o homem que vi enfrentar secas brabas, coivaras, brocas e escavações de poços profundos que atingiam o Japão [...]".
c) "E tem um livro bonito, rapaz, que mostra esse nosso alumbramento com a chuva, um livro de fotos de Fred Jordão, chama *Sertão Verde-paisagens*."
d) "Logo mais narrarei toda essa memória para Irene, minha filha de um ano, que já viu tempestade desta safra [...]".
e) "[...] a chuva nasceu da lágrima de Ombela, uma deusa que estava triste."

Instrução: Leia o texto para responder às questões 8 e 9.

Uma nova luz em nossas vidas

Adilson de Oliveira

1 A luz é um dos fenômenos físicos mais interessantes da natureza. Aliás, só podemos observar a natureza a partir da luz. Conforme o tipo usado, vemos diferentes aspectos do mundo. Uma sala, por exemplo, se transforma perante nossos olhos quando a iluminamos com cores diferentes. Vivemos banhados pela luz.
2
3
4
5
6
7 A luz viaja a cerca de 300.000 Km/s no vácuo, que é o limite de velocidade para tudo no universo. Ela pode se comportar como onda, ao se espalhar pelo ar, ou
8
9 como partícula, quando é absorvida ou emitida por
10 átomos. Sem dúvida, um objeto fascinante e intrigante. Qualquer um de nós, sobretudo na infância, já perguntou o que é a luz. Podemos prendê-la, guardá-la?
11
12
13
14 Como podemos fazer luz? O que veríamos se andássemos junto com um raio de luz?

15
16 A luz pode ser produzida de diversas formas. Por exemplo, todo corpo, quando aquecido, emite luz. Nosso corpo, que normalmente fica na temperatura de 36 °C, emite luz na faixa do infravermelho, que é invisível aos nossos olhos, mas que podemos sentir pelo tato e por meio de sensores especiais. À medida que aumentamos a temperatura de um objeto, ele começa a brilhar, primeiramente de forma avermelhada, depois amarelada, até chegar à cor azul, que representa alta temperatura, acima de milhares de graus. O aquecimento dos corpos foi durante milênios o único modo de produzir luz, principalmente a partir da combustão (fogo). Até meados do século XIX, quando a lâmpada incandescente foi inventada, usava-se fogo para iluminar, na forma de tocha ou vela. A lâmpada incandescente, que contava inicialmente com um filamento de carbono, foi desenvolvida como produto comercial por Thomas Edison, em 1879, e é usada até hoje. Mas, devido à sua baixa eficiência em converter energia em luz, essa invenção tem seus dias contados. A alternativa mais comum disponível atualmente é a lâmpada fluorescente, que, ao contrário da anterior, é muito eficiente. Esse tipo de lâmpada possui um tubo de vidro no qual uma mistura gasosa, como argônio e vapor de mercúrio, emite luz ultravioleta quando uma descarga elétrica passa através dela.
21
22
23
24
25
26
27
28
29
30
31
32
33
34
35
36
37
38
39
40
41

42 Mas a grande revolução na produção de dispositivos emissores de luz teve início em meados da década de 1960, com a produção dos primeiros diodos emissores de luz – do inglês, Light Emission Diode (LED). Trata-se de dispositivos semicondutores que, submetidos a determinada voltagem, emitem luz por um processo conhecido por eletroluminescência. Os primeiros dispositivos obtidos emitiam luz nas cores vermelha, verde e amarela. Só em 1990 foi possível construir um LED que emitia na faixa do azul, que, combinado com o verde e o vermelho, pode produzir luz branca.
43
44
45
46
47
48
49
50
51
52

53 Foi um grande desafio criar um LED que emite luz na cor azul, feito que valeu o prêmio Nobel de Física de 2014 para os físicos Isamu Akasaki, da Universidade de Meijo e de Nagoia (Japão), Hiroshi Amano, também da Universidade de Nagoia, e Shuji Nakamura, da Universidade da Califórnia (Estados Unidos). O trabalho desenvolvido por esses cientistas teve o grande mérito
54
55
56
57
58
59



60 de conseguir encontrar rotas específicas para fabricar
61 o material. Os LED que emitem luz branca estão cada
62 vez mais presentes no nosso dia a dia. Muitos deles
63 já são utilizados em luminárias e em automóveis, com
64 eficiência e durabilidade muito maiores que as dos de-
65 mais tipos de lâmpada. O prêmio Nobel de Física de
66 2014 contemplou uma descoberta que já se transfor-
67 mou em tecnologia e que permitirá uma revolução nos
68 processos de geração de luz.

Disponível em: <<http://cienciahoje.uol.com.br/colunas/fisica-sem-misterio/uma-nova-luz-em-nossas-vidas>>.
[Adaptado]. Publicado em: 24 out. 2014. Acesso em: 25 jun. 2015.

8. (UFSC) Considerando o texto, é correto afirmar que:

01. em “À medida que aumentamos a temperatura” (linhas 21-22), a locução sublinhada poderia ser substituída por “À proporção em que” ou “Ao passo em que”, de acordo com a variedade padrão da língua escrita.

02. em “Conforme o tipo usado” (linha 3) e em “Só em 1990 foi possível construir um LED que emitia na faixa do azul” (linhas 50-51), ocorre elipse dos termos “de luz” e “luz”, respectivamente.

04. a palavra “Aliás” (linha 2) introduz uma retificação da informação precedente, equivalendo a “Isto é” e “Ou seja”.

08. o conector “Mas” (linhas 33 e 42) expressa mudança na direção argumentativa: na linha 33, em relação à informação contida no período precedente; na linha 42, em relação a um conjunto de informações contidas no parágrafo precedente.

16. em “Nosso corpo, que normalmente fica na temperatura de 36 °C, emite luz na faixa do infravermelho [...]” (linhas 18-19) e em “Os LED que emitem luz branca estão cada vez mais presentes no nosso dia a dia” (linhas 61-62), a palavra sublinhada é um pronome relativo que, no primeiro caso, introduz uma oração explicativa e, no segundo caso, uma oração que restringe o significado do termo anterior.

32. as orações que contêm as formas verbais “foi inventada” (linha 29), “foi desenvolvida” (linha 32) e “é usada” (linha 33) estão na voz passiva, tendo como agente das ações “a lâmpada incandescente”.



9. (UFSC) Em conformidade com o texto e considerando os trechos I, II e III abaixo, é correto afirmar que:

I. “Ela pode se comportar como onda, ao se espalhar pelo ar, ou como partícula, quando é absorvida ou emitida por átomos. Sem dúvida, um objeto fascinante e intrigante.” (linhas 08-12)

II. “A luz pode ser produzida de diversas formas. Por exemplo, todo corpo, quando aquecido, emite luz.” (linhas 16-17)

III. “Até meados do século XIX, quando a lâmpada incandescente foi inventada, usava-se fogo para iluminar, na forma de tocha ou vela.” (linhas 28-30)

01. em I, “Ela pode se comportar”, e em III, “usava-se fogo”, o pronome “se” é um recurso gramatical empregado para indicar que o sujeito, em ambos os casos, é indeterminado.

02. as orações sublinhadas em II e III, embora sejam introduzidas pelo mesmo conector, apresentam sentidos diferentes: no primeiro caso, aproxima-se de um valor condicional; no segundo caso, tem valor temporal.

04. em I, “um objeto fascinante e intrigante” refere-se a “átomos”.

08. em II, os dois períodos poderiam ser combinados em um, sem prejuízo de sentido do enunciado: “De diversas formas pode ser produzida a luz; por exemplo: todo corpo emite luz quando aquecido”.

16. em II, “pode” é um verbo auxiliar que apresenta o mesmo valor de incerteza verificado em “Pode ser que chova”.



10. (UFSC)



Disponível em: <<http://www.geografiaparatodos.com.br>>. [Adaptado]. Acesso em: 30 jun. 2015.

Com base na tira, é correto afirmar que:

01. o texto tematiza a questão do florestamento como uma ação tipicamente humana.

02. poderia haver a substituição da forma verbal “existem” pela forma verbal “há”, sem acarretar qualquer mudança semântica e morfossintática no restante do texto.

04. as expressões “mais óbvio” e “inteligente”, no texto, são usadas de forma metonímica, apresentando uma relação intrínseca com os termos que qualificam.

08. a expressão “às vezes”, na primeira linha do texto, denota uma ideia de temporalidade.

16. a palavra “indício”, na primeira linha do texto, poderia ser substituída por “sinal”, sem alteração de sentido.

32. a palavra “que”, nas diferentes linhas do texto, exerce a mesma função morfossintática: pronome relativo, substituindo o substantivo ou o pronome antecedente na oração.



11. (UFSC)

O Inventário Nacional da Diversidade Linguística

1 Estima-se que mais de 250 línguas sejam faladas
2 no Brasil, entre línguas indígenas, de imigração, de si-
3 nais, crioulas e afro-brasileiras, além do português e
4 de suas variedades. Esse patrimônio cultural é desco-
5 nhcido por grande parte da população brasileira, que
6 se acostumou a ver o Brasil como um país monolíngue.
7 O resultado da mobilização que envolveu setores



8 da sociedade civil e governamentais interessados em
9 mudar esse cenário é o Decreto n. 7.387, de 9 de de-
10 zembro de 2010, que instituiu o Inventário Nacional da
11 Diversidade Linguística (INDL).

12 O INDL é o instrumento oficial de reconheci-
13 mento de línguas como patrimônio cultural e seu objetivo
14 é a “identificação, documentação, reconhecimento
15 e valorização das línguas portadoras de referência à
16 identidade, à ação e à memória dos diferentes grupos
17 formadores da sociedade brasileira”. Por ser um ins-
18 trumento com a dupla finalidade de pesquisar as lí-
19 guas e de reconhecê-las como patrimônio cultural, o
20 INDL deve permitir o mapeamento, a caracterização e
21 o diagnóstico das diferentes situações relacionadas à
22 pluralidade linguística brasileira.

23 Entre as ações de valorização previstas, encontra-
24 -se o reconhecimento da importância das línguas como
25 elemento de transmissão da cultura e como referência
26 identitária para os diversos grupos sociais que vivem
27 no país. Além de possibilitar a ampliação do mapa da
28 diversidade linguística brasileira, os inventários tam-
29 bém fomentam a mobilização das comunidades em
30 torno dos temas da sua língua, da sua cultura e da sua
31 identidade, contribuindo para o seu fortalecimento
32 como gestores do seu próprio patrimônio cultural.

Disponível em: <<http://portal.iphan.gov.br/pagina/detalhes/139>>. [Adaptado]. Acesso em: 20 mar. 2018.

De acordo com o texto, é correto afirmar que:

01. as palavras “mobilização” (linha 7), “mapeamento” (li-
nha 20) e “transmissão” (linha 25) são formadas por um
processo de derivação similar: são nomes derivados de
verbos por acréscimo de sufixo.

02. em “Estima-se que” (linha 01) e “que se acostumou” (li-
nhas 05-06), o vocábulo sublinhado indica que o sujeito é
indeterminado nos dois casos.

04. em “seu objetivo” (linha 13), o pronome possessivo faz
referência a “patrimônio cultural” e, em “reconhecê-las” (li-
nha 19), o pronome pessoal faz referência a “as línguas”.

08. em “além do português e de suas variedades” (linhas
03-04) e “Além de possibilitar a ampliação do mapa” (linha
2), as locuções sublinhadas introduzem, respectivamente,
uma informação adicional ao conteúdo precedente e uma
delimitação geográfica da língua como referência identi-
tária.

16. as palavras “Inventário” (linha 10) e “inventários” (linha
28) estão grafadas com letra maiúscula e com letra minús-
cula por se referirem, respectivamente, ao nome próprio
de um documento oficial e à designação comum atribuída
a esse tipo de instrumento que registra, no caso, um levanta-
mento linguístico.

32. a preposição sublinhada em “por grande parte da po-
pulação” (linha 5) e em “Por ser um instrumento” (linha 17-
18) introduz, no primeiro caso, o agente de uma oração
na voz passiva e, no segundo caso, introduz a causa da
informação expressa na oração principal.



12. (UFN) Em qual das sentenças abaixo o elemento su-
blinhado **que** é sintática e semanticamente semelhante
ao da sentença “Que tal esquecer o banco e os credores
apenas por um momento na vida e fazer uma loucura?” ?

a) “No mínimo com um piquenique no domingo do parque,
um combo cinema+jantar romântico, algo que você não faz
com a dita pessoa amada/amante há muito tempo.”

b) “No fundo, no fundo, com ou sem garantia, uma graça
com o moço ou com a moça, uma besteirinha de amor, é
o que vale.”

c) “Você não morrerá rico, velho amigo, por causa de mais
uma recuada financeira com o que restou no fundo do
pote de um suor antigo deveras suado para enricar gor-
díssimos patrões de outrora.”

d) “Que me desculpem os economistas que desprezam o ro-
mantismo nessa hora, mas pagar as contas e esquecer a dívi-
da interna com o amor caseiro não é um bom investimento.”

e) “Amor trepidante e sem rotina acaba, imagina a tristeza
de amor que não anda, não sai do canto.”

13. (UFN 2024) No período “Portanto, garantir esse direito
requer garantir que as vidas que encarnam todos os tipos
de corpos sejam respeitadas.”, o ‘que’ sublinhado é uma
conjunção integrante.

Escolha a alternativa em que o uso do ‘que’ correspon-
de a uma conjunção integrante também.

a) [...] “e partir para encontros presenciais que podem ser
positivos ou até bonitos.”

b) [...] “as pessoas que desejam compartilhar ou empreen-
der redes de ativismo, colaboração de trabalho ou cuidado,
fortaleçam suas ferramentas, metodologias e estratégias.”

c) “Victoria e Hugo focam o olhar na beleza que tem a ver
com a vida sobrevivente,” [...]

d) [...] “por isso é urgente gerar estratégias que vão além
do digital, sem abandonar a presença nesse ecossistema.”

e) “Ele enfatiza que a arte tem uma função inestimável
quando responde à diversidade e à dignidade humana” [...]

Instrução: Leia o texto para responder à questão 14.

Barbie é uma crítica – divertida, inteligente e surpre- endente – a um ícone que moldou gerações

(Por Wikerson Landim, 20 jul. 14 fev 2023)

01 A imagem da boneca Barbie sempre foi associada
02 ao símbolo máximo de beleza e juventude que uma
03 mulher pode alcançar. Lançada no final dos anos 50,
04 ela atravessou gerações e foi de ícone representativo
05 das mulheres ideais a motivo de ira por parte de mo-
06 vimentos feministas por representar algo idealizado
07 mais por um mundo masculino do que por elas mes-
08 mas. Por isso, é surpreendente e divertido perceber
09 que, de maneira inteligente, a diretora Greta Gerwig
10 circula de maneira exemplar entre dois mundos – real
11 e imaginário –, subvertendo a lógica em cada um de-
12 les. Além disso, cria um produto que critica seu pró-
13 prio consumo, com a chancela da empresa detentora
14 dos direitos, fazendo refletir ao mesmo tempo em
15 que diverte. O que mais poderíamos esperar?



16 **O fantástico mundo da Barbie**

17 Barbie (Margot Robbie) e outras Barbies vivem
18 em Barbieland, um mundo em que tudo é perfeito,
19 como nos melhores sonhos das crianças. Porém, um
20 dia ela acorda e se vê em crise existencial. Para tentar
21 entender o que está acontecendo ela busca ajuda de
22 outra boneca e descobre que terá que ir ao mundo
23 real para resolver esse problema diretamente com a
24 criança que brinca com ela.

25 Narrado em estilo conto de fadas, a diretora não
26 perde a oportunidade de contextualizar, de maneira
27 incisiva, o que Barbie representa no mundo, e a sequ-
28 ência inicial inspirada em 2001: Uma Odisseia no Es-
29 paço não deixa dúvidas disso. O espectador se vê em
30 um filme dentro do filme, contrapondo a sua própria
31 realidade (mundo real) com o contraponto de Barbie-
32 land. Em outras palavras, fica claro que a solução lá
33 tem resposta cá, e com isso recebemos o convite para
34 entrar na aventura.

35 Chama muito a atenção a construção do univer-
36 so de Barbieland. Além de construções e apetrechos
37 cor-de-rosa dos mais variados, desses que veríamos
38 em lojas de brinquedos, há um jeito especial de se lo-
39 comover e “vivenciar” novas aventuras todos os dias.
40 Nem mesmo a “simulação” das refeições escapa ao
41 olhar atento de Gerwig, como se desse vida à uma
42 grande cidade de bonecas. [...]

43 **Barbie no mundo real: o espelho do patriarcado**

44 É quando Barbie chega ao mundo real que temos
45 um choque de realidade. Entretanto, o choque em si
46 não é por vermos algo diferente daquilo que vemos
47 no dia a dia, mas sim por nos darmos conta de que
48 normalizamos situações como as de mulheres expos-
49 tas à violência e ao descrédito apenas e simplesmente
50 pelo fato de não pertencerem ao gênero dominante.

51 O mundo construído pelo “patriarcado” e para o
52 “patriarcado” é uma representação dos seus anseios e
53 uma autoafirmação de suas inseguranças. Vivemos e
54 convivemos com isso, e pior para as mulheres que nem
55 sempre têm alternativas para lutar contra essas impo-
56 sições. As coisas são como são ou, pelo menos, foram
57 assim até hoje, não parecendo haver esperanças.

58 Ao inverter os papéis e os mundos nos quais am-
59 bos estão, Barbie nos coloca diante de um espelho,
60 nos forçando a entender que aquilo que muitas ve-
61 zes é normalizado, na prática, deveria ser no mínimo
62 questionado. O roteiro, escrito em conjunto com Noah
63 Baumbach (Ruído Branco) – marido de Greta Gerwig
64 – é corajoso no sentido de criticar quem o financia.
65 Ainda que desse embate a Mattel, empresa detentora
66 dos direitos das bonecas, saia vencedora de qualquer
67 forma. [...]

68 **De mulher para todos**

69 Mais do que um filme feminista sobre feminismo,
70 Barbie é um filme feminino não apenas para mulhe-
71 res, mas para todos. A validade das suas críticas rever-
72 bera ainda mais pela amplitude que a personagem-tí-
73 tulo tem na cultura pop, tendo atravessado gerações
74 como um ícone, para o bem ou para o mal.

75 O tom bem-humorado e picaresco de forma algu-
76 ma ameniza o tom dessas críticas, pelo contrário: as
77 fortalece, como uma charge que resume em um qua-

78 dro perfeito uma ironia fina diante da qual nos sen-
79 timos desconfortáveis no confronto, mas que ainda
80 assim não deixamos de esboçar um sorriso nem que
81 seja de canto de rosto.

82 Eu não imaginava que um dia pudesse escrever
83 isso, mas Barbie é um filme necessário, com uma
84 mensagem poderosa e que utiliza o poder do espetá-
85 culo para direcionar todos os holofotes para um grito
86 por liberdade. Para as mulheres, esse grito pode soar
87 como empoderamento; para os homens deveria, ao
88 menos, soar como uma reflexão.

89 Se de alguma forma, a partir do cinema, houver
90 um passo adiante por qualquer um dos lados, é sinal
91 de que já valeu a pena. Filmes são o reflexo da época
92 de sua concepção e Barbie não poderia ser melhor
93 exemplar do ideal de ascensão (ou tentativa de) das
94 mulheres na sociedade em busca por igualdade.

95 Ainda que a embalagem venda apenas o hype de
96 uma vida cor-de-rosa, Barbie é cinema da melhor qua-
97 lidade.

Disponível em: <https://www.mundoconectado.com.br/cinema/critica-barbie-e-uma-critica-divertida-inteligente-e-surpreendente-a-um-icone-que-moldou-geracoes/> Adaptado. Acesso em 06 set. 2023

14. (UPF 2024) Considerando as relações sintático-semânticas do texto, analise as orações apresentadas a seguir e identifique em quantas delas o “se” é pronome reflexivo.

- I. “Porém, um dia ela acorda e **se** vê em crise existencial” (linhas 19 e 20).
- II. “O espectador **se** vê em um filme dentro do filme” (linhas 29 e 30).
- III. “(...) há um jeito especial de **se** locomover e ‘vivenciar’ novas aventuras todos os dias” (linhas 38 e 39).
- IV. “(...) como **se** desse vida à uma grande cidade de bonecas” (linhas 41 e 42).
- V. “**Se** de alguma forma, a partir do cinema, houver um passo adiante (...)” (linhas 89 e 90).

- a) 1.
- b) 2.
- c) 3.
- d) 4.
- e) 5.

GABARITO

- 1. B
- 2. E
- 3. A
- 4. C
- 5. 08
- 6. 02 + 04 + 08 = 14
- 7. A
- 8. 02 + 08 + 16 = 26
- 9. 02 + 08 = 10
- 10. 02 + 08 + 16 = 26
- 11. 01 + 16 + 32 = 49
- 12. D
- 13. E
- 14. B



» Referências

ASSIS, Machado de. Dom Casmurro. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1977.

BAGNO, Marcos. Linguística na norma. São Paulo: Loyola, 2002.

_____. Preconceito Linguístico: o que é, como se faz. São Paulo: Loyola, 2002.

BECHARA, Evanildo. Moderna Gramática Portuguesa. 38ª ed. São Paulo: Saraiva, 2015.

BÍBLIA SAGRADA. Apocalipse. In: Bíblia Sagrada: Edição Pastoral. São Paulo: Paulus, 1990.

CAMPEDELLLLL, Samira Yousseff; SOUZA, Jesus Barbosa. Produção de Textos & Usos da Linguagem. 2ª ed. São Paulo: Saraiva, 1999.

DOYLE, Arthur Conan. Um escândalo na Boêmia. 1892.

FIORIN, José Luiz. Elementos de Análise do Discurso. 10ª ed. São Paulo: Contexto, 2001.

KOCH, Ingedore Villaça; TRAVAGLIA, Luiz Carlos. A Coerência Textual. 12ª ed. São Paulo: Contexto, 2001.

MEURER, José Luiz; MOTTA-ROTH, Désirée (orgs.) Gêneros Textuais e práticas discursivas. Bauru: EDUSC, 2002.

SANT'ANNA, Affonso Romano de. Paródia, Paráfrase & Cia. 7ª ed. São Paulo: Ática, 2000.

SARMENTO, Leila Lauer. Gramática em Textos. São Paulo: Moderna, 2000.

TERRA, Ernani. Linguagem, língua e fala. São Paulo: Scipione, 1997.

USSO, Ricardo. Interpretação de Textos. Porto Alegre: Artes e Ofícios, 2004.

HABILIDADES À PROVA 1

» Análise sintática - período simples

○ 1. (ENEM)

Canção do vento e da minha vida

O vento varria as folhas,
O vento varria os frutos,
O vento varria as flores...
E a minha vida ficava
Cada vez mais cheia
De frutos, de flores, de folhas.

[...]

O vento varria os sonhos
E varria as amizades...
O vento varria as mulheres...
E a minha vida ficava
Cada vez mais cheia
De afetos e de mulheres.

O vento varria os meses
E varria os teus sorrisos...
O vento varria tudo!
E a minha vida ficava
Cada vez mais cheia
De tudo.

BANDEIRA, M. Poesia completa e prosa. Rio de Janeiro: José Aguilar, 1967.

Na estruturação do texto, destaca-se:

- a) a construção de oposições semânticas.
- b) a apresentação de ideias de forma objetiva.
- c) o emprego recorrente de figuras de linguagem, como o eufemismo.
- d) a repetição de sons e de construções sintáticas semelhantes.
- e) a inversão da ordem sintática das palavras.

○ 2. (ENEM)

Era uma vez

Um rei leão que não era rei.
Um pato que não fazia quá-quá.
Um cão que não latia.
Um peixe que não nadava.
Um pássaro que não voava.
Um tigre que não comia.
Um gato que não miava.
Um homem que não pensava...
E, enfim, era uma natureza sem nada.
Acabada. Depredada.
Pelo homem que não pensava.

CUNHA, L. A. In: KOCH, I. V.; ELIAS, V. M. Ler e escrever: estratégias de produção textual. São Paulo: Contexto, 2011.

São as relações entre os elementos e as partes do texto que promovem o desenvolvimento das ideias. No poema, a estratégia linguística que contribui para esse desenvolvimento, estabelecendo a continuidade do texto, é a:

- a) escolha de palavras de diferentes campos semânticos.
- b) negação contundente das ações praticadas pelo homem.
- c) intertextualidade com o gênero textual fábula infantil.
- d) repetição de estrutura sintática com novas informações.
- e) utilização de ponto final entre termos de uma mesma oração.

○ 3. (ENEM)

E: Diva ... tem algumas ... alguma experiência pessoal que você passou e que você poderia me contar ... alguma coisa que marcou você? Uma experiência ... você poderia contar agora ...

I: É ... tem uma que eu vivi quando eu estudava o Terceiro ano científico lá no Atheneu... né.. é:: eu gostava muito do laboratório de química ... eu ... eu ia ajudar os professores a limpar aquele material todo ... aqueles vidros ... eu achava aquilo fantástico ... aquele monte de coisa ... né ... então ... todos os dias eu ia ... quando terminavam as aulas eu ajudava o professor a limpar o laboratório ... nesse dia não houve aula e o professor me chamou pra fazer uma limpeza geral no laboratório ... chegando lá ... ele me fez uma experiência ... ele me mostrou uma coisa bem interessante que ... pegou um béquer com meio d'água e colocou um pouquinho de cloreto de sódio pastoso... então foi aquele fogaréu desfilando... aquele fogaréu ... quando o professor saiu ... eu chamei umas duas colegas minhas pra mostrar a experiência que eu tinha achado fantástico ... só que ... eu achei o seguinte ... se o professor colocou um pouquinho ... foi aquele desfile ... imagine se eu colocasse mais ... peguei o mesmo béquer ... coloquei uma colher ... uma colher de cloreto de sódio ... foi um fogaréu tão grande ... foi uma explosão ... quebrou todo o material que estava exposto em cima da mesa ... eu branca ... eu fiquei ... olha ... eu pensei que eu fosse morrer sabe ... quando ... o colégio inteiro correu pro laboratório pra ver o que tinha sido ...

CUNHA, M. A. F. (Org.) . Corpus discurso & gramática: a língua falada e escrita na cidade de Natal. Natal: EdUFRN, 1998.

Na transcrição de fala, especialmente, no trecho “eu branca... eu fiquei... olha ... eu pensei que eu fosse morrer sabe...”, há uma estrutura sintática fragmentada, embora facilmente interpretável... sua presença na fala revela:

- a) distração e poucos anos de escolaridade.
- b) falta de coesão e coerência na apresentação das ideias.
- c) afeto e amizade entre os participantes da conversação.
- d) desconhecimento das regras de sintaxe da norma padrão.
- e) característica do planejamento e execução simultânea desse discurso.



○ 4. (ENEM) Gripado, penso entre espirros em como a palavra gripe nos chegou após uma série de contágios entre línguas. Partiu da Itália em 1743 a epidemia de gripe que disseminou pela Europa, além do vírus propriamente dito, dois vocábulos virais: o italiano influenza e o francês grippe. O primeiro era um termo derivado do latim medieval *influentia*, que significava “influência dos astros sobre os homens”. O segundo era apenas a forma nominal do verbo *gripper*, isto é, “agarrar”. Supõe-se que fizesse referência ao modo violento como o vírus se apossa do organismo infectado.

RODRIGUES, S. Sobre palavras. Veja, São Paulo, 30 nov. 2011.

Para se entender o trecho como uma unidade de sentido, é preciso que o leitor reconheça a ligação entre seus elementos. Nesse texto, a coesão é construída predominantemente pela retomada de um termo por outro e pelo uso da elipse. O fragmento do texto em que há coesão por elipse do sujeito é:

- “[...] a palavra gripe nos chegou após uma série de contágios entre línguas.”
- “Partiu da Itália em 1743 a epidemia de gripe [...]”.
- “O primeiro era um termo derivado do latim medieval *influentia*, que significava ‘influência dos astros sobre os homens’.”
- “O segundo era apenas a forma nominal do verbo *gripper* [...]”.
- “Supõe-se que fizesse referência ao modo violento como o vírus se apossa do organismo infectado.”

○ 5. (UFRGS)

1 Da sua janela, ponto culminante da Travessa das Acácias,
2 o Prof. Clarimundo viaja o olhar pela paisagem. No pátio de D.
3 Veva, um cachorro magro fuça na lata do lixo. Mais no fundo,
4 um pomar com bergamoteiras e laranjeiras pontilhadas de
5 frutos dum amarelo de gemada. Quintais e telhados, fachadas
6 cinzentas com a boca aberta das janelas. Na frente da
7 sapataria do Fiorello, dois homens conversam em voz alta. A
8 fileira das acácias se estende rua a fora. As sombras são dum
9 violeta profundo. O céu está levemente enfumaçado e a luz
10 do sol é de um amarelo oleoso e fluido. Vem de outras ruas a
11 trovoadas dos bondes atenuada pela distância. Grasnar de buzinhas.
12 Num trecho do Guaíba que se avista longe, entre duas
13 paredes caiadas, passa um veleiro.

14 Para Clarimundo tudo é novidade. Esta hora é uma espécie
15 de parêntese que ele abre em sua vida interior, para contemplar
16 o mundo chamado real. E ele verifica, com divertida surpresa,
17 que continuam a existir os cães e as latas de lixo, apesar de Einstein.
18 O sol brilha e os veleiros passam sobre as águas, não obstante Aristóteles.
19 Seus olhos contemplam a paisagem com a alegria meio inibida
20 dum criança que, vendo-se de repente solta num bazar de brinquedos
21 maravilhosos, não quer no primeiro momento acreditar no teste-
22 munho de seus próprios olhos.

24 Clarimundo debruça-se à janela... Então tudo isto existia
25 antes, enquanto ele passava horas voltas com números
26 e teorias e cogitações, tudo isto tinha realidade? (Este pensamento
27 é de todas as tardes à mesma hora: mas a surpresa é sempre nova.)
28 E depois, quando ele voltar para os livros, para as aulas, para dentro
29 de si mesmo, a vida ali fora continuará assim, sem o menor hiato,
30 sem o menor colapso?

31 Um galo canta num quintal. Roupas brancas se balouçam
32 ao vento, pendentes de cordas. Clarimundo ali está como um deus
33 onipresente que tudo vê e ouve. A impressão que causam
34 aquelas cenas domésticas levam a pensar no seu livro.

36 A sua obra... Agora ele já não enxerga mais a paisagem.
37 O mundo objetivo se esvaeceu misteriosamente. Os olhos do professor
38 estão fitos na fachada amarela da casa fronteiriça, mas o que ele vê
39 agora são as suas próprias teorias e ideias. Imagina o livro já impresso...
40 Sorri, exterior e interiormente. O leitor (a palavra leitor corresponde,
41 na mente de Clarimundo, à imagem dum homem debruçado sobre um
42 livro aberto: e esse homem - extraordinário! - é sempre o sapateiro
43 Fiorello) - o leitor vai se ver diante dum assunto inédito, diferente,
44 original.

Adaptado de: VERISSIMO, Erico, Caminhos Cruzados. 26. ed. Porto Alegre/Rio de Janeiro: Editora Globo, 1982. p. 57-58.

Observe as afirmações abaixo, sobre a função sintática desempenhada por certos elementos das orações.

- os cães e as latas de lixo* (l. 17) desempenha a função sintática de objeto direto.
- à janela* (l. 24) desempenha a função sintática de complemento nominal.
- tudo* (l. 33) desempenha a função sintática de objeto direto.

Quais estão corretas?

- Apenas I.
- Apenas II.
- Apenas III.
- Apenas I e III.
- I, II e III.

Instrução: As questões 6 e 7 estão relacionadas ao texto abaixo.

01 – Para mim esta é a melhor hora do dia – Ema disse, voltando
02 do quarto dos meninos. – Com as crianças na cama, a casa
03 fica tão sossegada.

04 – Só que já é noite – a amiga corrigiu, sem tirar os olhos
05 da revista. Ema agachou-se para recolher o quebra-cabeça
06 esparramado pelo chão.

07 – É força de expressão, sua boba. O dia acaba quando
08 eu vou dormir, isto é, o dia tem vinte quatro horas e a semana
09 tem sete dias, não está certo? – Descobriu um sapato sob
10 a poltrona. Pegou-o e, quase deitada no tapete, procurou,
11 depois, o par dos outros móveis.

12 Era bom ter uma amiga experiente. Nem precisa ser da
13 mesma idade – deixou-se cair no sofá – Bárbara, muito mais
14 sábia. Examinou-a a ler: uma linha de luz dourada valorizava
15 o perfil privilegiado. As duas eram tão inseparáveis quanto
16 seus maridos, colegas de escritório. Até ter filhos juntas
17 conseguiram, acreditasse quem quisesse. Tão gostoso, ambas
18 no hospital. A semelhança física teria contribuído para o
19 perfeito entendimento? “Imaginava que fossem irmãs”,
20 muitos diziam, o que sempre causava satisfação.

21 – O que está se passando nessa cabecinha?

22 – Bárbara estranhou a amiga, só doente pararia quieta.
23 Admirou-a: os cabelos soltos, caídos no rosto, escondiam os
24 olhos, azuis ou verdes, conforme o reflexo da roupa.
25 De que cor estariam hoje seus olhos?

26 Ema apurou o corpo.

27 – Pensava que se nós morássemos numa casa grande, vocês
28 e nós...

29 Bárbara sorriu. Também ela uma vez tivera a ideia. – As
30 crianças brigariam o tempo todo.

31 Novamente a amiga tinha razão. Os filhos não se suportavam,
32 discutiam por qualquer motivo, ciúme doentio de tudo. O que
33 sombreava o relacionamento dos casais.

34 – Pelo menos podíamos morar mais perto, então.



35 Se o marido estivesse em casa, seria obrigada a assistir à televisão, , ele mal chegava, ia ligando o aparelho, 36
37 ainda que soubesse que ela detestava sentar que nem 38
38 múmia diante do aparelho – levantou-se, repelindo a lembrança. Preparou uma jarra de limonada. todo aquele 39
40 interesse de Bárbara na revista? Reformulou a pergunta em 41
41 voz alta.

42 – Nada em especial. Uma pesquisa sobre o comportamento das crianças na escola, de como se modificam 43
44 as personalidades longe dos pais.

Adaptado de: VAN STEEN, Edla. Intimidade. In: MORICONI, Italo (org.) Os cem melhores contos brasileiros do século. 1. ed. Rio de Janeiro: Objetiva, 2009. p. 440-441.

○ 6. (UFRGS) Em várias passagens do texto, a autora usa sujeitos elípticos. Assinale a alternativa que apresenta uma oração com sujeito elíptico.

- a) *Para mim esta é a melhor hora do dia* (l. 01).
- b) *acreditasse quem quisesse* (l. 17).
- c) *O que está se passando nessa cabecinha?* (l. 21).
- d) *O que sombreava o relacionamento dos casais* (l. 33).
- e) *seria obrigada a assistir à televisão, [...]* (l. 35-36).

○ 7. (UFRGS) Considere as seguintes afirmações.

I. A oração *ter uma amiga experiente* (l. 12) desempenha a função sintática de objeto direto.

II. A expressão *seus olhos* (l. 25) desempenha a função sintática de sujeito.

III. A expressão *as personalidades* (l. 44) desempenha a função sintática de objeto direto.

Qual(is) está(ão) correta(s)?

- a) Apenas I.
- b) Apenas II.
- c) Apenas III.
- d) Apenas I e II.
- e) I, II e III.

○ 8. (UFRGS)

Um hábito cultural brasileiro e suas consequências



01 Uma cena comum no Brasil todo, e considerada até bonita 02
02 por muitos, é a da casinha com gaiolas de passarinhos pendu- 03
03 radas para fora. Para muitos, essa cena mostra o amor do dono 04
04 da casa pela natureza e pelos animais. E, na maioria das vezes, 05
05 o amor é real e a pessoa nem imagina as consequências que 06
06 estão por trás do simples fato de comprar um passarinho em 07
07 uma feira-livre. No entanto, devido ao imenso volume do co- 08
08 mércio ilegal de animais silvestres brasileiros, esse hábito apa- 09
09 rentemente inocente acaba sendo responsável por sustentar 10
10 uma das maiores ameaças à biodiversidade brasileira.

11 Atualmente, a demanda por animais silvestres vivos para 12
12 suprir o mercado de animais de estimação é a modalidade de

13 comércio ilegal que mais incentiva o tráfico de animais silvestres no Brasil. Vale lembrar que espécies da fauna silvestre são 14
14 diferentes das espécies domesticadas pelo homem há milha- 15
15 res de anos. Para que uma espécie passe a ser considerada do- 16
16 méstica (e não amansada ou domada), é necessário que ocorra 17
17 seleção de certas características, com diferenciação genética e 18
18 fenotípica, a ponto de se tornar uma espécie distinta da paren- 19
19 tal, como ocorreu com gatos, cachorros, bois, porcos, etc. 20

21 Como mencionado no artigo anterior, a retirada de mui- 22
22 tos animais silvestres, de forma regular da natureza, não 23
23 apenas gera sofrimento animal, mas pode ter consequên- 24
24 cias ambientais bastante graves, com ameaça de extinções 25
25 locais ou extinção da espécie como um todo, até desequilí- 26
26 brios ecológicos com consequências econômicas.

27 Os animais mais procurados pelo comércio ilegal para 28
28 animais de estimação no Brasil são as aves canoras, papa- 29
29 gaios, araras, répteis como iguanas e cobras, e pequenos 30
30 mamíferos, como saguis e macacos-prego. No entanto, as 31
31 aves são de longe os maiores alvos do comércio ilegal não 32
32 só pela enorme demanda – é um traço cultural do brasileiro 33
33 querer possuir aves de gaiola em casa – mas também por 34
34 sua riqueza e relativa facilidade de captura.

35 Apesar de ser uma atividade tão relevante, estimativas 36
36 confiáveis acerca do volume do tráfico de animais no Bra- 37
37 sil ainda são escassas. A principal e mais citada fonte de in- 38
38 formação publicada ainda é o 1º Relatório Nacional sobre o 39
39 Tráfico de Animais Silvestres, lançado em 2002, pela Rede de 40
40 Combate ao Tráfico de Animais Silvestres – RENCTAS. Nesse 41
41 relatório, os autores estimaram que todos os tipos de explo- 42
42 ração ilegal de animais silvestres seriam responsáveis pela 43
43 retirada de 38 milhões de animais da natureza brasileira, nú- 44
44 mero que não inclui peixes ou insetos.

45 Os principais defensores da manutenção de animais silvestres como animais de estimação alegam que este é um traço 46
46 cultural do brasileiro e, como tanto, deveria ser preservado. 47
47 Contudo, a meu ver, culturas são dinâmicas e devem evoluir. 48
48 Obviamente patrimônio cultural valioso como música, dança, 49
49 histórias, tradições, receitas, entre outros devem ser mantidos. 50
50 No entanto, costumes claramente nocivos podem e precisam 51
51 evoluir. Ou alguém argumenta que (guardadas as devidas pro- 52
52 porções) escravidão, mulheres que não trabalhavam e não 53
53 tinham direito a voto, ausência de controle de natalidade, pal- 54
54 madas em crianças, racismo e homofobia deveriam ser manti- 55
55 dos como patrimônio cultural porque um dia fizeram parte dos 56
56 costumes aceitos em nossa sociedade? 57

58 Há uma corrente que propõe que animais silvestres se- 59
59 jam reproduzidos em cativeiro com fins comerciais, o que, 60
60 de acordo com os defensores desta ideia, não apenas su- 61
61 priria a demanda por animais silvestres de estimação, como 62
62 criaria uma indústria poderosa que, entre outros benefícios, 63
63 criaria empregos, geraria impostos e movimentaria indús- 64
64 trias relacionadas. Por agora é importante ressaltar que, en- 65
65 quanto discutimos o assunto calmamente, milhares de ani- 66
66 mais sofrem maus-tratos, e nossa biodiversidade está sendo 67
67 erodida severamente e sem retorno.

Juliana Machado Ferreira, mestre e doutora em Genética, Diretora Executiva da Freeland Brasil e colaboradora da SOS Fauna.

A função exercida por **los** na sentença “Precisamos protegê-los da extinção.” **não** é a mesma de:

- a) empregos (l. 63).
- b) impostos (l. 63).
- c) indústrias relacionadas (l. 63-64).
- d) as consequências (l. 05).
- e) real (l. 05).



○ 9. (UFRGS)

01 As primeiras lições que recebi de aeronáutica foram-me
02 dadas por um grande visionário: Júlio Verne. De 1888, mais
03 ou menos, a 1891, quando parti pela primeira vez para a Eu-
04 ropa, li, com grande interesse, todos os livros desse grande
05 vidente da locomoção aérea e submarina.

06 Estava eu em Paris quando, na véspera de partir para o
07 Brasil, fui, com meu pai, visitar uma exposição de máquinas
08 no desaparecido Palácio da Indústria. Qual não foi o meu
09 espanto quando vi, pela primeira vez, um motor a petróleo,
10 da força de um cavalo, muito compacto, e leve, em compara-
11 ção aos que eu conhecia, e... funcionando! Parei diante dele
12 como que pregado pelo destino. Estava completamente fas-
13 cinado. Meu pai, distraído, continuou a andar até que, depois
14 de alguns passos, dando pela minha falta, voltou, pergun-
15 tando-me o que havia. Contei-lhe a minha admiração de ver
16 funcionar aquele motor, e ele me respondeu: "Por hoje basta-
17 ta". Aproveitando-me dessas palavras, pedi-lhe licença para
18 fazer meus estudos em Paris. Continuamos o passeio, e meu
19 pai, como distraído, não me respondeu. Nessa mesma noi-
20 te, no jantar de despedida, reunida a família, meu pai anun-
21 ciou que pretendia fazer-me voltar a Paris para acabar meus
22 estudos. Nessa mesma noite corri vários livreiros; comprei
23 todos os livros que encontrei sobre balões e viagens aéreas.

24 Diante do motor a petróleo, tinha sentido a possibilidade
25 de tornar reais as fantasias de Júlio Verne. Ao motor a petró-
26 leo devi, mais tarde, todo o meu êxito. Tive a felicidade de ser
27 o primeiro a empregá-lo nos ares.

28 Uma manhã, em São Paulo, com grande surpresa minha,
29 convidou-me meu pai a ir à cidade e, dirigindo-se a um cartó-
30 rio de tabelião, mandou lavrar escritura de minha emancipa-
31 ção. Tinha eu dezoito anos. De volta à casa, chamou-me ao
32 escritório e disse-me: "Já lhe dei hoje a liberdade; aqui está
33 mais este capital", e entregou-me títulos no valor de muitas
34 centenas de contos. "Tenho ainda alguns anos de vida; quero
35 ver como você se conduz; vai para Paris, o lugar mais peri-
36 goso para um rapaz. Vamos ver se você se faz um adulto;
37 prefiro que não se faça doutor; em Paris, você procurará um
38 especialista em física, química, mecânica, eletricidade, etc.,
39 estude essas matérias e não esqueça que o futuro do mundo
40 está na mecânica".

Adaptado de DUMONT, Santos. O que eu vi, o que nós veremos.
Rio de Janeiro: Hedra, 2016. Organização de Marcos Villares.

Assinale a alternativa em que um pronome está desempe-
nhando a função sintática de objeto direto.

- a) eu (l. 06).
- b) me (l. 15).
- c) lhe (l. 15).
- d) me (l. 29).
- e) eu (l. 31).

○ 10. (UFRGS)

01 - Temos sorte de viver no Brasil - dizia meu pai, depois
02 da guerra. - Na Europa mataram milhões de judeus.

03 Contava as experiências que os médicos nazistas fa-
04 ziam com os prisioneiros. Decepavam-lhes as cabeças, fa-
05 ziam-nas encolher - à maneira, li depois, dos índios Jivaros.
06 Amputavam pernas e braços. Realizavam estranhos trans-
07 plantes: uniam a metade superior de um homem me-
08 tade inferior de uma mulher, ou aos quartos traseiros de um
09 bode. Felizmente morriam essas atrozes quimeras; expira-
10 vam como seres humanos, não eram obrigadas a viver como
11 aberrações. (..... essa altura eu tinha os olhos cheios de
12 lágrimas. Meu pai pensava que a descrição das maldades na-
13 zistas me deixava comovido.)

14 Em 1948 foi proclamado o Estado de Israel. Meu pai
15 abriu uma garrafa de vinho - o melhor vinho do armazém
16 -, brindamos ao acontecimento. E não saíamos de perto do
17 rádio, acompanhando notícias da guerra no Oriente
18 Médio. Meu pai estava entusiasmado com o novo Estado:
19 em Israel, explicava, vivem judeus de todo o mundo, judeus
20 brancos da Europa, judeus pretos da África, judeus da Índia,
21 isto sem falar nos beduínos com seus camelos: tipos muito
22 esquisitos, Guedali.

23 Tipos esquisitos - aquilo me dava ideias.

24 Por que não ir para Israel? Num país de gente tão es-
25 tranha - e, ainda por cima, em guerra - eu certamente não
26 chamaria a atenção. Ainda menos como combatente, entre
27 a poeira e a fumaça dos incêndios. Eu me via correndo pe-
28 las ruelas de uma aldeia, empunhando um revólver trinta e
29 oito, atirando sem cessar; eu me via caindo, varado de balas.
30 Aquela, sim, era a morte que eu almejava, morte heroica, es-
31 plêndida justificativa para uma vida miserável, de monstro
32 encurralado. E, caso não morresse, poderia viver depois num
33 *kibutz*. Eu, que conhecia tão bem a vida numa fazenda, teria
34 muito a fazer ali. Trabalhador dedicado, os membros do *ki-
35 butz* terminariam por me aceitar; numa nova sociedade há
36 lugar para todos, mesmo os de patas de cavalo.

Adaptado de: SCLIAR, M. O centauro no jardim. 9. ed. Porto Alegre: L&PM, 2001.

Assinale V (verdadeiro) ou F (falso) nas afirmações a seguir,
sobre os sujeitos de algumas formas verbais do texto.

- () O sujeito da forma verbal mataram (l. 02) é milhões de judeus (l. 02).
- () O sujeito da forma verbal Amputavam (l. 06) é os médicos nazistas (l. 03).
- () O sujeito da forma verbal morriam (l. 09) é essas atrozes quimeras (l. 09).
- () O sujeito da locução verbal foi proclamado (l. 14) é o Estado de Israel (l. 14).

A sequência correta de preenchimento dos parênteses, de cima para baixo, é:

- a) F - V - V - V
- b) V - F - V - F
- c) V - F - F - V
- d) V - V - V - V
- e) F - V - F - F



○ 11. (UFRGS)

01 A variação linguística é uma realidade que, embora ra-
02 zoavelmente bem estudada pela sociolinguística, pela dia-
03 letologia e pela linguística histórica, provoca, em geral, rea-
04 ções sociais muito negativas.

05 O senso comum tem escassa percepção de que a língua
06 é um fenômeno heterogêneo, que alberga grande variação
07 e está em mudança contínua. Por isso, costuma folclorizar a
08 variação regional; demoniza a variação social e tende a inter-
09 pretar as mudanças como sinais de deterioração da língua.
10 O senso comum não se dá bem com a variação linguística e
11 chega, muitas vezes, a explosões de ira e a gestos de grande
12 violência simbólica diante de fatos de variação.

13 Boa parte de uma educação de qualidade tem a ver pre-
14 cisamente com o ensino de língua - um ensino que garanta o
15 domínio das práticas socioculturais de leitura, escrita e fala
16 nos espaços públicos. E esse domínio inclui o das variedades
17 linguísticas historicamente identificadas como as mais pró-
18 prias a essas práticas - isto é, as variedades escritas e faladas
19 que devem ser identificadas como constitutivas da chamada
20 norma culta. Isso pressupõe, inclusive, uma ampla discussão
21 sobre o próprio conceito de norma culta e de suas efetivas
22 características no Brasil contemporâneo.

23 Parece claro hoje que o domínio dessas variedades
24 caminha junto com o domínio das respectivas práticas so-
25 cioculturais. Parece claro também, por outro lado, que não
26 se trata apenas de desenvolver uma pedagogia que garanta
27 o domínio das práticas socioculturais e das respectivas va-
28 riedades linguísticas. Considerando o grau de rejeição so-
29 cial das variedades ditas populares, parece que o que nos
30 desafia é a construção de toda uma cultura escolar aber-
31 ta à crítica da discriminação pela língua e preparada para
32 combatê-la, o que pressupõe uma adequada compreensão
33 da heterogeneidade linguística do país, sua história social
34 e suas características atuais. Essa compreensão deve alcan-
35 çar, em primeiro lugar, os próprios educadores e, em segui-
36 da, os educandos.

37 Como fazer isso? Como garantir a disseminação dessa
38 cultura na escola e pela escola, considerando que a sociedade
39 em que essa escola existe não reconhece sua cara linguística
40 e não só discrimina impunemente pela língua, como dá sus-
41 tento explícito a esse tipo de discriminação? Em suma, como
42 construir uma pedagogia da variação linguística?

Assinale a alternativa em que o sujeito das formas verbais tem o mesmo referente.

- a) tem (l. 05), demoniza (l. 08) e tende (l. 08).
- b) tem (l. 05), está (l. 07) e costuma (l. 07).
- c) alberga (l. 06), está (l. 07) e costuma (l. 07).
- d) alberga (l. 06), dá (l. 10) e chega (l. 11).
- e) está (l. 07), dá (l. 10) e chega (l. 11).

○ 12. (UFRGS)

01 A história não tem sido favorável à Polônia e à sua li-
02 teratura. Os duzentos anos durante os quais o país este-
03 ve dividido entre as potências vizinhas - Rússia, Prússia e
04 Áustria - exerceram uma influência de longo alcance sobre
05 sua literatura. Os opressores não apenas tentaram impor
06 seu domínio político, mas erradicar a cultura do povo con-
07 quistado. Um dos principais alvos era a língua: do uso
08 oficial e das cerimônias públicas. A literatura polonesa teve
09 de adotar o difícil papel de guardiã do idioma, ameaçado
10 pela expansão dos opressores e de sua língua. As obras
11 literárias passaram a ser o único santuário onde a língua
12 ameaçada poderia florescer.

13 Consequentemente, o país, que tinha ficado privado de
14 seu exército regular, formou uma divisão de poetas, com a
15 crença profunda de que mais efetivos que unidades
16 militares. A língua era sua única arma contra a opressão
17 do Estado. Acreditava-se que perder a língua nacional sig-
18 nificaria perder a identidade cultural, crença essa jamais
19 questionada.

20 Assim, a poesia polonesa sentiu, desde a época das parti-
21 ções, o terrível peso do dever público. Isso originou uma sé-
22 rie de conflitos dentro da própria literatura. Os poetas, cuja
23 principal tarefa era preservar - por via da língua - o sentido
24 de identidade nacional, tiveram de refrear a voz individual,
25 uma vez que serviam à causa polonesa, supraindividual. Ti-
26 veram de suspender a alegria criativa da picardia e da irres-
27 ponsabilidade, por causa da gravidade de seus objetivos. A
28 poesia estava associada, inextricavelmente, à extrema serie-
29 dade da missão. E, mesmo que obras escritas por poe-
30 tas em momentos descomprometidos da vida, quando des-
31 frutavam dos prazeres terrenos ou se deliciavam com horas
32 de ócio, estes não tinham sido incluídos no cânone literário.
33 Na Polônia, a seriedade do objetivo modelou a ideia popular
34 do que a poesia é e deveria ser.

Adaptado de: JARNIEWICZ, J. Língua contra língua. In: PETERSON, M. (Org.) A literatura soberana: ensaios sobre as literaturas da Europa Centro-Oriental. São Paulo: Humanitas, 2010. p. 191-192.

Assinale com V (verdadeiro) ou F (falso) as afirmações abaixo, referentes a funções sintáticas de palavras e segmentos do texto.

- () O segmento à Polônia (l. 01) exerce função de objeto indireto.
- () O segmento o único santuário (l. 11) exerce a função de predicativo do sujeito.
- () O pronome que (l. 13) desempenha a função de sujeito da oração em que aparece.
- () O pronome se (l. 31) é um índice de indeterminação do sujeito.

A sequência correta de preenchimento dos parênteses, de cima para baixo, é:

- a) F - V - V - F.
- b) F - F - V - V.
- c) V - F - F - V.
- d) V - V - F - F.
- e) V - F - V - F.



○ 13. (UFRGS) Considere as propostas de reescrita para o seguinte trecho.

Em 1948 foi proclamado o Estado de Israel. Meu pai abriu uma garrafa de vinho - o melhor vinho do armazém -, brindamos ao acontecimento. E não saímos de perto do rádio, acompanhando as notícias da guerra no Oriente Médio.

I. Meu pai abriu uma garrafa de vinho e brindamos ao acontecimento - o melhor vinho do armazém. Em 1948 foi proclamado o Estado de Israel e não saímos de perto do rádio, acompanhando as notícias da guerra no Oriente Médio.

II. Em 1948, o melhor vinho do armazém foi aberto por meu pai (uma garrafa), foi proclamado o Estado de Israel, brindamos ao acontecimento e, acompanhando as notícias da guerra no Oriente Médio, não saímos de perto do rádio.

III. Em 1948, quando foi proclamado o Estado de Israel, meu pai abriu uma garrafa de vinho - o melhor vinho do armazém -, brindamos ao acontecimento. E não saímos de perto do rádio, acompanhando as notícias da guerra no Oriente Médio.

Qual(is) está(ão) correta(s) e preserva(m) a significação do trecho original?

- a) Apenas I.
- b) Apenas II.
- c) Apenas III.
- d) Apenas I e III.
- e) I, II e III.

○ 14. (UFRGS) Considere a passagem do texto abaixo transcrita e as sugestões de reescrita que a seguem.

Um postulado pode ser enunciado nos termos de que, se está na imagem, existe; ou, tratando-se de fotografia, se está na foto, existiu e pode ou não ainda existir.

I. Pode-se enunciar um postulado nos seguintes termos: se está na imagem, existe; ou, tratando-se de fotografia, se está na foto, existiu e pode ou não ainda existir.

II. Tratando-se de fotografia, um postulado pode enunciar-se nos seguintes termos: se está numa foto ou numa imagem, existiu e pode ou não existir ainda.

III. Pode ser postulado um enunciado nos seguintes termos: se está na imagem, existe; ou seja, tratando-se de fotos, se está numa fotografia, existiu e não pode ainda existir.

Qual(is) proposta(s) mantém(êm) a correção e o sentido original do trecho?

- a) Apenas I.
- b) Apenas II.
- c) Apenas III.
- d) Apenas I e II.
- e) I, II e III.

○ 15. (UFRGS)

Considere as propostas de reescrita abaixo para o seguinte trecho.

E logo o governo brasileiro recebe os emissários de Ford como costuma receber os americanos de modo geral: de braços abertos.

I. E logo os emissários americanos de Ford são recebidos como costuma o governo brasileiro receber de modo geral: de braços abertos.

II. E logo os emissários de Ford são recebidos pelo governo brasileiro como costumam ser recebidos os americanos de modo geral: de braços abertos.

III. E logo os emissários de Ford são recebidos pelo governo brasileiro como este costuma receber os americanos de modo geral: de braços abertos.

Qual(is) proposta(s) mantém(êm) a correção e o sentido original do trecho?

- a) Apenas I.
- b) Apenas II.
- c) Apenas III.
- d) Apenas I e III.
- e) I, II e III.

○ 16. (UFRGS)

01 Recebi consulta de um amigo que tenta deslindar se-
02 gredos da língua para estrangeiros que querem aprender
03 português. Seu problema: "se digo em uma sala de aula:
04 'Pessoal, leiam o livro X', como explicar a concordância? Cer-
05 tamente, não se diz 'Pessoal, leia o livro X'".

06 Pela pergunta, vê-se que não se trata de fornecer re-
07 gras para corrigir eventuais problemas de padrão. Trata-se
08 de entender um dado que ocorre regularmente, mas que
09 parece oferecer alguma dificuldade de análise.

10 Em primeiro lugar, é óbvio que se trata de um pedido
11 (ou de uma ordem) mais ou menos informal. Caso contrário,
12 não se usaria a expressão "pessoal", mas talvez "Senhores"
13 ou "Senhores alunos".

14 Em segundo lugar, não se trata da tal concordância
15 ideológica, nem de silepse (hipóteses previstas pela gramá-
16 tica para explicar concordâncias mais ou menos excepcio-
17 nais, que se devem menos a fatores sintáticos e mais aos
18 semânticos; exemplos correntes do tipo "A gente fomos" e
19 "o pessoal gostaram" se explicam por esse critério). Como se
20 pode saber que não se trata de concordância ideológica ou
21 de silepse? A resposta é que, nesses casos, o verbo se liga ao
22 sujeito em estrutura sem vocativo, diferentemente do que
23 acontece aqui. E em casos como "Pedro, venha cá", "venha"
24 não se liga a "Pedro", mesmo que pareça que sim, porque
25 Pedro não é o sujeito.

26 Para tentar formular uma hipótese mais clara para o
27 problema apresentado, talvez se deva admitir que o sujeito
28 de um verbo pode estar apagado e, mesmo assim, produzir
29 concordância. O ideal é que se mostre que o fenômeno não
30 ocorre só com ordens ou pedidos, nem só quando há voca-
31 tivo. Vamos por partes: a) é normal, em português, haver
32 orações sem sujeito expresso e, mesmo assim, haver flexão
33 verbal. Exemplos correntes são frases como "chegaram e
34 saíram em seguida", que todos conhecemos das gramáticas;
35 b) sempre que há um vocativo, em princípio, o sujeito pode
36 não aparecer na frase. É o que ocorre em "meninos, saiam



37 daqui"; mas o sujeito pode aparecer, pois não seria estranha
38 a sequência "meninos, vocês se comportem"; c) se forem
39 aceitas as hipóteses a) e b) (diria que são fatos), não seria
40 estranho que a frase "Pessoal, leiam o livro X" pudesse ser
41 tratada como se sua estrutura fosse "Pessoal, vocês leiam o
42 livro x". Se a palavra "vocês" não estivesse apagada, a con-
43 cordância se explicaria normalmente; d) assim, o problema
44 real não é a concordância entre "pessoal" e "leiam", mas a
45 passagem de "pessoal" a "vocês", que não aparece na super-
46 fície da frase.

47 Este caso é apenas um, entre tantos outros, que nos
48 obrigariam a considerar na análise elementos que parecem
49 não estar na frase, mas que atuam como se lá estivessem.

Adaptado de: POSSENTI, Sírio. Malcomportadas línguas. São Paulo: Parábola Editorial, 2009. p. 85-86.

Assinale a alternativa que apresenta uma oração na voz pas-
siva.

- a) mesmo que pareça que sim, [...] (l. 24).
- b) é normal, em português, haver orações sem sujeito expresso [...] (l. 31-32).
- c) Exemplos correntes são frases como "chegaram e saíram em seguida", [...] (l. 33-34).
- d) não seria estranha a sequência "meninos, vocês se comportem"; [...] (l. 37-38).
- e) se forem aceitas as hipóteses a) e b) [...] (l. 38-39).

17. (UFRGS) Assinale a alternativa que apresenta uma oração na voz passiva.

- a) As primeiras lições que recebi de aeronáutica foram-me dadas por um grande visionário: Júlio Verne.
- b) Parei diante dele como que pregado pelo destino.
- c) Contei-lhe a minha admiração de ver funcionar aquele motor.
- d) Diante do motor a petróleo, tinha sentido a possibilidade de tornar reais as fantasias de Júlio Verne.
- e) De volta à casa, chamou-me ao escritório.

18. (UFRGS) Assinale a alternativa que apresenta a correta passagem de segmento do texto da voz ativa para a voz passiva.

- a) como os dois formam uma realidade única - como uma realidade única é formada pelos dois.
- b) trata-se, sempre, da questão de identidade - é tratado, sempre, da questão de identidade.
- c) A pergunta, na sua discreta singeleza, permite descobrir algo muito importante - algo muito importante é perguntado, na sua discreta singeleza.
- d) o Brasil ter sido descoberto por portugueses e não por chineses - portugueses, e não chineses, terem descoberto o Brasil.
- e) nunca lhe propusemos esta questão relacional e reveladora - esta questão relacional e reveladora nunca lhe foi proposta.

19. (UFRGS) Assinale a alternativa que apresenta a correta passagem de segmento do texto da voz ativa para a voz passiva.

- a) Chagas e Silva postava-se de palito à boca - Chagas e Silva era postado de palito à boca
- b) Ele, que tanto marcou a rua - A rua, que tanto foi marcada por ele
- c) Fixou-se na Rua da Praia - Foi fixado na Rua da Praia
- d) Os estudantes tomaram conta dele - Ele foi tomado conta pelos estudantes
- e) Essas casas punham ao alcance dos *gourmets* virtuosíssimos "secos e molhados" - Os *gourmets* eram postos ao alcance de virtuosíssimos "secos e molhados" por essas casas

20. (UFRGS) Assinale a alternativa que apresenta a correta passagem de segmento do texto da voz ativa para a voz passiva.

- a) transformações radicais entraram em curso - transformações radicais foram entradas em curso.
- b) Para evitar que torvelinho similar vitimasse o Reino Unido - Para evitar que o Reino Unido fosse vitimado por torvelinho similar.
- c) toda assistênda aos pobres deveria ser suspensa de imediato e a taxa de natalidade deveria ser severamente controlada - os pobres deveriam suspender de imediato toda assistência e deveriam controlar severamente a taxa de natalidade.
- d) os donos da terra receberiam uma parte cada vez mais significativa da renda nacional - a renda nacional seria recebida por uma parte cada vez mais significativa dos donos da terra.
- e) o valor da terra permaneceu alto por algum tempo - o valor da terra foi permanecido alto por algum tempo.

Instrução: A questão 21 refere-se ao texto abaixo.

01 O que havia de tão revolucionário na Revolução Fran-
02 cesa? Soberania popular, liberdade civil, igualdade perante
03 a lei - as palavras hoje são ditas com tanta facilidade que
04 somos incapazes de imaginar seu caráter explosivo em
05 1789. Para os franceses do Antigo Regime, os homens eram
06 desiguais, e a desigualdade era uma boa coisa, adequada
07 à ordem hierárquica que fora posta na natureza pela pró-
08 pria obra de Deus. A liberdade significava privilégio - isto
09 é, literalmente, "lei privada", uma prerrogativa especial para
10 fazer algo negado a outras pessoas. O rei, como fonte de
11 toda a lei, distribuía privilégios, pois havia sido ungido como
12 o agente de Deus na terra.

13 Durante todo o século XVIII, os filósofos do Iluminismo
14 questionaram esses pressupostos, e os panfletistas profis-
15 sionais conseguiram empanar a aura sagrada da coroa. Con-
16 tudo, a desmontagem do quadro mental do Antigo Regime
17 demandou violência iconoclasta, destruidora do mundo, re-
18 volucionária.

19 Seria ótimo se pudéssemos associar a Revolução exclu-
20 sivamente à Declaração dos Direitos do Homem e do Cida-
21 dão, mas ela nasceu na violência e imprimiu seus princípios
22 em um mundo violento. Os conquistadores da Bastilha não
23 se limitaram a destruir um símbolo do despotismo real. En-
24 tre eles, 150 foram mortos ou feridos no assalto à prisão
25 e, quando os sobreviventes apanharam o diretor, cortaram
26 sua cabeça e desfilaram-na por Paris na ponta de uma lança.

27 Como podemos captar esses momentos de loucura,
28 quando tudo parecia possível, e o mundo se afigurava como



29 uma tábua rasa, apagada por uma onda de comoção po-
30 pular e pronta para ser redesenhada? Parece incrível que
31 um povo inteiro fosse capaz de se levantar e transformar as
32 condições da vida cotidiana. Duzentos anos de experiências
33 com admiráveis mundos novos tornaram-nos céticos quan-
34 to ao planejamento social. Retrospectivamente, a Revolução
35 pode parecer um prelúdio ao totalitarismo.

36 Pode ser. Mas um excesso de visão histórica retrospec-
37 tiva pode distorcer o panorama de 1789. Os revolucionários
38 franceses não eram nossos contemporâneos. E eram um
39 conjunto de pessoas não excepcionais em circunstâncias
40 excepcionais. Quando as coisas se desintegraram, eles rea-
41 giram a uma necessidade imperiosa de dar-lhes sentido, or-
42 denando a sociedade segundo novos princípios. Esses prin-
43 cípios ainda permanecem como uma denúncia da tirania e
44 da injustiça. Afinal, em que estava empenhada a Revolução
45 Francesa? Liberdade, igualdade, fraternidade.

Adaptado de: DARNTON, Robert. *O beijo de Lamourette*. In: _____.
O beijo de Lamourette: mídia, cultura e revolução. São Paulo: Cia. das Letras, 2010. p. 30-39.

○ 21. (UFRGS) Assinale a alternativa que contém a correta pas-
sagem de um segmento que ocorre em voz passiva no texto para
a voz ativa.

- a) dizemos as palavras hoje com tanta facilidade... (l. 03)
- b) que a própria obra de Deus pusera na natureza. (l. 07-08)
- c) pois o agente de Deus na terra o ungira. (l. 11-12)
- d) Entre eles, 150 feriram-se ou mataram-se no assalto à prisão... (l. 23-24)
- e) Afinal, em que se empenhou a Revolução Francesa? (l. 44-45)

Instrução: A questão 22 está relacionada ao texto abaixo.

01 Uma noite, há anos, acordei bruscamente e uma estra-
02 nha pergunta explodiu de minha boca. De que cor eram os
03 olhos de minha mãe? Atordoada, custei reconhecer o quar-
04 to da nova casa em que estava morando e não conseguia
05 me lembrar como havia chegado até ali. E a insistente per-
06 gunta, martelando, martelando... De que cor eram os olhos
07 de minha mãe? Aquela indagação havia surgido há dias, há
08 meses, posso dizer. Entre um afazer e outro, eu me pegava
09 pensando de que cor seriam os olhos de minha mãe. E o que
10 a princípio tinha sido um mero pensamento interrogativo,
11 naquela noite se transformou em uma dolorosa pergunta
12 carregada de um tom acusatório. Então, eu não sabia de que
13 cor eram os olhos de minha mãe?

14 Sendo primeira de sete filhas, desde cedo, busquei
15 dar conta de minhas próprias dificuldades, cresci rápido,
16 passando por uma breve adolescência. Sempre ao lado de
17 minha mãe aprendi conhecê-la. Decifrava o seu silêncio
18 nas horas de dificuldades, como também sabia reconhecer
19 em seus gestos, prenúncios de possíveis alegrias. Naquele
20 momento, entretanto, me descobria cheia de culpa, por não
21 recordar de que cor seriam os seus olhos. Eu achava tudo
22 muito estranho, pois me lembrava nitidamente de vários
23 detalhes do corpo dela. Da unha encravada do dedo min-
24 dinho do pé esquerdo... Da verruga que se perdia no meio
25 da cabeleira crespa e bela... Um dia, brincando de pentear
26 boneca, alegria que a mãe nos dava quando, deixando por
27 uns momentos o lava-lava, o passa-passa das roupagens
28 alheias, se tornava uma grande boneca negra para as filhas,
29 descobrimos uma bolinha escondida bem no couro cabelu-
30 do dela. Pensamos que fosse carrapato. A mãe cochilava e
31 uma de minhas irmãs aflita, querendo livrar a boneca-mãe
32 daquele padecer, puxou rápido o bichinho. A mãe e nós ri-

33 mos e rimos e rimos de nosso engano. A mãe riu tanto das
34 lágrimas escorrerem. Mas, de que cor eram os olhos dela?

35 Eu me lembrava também de algumas histórias da infân-
36 cia de minha mãe. Ela havia nascido em um lugar perdido
37 no interior de

38 Minas. Ali, as crianças andavam nuas até bem grandí-
39 nhas. As meninas, assim que os seios começavam a brotar,
40 ganhavam roupas antes dos meninos. vezes, as histó-
41 rias da infância de minha mãe confundiam-se com de
42 minha própria infância. Lembro-me de que muitas vezes,
43 quando a mãe cozinhava, da panela subia cheiro algum. Era
44 como se cozinhasse, ali, apenas o nosso desesperado dese-
45 jo de alimento. E era justamente nos dias de parco ou ne-
46 nhum alimento que ela mais brincava com as filhas. Nessas
47 ocasiões a brincadeira preferida era aquela em que a mãe
48 era a Senhora, a Rainha. Ela se assentava em seu trono, um
49 pequeno banquinho de madeira. Felizes colhíamos flores
50 cultivadas em um pequeno pedaço de terra que circundava
51 o nosso barraco. Aquelas flores eram depois solenemente
52 distribuídas por seus cabelos, braços e colo. E diante dela
53 fazíamos reverências à Senhora. Postávamos deitadas no
54 chão e batíamos cabeça para a Rainha. Nós, princesas, em
55 volta dela, cantávamos, dançávamos, sorriamos. A mãe só
56 ria, de uma maneira triste e com um sorriso molhado... Mas
57 de que cor eram os olhos de minha mãe? Eu sabia, desde
58 aquela época, que a mãe inventava esse e outros jogos para
59 distrair a nossa fome. E a nossa fome se distraía.

60 De vez em quando, no final da tarde, antes que a noi-
61 te tomasse conta do tempo, ela se assentava na soleira da
62 porta e juntas ficávamos contemplando as artes das nuvens
63 no céu. Umas viravam carneirinhos; outras, cachorrinhos;
64 algumas, gigantes adormecidos, e havia aquelas que eram
65 só nuvens, algodão doce. Tudo tinha de ser muito rápido,
66 antes que a nuvem derretesse e com ela também se esva-
67 ecessem os nossos sonhos. Mas, de que cor eram os olhos
68 de minha mãe?

Adaptado de: EVARISTO, C. *Olhos d'água*. Rio de Janeiro: Pallas, 2016

○ 22. (UFRGS 2024) Assinale com V (verdadeiro) ou F (falso) as
afirmações a seguir.

- () A expressão **de alimento** (l. 45) desempenha a função sintática de complemento nominal.
- () A expressão **por seus cabelos, braços e colo** (l. 52) desempenha a função sintática de agente da passiva.
- () A expressão **os nossos sonhos** (l. 67) desempenha a função sintática de objeto direto.

A sequência correta de preenchimento dos parênteses, de cima para baixo, é

- a) F - F - V.
- b) V - F - V.
- c) V - F - F.
- d) V - V - F.
- e) F - V - V.



○ 23. (UFRGS 2022)

01 Esse delírio que por aí vai pelo futebol seus funda-
02 mentos na própria natureza humana. O espetáculo da luta
03 sempre foi o maior encanto do homem; e o prazer da vitória,
04 pessoal ou do partido, foi, é e será a ambrosia dos deuses
05 manipulada na Terra. Admiramos hoje os grandes filósofos
06 gregos, Platão, Sócrates, Aristóteles; seus coevos, porém,
07 admiravam muito mais os atletas que venciam no estádio.
08 Milon de Crotona, campeão na arte de torcer pescoços de
09 touros, só para nós tem menos importância que seu mestre
10 Pitágoras. Para os gregos, para a massa popular grega, se-
11 ria inconcebível a ideia de que o filósofo pudesse no futuro
12 ofuscar a glória do lutador.

13 Na França, o homem hoje mais popular é George Carpen-
14 tier, mestre em socos de primeira classe; e, se derem nas mas-
15 sas um balanço sincero, verão que ele sobrepua em prestígio
16 aos próprios chefes supremos vencedores da guerra.

17 Nos Estados Unidos, há sempre um campeão de boxe
18 tão entranhado na idolatria do povo que está em suas mãos
19 subverter o regime político.

20 E os delírios coletivos provocados pelo combate de dois
21 campeões em campo? Impossível assistir-se a espetáculo
22 mais revelador da alma humana que os jogos de futebol.

23 Não é mais esporte, é guerra. Não se batem duas equi-
24 pes, mas dois povos, duas nações. Durante o tempo da luta,
25 de quarenta a cinquenta mil pessoas deliram em transe, es-
26 táticas, na ponta dos pés, coração aos pulos e nervos tensos
27 como cordas de viola. Conforme corre o jogo, pausas
28 de silêncio absoluto na multidão suspensa, ou deflagrações
29 violentíssimas de entusiasmo, que só a palavra delírio clas-
30 sífica. E gente pacífica, bondosa, incapaz de sentimentos
31 exaltados, sai fora de si, torna-se capaz de cometer os mais
32 horrorosos desatinos.

33 A luta de vinte e duas feras no campo transforma em
34 feras os cinquenta mil espectadores, possibilitando um en-
35 fraquecimento mútuo, num conflito horrendo, caso um inci-
36 dente qualquer funda em corisco, eletricidades psíqui-
37 cas acumuladas em cada indivíduo.

38 O jogo de futebol teve a honra de despertar o nosso
39 povo do marasmo de nervos em que vivia.

Adaptado de LOBATO, Monteiro. A onda verde. São Paulo: Globo, 2008. p. 119-120.

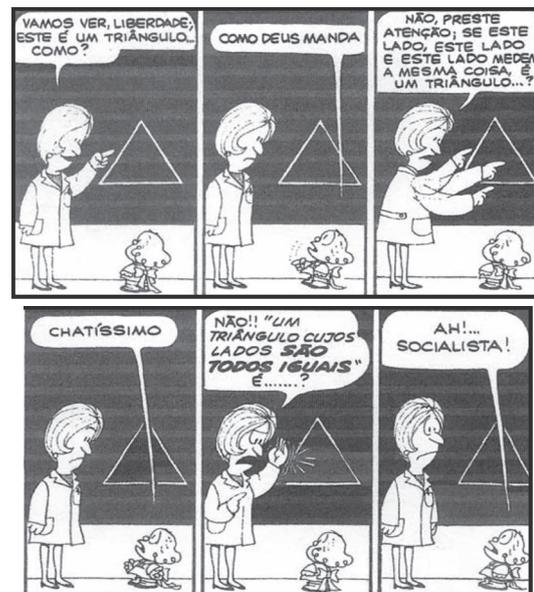
Assinale com V (verdadeiro) ou F (falso) as afirmações a se-
guir.

- () A expressão **menos importância** (l. 09) desempenha a função sintática de objeto direto.
- () A expressão **a ideia** (l. 11) desempenha a função sintática de objeto direto.
- () A expressão **duas equipes** (l. 23-24) desempenha a função sintática de objeto direto.
- () A expressão **os cinquenta mil espectadores** (l. 34) desempenha a função sintática de objeto direto.

A sequência correta de preenchimento dos parênteses, de cima para baixo, é:

- a) V - F - F - V.
- b) V - F - V - F.
- c) F - V - V - V.
- d) V - V - V - F.
- e) F - V - F - V.

○ 24. (UFSM)



Liberdade - Quino.

Na difícil interação das personagens em busca da identificação de um triângulo, o vocativo e o aposto constituem, respectivamente, conjuntos

- a) unitário - vazio.
- b) vazio - unitário.
- c) unitário - binário.
- d) binário - unitário.
- e) vazio - vazio.

Instrução: Leia a tira abaixo para responder às questões 25, 26 e 27.



WATTERSON, B. O mundo é mágico: as aventuras de Calvin & Haroldo. São Paulo: Conrad, 2007. p. 116.

○ 25. (UFSM) Nas intervenções da menina, NÃO foi possível encontrar o emprego

- a) do vocativo.
- b) da simplificação de formas verbais.
- c) da comparação.
- d) dos tartamentos "tu" e "você".
- e) de circunstâncias de lugar,



○ 26. (UFSM) O padrão frasal de “Estive visualizando o processo de conceituação” corresponde ao mesmo padrão encontrado em

- a) As crianças estavam discutindo a coleta de folhas.
- b) Susie ainda estava precisando de algumas folhas.
- c) Calvin estava considerando o trabalho chato e idiota.
- d) Estive comparando o trabalho da escola com os conceitos.
- e) Calvin estava preocupado com a conceitualização do processo.

○ 27. (UFSM)

“Se a vida te dá um limão, faça dele uma limonada.”

“Eu digo que, se a vida te dá um limão, jogue de volta na hora e ainda atire mais alguns por sua conta!”

Assinale a alternativa que está de acordo com a organização do ditado e de sua variação.

- a) Ao dar ênfase ao pronome “Eu”, Calvin manteve o ditado popular em forma de discurso direto.
- b) Tendo o pronome oblíquo em vista, a norma culta exigiria todas as formas verbais terminadas em “a” - *faça, joga e atira*.
- c) O ditado popular é iniciado por uma oração que exprime hipótese.
- d) O verbo *dar* apresenta apenas um termo que lhe complementa o sentido - “um limão”.
- e) Na versão de Susie, a expressão “um limão” é retomada por “dele”. Na versão de Calvin, por “de volta”.

○ 28. (UFSM) O padrão frasal de *Os dois ratinhos fugiram apavorados* repete-se em:

- a) Os dois ratinhos correram assustados.
- b) Os dois ratinhos fugiram apavoradamente.
- c) Os dois ratinhos estavam horrorizados.
- d) Os dois ratinhos ficaram inseguros.
- e) Os dois ratinhos escaparam apressadamente.

○ 29. (UFSM) O padrão frasal de “Superstição virou sinônimo de ignorância” também é encontrado em

- a) O supersticioso consultou sua astróloga de confiança.
- b) As árvores serviam de moradia dos deuses.
- c) Tudo depende do ponto de vista.
- d) A roupa branca é influência das tribos africanas.
- e) O branco tem o significado de paz e purificação.

○ 30. (UFSM)



Calvin - Watterson.

Identifique a frase que tem o mesmo padrão de “Eu sempre acho as pegadinhas nesse tipo de questão”.

- a) Você talvez encontre o Sr. Jones às 5h30min.
- b) As pegadinhas sempre são identificadas nesse tipo de questão.
- c) O Sr. Jones nunca viaja a 60 km por hora.
- d) Calvin ficou satisfeito com a identificação da pegadinha.
- e) Eu nunca respondo aos problemas de maneira adequada.

○ 31. (UFSM) Na sequência *Surgiram os geeks, um novo tipo de nerd, mais descolado*, inicia-se a oração com o verbo, o que denota

- a) o deslocamento do sujeito.
- b) a indeterminação do sujeito.
- c) uma estratégia para destacar o objeto direto e o aposto.
- d) o emprego de uma oração sem sujeito.
- e) o uso de uma estrutura com predicado verbo-nominal.

○ 32. (UFSM) Observe a disposição dos termos nas seguintes construções:

- I. Para o turista, pouco importa o caminho.
- II. Nosso tempo é uma sequência de pequenas urgências.
- III. Na bagagem do turista - grande e espaçosa -, encontraríamos apenas as receitas, a tecnologia.

Dispor os termos na oração, alterando a ordem direta, é um recurso expressivo que foi explorado

- a) apenas em I.
- b) apenas em I e III.
- c) apenas em II.
- d) apenas em II e III.
- e) em I, II e III.



Instrução: Para responder à questão 33, considere o texto a seguir.

Os hormônios da felicidade: como desencadear efeitos da endorfina, oxitocina, dopamina e serotonina

01 *Ao longo dos séculos, artistas e pensadores se dedicaram a*
02 *definir e representar a realidade. Nas últimas décadas, porém,*
03 *grupos menos românticos se juntaram a essa difícil tarefa: en-*
04 *docrinologistas e neurocientistas.*

05 O objetivo é estudar a felicidade como um processo bio-
06 lógico para encontrar o que desencadeia esse sentimento
07 sob o ponto de vista físico. Ou seja, eles não se importam
08 se as pessoas são mais felizes por amor ou dinheiro, mas
09 o que acontece no corpo quando a alegria definitivamente
10 dispara, e como “forçar” esse sentimento.

11 Nesse sentido, há quatro substâncias químicas naturais
12 em nossos corpos geralmente definidas como o “quarteto
13 da felicidade”: endorfina, serotonina, dopamina e oxitocina.

14 A pesquisadora Loreta Breuning, autora do livro *Habits*
15 *of a happy brain* (“Hábitos de um cérebro feliz”, em tradução
16 livre), explica que “quando o seu cérebro emite uma dessas
17 químicas, você se sente bem. Seria bom que surgissem o
18 tempo todo, mas não funcionam assim”, diz a professora da
19 Universidade Estadual da Califórnia (EUA). “Cada substância
20 da felicidade tem um trabalho especial para fazer e se apaga
21 assim que o trabalho é feito”.

Fonte: OS HORMÔNIOS... 2017. Disponível em: <<https://bbc.com/portuguese/geral-39299792>>. Acesso em: 15 maio 2023. (Adaptado)

○ **33. (UFSM 2023)** O escritor de “Os hormônios da felicidade: como desencadear efeitos da endorfina, oxitocina, dopamina e serotonina” fez algumas escolhas importantes para textualizar a reportagem.

Sobre essas escolhas, assinale V (verdadeiro) ou F (falso) em cada uma das afirmativas a seguir.

() Em “O objetivo é estudar a felicidade como um processo biológico” (l. 05-06), a forma infinitiva “estudar” omite o sujeito da primeira oração.

() A expressão “Ou seja” (l. 07) contribui para que o autor elabore com mais clareza a sentença anterior.

() A oração “e como ‘forçar’ esse sentimento” (l. 10) constitui o segundo fator de interesse dos cientistas.

() Em “Seria bom que surgissem o tempo todo, mas não funcionam assim” (l. 17-18), há uma avaliação da pesquisadora, que logo é refutada por ela mesma.

A sequência correta é

- a) F – V – V – V.
- b) F – V – V – F.
- c) V – F – F – V.
- d) V – V – V – F.
- e) V – F – F – F.

Instrução: Para responder à questão 34, leia os textos 1, 2 e 3 a seguir, que reproduzem as etapas iniciais de textos jornalísticos distintos sobre o mesmo evento.

TEXTO 1

REVISTA GALILEU
REVISTA DIGITAL | NOTÍCIAS | MEIO AMBIENTE | CULTURA | SAÚDE | UM SÓ PLANETA

CULTURA

Ilustrador cria nova versão de "O Rei Leão" com espécies da Amazônia

Vilmar Rossi Junior, de Santa Maria (RS), pesquisou bastante e criou a versão brasileira de cada personagem do clássico da Disney

REDAÇÃO GALILEU
24 AGO 2019 - 11H59 | ATUALIZADO EM 24 AGO 2019 - 14H15

Cena do clássico O Rei Leão ilustrada por Vilmar Rossi Junior (Foto: Vilmar Rossi Junior / Facebook)

Fonte: REVISTA GALILEU. Publicado em: 24 ago. 2019. Disponível em: <<https://revista-galileu.globo.com/Cultura/noticia/2019/08/ilustrador-cria-nova-versao-de-o-rei-leao-com-especies-da-amazonia.html>>. Acesso em: 16 dez. 2023.

TEXTO 2

São Paulo | CULTURA | CIDADES | COMER & BEBER | COLUNISTAS

Cidades

Designer adapta 'O Rei Leão' na Amazônia em protesto contra queimadas

Vilmar Rossi Junior viralizou na internet ao resolver usar espécies de animais da floresta em cenas famosas do clássico da Disney

Por Ricardo Chapola
23 ago 2019, 17h45

Vilmar Rossi Junior se inspirou em cenas marcantes de Rei Leão (Reprodução Veja/SP)

Fonte: CHAPOLA, R. Publicado em: 23 ago. 2019. Veja. Disponível em: <<https://vejasp.abril.com.br/cidades/queimadasamazonia-o-rei-leaos/>>. Acesso em: 16 out. 2023.



TEXTO 3



Fonte: SÃO PAULO PARA CRIANÇAS. Atualizado em: 22 jul. 2020.
Disponível em: <<https://saopauloparacrianças.com.br/rei-leao-naamazonia-releitura-disney-vilmar-rossi-junior/>>. Acesso em: 16 dez. 2023.

○ 34. (UFSM 2024) Com base nos textos 1, 2 e 3, assinale V (3) ou F (falso) em cada afirmativa a seguir.

() Nos textos 1 e 2, as manchetes se assemelham pelo destaque dado à agentividade do processo de releitura de O Rei Leão, mas diferem entre si pela apresentação do propósito da ação, este revelado apenas pelo texto 2.

() O texto 3 enfoca o processo de criação de ilustrações que ressignificam a conhecida animação O Rei Leão e coloca a agentividade em segundo plano, o que é indicado pelo posicionamento da imagem no topo da página, antecedendo a manchete.

() No texto 1, a legenda da imagem indica a fonte primária da ilustração de Vilmar Rossi Junior.

() Em cada um dos três textos, a imagem poderia ser suprimida sem prejuízo das informações veiculadas.

A sequência correta é

- a) V - F - V - V.
- b) F - F - F - V.
- c) V - F - F - V.
- d) F - V - F - F.
- e) V - V - V - F.

Instrução: Para responder à questão 35, leia o texto a seguir.

COMO ENXERGAMOS O MUNDO?



Fonte: SOCIOLOGIA ILUSTRADA. Publicado em: 04 maio 2023. Disponível em: <<https://facebook.com/photo.php?fbid=698043275659444&id=100063613330351&set=a.131127662351011>>. Acesso em: 27 dez. 2023. (Adaptado)

○ 35. (UFSM 2024) Assinale a alternativa em que a reescrita da oração extraída do texto NÃO está de acordo com a norma-padrão.

- a) "para enxergar o mundo" (quadrinho 1) → para que se enxergue o mundo
- b) "uns óculos que usamos" (quadrinho 1) → uns óculos que se usa
- c) "ele (esse olhar) é construído historicamente por um grupo social" (quadrinho 3) → constrói-se historicamente esse olhar
- d) "precisamos retirar os preconceitos" (quadrinho 4) → precisamos que se retirem os preconceitos
- e) "precisamos reconhecer a diversidade de olhares" (quadrinho 4) → precisamos que se reconheça a diversidade de olhares



36. (UFSM 2023)

World Happiness Report 2023



Fonte: Shaurya Sagar/Unplash. Disponível em: <https://unsplash.com/pt-br/fotografias/A4wa3SpyOsg>. Acesso em: 15 maio 2023. (Adaptado)

01 Seguindo a tradição, a ONU divulgou a edição de 2023
02 do Relatório Mundial da Felicidade (WHR) no dia 20 de mar-
03 ço, data em que se celebra o Dia Mundial da Felicidade. Mes-
04 mo que haja diferentes visões sobre o que é felicidade, nos
05 últimos 10 anos, mais e mais pessoas passaram a acreditar
06 que o sucesso de um país deveria ser avaliado pela felicida-
07 de de seu povo.

08 Parece evidente que um país prospera se sua população
09 experimenta níveis elevados de satisfação geral por meio de
10 uma vida saudável, significativa e igualmente próspera. Não
11 é, portanto, nenhuma surpresa que países com melhores
12 índices de desenvolvimento figurem entre os primeiros no
13 ranking do WHR 2023.

14 E, como tem ocorrido nos últimos 6 anos, a Finlândia é
15 o país que apresenta a maior média nos níveis de felicida-
16 de de sua população. A Dinamarca e a Islândia seguem logo
17 atrás, em 2º e 3º lugar. Holanda, Suécia, Noruega e Nova Ze-
18 lândia também figuram entre os 10 países mais felizes (ver
19 o Quadro a seguir).

	2020		2021		2022		2023	
	Posição	Pontos	Posição	Pontos	Posição	Pontos	Posição	Pontos
Finlândia	1º	7809	1º	7842	1º	7821	1º	7.804
Dinamarca	2º	7646	2º	7620	2º	7636	2º	7.586
Islândia	4º	7504	4º	7554	3º	7557	3º	7.530
Israel	14º	7129	12º	7157	9º	7364	4º	7.473
Holanda	6º	7449	5º	7464	5º	7415	5º	7.403
Suécia	7º	7353	7º	7363	7º	7384	7º	7.395
Noruega	5º	7488	6º	7392	8º	7365	8º	7.315
Suíça	3º	7560	3º	7571	4º	7512	4º	7.240
Luxemburgo	10º	7238	8º	7324	6º	7404	6º	7.228
Nova Zelândia	8º	7300	9º	7277	10º	7200	10º	7.123
BRASIL	32º	6376	35º	6330	38º	6293	49º	6125

Fonte: World Happiness Report, 2023.

20 Na edição de 2023 do WHR, o Brasil figura na 49ª posi-
21 ção, tendo recuado 11 posições em relação ao ranking de
22 2022. O que mais preocupa, no entanto, é a queda gradual
23 dos níveis de felicidade dos brasileiros, desde que a pande-
24 mia teve início.

25 Se o assunto é felicidade, quando avaliamos um país,
26 uma sociedade ou uma nação, não podemos considerar
27 apenas a felicidade média ou a alegria de seu povo. Outros
28 fatores, que afetam diretamente a satisfação geral com a
29 vida, têm que ser analisados, como o acesso à saúde, a taxa
30 de alfabetização e a geração de renda, por exemplo. Temos
31 que olhar, de modo especial, para o índice de miséria, pois
32 ele está diretamente relacionado com a baixa satisfação
33 com a vida.

34 Esses fatores têm sido considerados em cada edição do
35 WHR, mas o Brasil não tem apresentado um bom desem-
36 penho em nenhum deles. Se compararmos, por exemplo,
37 o Índice de Desenvolvimento Humano (IDH) dos três países
38 mais felizes da edição do WHR 2023 com os do Brasil, vere-
39 mos que a diferença é enorme.

40 A edição 2023 do WHR aponta ainda outros fatores,
41 além de renda e saúde, que influenciam nas avaliações de
42 vida em um país. Dentre eles, podemos citar: ter alguém
43 com quem contar, ter liberdade para tomar as decisões im-
44 portantes na vida, demonstrar generosidade e não haver
45 corrupção.

46 O WHR é construído com base na mensuração da feli-
47 cidade de um país, perguntando-se a uma amostra nacio-
48 nalmente representativa de pessoas se elas estão satisfeitas
49 com suas vidas atualmente. Assim, é de se esperar que as
50 respostas sejam influenciadas por aspectos como inflação,
51 taxa de juros, desemprego, endividamento, segurança ali-
52 mentar e acesso à saúde e educação. Ou seja, a felicidade de
53 um país é diretamente impactada pelos níveis de bem-estar
54 objetivo das pessoas.

Fonte: WORLD HAPPINESS REPORT 2023, 2023. Disponível em: <https://pausaprafelicidade.com/2023/03/24/world-happines-report-2023>. Acesso em: 27 maio 2023. (Adaptado)

A respeito do grau de comprometimento do escritor em pas-
sagens do texto, é correto afirmar que

- a) “deveria ser avaliado” (l. 06) indica uma obrigação de alto grau.
- b) “Parece evidente” (l. 08) indica uma probabilidade de alto grau.
- c) “não podemos considerar” (l. 26) indica permissão.
- d) “têm que ser analisados” (l. 29) equivale a “é preciso analisar”.
- e) “temos que olhar” (l. 30-31) equivale a “é necessário olhar”.



HABILIDADES À PROVA 2

» Pontuação

○ 1. (ENEM)

L.J.C.

- 5 tiros?
- É.
- Brincando de pegador?
- É. O PM pensou que...
- Hoje?
- Cedinho.

COELHO, M. In: FREIRE, M. (Org.). Os cem menores contos brasileiros do século. São Paulo: Ateliê Editorial, 2004.

Os sinais de pontuação são elementos com importantes funções para a progressão temática. Nesse miniconto, as reticências foram utilizadas para indicar:

- a) uma fala hesitante.
- b) uma informação implícita.
- c) uma situação incoerente.
- d) a eliminação de uma ideia.
- e) a interrupção de uma ação.

○ 2. (ENEM)

As doze cores do vermelho

Você volta para casa depois de ter ido jantar com sua amiga dos olhos verdes. Verdes. Às vezes quando você sai do escritório você quer se distrair um pouco. Você não suporta mais tem seu trabalho de desenhista. Cópia plantas régua milímetros nanquim compasso 360° de cercado cerco. Antes de dormir você quer estudar para a prova de história da arte mas sua menina menor tem febre e chama você. A mão dela na sua mão é um peixe sem sol em irradiações noturnas. Quentes ondas. Seu marido se aproxima os pés calçados de meias nos chinelos folgados. Ele olha as horas nos dois relógios de pulso. Ele acusa você de ter ficado fora de casa o dia todo até tarde da noite enquanto a menina ardia em febre. Ponto e ponta. Dor perfume crescente...

CUNHA, H. P. As doze cores do vermelho. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 2009.

A literatura brasileira contemporânea tem abordado, sob diferentes perspectivas, questões relacionadas ao universo feminino. No fragmento, entre os recursos expressivos utilizados na construção da narrativa, destaca-se a:

- a) repetição de "você", que se refere ao interlocutor da personagem.
- b) ausência de vírgulas, que marca o discurso irritado da personagem.
- c) descrição minuciosa do espaço do trabalho, que se opõe ao da casa.
- d) autoironia, que ameniza o sentimento de opressão da personagem.
- e) ausência de metáforas, que é responsável pela objetividade do texto.

○ 3. (ENEM) Quem procura a essência de um conto no espaço que fica entre a obra e seu autor comete um erro: é muito melhor procurar não no terreno que fica entre o escritor e sua obra, mas justamente no terreno que fica entre o texto e seu leitor.

OZ, A. De amor e trevas. São Paulo: Cia. das Letras, 2005 (fragmento).

A progressão temática de um texto pode ser estruturada por meio de diferentes recursos coesivos, entre os quais se destaca a pontuação. Nesse texto, o emprego dos dois pontos caracteriza uma operação textual realizada com a finalidade de:

- a) comparar elementos opostos.
- b) relacionar informações gradativas.
- c) intensificar um problema conceitual.
- d) introduzir um argumento esclarecedor.
- e) assinalar uma consequência hipotética.

○ 4. (ENEM)

Física com a boca

Por que nossa voz fica tremida ao falar na frente do ventilador?

Além de ventinho, o ventilador gera ondas sonoras. Quando você não tem mais o que fazer e fica falando na frente dele, as ondas da voz se propagam na direção contrária às do ventilador. Davi Akkerman – presidente da Associação Brasileira para a Qualidade Acústica – diz que isso causa o *mismatch*, nome bacana para o desencontro entre as ondas. "O vento também contribui para a distorção da voz, pelo fato de ser uma vibração que influencia no som", diz. Assim, o ruído do ventilador e a influência do vento na propagação das ondas contribuem para distorcer sua bela voz.

Disponível em: <http://super.abril.com.br>. Acesso em: 30 jul. 2012 (adaptado).

Sinais de pontuação são símbolos gráficos usados para organizar a escrita e ajudar na compreensão da mensagem. No texto, o sentido não é alterado em caso de substituição dos travessões por:

- a) aspas, para colocar em destaque a informação seguinte.
- b) vírgulas, para acrescentar uma caracterização de Davi Akkerman.
- c) reticências, para deixar subentendida a formação do especialista.
- d) dois-pontos, para acrescentar uma informação introduzida anteriormente.
- e) ponto e vírgula, para enumerar informações fundamentais para o desenvolvimento temático.



5. (ENEM 2020)

Muito do que gastamos (e nos desgastamos) nesse consumo feroz podia ser negociado com a gente mesmo: uma hora de alegria em troca daquele sapato. Uma tarde de amor em troca da prestação do carro do ano; um fim de semana em família em lugar daquele trabalho extra que está me matando e ainda por cima detesto.

Não sei se sou otimista demais, ou fora da realidade. Mas, à medida que fui gostando mais do meu jeans, camiseta e mocassins, me agitando menos, querendo ter menos, fui ficando mais tranquila e mais divertida. Sapato e roupa simbolizam bem mais do que isso que são: representam uma escolha de vida, uma postura interior.

Nunca fui modelo de nada, graças a Deus. Mas amadurecer me obrigou a fazer muita faxina nos armários da alma e na bolsa também. Resistir a certas tentações é burrice; mas fugir de outras pode ser crescimento, e muito mais alegria.

LUFT, L. Pensar é transgredir. Rio de Janeiro: Record, 2011.

Nesse texto, há duas ocorrências de dois-pontos. Na primeira, eles anunciam uma enumeração das negociações que podemos fazer conosco. Na segunda, eles introduzem uma:

- opinião sobre o uso de jeans, camiseta e mocassins.
- explicação sobre a simbologia de sapatos e roupas.
- conclusão acerca da oposição entre otimismo e realidade.
- comparação entre ostentação e conforto em termos de vestuário.
- retomada da ideia de negociação discutida no primeiro parágrafo.

6. (ENEM 2020)

O ouro do século 21

Cério, gadolínio, lutécio, promécio e érbio; sumário, térbio e disprósio; hólmio, túlio e itérbio. Essa lista de nomes esquisitos e pouco conhecidos pode parecer a escalação de um time de futebol, que ainda teria no banco de reservas lantânio, neodímio, praseodímio, európio, escândio e ítrio. Mas esses 17 metais, chamados de terras-raras, fazem parte da vida de quase todos os humanos do planeta. Chamados por muitos de “ouro do século 21”, “elementos do futuro” ou “vitaminas da indústria”, eles estão nos materiais usados na fabricação de lâmpadas, telas de computadores, tablets e celulares, motores de carros elétricos, baterias e até turbinas eólicas. Apesar de tantas aplicações, o Brasil, dono da segunda maior reserva do mundo desses metais, parou de extraí-los e usá-los em 2002. Agora, volta a pensar em retomar sua exploração.

SILVEIRA, E. Disponível em: www.revistaplaneta.com.br. Acesso em: 6 dez. 2017 (adaptado).

As aspas sinalizam expressões metafóricas empregadas intencionalmente pelo autor do texto para:

- imprimir um tom irônico à reportagem.
- incorporar citações de especialistas à reportagem.
- atribuir maior valor aos metais, objeto da reportagem.
- esclarecer termos científicos empregados na reportagem.
- marcar a apropriação de termos de outra ciência pela reportagem.



7. (ENEM)

O homem disse, Está a chover, e depois, Quem é você, Não sou daqui, Anda à procura de comida, Sim, há quatro dias que não comemos, E como sabe que são quatro dias, É um cálculo, Está sozinha, Estou com o meu marido e uns companheiros, Quantos são, Ao todo, sete, Se estão a pensar em ficar conosco, tirem daí o sentido, já somos muitos, Só estamos de passagem, Onde vêm, Estivemos internados desde que a cegueira começou, Ah, sim, a quarentena, não serviu de nada, Por que diz isso, Deixaram-nos sair, Houve um incêndio e nesse momento percebemos que os soldados que nos vigiavam tinham desaparecido, E saíram, Sim, Os vossos soldados devem ter sido dos últimos a cegar, toda a gente está cega, Toda a gente, a cidade toda, o país,

SARAMAGO, J. Ensaio sobre a cegueira. São Paulo: Cia. das Letras, 1995.

A cena retrata as experiências das personagens em um país atingido por uma epidemia. No diálogo, a violação de determinadas regras de pontuação:

- revela uma incompatibilidade entre o sistema de pontuação convencional e a produção do gênero romance.
- provoca uma leitura equivocada das frases interrogativas e prejudica a verossimilhança.
- singulariza o estilo do autor e auxilia na representação do ambiente caótico.
- representa uma exceção às regras do sistema de pontuação canônica.
- colabora para a construção da identidade do narrador pouco escolarizado.

8. (ENEM)

Alegria, alegria

Que maravilhoso país o nosso, onde se pode contratar quarenta músicos para tocar um unísono. (Mile Davis, durante uma gravação)

antes havia orlando silva & flauta, e até mesmo no meio do meio-dia. antes havia os prados e os bosques na gravura dos meus olhos. antes de ontem o céu estava muito azul e eu & ela passamos por baixo desse céu. ao mesmo tempo, com medo dos cachorros e sem muita pressa de chegar do lado de lá.

do lado de cá não resta quase ninguém. apenas os sapatos polidos refletem os automóveis que, por sua vez, polidos, refletem os sapatos...

VELOSO, C. Seleção de textos. São Paulo: Abril Educação, 1981.

Quanto ao seu aspecto formal, a escrita do texto de Caetano Veloso apresenta um(a):

- escolha lexical permeada por estrangeirismos e neologismos.
- regra típica da escrita contemporânea comum em textos da internet.
- padrão inusitado, com um registro próprio, decorrente da criação poética.
- nova sintaxe, identificada por uma reorganização da articulação entre as frases.
- emprego inadequado da norma-padrão, gerador de incompreensão comunicativa.



○ 9. (ENEM) eu gostava muito de passeá... saí com as minhas colegas... brinca na porta di casa di vôlei... andá de patins... bicicleta... quando eu levava um tobo ou outro... eu era a:... a palhaça da turma... ((risos))... eu acho que foi uma das fases mais... assim... gostosas da minha vida foi... essa fase de quinze... dos meus treze aos dezessete anos...

A. P. S., sexo feminino, 38 anos, nível de ensino fundamental. Projeto Fala Goiana, UFG, 2010 (inédito).

Um aspecto da composição estrutural que caracteriza o relato pessoal de A. P. S. como modalidade falada da língua é:

- a) predomínio de linguagem informal entrecortada por pausas.
- b) vocabulário regional desconhecido em outras variedades do português.
- c) realização do plural conforme as regras da tradição gramatical.
- d) ausência de elementos promotores de coesão entre os eventos narrados.
- e) presença de frases incompreensíveis a um leitor iniciante.

○ 10. (ENEM)

Jogar limpo

Argumentar não é ganhar uma discussão a qualquer preço. Convencer alguém de algo é, antes de tudo, uma alternativa à prática de ganhar uma questão no grito ou na violência física — ou não física. Não física, dois pontos. Um político que mente descaradamente pode cativar eleitores. Uma publicidade que joga baixo pode constranger multidões a consumir um produto danoso ao ambiente. Há manipulações psicológicas não só na religião. E é comum pessoas agirem emocionalmente, porque vítimas de ardilosa — e cangoteira — sedução. Embora a eficácia a todo preço não seja argumentar, tampouco se trata de admitir só verdades científicas — formar opinião apenas depois de ver a demonstração e as evidências, como a ciência faz. Argumentar é matéria da vida cotidiana, uma forma de retórica, mas é um raciocínio que tenta convencer sem se tornar mero cálculo manipulativo, e pode ser rigoroso sem ser científico.

Língua Portuguesa, São Paulo, ano 5, n. 66, abr. 2011 (adaptado).

No fragmento, opta-se por uma construção linguística bastante diferente em relação aos padrões normalmente empregados na escrita. Trata-se da frase “Não física, dois pontos”. Nesse contexto, a escolha por se representar por extenso o sinal de pontuação que deveria ser utilizado

- a) enfatiza a metáfora de que o autor se vale para desenvolver seu ponto de vista sobre a arte de argumentar.
- b) diz respeito a um recurso de metalinguagem, evidenciando as relações e as estruturas presentes no enunciado.
- c) é um recurso estilístico que promove satisfatoriamente a sequenciação de ideias, introduzindo apostos exemplificativos.
- d) ilustra a flexibilidade na estruturação do gênero textual, a qual se concretiza no emprego da linguagem conotativa.
- e) prejudica a sequência do texto, provocando estranheza no leitor ao não desenvolver explicitamente o raciocínio a partir de argumentos.

Instrução: As questões 11 e 12 estão relacionadas ao texto abaixo.

01 No momento em que abrimos um livro nos pomos no
02 reino da palavra escrita, compartilhando desse sortilégio
03 fala Verissimo no texto *Sinais mortíferos*, dessa mágica
04 de sinais gravados une as mentes das quais saíram si-
05 nais, e outros sinais, e outros sinais...

06 Ninguém duvida de que a manifestação falada é a lin-
07 guagem primeira, é a linguagem natural, que prescinde das
08 tábuas e dos sulcos que um dia os homens inventaram para
09 cumprir designios que foram sendo estabelecidos, para o
10 bem e para o mal.

11 Nas sagas que cantou, Homero distinguia heróis da pa-
12 lavra, heróis que eram os homens de fala forte, de fala efe-
13 tiva, de fala eficiente. Assim como havia heróis excelentes
14 na ação, havia aqueles excelentes na palavra (porque, para
15 o épico, excelente em tudo só Zeus!). E entre eles Homero
16 ressalta muito significativamente a figura do velho conse-
17 lheiro Nestor, sempre à parte dos combates, mas dono de
18 palavras sábias que dirigiam rumos das ações. Ele ressalta,
19 entre todos – no foco da epopeia –, a figura de Odisseu/Ulis-
20 ses, que nunca foi cantado como herói de combate renhido,
21 mas que foi o senhor das palavras astutas que construíram
22 a *Odisseia*.

23 Hoje a força da palavra falada é a mesma, nada mudou,
24 na história da humanidade, quanto ao exercício natural da
25 capacidade que o humano tem de falar e quanto à destina-
26 ção natural desse exercício. Mas, que diferença!!

27 E vem agora o lado prático dessa conversa inicial: sem
28 discussão, pode-se dizer que a palavra escrita é sustentáculo
29 da cultura, embora não ouse supor que as sociedades ágra-
30 fas sejam excluídas da noção de “cultura”, e que os textos
31 de Homero, que então eram apenas cantados, não tenham
32 sido sustentáculo de cultura no mundo grego, exatamente
33 por onde chegaram ao registro escrito.

34 Diz Verissimo que a palavra escrita “dá permanência à
35 linguagem”, e isso se comprovaria, banalmente, no fato de
36 que hoje os versos de Homero nos chegam somente cra-
37 vados em folha de papel ou em tela de computador. Mas
38 com certeza o cronista, que não esqueceu a permanência
39 do texto oral de Homero, também não terá esquecido que,
40 já há algum tempo, gravam-se falas, e que, portanto, a tec-
41 nologia humana já soube dar registro permanente também
42 à palavra falada.

43 Ocorre que a permanência de que fala Verissimo é ou-
44 tra: acima do fato de que a escrita representa um registro
45 concreto permanente, está o fato de que ela leva a palavra
46 a “outro domínio”. A palavra falada povoa um domínio que,
47 já por funcionar automaticamente segundo o *software* que
48 trouxemos à vida com a vida, não desvenda todos os sortilé-
49 gios nos quais entramos quando complicamos o viver. Que
50 digam os versos dos poetas que no geral se produzem no
51 suporte gráfico e assim nos chegam (no papel ou em tela do
52 monitor, insisto), mas vêm carregados da melodia que lhes
53 dá sentido, e por aí nos transportam a um mundo particu-
54 larmente mágico a que passamos a pertencer com a leitura!!!
55 Este é, por si, o mundo da palavra mágica!!

56 E chegamos à função da escola nesse mundo da má-
57 gica da linguagem. Se, como diz Verissimo, a escrita traz o
58 preço de “roubar a palavra à sua vulgaridade democrática”,
59 cabe aos professores, que são aqueles é dado levar às
60 gerações a força da linguagem e a força da cultura rever-
61 ter o processo e reverter o argumento: cabe-lhes valorizar
62 a democrática palavra falada, sim, mas sua missão muito



63 particular é *vulgarizar democraticamente* a palavra (escrita)
64 dos livros sem tirar-lhes o sortilégio: acreditemos ou não em
65 sortilégios...

Adaptado de: MOURA NEVES, M.H. Introdução. A gramática do português revelada em textos. São Paulo: Editora da Unesp, 2018.

○ 11. (UFRGS 2024) Considere as seguintes sugestões de alterações na pontuação do texto.

- I - Inserção de uma vírgula antes de *ressalta* (l. 16).
- II - Substituição dos travessões da linha 19 por parênteses.
- III - Eliminação das vírgulas depois de *Homero* (l. 31) e depois de *cantados* (l. 31).

Quais dessas sugestões poderiam ser efetuadas sem alterar o sentido original da frase e mantendo-se sua correção gramatical?

- a) Apenas I.
- b) Apenas II.
- c) Apenas III.
- d) Apenas II e III.
- e) I, II e III.

○ 12. (UFRGS 2024) Considere as seguintes afirmações sobre o texto.

- I - As reticências no final do primeiro parágrafo servem para a autora assinalar uma continuidade sem limites.
- II - As aspas (l. 34-35) servem para a autora assinalar o discurso citado.
- III - As exclamações presentes no texto servem para a autora expressar um sentimento de dúvida para o leitor.

Quais estão corretas?

- a) Apenas I.
- b) Apenas II.
- c) Apenas III.
- d) Apenas I e II.
- e) I, II e III.

○ 13. (UFRGS)

01 - Temos sorte de viver no Brasil - dizia meu pai, depois da guerra. - Na Europa mataram milhões de judeus.

02
03 Contava as experiências que os médicos nazistas
04 faziam com os prisioneiros. Decepavam-lhes as cabeças,
05 faziam-nas encolher - à maneira, li depois, dos índios Jivaro.
06 Amputavam pernas e braços. Realizavam estranhos
07 transplantes: uniam a metade superior de um homem
08 metade inferior de uma mulher, ou aos quartos
09 traseiros de um bode. Felizmente morriam essas atrocidades
10 quimeras; expiravam como seres humanos, não eram
11 obrigadas a viver como aberrações. (..... essa altura eu
12 tinha os olhos cheios de lágrimas. Meu pai pensava que a
13 descrição das maldades nazistas me deixava comovido.)

14 Em 1948 foi proclamado o Estado de Israel. Meu pai
15 abriu uma garrafa de vinho - o melhor vinho do armazém -,
16 brindamos ao acontecimento. E não saíamos de perto do rádio,
17 acompanhando notícias da guerra no Oriente Médio.
18 Meu pai estava entusiasmado com o novo Estado: em Israel,
19 explicava, vivem judeus de todo o mundo, judeus brancos da
20 Europa, judeus pretos da África, judeus da Índia, isto sem
21 falar nos beduínos com seus camelos: tipos muito esquisitos,
22 Guedali.

23 Tipos esquisitos - aquilo me dava ideias.

24 Por que não ir para Israel? Num país de gente tão
25 estranha - e, ainda por cima, em guerra - eu certamente
26 não chamaria a atenção. Ainda menos como combatente,
27 entre a poeira e a fumaça dos incêndios. Eu me via
28 correndo pelas ruelas de uma aldeia, empunhando um
29 revólver trinta e oito, atirando sem cessar; eu me via
30 caindo, varado de balas. Aquela, sim, era a morte que eu
31 almejava, morte heroica, esplêndida justificativa para uma
32 vida miserável, de monstro encurralado. E, caso não morresse,
33 poderia viver depois num *kibutz*. Eu, que conhecia
34 tão bem a vida numa fazenda, teria muito a fazer ali. Trabalhador
35 dedicado, os membros do *kibutz* terminariam por me aceitar;
36 numa nova sociedade há lugar para todos, mesmo os de patas
37 de cavalo.

Adaptado de: SCLAR, M. *O centauro no jardim*. 9. ed. Porto Alegre: L&PM, 2001.

Assinale a proposta de mudança no emprego de vírgula que mantém a correção e o sentido do enunciado original.

- a) Colocação de vírgula imediatamente após *experiências* (l. 03).
- b) Colocação de vírgula imediatamente após *Felizmente* (l. 09).
- c) Colocação de vírgula imediatamente após *que* (l. 12).
- d) Colocação de vírgula imediatamente após *país* (l. 24).
- e) Colocação de vírgula imediatamente após *morte* (l. 30).

○ 14. (UFRGS)

01 Consta que, ao iniciar uma das palestras, durante sua
02 mítica visita ao Brasil, Jean-Paul Sartre encarou a plateia,
03 vasculhou o recinto com os olhos incertos e disparou a
04 pergunta: Onde estão os negros? O Brasil não era um
05 país de ampla população negra? Não se tratava, além
06 disso, de uma das raras democracias raciais do planeta?
07 Sendo assim, onde estavam os negros? Sartre vasculhava
08 o recinto e não via nenhum. Por que haviam faltado na
09 aquele dia?

10 Tal visita é mítica porque constituiu um marco, como
11 os mitos, e também porque, como os mitos, deixou atrás
12 de si uma zona de penumbra. Teria ele feito mesmo
13 aquela pergunta à plateia, ou fora ela inventada por
14 outrem e atribuída a ele como a indagação perfeita que
15 a um filósofo perfeito cabia naquela hora e local? Não
16 importa. O que se quer dizer aqui é que o grande Sartre
17 fez a pergunta errada. Ou melhor: fez a pergunta certa,
18 mas no local errado. Deveria tê-la feito mais adiante,
19 quando fomos jantar, no restaurante.

20 Explique-se. Não surpreende que os negros não estivessem
21 na conferência. Eles não tinham, e continuam não tendo,
22 acesso à boa educação. Então como agora, só uns raros
23 chegavam à universidade. Ir à conferência de Sartre
24 significaria superar uma série de obstáculos, começando
25 pelo lar pobre e continuando com a escola precária,
26 o cansaço produzido por pesadas tarefas, o tempo perdido
27 em intermináveis deslocamentos de ida e volta a distantes
28 periferias. Já no restaurante, ele perceberia, com muito
29 mais surpresa, que igualmente não _____ negros -
30 e não entre os clientes, nisso não haveria nada de
31 surpreendente, mas entre o próprio pessoal de serviço,
32 ou seja, entre os garçons. Ora, o ofício de garçom é
33 relativamente simples _____ pés resistentes, para
34 andar de cá para lá a noite toda, e habilidade para segurar
35 uma bandeja. Não precisa chegar à universidade. Tudo o
36 que se precisa ler é o cardápio. E no entanto, salvo exceções,
37 não há negros entre garçons no Brasil. Eis a discriminação
38 no seu ponto mais cruel.

Adaptado de: TOLEDO, Roberto Pompeu de. A pergunta do filósofo. Veja, 29 ago. 2001.



As afirmações abaixo referem-se ao emprego de vírgulas no texto. Assinale com V as afirmações verdadeiras e com F as falsas.

- () As vírgulas das linhas 01 e primeira vírgula da linha 02 isolam um adjunto adverbial.
() A segunda vírgula da linha 02 marca a separação de orações coordenadas.
() As vírgulas das linhas 18 e 19 marcam a separação de oração subordinada.
() As vírgulas da linha 32 delimitam uma expressão explicativa.
() As vírgulas da linha 36 e 37 sinalizam um aposto explicativo.

A sequência correta de preenchimento dos parênteses, de cima para baixo, é:

- a) V - V - V - V - F
b) F - F - V - V - F
c) F - V - F - F - V
d) V - F - V - V - V
e) V - V - F - V - V

○ 15. (UFRGS) Associe as justificativas gramaticais para o uso das vírgulas às vírgulas apontadas no texto a seguir.

01 Todos os dias milhões de brasileiros, frequentado-
02 res de supermercados, farmácias e padarias, levam para
03 casa, além dos produtos escolhidos, a certeza de alguns
04 aborrecimentos. O momento de consumir marca o início
05 de uma pequena batalha cotidiana contra as embalagens
06 que envolvem uma série de produtos, porque elas
07 _____ a coordenação motora e, sem dúvida alguma,
08 infernizam a paciência dos consumidores. Os mais pessimistas
09 perguntam como abrir aquele pote de margarina
10 que insiste em resistir a ____ o seu conteúdo ou aquele
11 vidrinho de comida especial para bebês que afirma a
12 inviolabilidade de sua tampa de metal. Se quiserem garantir
13 um _____ digno de lembrança, os consumidores
14 devem tentar remover as tampas aluminizadas dos copos
15 de água mineral e dos potinhos de manteiga: não há
16 como escapar de um banho ou de dedos lambuzados.

Coluna A

1. Separar as orações ou os adjuntos adverbiais deslocados.
2. Separar itens de uma mesma série.
3. Isolar aposto.

Coluna B

- () Vírgula da linha 01 e 2ª vírgula da linha 02.
() 1ª vírgula da linha 02.
() Vírgulas da linha 07.

A sequência correta das associações, de cima para baixo, é:

- a) 1 - 2 - 3
b) 3 - 2 - 1
c) 3 - 1 - 1
d) 2 - 1 - 3
e) 1 - 3 - 1

Instrução: A questão 16 está relacionada ao texto abaixo.

01 Cena 1

02 Em uma madrugada chuvosa, um trabalhador resi-
03 dente em São Paulo acorda, ao amanhecer, às cinco horas,
04 toma rapidamente o café da manhã, dirige-se até o carro,
05 acessa a rua, e, como de costume, faz o mesmo trajeto até
06 o trabalho. Mas, em um desses inúmeros dias, ouve pelo
07 rádio que uma das avenidas de sua habitual rota está total-
08 mente congestionada. A partir dessa informação e enquan-
09 to dirige, o trabalhador inicia um processo mental analítico
10 para escolher uma rota alternativa que o faça chegar
11 empresa no horário de sempre.

12 Para decidir sobre essa nova rota, ele deverá consi-
13 derar: a nova distância a ser percorrida, o tempo gasto no
14 deslocamento, a quantidade de cruzamentos existentes em
15 cada rota, em qual das rotas encontrará chuva e em quais
16 rotas passará por áreas sujeitas a alagamento.

17 Cena 2

18 Mais tarde no mesmo dia, um casal residente na mes-
19 ma cidade obtém financiamento imobiliário e decide pela
20 compra de um apartamento. São inúmeras opções de imó-
21 veis à venda. Para a escolha adequada do local de sua mo-
22 rada em São Paulo, o casal deverá levar em conta, além do
23 valor do apartamento, também outros critérios: variação do
24 preço dos imóveis por bairro, distância do apartamento até
25 a escola dos filhos pequenos, tempo gasto entre o aparta-
26 mento e o local de emprego do casal, preferência por um
27 bairro tranquilo e existência de linha de ônibus integrada ao
28 metrô nas proximidades do imóvel - entre outros critérios.

29 Essas duas cenas urbanas descrevem situações com-
30 uns passam diariamente muitos dos cidadãos resi-
31 dentes em grandes cidades. As protagonistas têm em com-
32 mum a angústia de tomar uma decisão complexa, escolhida
33 dentre várias possibilidades oferecidas pelo espaço geográ-
34 fico. Além de mostrar que a geografia é vivida no cotidiano,
35 as duas cenas mostram também que, para tomar a decisão
36 que seja mais conveniente, nossas protagonistas de-
37 verão realizar, primeiramente, uma *análise geoespacial* da
38 cidade. Em ambas as cenas, essa análise se desencadeia a
39 partir de um sistema cerebral composto de informações ge-
40 ográficas representadas internamente na forma de mapas
41 mentais que induzirão as três protagonistas a tomar suas
42 decisões. Em cada cena, podemos visualizar uma pergunta
43 espacial. Na primeira, o trabalhador pergunta: "qual a me-
44 lhor rota a seguir, desde este ponto onde estou até o local
45 de meu trabalho, neste horário de segunda-feira?" Na se-
46 gunda, o questionamento seria: "qual é o lugar da cidade
47 que reúne todos os critérios geográficos adequados à nossa
48 moradia?"

49 A cena 1 é um exemplo clássico de análise de redes, en-
50 quanto a cena 2 é um exemplo clássico de alocação espacial
51 - duas das técnicas mais importantes da análise geoespa-
52 cial.

53 A análise geoespacial reúne um conjunto de métodos
54 e técnicas quantitativos dedicados à solução dessas e de
55 outras perguntas similares, em computador, respos-
56 tas dependem da organização espacial de informações ge-
57 ográficas em um determinado tempo. Dada a complexidade
58 dos modelos, muitas técnicas de análise geoespacial foram
59 transformadas em linguagem computacional e reunidas,
60 posteriormente, em um sistema de informação geográfica.
61 Esse fato geotecnológico contribuiu para a popularização da
62 análise geoespacial realizada em computadores, que atual-
63 mente é simplificada pelo termo geoprocessamento.

Adaptado de: FERREIRA, Marcos César. Iniciação à análise geoespacial : teoria, técnicas e exemplos para geoprocessamento. São Paulo: Editora UNESP, 2014. p. 33-34.



○ 16. (UFRGS) Na primeira coluna, abaixo, são listados sinais de pontuação e marcações gráficas; na segunda, o sentido ou a função que expressam no contexto em que ocorrem.

Associe corretamente a 1ª coluna com a 2ª coluna.

- () Dois pontos (l. 13 e l. 23) () Aspas (l. 43-45)
() Itálico (l. 37) () Vírgula (l. 62)

1. Permite inserir sequência de valor explicativo.
2. Permite supor questionamentos atribuídos aos protagonistas das cenas.
3. Permite anunciar enumerações.
4. Permite destacar expressão técnica.
5. Permite destacar o discurso indireto.

A sequência correta de preenchimento dos parênteses, de cima para baixo, é:

- a) 1 - 4 - 5 - 3.
- b) 1 - 3 - 4 - 2.
- c) 2 - 3 - 2 - 4.
- d) 3 - 4 - 2 - 1.
- e) 3 - 4 - 5 - 1.

○ 17. (UFRGS)

01 Está na última moda dizer que algo ou alguém que se
02 destaque da multidão por suas qualidades extraordiná-
03 rias é diferenciado. De repente todo mundo quer ser di-
04 ferenciado, embora, curiosamente, ninguém queria ser
05 diferente. Diferenciar diferente e diferenciado tornou-
06 -se uma habilidade social básica, que a maioria de nós
07 exerce de forma intuitiva, sem pensar. Se formos refletir,
08 porém, vamos descobrir que a diferença entre diferente
09 e diferenciado pressupõe valores que boa parte de nós
10 teria vergonha de assumir.

11 Ninguém tem dúvida quando se anuncia que o atendi-
12 mento prometido pelo gerente daquele banco é diferen-
13 ciado: quer dizer que não se confunde com o tratamento-
14 -padrão dispensado _____ massa dos clientes otários.
15 Inclui cafezinho, água gelada e, quem sabe, dicas de in-
16 vestimento vazadas diretamente da mesa de operações
17 do Banco Central. O privilégio parece natural porque
18 também nós somos, a nossos próprios olhos, diferencia-
19 dos. Aliás, diferenciadíssimos.

20 Já diferente, bem, é uma história inteiramente dife-
21 rente. Desde que os primeiros hominídeos se juntaram
22 numa tribo e decretaram que míopes e carecas não
23 entravam, a diferença é tudo aquilo que grupos sociais
24 hegemônicos vêm usando para excluir ou subjugar mi-
25 norias - e ao mesmo tempo reforçar sua identidade.
26 Localizado no corpo ou na alma, real ou imaginário, o
27 anátema da diferença justifica lógicas de dominação e
28 até de extermínio. Ser diferente é ter negado o direito
29 _____ humanidade ou pelo menos _____ humani-
30 dade plena.

31 A trama se adensa quando nos damos conta de um
32 paradoxo: ao mesmo tempo que queremos ser iguais,
33 esmagando o diferente sem dó sob _____ sola aerada
34 de nossos Nikes Shox, valorizamos a individualidade, o
35 único, o que nos eleve acima da massa ignara e mal paga,
36 contradição insolúvel? É aí que entra o diferenciado. O
37 diferenciado é o melhor dos iguais, o diferente que deu
38 certo - o diferente que, sendo um de nós, ganha mais
39 dinheiro do que nós. Ninguém seria louco de dizer que
40 a bicha do quinto andar é um cara diferenciado. Mas, se

41 se mudar para Paris, virar estilista da Chanel e arrasar
42 com uma coleção *prêt-à-porter*, na próxima vez que vier
43 ao Brasil vai ter convite para as melhores festas, desfilará
44 entre queixos caídos: "Que talento diferenciado!", dirão.
45 Faz a maior diferença.

Adaptado de: RODRIGUES, Sérgio. A diferença. Jornal do Brasil, 19 ago. 2001.

Considere as seguintes afirmações sobre a pontuação no texto.

- I. Os dois-pontos da linha 13 poderiam ser substituídos por ponto e vírgula, sem acarretar erro.
- II. As vírgulas colocadas antes e depois da expressão "quem sabe" (l. 15) indicam aquilo que a gramática considera deslocamento de um termo da oração.
- III. O travessão da linha 25 poderia ser substituído por dois-pontos, mantendo-se a função de anunciar um detalhamento da primeira parte da frase.

Qual(is) está(ão) correta(s)?

- a) Apenas I.
- b) Apenas II.
- c) Apenas III.
- d) Apenas I e II.
- e) I, II e III.

○ 18. (UFRGS) Isso evidencia não só uma obsessão pela limpeza, como ainda um progresso do individualismo: o prato, o copo, a faca, a colher e o garfo individuais na verdade erguem paredes invisíveis entre comensais.

Levando em conta a pontuação do português culto, considere as possibilidades seguintes de substituição dos dois-pontos:

- I. Ponto, seguido de maiúscula.
- II. Ponto e vírgula, seguido de minúscula.
- III. Vírgula, seguida de minúscula.

Qual(is) está(ão) correta(s)?

- a) Apenas I.
- b) Apenas II.
- c) Apenas I e II.
- d) Apenas I e III.
- e) I, II e III.



19. (UFRGS)

01 A pesquisa em gramática também tem seus mistérios
02 – aspectos da língua que ninguém conseguiu até hoje for-
03 mular direito. Acho que não exagero se disser que a maioria
04 dos fenômenos gramaticais já observados não tem uma ex-
05 plicação satisfatória. Vejamos um exemplo.

06 Sabemos que, em muitas frases, o sujeito exprime o
07 ser que pratica a ação (ou, mais exatamente, que causa o
08 evento). Isso acontece na frase: *Minervina entortou meu guar-
09 da-chuva*. Acontece que, com o verbo entortar, nem sempre
10 o sujeito exprime quem pratica a ação. Se não houver obje-
11 to, isto é, se só houver o sujeito e o verbo, o sujeito exprime
12 quem sofre a ação, como em *Meu guarda-chuva entortou*.
13 Essa frase, naturalmente, não significa que o guarda-chuva
14 praticou a ação de entortar alguma coisa, mas que ele fi-
15 cou torto. Mesmo se o sujeito fosse o nome de uma pessoa
16 (que, em princípio, poderia praticar uma ação), o efeito se
17 verifica: *Minervina entortou*. Essa frase quer dizer que Miner-
18 vina ficou torta, não que ela entortou alguma coisa.

19 A mudança de significado do sujeito que vimos acima
20 acontece com muitos verbos do português; por exemplo,
21 *quebrar*, *esquentar*, *rasgar*. Uma vez que é bastante regular,
22 esse comportamento deve (ou deveria) ser incluído na gra-
23 mática portuguesa.

24 Agora, o mistério: em certos casos, o fenômeno da mu-
25 dança de significado do sujeito não ocorre, e ninguém sabe
26 ao certo por quê. Assim, podemos dizer *O leite esquentou*,
27 e isso significa que o leite se tornou quente, não que ele
28 esquentou alguma coisa. Mas na frase *Esse cobertor esquentou*,
29 entende-se que o cobertor esquentou a gente (isto é, causa o
30 aquecimento), e não que ele se torne quente. Ninguém sabe
31 direito por que verbos como *esquentar* (e vários outros) não
32 se comportam como o esperado em frases como essa. Pro-
33 vavelmente, o fenômeno tem a ver com a situação evocada
34 pelo verbo. Mas falta ainda um estudo sistemático, e, por
35 enquanto, esses fatos não cabem em teoria nenhuma.

36 Enfim, para quem gosta de certezas e seguranças, tenho
37 más notícias: a gramática não está pronta. Para quem gosta
38 de desafios, tenho boas notícias: a gramática não está pronta.
39 Um mundo de questões e problemas continua sem solução, à
40 espera de novas ideias, novas análises, novas cabeças.

Adaptado de: PERINI, M. A. Pesquisa em gramática. In: *Sofrendo a gramática: ensaios sobre língua*.

Considere as seguintes sugestões de alteração da pontuação do texto.

- I. Supressão das vírgulas que isolam o adjunto adverbial *naturalmente* (l. 13).
- II. Substituição dos parênteses da linha 22 por vírgulas.
- III. Supressão dos parênteses que separam *e vários outros* (l. 31).

Qual(is) delas poderia(m) ser realizada(s), mantendo-se a correção da frase?

- a) Apenas I.
- b) Apenas II.
- c) Apenas III.
- d) Apenas I e II.
- e) I, II e III.

Instrução: As questões 20 e 21 referem-se ao texto abaixo.

01 Yaqub demorou no quintal, depois visitou cada apo-
02 sento, reconheceu os móveis e objetos, se emocionou ao
03 entrar sozinho no quarto onde dormira. Na parede viu uma
04 fotografia: ele e o irmão sentados no tronco de uma árvore
05 que cruzava um igarapé; ambos riam: o Caçula, com escár-
06 nio, os braços soltos no ar; Yaqub, um riso contido, as mãos
07 agarradas no tronco e o olhar apreensivo nas águas escuras.
08 De quando era aquela foto? Tinha sido tirada um pouco an-
09 tes ou talvez um pouco depois do último baile de Carnaval
10 no casarão dos Benemou. No plano de fundo da imagem,
11 na margem do igarapé, os vizinhos, _____ rostos pareciam
12 tão borrados na foto quanto na memória de Yaqub. Sobre
13 a escritaninha viu outra fotografia: o irmão sentado numa
14 bicicleta, o boné inclinado na cabeça, as botas lustradas, um
15 relógio no pulso. Yaqub se aproximou, mirou de perto a fo-
16 tografia para enxergar as feições do irmão, o olhar do irmão,
17 e se assustou ao ouvir uma voz: "O Omar vai chegar de noi-
18 tinha, ele prometeu jantar conosco."

19 Era a voz de Zana; ela havia seguido os passos de Ya-
20 qub e queria _____ o lençol e as fronhas _____ bordara o
21 nome dele. Desde que soubera de sua volta, Zana repetia
22 todos os dias: "Meu menino vai dormir com as minhas letras,
23 com a minha caligrafia." Ela dizia isso na presença do Caçula,
24 que, enciumado, perguntava: "Quando ele vai chegar? Por
25 que ele ficou tanto tempo no Líbano?" Zana não lhe respon-
26 dia, talvez porque, também para ela, era inexplicável o fato
27 de Yaqub ter passado tantos anos longe dela.

Adaptado de: HATOUM, M. Dois irmãos. São Paulo: Companhia das Letras, 2006. p. 17-18.

20. (UFRGS) Considere as afirmações abaixo sobre o emprego de sinais de pontuação no texto.

- I. No primeiro período do texto (l. 01-03), as orações separadas por vírgulas descrevem ações ora sucessivas, ora simultâneas.
- II. Desconsiderando-se questões de emprego de letra maiúscula, a substituição do ponto e vírgula da linha 05 por ponto final manteria a correção e o sentido original do texto.
- III. Os dois-pontos na linha 13 estabelecem uma relação entre os elementos enumerados a seguir e o segmento *outra fotografia* (l. 13).

Qual(is) está(ão) correta(s)?

- a) Apenas I.
- b) Apenas II.
- c) Apenas III.
- d) Apenas I e III.
- e) I, II e III.



○ 21. (UFRGS) Assinale com V (verdadeiro) ou F (falso) as afirmações abaixo, referentes aos seguintes enunciados interrogativos do texto:

1. *De quando era aquela foto?* (l. 08)

2. *“Quando ele vai chegar? Por que ele ficou tanto tempo no Líbano?”* (l. 24-25)

() O enunciado 1 não é sinalizado por aspas porque pertence a um trecho que reflete uma sequência de pensamentos de Yaqub.

() O enunciado 1, se fosse precedido por *Yaqub perguntou:*, deveria ser reescrito como “De quando é esta foto?”, pois passaria a fazer parte de um discurso em que o narrador relataria uma pergunta de Yaqub.

() O enunciado 2 é sinalizado por aspas porque é parte de um trecho em que o narrador relata uma pergunta do irmão de Yaqub, o Caçula.

() Se o pronome *se* fosse introduzido antes do verbo *pergunta* (l. 24) que precede o enunciado, este não poderia ser sinalizado por aspas.

A sequência correta de preenchimento dos parênteses, de cima para baixo, é:

- a) V – F – F – F
- b) V – F – V – F
- c) F – V – F – V
- d) F – V – V – V
- e) V – V – V – F

○ 22. (UFRGS)

01 O Salman Rushdie era para ser a estrela da terceira Fes-
02 ta Literária Internacional de Parati e foi. Só se decepcionou
03 quem esperava que ele se comportasse como estrela. É um
04 homem afável, e sua participação foi um dos pontos altos de
05 um acontecimento que de tantos pontos altos pareceu uma
06 cordilheira. A começar pelo começo, uma bela homenagem
07 a Clarice Lispector, seguida de um magnífico show de Pauli-
08 nho da Viola que acabou com todo _____ sambando – até,
09 não duvido, o Salman Rushdie.

10 Outro pico do evento foi a palestra do Ariano Suassuna,
11 cujo tema era para ser “Brasil, arquipélago de culturas”, mas
12 no fim foi o espetáculo de Ariano Suassuna sendo Ariano
13 Suassuna, outro show inesquecível. Das outras mesas (que
14 eu vi, esqueci a ubiquidade em casa e não pude ir a tudo),
15 destaque para o israelense David Grossman e o sri-landês,
16 se é assim que se diz, Michael Ondaatje falando sobre suas
17 obras, a crítica argentina Beatriz Sarlo e o Roberto Schwartz
18 – na mesa em que foi servida a iguaria intelectual mais fina
19 da festa –, Jô Soares e Isabel Lustosa falando de humor com
20 muito humor, o rapper e sociólogo espontâneo MV Bill, com
21 Luiz Eduardo Soares e Arnaldo Jabor, no que foi certamente
22 a mais emocional e emocionante de todas, e o americano
23 John Lee Anderson e o português Pedro Rosa Mendes fa-
24 lando de suas experiências como repórteres de guerra no
25 Iraque e em Angola, respectivamente.

26 Eu falei para um grande grupo de crianças na Flipinha,
27 um programa paralelo dirigido a escolares da região, e uma
28 das perguntas que vieram da plateia foi: “O senhor sabe ler?”
29 Pergunta básica e perfeita e mais importante do que imagi-
30 nava a pequena autora. Ela checava as minhas credenciais
31 para ser escritor e estar ali mandando todos lerem. Saber ler
32 não significa apenas ser alfabetizado ou interpretar um texto
33 como faz o Salman Rushdie, que lê como o ator frustrado que

34 confessou ser. Também significa saber ler a realidade à sua
35 volta, como fazem David Grossman, que vive em Jerusalém e
36 tenta se manter racional e humano em meio aos ódios dos
37 dois lados, ou MV Bill, que nasceu na Cidade de Deus e sobre-
38 viveu e hoje faz a leitura mais certa do que é ser negro e po-
39 bre no Brasil. E aprender a ler também significa descobrir es-
40 critores, como se faz na Flip. Saí de Parati decidido a ler tudo
41 que encontrar do Grossman e da Beatriz Sarlo, por exemplo.
42 Poderia ter respondido à menina que não, ainda não sabia ler
43 como deveria, mas que chegaria lá.

Adaptado de: VERÍSSIMO, Luis Fernando. Zero Hora, 14 jul. 2005, p. 3.

Considere as seguintes afirmações sobre pontuação no texto.

I. O travessão da linha 08 poderia ser substituído por dois-pontos, uma vez que se trata de introduzir o discurso direto.

II. As vírgulas depois de *Arnaldo Jabor* (l. 21) e *de todas* (l. 22) poderiam ser substituídas por travessões, sem implicar erro ou mudança no significado global da frase.

III. As vírgulas colocadas antes e depois de *ou MV Bill* (l. 37) indicam aquilo que a gramática considera deslocamento de um termo da oração.

Qual(is) está(ão) correta(s)?

- a) Apenas I.
- b) Apenas II.
- c) Apenas III.
- d) Apenas I e III.
- e) I, II e III.

○ 23. (UFRGS)

Nosso povo, diferentemente dos americanos do norte, não se identifica com a inconcebível abstração que é o Estado. O Estado é impessoal: nós só concebemos relações pessoais. Por isso, para nós, roubar dinheiros públicos não é um crime. Somos indivíduos, não cidadãos. Os filmes de Hollywood repetidamente narram o caso de um homem (geralmente um jornalista) que procura a amizade de um criminoso para depois entregá-lo à polícia: nós, que temos a paixão da amizade, sentimos que esse “herói” dos filmes americanos é um incompreensível canalha.

Adaptado de: VERÍSSIMO, Luis Fernando. Zero Hora, 14 jul. 2005, p. 3.

Considere as seguintes propostas de alteração da pontuação da passagem do texto que vai da linha 05 à linha 09.

I. Os filmes de Hollywood, repetidamente, narram o caso de um homem – geralmente um jornalista – que procura a amizade de um criminoso para depois entregá-lo à polícia. Nós, que temos a paixão da amizade, sentimos que esse “herói” dos filmes americanos é um incompreensível canalha.

II. Os filmes de Hollywood, repetidamente, narram o caso de um homem (geralmente um jornalista), que procura a amizade de um criminoso para depois entregá-lo à polícia. Nós que temos a paixão da amizade, sentimos que esse “herói”, dos filmes americanos, é um incompreensível canalha.

III. Os filmes de Hollywood repetidamente narram o caso de um homem, geralmente, um jornalista, que procura a amizade de um criminoso para depois entregá-lo à polícia: nós – que temos a paixão da amizade – sentimos que esse “herói” dos filmes americanos, é um incompreensível canalha.



Qual(is) dessas propostas é(são) correta(s) do ponto de vista da pontuação?

- a) Apenas I.
- b) Apenas II.
- c) Apenas III.
- d) Apenas II e III.
- e) I, II e III.

○ 24. (UFRGS)

- 01 Um grupo de vinte adolescentes caminhava em pas-
02 sos quase marciais na direção das areias do arpoador,
03 vindo da vizinha praia de Ipanema.
- 04 Pareciam uniformizados – quase todos sem camisa
05 e só de bermuda. Falavam alto e gesticulavam muito. Es-
06 tavam agitados. Uma zoeira.
- 07 Os termômetros, naquele momento, marcavam 35
08 graus em toda a orla marítima da Zona Sul do Rio de Ja-
09 neiro. Em frente a um hotel, o grupo que chegava se de-
10 frontou com um outro que ocupava uma faixa na areia.
11 Houve provocações mútuas.
- 12 Passaram-se poucos segundos entre os primeiros
13 palavrões e uma pancadaria infernal que durou meia
14 hora, em meio aos gritos de ameaça dos combatentes
15 e o pânico dos banhistas, que fugiram apressados, dei-
16 xando para trás seus pertences, já certos de que não os
17 encontrariam na volta – se é que voltariam.

Considere as seguintes afirmativas sobre a pontuação do texto:

- I. O travessão da linha 04 poderia ser substituído por dois pontos, mantendo o mesmo aspecto de anunciar um detalhamento da primeira parte da frase.
- II. As vírgulas colocadas antes e depois da expressão “naquele momento” (linha 07) indicam aquilo que a gramática considera deslocamento de um termo da oração.
- III. A primeira vírgula da linha 15 poderia ser suprimida, sem implicar erro ou qualquer mudança no significado global da frase.

Qual(is) está(ão) correta(s)?

- a) Apenas I.
- b) Apenas II.
- c) Apenas III.
- d) Apenas I e II.
- e) I, II e III.

○ 25. (UFRGS)

Fotógrafo descobria delicadeza de gestos

01 “Tirar fotos é prender a respiração quando todas as
02 faculdades convergem para a realidade fugaz. É organizar
03 rigorosamente as formas visuais percebidas para expressar
04 o seu significado. É pôr numa mesma linha cabeça, olho e
05 coração.” Essa imbatível definição do ato fotográfico, feita
06 pelo próprio Henri Cartier-Bresson, serve de ponto de par-
07 tida para entender a magnitude e a _____ de sua obra em
08 todo o mundo.

09 Cartier-Bresson fotografava com o instinto de um ca-
10 çador que persegue obstinadamente sua presa. Ele até se
11 enveredou pelo universo dos retratos e os fez bem, mas
12 seu grande diferencial era um faro particular para capturar
13 _____. Sua busca incansável era por aqui o que ele concei-
14 tuou como o instante decisivo. O momento em que o uni-
15 verso em harmonia conspira a favor do artista.

16 Mais do que uma técnica apurada, o instante decis-
17 ivo de Cartier-Bresson preconizava a paixão pelo prosaico
18 e pela fugacidade da vida. Sua investigação não buscava a
19 obtenção de fotografias grandiosas, mas, sim, a descoberta
20 da beleza e da delicadeza dos pequenos gestos.

21 Ao aposentar-se, Bresson se abrigou no desenho e na
22 pintura. “Não tenho saudades. O desenho é uma medita-
23 ção, enquanto a foto é um tiro.” A preferência pela medi-
24 tação e pela _____ era também uma forma de fugir ao
25 assédio.

26 Bresson morre no momento em que a fotografia pas-
27 sa por uma profunda transformação no mundo todo. Com
28 a disseminação das câmeras digitais portáteis e dos celula-
29 res e *palm tops* que fotografam e com a facilidade de circula-
30 ção das imagens via internet, uma nova linguagem está
31 sendo elaborada sem que saibamos onde tudo isso vai dar.

32 A visão de mundo de Bresson e de seus pares, alicer-
33 çada na sensibilidade, na argúcia e no rigor estético, parece
34 não ser mais suficiente para traduzir esses novos tempos.
35 A era da velocidade e da informação carrega a convicção de
36 que o instante decisivo ocorre o tempo todo e está on-line.
37 Mera ilusão. Cartier-Bresson será sempre o fio da meada
38 para se reencontrar uma sensibilidade em extinção.

Adaptado de: Folha de São Paulo, 5 agosto 2004, Caderno Mundo, p. 20.

Leia as propostas de alteração de pontuação dadas abaixo e assinale com I as que constituem um procedimento facultativo e com II as que constituem um procedimento **incorreto**.

- () Substituir os pontos finais das linhas 02 e 04 por ponto e vírgula, com a necessária troca de ambos os **É** por **é**.
- () Acrescentar vírgula antes do **e** (l. 11).
- () Acrescentar dois-pontos depois de **preconizava** (l. 17).
- () Substituir o ponto final da linha 27 por vírgula.
- () Substituir a vírgula da linha 32 e a segunda vírgula da linha 33 por parênteses ou travessões.

A sequência correta de preenchimento dos parênteses, de cima para baixo, é:

- a) I - II - II - I - II
- b) I - II - I - II - I
- c) II - II - I - I - II
- d) II - I - II - I - II
- e) I - I - II - II - I



○ 26. (UFRGS)

01 me perguntam: quantas palavras uma pessoa
02 sabe? Essa é uma pergunta importante, principalmente
03 para quem ensina línguas estrangeiras. Seria muito útil
04 para quem planeja um curso de francês ou japonês ter
05 uma estimativa de quantas palavras um nativo conhece;
06 e quantas os alunos precisam aprender para usar a língua
07 com certa facilidade. Essas informações seriam preciosas
08 para quem está preparando um manual que inclua, entre
09 outras coisas, um planejamento cuidadoso da introdução
10 gradual de vocabulário. À parte disso, a pergunta tem seu
11 interesse próprio. Uma língua não é apenas composta
12 de palavras: ela inclui também regras gramaticais e um
13 mundo de outros elementos que também precisam ser
14 dominados. Mas as palavras são particularmente nume-
15 rosas, e é notável como qualquer pessoa, instruída ou
16 não, acesso a esse acervo imenso de informação
17 com facilidade e rapidez. Assim, perguntar quantas pa-
18 lavras uma pessoa sabe é parte do problema geral de o
19 que é que uma pessoa tem em sua mente e que
20 permite usar a língua, falando e entendendo.

21 Antes de mais nada, porém, o que é uma palavra?
22 Ora, alguém vai dizer, “todo mundo sabe o que é uma
23 palavra”. Mas não é bem assim. Considere a palavra *olho*.
24 É muito claro que isso aí é uma palavra - mas será que
25 *olhos* é a mesma palavra (só que no plural)? Ou será outra
26 palavra?

27 Bom, há razões para responder das duas maneiras:
28 é a mesma palavra, porque significa a mesma coisa (mas
29 com a ideia de plural); e é outra palavra, porque se pro-
30 nuncia diferentemente (*olhos* tem um “s” final que *olho*
31 não tem, além da diferença de timbre das vogais tônicas).
32 Entretanto, a razão principal por que julgamos que *olho* e
33 *olhos* sejam a mesma palavra é que a relação entre elas
34 é extremamente regular; ou seja, vale não apenas para
35 esse par, mas para milhares de outros pares de elemen-
36 tos da língua: olho/olhos, orelha/orelhas, gato/gatos, etc.
37 E, semanticamente, a relação é a mesma em todos os pa-
38 res: a forma sem “s” denota um objeto só, a forma com “s”
39 denota mais de um objeto. Daí se tira uma consequência
40 importante: não é preciso aprender e guardar permanen-
41 temente na memória cada caso individual; aprendemos
42 uma regra geral (“faz-se o plural acrescentando um “s” ao
43 singular”), e estamos prontos.

Adaptado de: PERINI, Mário A. Semântica lexical. *RevEL*, v. 11, n. 20, 2013.

Assinale com V (verdadeiro) ou F (falso) as seguintes afir-
mações.

- () As interrogações servem para o autor problematizar o tema do texto e exigir uma resposta do leitor.
() Os usos de futuro do pretérito, no primeiro parágrafo, funcionam como um recurso para o autor sugerir possibilidades ao leitor.
() O uso da forma verbal *julgamos* (l. 32), no plural, refere-se ao autor e aos demais falantes da língua portuguesa, incluindo os leitores.
() As aspas (l. 22-23) referem o dizer de uma pessoa indeterminada, que o autor traz para se contrapor por meio de um contra-argumento.

A sequência correta de preenchimento dos parênteses, de cima para baixo, é:

- a) F - F - V - F
b) F - V - V - V
c) V - V - F - V
d) F - V - F - V
e) V - F - F - F

○ 27. (UFRGS)

01 É preciso estabelecer uma distinção radical entre
02 um “brasil” escrito com letra minúscula, nome de um
03 tipo de madeira de lei ou de uma feitoria interessada em
04 explorar uma terra como outra qualquer, e o Brasil que
05 designa um povo, uma nação, um conjunto de valores,
06 escolhas e ideais de vida. O “brasil” com b minúsculo é
07 apenas um objeto sem vida, pedaço de coisa que morre
08 e não tem a menor condição de se reproduzir como sis-
09 tema. Mas o Brasil com B maiúsculo é algo muito mais
10 complexo.

11 Estamos interessados em responder esta pergunta:
12 afinal de contas, o que faz o brasil, BRASIL? Note-se que
13 se trata de uma pergunta relacional que, tal como faz a
14 própria sociedade brasileira, quer juntar e não dividir.
15 Queremos, isto sim, descobrir como é que eles se ligam
16 entre si; como é que cada um depende do outro; e como
17 os dois formam uma realidade única que existe concreta-
18 mente naquilo que chamamos de “pátria”.

19 Se a condição humana determina que todos os ho-
20 mens devem comer, dormir, trabalhar, reproduzir-se e
21 rezar, essa determinação não chega ao ponto de especi-
22 ficar também qual comida ingerir, de que modo produzir
23 e para quantos deuses ou espíritos rezar. É precisamente
24 aqui, nessa espécie de zona indeterminada, mas neces-
25 sária, que nascem as diferenças e, nelas, os estilos, os
26 modos de ser e estar; os “jeitos” de cada grupo humano.
27 Trata-se, sempre, da questão de identidade.

28 Como se constrói uma identidade social? Como um
29 povo se transforma em Brasil? A pergunta, na sua discre-
30 ta singeleza, permite descobrir algo muito importante.
31 É que, no meio de uma multidão de experiências dadas
32 a todos os homens e sociedades, algumas necessárias
33 à própria sobrevivência - como comer, dormir, morrer,
34 reproduzir-se etc. - outras acidentais ou históricas -, o
35 Brasil ter sido descoberto por portugueses e não por
36 chineses, a geografia do Brasil ter certas características,
37 falarmos português e não francês, a família real ter se
38 transferido para o Brasil no início do século XIX etc. -,
39 cada sociedade (e cada ser humano) apenas se utiliza de
40 um número limitado de “coisas” (e de experiências) para
41 se construir como algo único.

42 Nessa perspectiva, a chave para entender a socie-
43 dade brasileira é uma chave dupla. E, para mim, a capa-
44 cidade relacional - do antigo com o moderno - tipifica e
45 singulariza a sociedade brasileira. Será preciso, portanto,
46 discutir o Brasil como uma moeda. Como algo que tem
47 dois lados. E mais: como uma realidade que nos tem ilu-
48 dido, precisamente porque nunca lhe propusemos esta
49 questão relacional e reveladora: afinal de contas, como
50 se ligam as duas faces de uma mesma moeda? O que faz
51 o brasil, Brasil?

Adaptado de: DAMATTA, R. O que faz o brasil, Brasil? A questão da identidade. In: _____. *O que faz o brasil, Brasil?* Rio de Janeiro: Rocco, 1986. p. 9-17.

Considere as seguintes propostas de alteração de sinais de pontuação no texto.

- I. Supressão da vírgula na linha 04.
II. Substituição da vírgula na linha 07 por travessão.
III. Substituição do ponto e vírgula na linha 16 por ponto final.

Desconsiderando eventuais ajustes no emprego de letras maiúsculas e minúsculas, qual(is) proposta(s) está(ão) correta(s), no contexto do parágrafo em que ocorrem?

- a) Apenas I.
b) Apenas II.
c) Apenas I e III.
d) Apenas II e III.
e) I, II e III.



○ 28. (UFRGS)

01 No século XV, viu-se a Europa invadida por uma
02 raça de homens que, vindos ninguém sabe de onde, se
03 espalharam em bandos por todo o seu território. Gente
04 inquieta e andarilha, deles afirmou Paul de Saint-Victor
05 que era mais fácil predizer o itinerário das nuvens ou dos
06 gafanhotos do que seguir as pegadas da sua invasão. Uns
07 risonhos despreocupados: passavam a vida esquecidos
08 do passado e descuidados do futuro. Cada novo dia era
09 uma nova aventura em busca do escasso alimento para
10 os manter naquela jornada. Trajo? No mais completodes-
11 leixo: molambos sujos e puídos cobriam-lhes os corpos
12 queimados do sol. Nômades, aventureiros, despreocupa-
13 dos – eram os boêmios.

14 Assim nasceu a semântica da palavra *boêmio*. O
15 nome gentílico de Boêmia passou a aplicar-se ao indiví-
16 duo despreocupado, de existência irregular, relaxado no
17 vestuário, vivendo ao deus-dará, à toa, na vagabundagem
18 alegre. Daí também o substantivo *boêmia*. Na definição
19 de Antenor Nascentes: vida despreocupada e alegre,
20 vadiação, estúrdia, vagabundagem. Aplicou-se depois o
21 termo, especializadamente, à vida desordenada e sem
22 preocupações de artistas e escritores mais dados aos
23 prazeres da noite que aos trabalhos do dia. Eis um exem-
24 plo clássico do que se chama degenerescência semânti-
25 ca. De limpo gentílico – natural ou habitante da Boêmia
26 – boêmio acabou carregado de todas essas conotações
27 desfavoráveis.

28 A respeito do substantivo *boêmia*, vale dizer que a
29 forma de uso, ao menos no Brasil, é *boemia*/acento tô-
30 nico em *-mi*. E é natural que assim seja, considerando-se
31 que *-ia* é sufixo que exprime condição, estado, ocupação.
32 Conferir: *alegria, anarquia, barbaria, rebeldia, tropelia, pi-
33 rataria*... Penso que sobretudo palavras como *folia* e *orgia*
34 devem ter influído na fixação da tonicidade de *boêmia*.
35 Notar também o par *abstêmio/abstemia*. Além do mais,
36 a prosódia *boêmia* estava prejudicada na origem pelo
37 nome próprio Boêmia: esses boêmios não são os que vi-
38 vem na Boêmia...

Adaptado de: LUFF, Celso Pedro. Boêmios, Boêmia e boemia. In: O romance das palavras. São Paulo: Ática, 1996. p. 30-31.

Associe cada ocorrência de sinal de pontuação à esquerda com a noção que expressa no contexto em que ocorre.

- | | |
|--------------------------|-------------------|
| () dois-pontos da l. 11 | 1. definição |
| () dois-pontos da l. 19 | 2. conformidade |
| () dois-pontos da l. 32 | 3. explicação |
| | 4. exemplificação |

A sequência correta de preenchimento dos parênteses, de cima para baixo, é:

- a) 1 – 2 – 3
- b) 1 – 3 – 4
- c) 2 – 3 – 4
- d) 3 – 2 – 4
- e) 4 – 1 – 2

○ 29. (UFRGS)

01 Não faz muito que temos esta nova TV com controle re-
02 moto, mas devo dizer que se trata agora de um instrumento
03 sem o qual eu não saberia viver. Passo os dias sentado na ve-
04 lha poltrona, mudando de um canal para o outro – uma tarefa
05 que antes exigia certa movimentação, mas que agora ficou
06 muito fácil. Estou num canal, não gosto – zap, mudo para ou-
07 tro. Eu gostaria de ganhar em dólar num mês o número de
08 vezes que você troca de canal em uma hora, diz minha mãe.
09 Trata-se de uma pretensão fantasiosa, mas pelo menos indica
10 disposição para o humor, admirável nessa mulher.

11 Sofre minha mãe. Sempre sofreu: infância carente, pai
12 cruel, etc. Mas o seu sofrimento aumentou muito quando
13 meu pai a deixou. Já faz tempo; foi logo depois que eu naci,
14 e estou agora com treze anos. Uma idade em que se vê
15 muita televisão, e em que se muda de canal constantemente,
16 ainda que minha mãe ache isso um absurdo. Da tela,
17 uma moça sorridente pergunta se o caro telespectador já
18 conhece certo novo sabão em pó. Não conheço nem quero
19 conhecer, de modo que – zap – mudo de canal. “Não me
20 abandone, Mariana, não me abandone!”. Abandono, sim.
21 Não tenho o menor remorso, e agora é um desenho, que
22 eu já vi duzentas vezes, e – zap – um homem falando. Um
23 homem, abraçado guitarra elétrica, fala uma
24 entrevistadora. É um roqueiro. É meio velho, tem cabelos gris-
25 salhos, rugas, falta-lhe um dente. É o meu pai.

26 É sobre mim que ele fala. Você tem um filho, não
27 tem?, pergunta a apresentadora, e ele, meio constrangido
28 – situação pouco admissível para um roqueiro de verdade
29 –, diz que sim, que tem um filho só que não vê há muito
30 tempo. Hesita um pouco e acrescenta: você sabe, eu tinha
31 que fazer uma opção, era a família ou o rock. A entrevista-
32 dora, porém, insiste (é chata, ela): mas o seu filho gosta de
33 rock? Que você saiba, seu filho gosta de rock?

34 Ele se mexe na cadeira; o microfone, preso des-
35 botada camisa, roça-lhe o peito, produzindo um desagradá-
36 vel e bem audível rascar. Sua angústia é compreensível;
37 aí está, num programa local e de baixíssima audiência – e
38 ainda tem de passar pelo vexame de uma pergunta que
39 o embarça e à qual não sabe responder. E então ele me
40 olha. Vocês dirão que não, que é para a câmera que ele
41 olha; aparentemente é isso; mas na realidade é a mim que
42 ele olha, sabe que, em algum lugar, diante de uma tevê, es-
43 tou a fitar seu rosto atormentado, as lágrimas me correndo
44 pelo rosto; e no meu olhar ele procura a resposta per-
45 gunta da apresentadora: você gosta de rock? Você gosta de
46 mim? Você me perdoa? – mas aí comete um engano mortal:
47 insensivelmente, automaticamente, seus dedos começam a
48 dedilhar as cordas da guitarra, é o vício do velho roqueiro.
49 Seu rosto se ilumina e ele vai dizer que sim, que seu filho
50 ama o rock tanto quanto ele, mas nesse momento – zap –
51 aciono o controle remoto e ele some. Em seu lugar, uma
52 bela e sorridente jovem que está – à exceção do pequeno
53 relógio que usa no pulso – nua, completamente nua.

Adaptado de: SCLIAR, M. Zap. In: MORICONI, I. (Org.) Os cem melhores contos brasileiros. Rio de Janeiro: Objetiva, 2009. p. 547-548.

Associe cada ocorrência de sinal de pontuação, na primeira coluna, com o sentido, na segunda coluna, que tal sinal ajuda a expressar no contexto em que ocorre.

- | |
|---------------------------------|
| () Dois pontos (l. 11 e l. 46) |
| () Exclamação (l. 20) |
| () Interrogação (l. 45) |

- 1. Assinala exemplificação
- 2. Anuncia explicações
- 3. Incita resposta
- 4. Enfatiza pedido



A sequência correta de preenchimento dos parênteses, de cima para baixo, é:

- a) 1 - 3 - 2
- b) 1 - 4 - 3
- c) 2 - 3 - 1
- d) 2 - 4 - 1
- e) 2 - 4 - 3

30. (UFRGS)

1 No início do século XXI, um geneticista inglês chamado
2 Anthony Monaco, professor da Universidade de Oxford e in-
3 tegrante do Projeto Genoma Humano, anunciou a descober-
4 ta do que poderá ser o primeiro gene que, aparentemente,
5 está associado à competência linguística humana: o FOXP2.
6 Monaco proclamou sua possível descoberta após estudar
7 diferentes gerações dos K. E., uma família inglesa de classe
8 média. O geneticista constatou que muitos membros dessa
9 família possuíam distúrbios de linguagem, os quais não pa-
10 reciam estar associados a algum mero problema de desem-
11 penho linguístico, como língua presa, audição ineficiente etc.
12 Tais distúrbios diziam respeito à conjugação verbal, à distri-
13 buição e à referencialidade dos pronomes, à elaboração de
14 estruturas sintáticas complexas, como orações subordi-
15 nadas etc. O interessante é que os avós, pais, filhos e netos
16 da família K. E. não possuíam aparentemente nenhum outro
17 distúrbio cognitivo além desses problemas com o conhe-
18 cimento linguístico. Monaco analisou amostras de DNA dessa
19 família e descobriu que uma única unidade de DNA de um
20 único gene estava corrompida: o FOXP2.

21 O FOXP2 é um dos 70 genes diferentes que o cro-
22 mossomo 7, que é responsável pela arquitetura genética
23 do cérebro humano. Ou seja, trata-se de um gene que cria
24 neurônios, neurotransmissores e afins. Esse gene, o FOXP2,
25 possui 2.500 unidades de DNA, e só uma delas apresentava
26 problemas na genética da família K. E. Monaco estava con-
27 vencido de que esse gene deveria ser, pelo menos em parte,
28 responsável pela capacidade linguística humana. Ele confir-
29 mou suas intuições quando descobriu o jovem inglês C. S.,
30 que não possuía parentesco com os K. E., mas apresentava
31 os mesmos distúrbios linguísticos manifestados pelos mem-
32 bros daquela família. Monaco analisou o FOXP2 de C. S. e
33 constatou aquilo que presumia: C. S. apresentava um defeito
34 na mesma unidade de DNA do FOXP2 deficiente na família K.
35 E. A partir desse achado, o geneticista divulgou o que pode
36 ser a descoberta do primeiro gene aparentemente responsá-
37 vel pela genética da linguagem humana: o FOXP2.

38 A lógica subjacente afirmação de Monaco é a seguin-
39 te: como parte do FOXP2 está danificada nos K. E. e também
40 em C. S., e isso parece ter como correlato comportamental di-
41 ficuldades exclusivamente linguísticas, então esse gene deve
42 ser responsável pelas habilidades linguísticas deficientes nos
43 K. E. e em C. S. Se isso for verdadeiro, então, nas pessoas
44 com o FOXP2 sem anomalias, esse gene deve ter a função
45 de produzir os neurônios que virão a formar as sinapses res-
46 ponsáveis pelo conhecimento linguístico.

47 Independentemente de as pesquisas de Anthony Mo-
48 naco a ser confirmadas ou não nas pesquisas mais
49 recentes sobre genética humana (e há, de fato, muitos ge-
50 neticistas que as refutam com muito bons argumentos e
51 evidências), o importante é que elas abriram ou aprofunda-
52 ram a discussão a respeito dos fundamentos biológicos da
53 linguagem humana.

Adaptado de: KENEDY, E. Curso básico de linguística gerativa. São Paulo: Contexto, 2013. p. 79-80.

Na primeira coluna, abaixo, estão listados sinais de pontua-
ção e marcações gráficas; na segunda, o sentido ou a função que
expressam no contexto em que ocorrem.

Associe corretamente a coluna da direita à da esquerda.

- () vírgula (l. 01)
- () vírgula (l. 07)
- () dois-pontos (l. 37)
- () parênteses (l. 49-51)

- 1. Permite inserir enumerações.
- 2. Permite inserir um comentário elucidativo.
- 3. Permite realçar a inserção de termo técnico.
- 4. Permite inserir um aposto.
- 5. Permite deslocar um adjunto.

A sequência correta de preenchimento dos parênteses, de cima para baixo, é:

- a) 5 - 4 - 3 - 2
- b) 1 - 5 - 3 - 2
- c) 4 - 1 - 3 - 2
- d) 5 - 4 - 2 - 4
- e) 4 - 2 - 4 - 3

Instrução: Leia o texto, a seguir, atentando para responder às questões 31 e 32.

01 Entre a desordem carnavalesca, que permite e estimula
02 o excesso, e a ordem, que requer a continência e a disciplina
03 pela obediência estrita às leis, como é que nós, brasileiros,
04 ficamos? Qual a nossa relação e a nossa atitude para com
05 e diante de uma lei universal que teoricamente deve valer
06 para todos? Como procedemos diante da norma geral, se
07 fomos criados numa casa onde, desde a mais tenra idade,
08 aprendemos que há sempre um modo de satisfazer nossas
09 vontades e desejos, mesmo que isso vá de encontro às nor-
10 mas do bom-senso e da coletividade em geral?

11 Num livro que escrevi – *Carnavais, malandros e heróis* –,
12 lancei a tese de que o dilema brasileiro residia numa trágica
13 oscilação entre um esqueleto nacional feito de leis univer-
14 sais cujo sujeito era o indivíduo e situações onde cada qual
15 se salvava e se despachava como podia, utilizando para isso
16 o seu sistema de relações pessoais. Haveria, assim, nessa
17 colocação, um verdadeiro combate entre as leis que devem
18 valer para todos e as relações que evidentemente só podem
19 funcionar para quem as tem. O resultado é um sistema so-
20 cial dividido e até mesmo equilibrado entre duas unidades
21 sociais básicas: o indivíduo (o sujeito das leis universais que
22 modernizam a sociedade) e a pessoa (o sujeito das relações
23 pessoais, que conduz ao polo tradicional do sistema). Entre
24 os dois, o coração dos brasileiros balança. E no meio dos
25 dois, a malandragem, o “jeitinho” e o famoso e antipático
26 “sabe com quem está falando?” seriam modos de enfrentar
27 essas contradições e paradoxos de modo tipicamente brasi-
28 leiro. Ou seja: fazendo uma mediação também pessoal entre
29 a lei, a situação onde ela deveria aplicar-se e as pessoas nela
30 implicadas, de tal sorte que nada se modifique, apenas fican-
31 do a lei um pouco desmoralizada, mas, como ela é insensível
32 e não é gente como nós, todo mundo fica, como se diz, numa
33 boa, e a vida retorna ao seu normal...

34 De fato, como é que reagimos diante de um “proibido
35 estacionar”, “proibido fumar”, ou diante de uma fila quilo-
36 métrica? Como é que se faz diante de um requerimento que
37 está sempre errado? Ou diante de um prazo que já se esgo-



38 tou e conduz a uma multa automática que não foi divulgada
39 de modo apropriado pela autoridade pública? Ou de uma
40 taxaço injusta e abusiva?

Adaptado de: DA MATTA, Roberto. O que faz o Brasil, Brasil?. Rio de Janeiro: Rocco, 1984. p. 97-99.

○ 31. (UFRGS 2022) Observe as seguintes afirmações sobre o emprego de sinais de pontuação, considerando o sentido original da frase e sua correção gramatical.

I - Substituição dos dois pontos da linha 21 por um ponto final.

II - Substituição dos dois pontos da linha 28 por uma vírgula.

III - Supressão da vírgula imediatamente depois de *diz* (l. 32).

Quais estão corretas?

- a) Apenas I.
- b) Apenas II.
- c) Apenas I e III.
- d) Apenas II e III.
- e) I, II e III.

○ 32. (UFRGS 2022) Considere as seguintes afirmações sobre o texto.

I - As interrogações no último parágrafo servem para o autor problematizar o tema com o leitor.

II - Os parênteses no segundo parágrafo servem para o autor explicar termos para o leitor.

III - As aspas no terceiro parágrafo servem para o autor introduzir passagens citadas de outros contextos.

Quais estão corretas?

- a) Apenas I.
- b) Apenas II.
- c) Apenas III.
- d) Apenas II e III.
- e) I, II e III.

○ 33. (UFSM) Considere o que se afirma sobre a oração destacada a seguir.

Júlio quer vestir a camiseta da marca mais valiosa do planeta, o Google.

I - Emprega-se o segmento *vestir a camiseta* em sentido figurado, significando empenho e esforço pessoal dedicados a uma empresa.

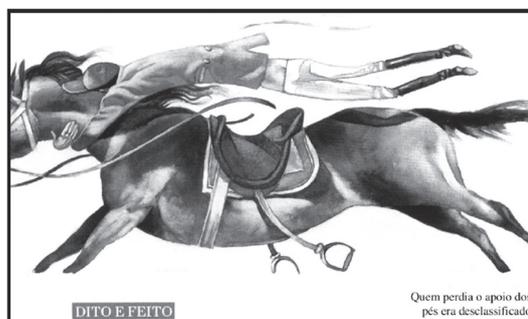
II - A sequência *(d)a marca mais valiosa do planeta* é esclarecida pelo termo *Google*, o que justifica o emprego da vírgula.

III - O verbo *querer* auxilia a expressar a aspiração, o projeto do adolescente.

Está(ão) correta(s)

- a) apenas I.
- b) apenas II.
- c) apenas I e III.
- d) apenas II e III.
- e) I, II e III.

Instrução: Para responder à questão 34, leia o que se apresenta na seção Dito e Feito da revista *Aventuras na História*, edição de julho de 2008.



Texto I

“Perder as estribeiras”

Expressão surgiu nos jogos de cavalaria

01 Quando uma pessoa se descontrola ou fica momen-
02 taneamente desatinada, dizemos que ela “perdeu as estri-
03 beiras”. A origem dessa expressão está nos jogos europeus
04 de cavalaria dos séculos 15 a 17. Literalmente, perder as es-
05 tribeiras significava ficar sem contato com os estribos, aros
06 que pendem de cada lado da sela do cavalo e são utilizados
07 como ponto de apoio para o pé do cavaleiro.

08 Nas antigas corridas de argolinhas, torneios em que os
09 cavaleiros a galope precisam atingir com a ponta de uma
10 lança as argolas penduradas em fios, perder as estribeiras
11 desclassificava automaticamente os cavaleiros do páreo. Já
12 nas corridas de cavalos sertanejos do Brasil, quem cometesse
13 esse erro era zombado e tinha que pagar a bebida dos
14 companheiros como castigo.

Livia Lombardo

Texto II

“Da pá virada”

Era assim que se falava de uma pessoa desocupada

01 Atualmente, a expressão “da pá virada” pode ser usa-
02 da com vários significados bem diferentes. Ela serve, por
03 exemplo, para qualificar uma criança travessa e inquieta.
04 Também se fala assim de pessoas de má índole, que são
05 criadoras de casos. Além disso, a frase ainda pode servir
06 para elogiar indivíduos corajosos e competentes.

07 Em sua origem, porém, essa frase tinha um único signi-
08 ficado. Uma pá de pedreiro virada, voltada para o solo, é um
09 instrumento inútil, sem nenhuma serventia. Assim, a cons-
10 trução verbal era utilizada para designar indivíduos vadios,
11 sem ocupação, que não trabalhavam e, da mesma maneira
12 que uma pá virada, não serviam para nada. De acordo com
13 o historiador Luís da Câmara Cascudo (1898-1986), a expres-
14 são é brasileira, e provavelmente surgiu no século 19.

Livia Lombardo



○ 34. (UFSM) Ao esclarecer a origem da expressão “Da pá virada”, a autora afirma: *Uma pá de pedreiro virada, voltada para o solo, é um instrumento inútil, sem nenhuma serventia.* (l. 08-09).

Julgue se é verdadeiro (V) ou falso (F) o que se afirma sobre a organização dessa parte do texto.

() As preposições *para* e *sem* agregam ao sentido da explicação as ideias de direção e ausência, respectivamente.

() O segmento *sem nenhuma serventia* reforça a avaliação negativa que *inútil* expressa.

() A última vírgula separa termos de mesma função sintática.

A sequência correta é

- a) V - V - V.
- b) F - V - F.
- c) V - F - V.
- d) V - F - F.
- e) F - F - V.

Instrução: Para responder à questão 35, leia o texto apresentado a seguir, que integra a reportagem intitulada *Leitura, moral e ética* sobre o 1º Seminário Victor Civita de Educação. Essa matéria foi publicada na edição de novembro de 2006 da revista Nova Escola.

Professor peregrino

01 Para analisar a ética e a moral do homem pós-moderno
02 e propor caminhos mais promissores, o psicólogo Yves de
03 La Taille comparou-o a um turista e colocou-o em oposição
04 a um peregrino.

05 O turista, de acordo com ele, viaja por recreação, busca
06 apenas o prazer, não dá atenção à situação social do local
07 que visita e muito menos às pessoas que lá estão apenas
08 para servi-lo.

09 Raramente traz de volta uma experiência de vida.

10 Para o turista, pouco importa o caminho. O tempo da
11 viagem é um hiato, um tempo perdido, programado, quan-
12 do geralmente ele dorme. A programação do turista é pré-
13 via: ele quer conhecer partes, em tempos corretos, e nada
14 pode dar errado. Sua viagem, em geral, nada tem a ver com
15 o momento que está vivendo, antes e depois das férias.

16 Já o peregrino, segundo De La Taille, viaja porque tem
17 um querer, busca alguma coisa, uma identidade. Escreve
18 um diário e traz da sua viagem uma experiência. Para ele, a
19 ida e a volta são lentas e importantes, o caminhar tem seu
20 valor. O peregrino não busca o prazer, mas a alegria. En-
21 quanto o turista espera, o peregrino quer.

22 “Que cidadãos estamos reproduzindo na escola, turis-
23 tas ou peregrinos?”, perguntou De La Taille, acreditando ser
24 a primeira opção a resposta.

25 Para ele, vivemos numa era de fragmentação, tanto de
26 tempos como de espaços. E citou o *Jornal Nacional*, com seus
27 fragmentos de notícias, os shoppings, com suas lojas que
28 nada têm a ver umas com as outras (a não ser o fato de
29 serem lojas), os vídeos, com suas colagens de imagens
30 desconexas... “Nosso tempo é uma sequência de pequenas
31 urgências”, argumentou.

32 O celular, que o psicólogo fez questão de dizer que
33 não tem, e o e-mail, da forma como são utilizados, são os
34 exemplos máximos desse tipo de fragmentação. “Vivemos a
35 ditadura do prazer numa época em que a ordem é comuni-
36 car-se, o que é muito diferente de estar com o outro”.

37 Mas o que vai na bagagem de um professor turista e de
38 um professor peregrino? A questão, feita por um dos pre-
39 sentes, foi assim respondida por De La Taille: “Na bagagem
40 do turista – grande e espaçosa –, encontraríamos apenas as
41 receitas, a tecnologia. Na do peregrino – uma trouxinha, pois
42 o que importa está na cabeça –, haveria o conhecimento, a
43 experiência e tudo o que ele tem a compartilhar com seus
44 alunos”.

RICARDO FALZETTA

○ 35. (UFSM) Analise uma reescrita possível para a pergunta lançada nas linhas 22 e 23:

Estamos reproduzindo na escola que cidadãos,
turistas ou peregrinos?

Com o deslocamento de *que cidadãos* para a posição final, a semelhança entre a organização sintática da frase reescrita e a da declarativa fica mais evidente. Deixa-se claro, assim, que o emprego da vírgula é necessário, pois ela está sinalizando

- a) a existência de um aposto.
- b) o deslocamento do objeto direto.
- c) a existência de um vocativo.
- d) a intercalação de um predicativo.
- e) o deslocamento do adjunto adverbial.

Instrução: Para responder à questão 36, leia o texto I, parte de uma crônica de Moacyr Scliar publicada na edição de 27/9/98 do jornal Zero Hora.

Texto I

Gauchismo e chimarrão

01 Há algumas semanas estive em Porto Alegre o profes-
02 sor norte-americano Clifford Landers, grande divulgador
03 da literatura brasileira nos Estados Unidos e tradutor de,
04 entre outros, Rubem Fonseca e João Ubaldo. Num domín-
05 go pela manhã, levei-o a conhecer Porto Alegre. Termina-
06 mos no brique da Redenção, onde ele ficou maravilhado
07 com o movimento e, sobretudo, com o número de pesso-
08 as tomando chimarrão.

09 Disso podemos nos orgulhar. O McDonald's está em
10 todo o mundo, a Coca-Cola também, mas o chimarrão
11 continua sendo autenticamente gaúcho. A pergunta é: por
12 quê? Por que não aconteceu com a erva-mate o mesmo
13 que com o café e o tabaco, transformados em “commo-
14 dities” globais? Exatamente por isso, porque o chimarrão
15 não é cômodo. A térmica dispensa o fogo e a trempe, mas,
16 de qualquer modo, o preparo da infusão contínua reque-
17 rendo um elaborado ritual, muito mais elaborado do que
18 extrair um cigarro do maço e acendê-lo. Não houve manei-
19 ra de industrializar o chimarrão como foi feito com o café,
20 com o cacau, com o tabaco e até mesmo com a cocaína.
21 Sim, há o chá de mate, e é uma bebida agradável, mas é
22 uma coisa bem diferente. A cultura do chimarrão é uma
23 cultura artesanal. Mais do que isso, ela não está associada
24 a nenhum dos valores da sociedade competitiva, de consu-
25 mo. Café e coca são estimulantes, o cigarro, ao menos
26 em uma época, foi símbolo de status, o chocolate era até
27 considerado afrodisíaco. O modesto mate não tem essa
28 aura. (...)

29 Seu mérito é de outra natureza: congrega as pessoas,
30 estimula o sentido de camaradagem. O que tem óbvios
31 benefícios emocionais.



32 Num mundo ameaçado pela homogeneização, a cultura gaúcha, teimosamente, gloriosamente, sobrevive. O que
 33 é muito bom. Identidade é algo a ser preservado, inclusive
 34 por se tratar de componente importante da
 35 saúde mental. Melhor tomar chimarrão
 36 do que recorrer aos psicotrópicos
 37 como forma de preencher o
 38 vazio existencial.
 39



○ 36. (UFSM) "Num mundo ameaçado pela homogeneização, a cultura gaúcha, teimosamente, gloriosamente, sobrevive." (l. 32-33)

Considere as seguintes possibilidades de alteração da ordem direta na colocação dos termos numa oração:

- I. deslocamento do sujeito;
- II. deslocamento do predicativo;
- III. deslocamento do adjunto adverbial.

Se essas possibilidades são aplicadas na análise do período destacado, percebe-se que o emprego das vírgulas, à exceção da terceira, está relacionado com o que se apresenta em

- a) I apenas.
- b) II apenas.
- c) I e II.
- d) III apenas.
- e) II e III.

Instrução: Leia o texto II para responder à questão 37.

Texto II

Em pesquisa encomendada pela Associação Brasileira de *Shopping Centers* (Abrasce) ao Instituto de Pesquisa e Desenvolvimento de Mercado (IPDM), no ano passado 59% dos paulistanos declararam ir ao *shopping* semanalmente. Eles ficam em torno de 72 minutos no *shopping*, visitam uma média de 2,7 lojas e gastam cerca de R\$ 92. A maior parte vai de carro ou moto (40%), e o tempo médio de deslocamento até o *shopping* é de 22 minutos. Dentre os principais motivos de ida ao *shopping*, 44% apontam as compras; 16%, os serviços; 14%, a alimentação. Dentre os serviços mais utilizados, os caixas eletrônicos e as agências bancárias "são apontados pela maior parte dos entrevistados.

Revista Shopping Centers, março, 2004. (adaptado)

○ 37. (UFSM) Identifique as causas do emprego das vírgulas no texto II.

Em qual das alternativas a seguir, a(s) vírgula(s) é(são) empregada(s) por uma causa DIFERENTE das que você identificou?

- a) O *shopping* está abrindo, e uma família já está na porta de entrada.
- b) Ana e Júlia pediram pizzas; José e Pedro, hambúrgueres.
- c) Seus filhos correm, brincam no parquinho e encontram amigos".
- d) No final da tarde, o *shopping* é ponto de encontro dos jovens.
- e) Os adolescentes compraram muitas roupas; gastaram, portanto, somas elevadas.

Instrução: Leia o texto IV para responder à questão 38.

Texto IV

★★★★★

O GENE DA MATEMÁTICA
Keith Devlin

Editora Record
350 páginas
R\$ 46

O Gene da Matemática

NÚMERO NATURAL

A matemática é um saco? Talvez não, pelo menos depois de ler esse livro de Devlin, um norte-americano especialista em neurolinguística. Ele mostra que o raciocínio numérico é instintivo no ser humano e se baseia no mesmo princípio que rege a linguagem: a habilidade de lidar com símbolos. A partir daí, analisa o funcionamento do nosso cérebro e ressalta a beleza da matemática – "a ciência dos padrões".

SERGIO AMARAL SILVA

Superinteressante, junho, 2004. p. 91.

○ 38. (UFSM) Assinale verdadeira (V) ou falsa (F) em cada uma das afirmações relacionadas à apresentação do livro de Keith Devlin.

- () O título da nota de apresentação, "Número natural", não se refere, necessariamente, a "qualquer número inteiro positivo", mas permite também a seguinte leitura: o número vem de nascer, é inato.
- () No texto IV, dois dos apostos, ou seja, dois dos termos que esclarecem ou explicam o antecedente, foram introduzidos de formas diferentes: por vírgula e por travessão.
- () A expressão "pelo menos" introduz um argumento que atenua a ideia de que a matemática é um saco.

A sequência correta é?

- a) V – V – F.
- b) F – V – F.
- c) V – V – V.
- d) F – F – V.
- e) V – F – F.



39. (UFSM)

Texto 1

01 Um dos primeiros registros de que as salinas naturais
02 do Nordeste brasileiro chamaram a atenção dos portugue-
03 ses é o relato de um capitão-mor, Pero Coelho, em 1627.
04 Derrotado por piratas franceses numa batalha na serra de
05 Ibiapaba, no Ceará, Coelho recuou suas forças para o litoral
06 e encontrou – na região onde se localiza hoje o Município de
07 Areia Branca – extensões de sal suficientes para abarrotar
08 muitos navios. Em 1641, Gedeão Morritz, o chefe da guar-
09 nição batava no Ceará, chegou às mesmas salinas; a partir
10 daí, os holandeses, que em seus primeiros anos no Nordes-
11 te importavam sal, trazido pelos navios da Companhia das
12 Índias Ocidentais, iniciaram a extração do mineral. O sal do
13 Rio Grande do Norte só começou a ser comercializado em
14 outras províncias a partir de 1808, com a suspensão das
15 proibições por D. João VI.

Fonte: O sal na história. Disponível em: http://www.norsal.com.br/fo_sal/historia.html. Acesso em: 01 ago. 2014. (adaptado)

Texto 2

01 É na terra do Tio Sam que fica uma das regiões mais
02 ricas do mundo nesse mineral. Salt Lake City, capital do Es-
03 tado de Utah, está à beira de um dos maiores lagos salgados
04 do planeta. Sorte dos americanos, que precisam do sal para
05 muito mais do que temperar guloseimas. Menos de 10%
06 do sal que os Estados Unidos produzem é de mesa, aliás. A
07 grande fatia – cerca de 50% – serve para derreter a neve das
08 estradas no inverno.

Fonte: PAIVA, U.; PENNA, M. Império do sal. *Superinteressante*. Disponível em: <http://super.abril.com.br/ciencia/imperio-sal-443351.shtml>. Publicado em set. 2012.

Com relação ao uso de recursos linguísticos nos textos, assi-
na V (verdadeira) ou F (falsa) na(s) afirmativa(s) a seguir.

() No Texto 1, tanto “um capitão-mor” (l.03) quanto “o chefe da guarnição batava no Ceará” (l.08-09) funcionam como apostos que especificam os cargos ocupados, respectivamente, por “Pero Coelho” (l.03) e “Gedeão Morritz” (l.08), ambos sujeitos nas orações.

() No Texto 1, em “relato de um capitão-mor” (l.03) e “extração do mineral” (l.12), “um capitão mor” e “mineral” são representados como agentes no contexto.

() No Texto 2, os travessões que intercalam “cerca de 50%” (l.9) poderiam ser substituídos por vírgulas, sem infração à norma-padrão, considerando-se a mesma razão por que “capital do Estado de Utah” (l. 02-03) aparece entre vírgulas.

A sequência correta é

- a) V – V – F.
- b) F – F – V.
- c) V – F – F.
- d) F – V – F.
- e) V – F – V.

40. (UFSM) Diante do aumento de doenças relacionadas à alta ingestão de sódio, diversas entidades têm lançado campanhas para redução do consumo de sal, veiculadas em diferentes mídias, como exemplificam os textos a seguir.

Texto 1



Disponível em: <http://dzeta.com.br/info/index.php/2011/menos-sal-mais-saude>. Acesso em: 31 jul. 2014.

Texto 2

Pare... Olhe... Escolha...



... a opção com menos sal

A maior parte do sal que consumimos já está presente nos alimentos que compramos. Leia o rótulo e escolha menos sal!

Semana Mundial da
Consciência sobre o sal
De 10 a 16 de março de 2014

WASH

ALASS

Disponível em: <http://www.idec.org.br/em-acao/em-foco/entidades-civis-ao-redordo-mundo-se-unem-na-semana-de-consciencia-sobre-o-sal>. Acesso em: 31 jul. 2014.

Os produtores desses textos escolheram diferentes recursos linguísticos para alertar os leitores sobre o consumo de sal. Considere as afirmativas acerca desses recursos:

I - No Texto 1, são usadas duas frases nominais cuja disposição permite inferir que a melhora da saúde é consequência da diminuição do consumo de sal.

II - No Texto 2, as reticências, depois de “Escolha”, servem para indicar uma interrupção da frase e, antes de “a opção com menos sal”, sinalizam o complemento da frase interrompida.

III - No Texto 2, o uso dos verbos “consumimos”, “está” e “compramos” no modo indicativo contribui para compor uma informação que justifica o apelo à leitura do rótulo e à escolha de produtos com menos sal.

Está(ão) correta(s)

- a) apenas I.
- b) apenas III.
- c) apenas I e II.
- d) apenas II e III.
- e) I, II e III.



○ 41. (UFSM)

01 Ele elevou à décima potência a disseminação do conhe-
02 cimento. Ele nos permite viajar sem sair do lugar, mas, além
03 disso, pode guardar informações por séculos. Romanos es-
04 creviam em tábuas, egípcios, em papiros, e os maias e aste-
05 cas tinham uma espécie de livro feito com casca de árvore.
06 Mas o papel, desenvolvido no século 2 pelos chineses, e a
07 prensa de Gutenberg, do século 15, foram as criações mais
08 importantes para o surgimento do livro da forma como o
09 temos hoje. A primeira impressão ocorreu em 1442. Depois
10 que o uso da prensa se consolidou, comerciantes lançaram
11 uma variedade de títulos, muitos deles originários de ma-
12 nuscritos antigos. Mas o *boom* ocorreu mesmo no século 19.
13 A Revolução Industrial trouxe inovações tecnológicas para o
14 papel, tornando-o mais barato e acessível às editoras. Sem
15 esses calhamaços de folhas, provavelmente boa parte da
16 história da humanidade teria se perdido.

Com relação ao emprego de recursos de coesão e de pontuação no texto, considere as afirmativas a seguir.

I - O livro é referido, ao longo do texto, duas vezes pelo pronome "Ele" e duas vezes pelo pronome "o".

II - A vírgula que sucede "egípcios" (l.04) foi usada para indicar a elipse da palavra "escreviam" (l.04), evitando sua repetição.

III - A vírgula que antecede "e os maias e astecas" (l.04-05) poderia ser eliminada, sem prejuízo à norma padrão.

Está(ão) correta(s)

- a) apenas I.
- b) apenas II.
- c) apenas III.
- e) apenas I e II.
- e) I, II e III.

○ 42. (UFSM)

01 Há diversas maneiras de fazer uso das mídias em am-
02 biente escolar. O controle da frequência dos estudantes por
03 meio de *chips*, por exemplo, já bastante comum nas esco-
04 las, pode ter no celular um grande aliado. Foi o que fez a
05 Secretaria Municipal de Educação de Vitória da Conquista,
06 município a aproximadamente 500 km de Salvador, BA. Por
07 meio de mensagens de celular, as escolas da rede munic-
08 pal da cidade passaram a comunicar aos pais o horário de
09 chegada e saída dos alunos, que tiveram um *chip* instalado
10 no uniforme. Embora esse tipo de controle seja polêmico,
11 a iniciativa agradou tanto a pais e alunos – que se sentiram
12 mais seguros – quanto a educadores, que viram despencar
13 os índices de evasão escolar.

Considere as seguintes afirmativas:

I – As vírgulas empregadas diante das orações "que tiveram um *chip* instalado no uniforme" (l. 09-10) e "que viram despencar os índices de evasão escolar" (l. 12-13) sinalizam a introdução de informações suplementares que envolvem, respectivamente, os alunos e educadores das escolas da rede municipal da cidade de Vitória da Conquista.

II – O uso de "Embora" (l. 10) indica que o vínculo causal entre as proposições é negado, uma vez que a polêmica sobre o uso da tecnologia para controle da frequência de estudantes não impede a satisfação de pais, alunos e educadores no contexto das escolas da rede municipal de Vitória da Conquista.

III – Os travessões, nas linhas 11 e 12, ao colocarem em evidência um sentimento de pais, alunos e educadores, funcionam como recurso linguístico na constituição do argumento em favor do uso da tecnologia nas escolas do país.

Está(ão) correta(s)

- a) apenas I.
- b) apenas II.
- c) apenas I e II.
- d) apenas III.
- e) I, II e III.

○ 43. (UFSM) Observe o trecho:

O improviso é um traço cultural e Ronaldinho se sustenta nesse ponto.

Assinale a alternativa que contém a afirmação correta quanto à pontuação.

- a) Segundo a norma padrão, deveria haver uma vírgula depois de traço cultural.
- b) O segmento "Ronaldinho se sustenta" deve vir entre vírgulas.
- c) É obrigatório o uso de vírgula antes de "nesse ponto".
- d) Antes do "e" deveria aparecer um ponto e vírgula.
- e) Deveria haver uma vírgula depois de "Ronaldinho".

○ 44. (UFSM) Observe a pontuação do do seguinte texto: *Nesta eleição, pela última vez, vigora a verticalização das candidaturas e, pela primeira vez, os partidos pequenos jogam seu futuro na exigência de fazer um mínimo de 3% da votação nacional, na chamada cláusula de barreira.*

Para se adequar às exigências de pontuação da norma culta, seria necessário o emprego de uma vírgula para

- a) separar local e data.
- b) isolar adjunto adverbial deslocado.
- c) separar orações adjetivas explicativas.
- d) separar orações coordenadas assindéticas.
- e) separar orações coordenadas iniciadas por "e", com sujeitos diferentes.



Instrução: Leia o texto a seguir para responder à questão de número 45.

Nós, pais, sempre defendemos um ensino com qualidade e com a participação da comunidade. Como é possível chamar a comunidade para uma participação mais efetiva desse processo? (R. M. Porto Alegre)

Até o fim do ano, deve ocorrer em Brasília o primeiro encontro de dirigentes do ministério com associações de pais. A família corresponde a 70% da educação brasileira. O que a criança traz de casa é mais do que dois terços da sua formação. A família é uma aliada importantíssima da educação. A lição de casa, uma das coisas mais importantes, deixou de existir – afirmou o ministro.

(As respostas do ministro para as dúvidas dos gaúchos. Zero Hora, 02-9-08, p. 4-5.)

○ **45. (UFSM)** As vírgulas 1 e 2 - 3 - 4 e 5, que se encontram numeradas no texto, separam, respectivamente,

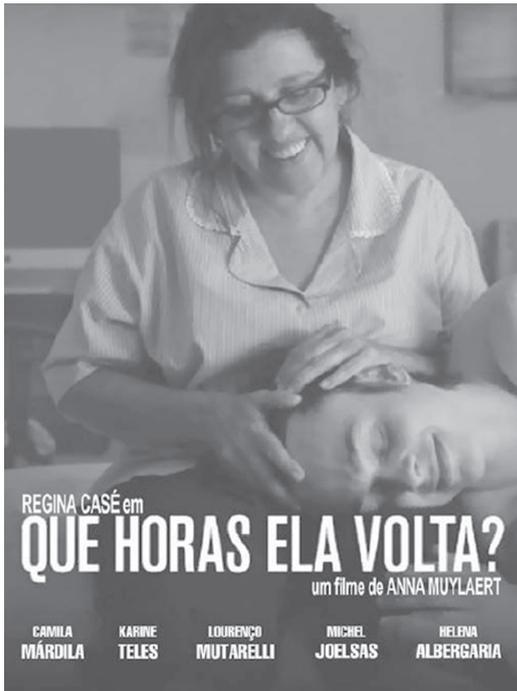
- a) um vocativo - uma oração adverbial anteposta à principal - termos de mesma função sintática.
- b) um aposto - um adjunto adverbial deslocado - um aposto.
- c) termos de mesma função sintática - uma oração coordenada assindética - um vocativo.
- d) um aposto - uma oração adverbial anteposta à principal - termos de mesma função sintática.
- e) um vocativo - termos de mesma função sintática - um aposto.



HABILIDADES À PROVA 3

» Regência verbal e nominal

○ 1. (ENEM 2020)



Disponível em: www.globofilmes.globo.com. Acesso em: 13 dez. 2017 (adaptado).

A frase, título do filme, reproduz uma variedade linguística recorrente na fala de muitos brasileiros. Essa estrutura caracteriza-se pelo(a):

- a) uso de uma marcação temporal.
- b) imprecisão do referente de pessoa.
- c) organização interrogativa da frase.
- d) utilização de um verbo de ação.
- e) apagamento de uma preposição.

○ 2. (UFRGS) Se a forma verbal *almejava* fosse substituída por *aspirava* em *Aquela, sim, era a morte que eu almejava*, qual das alternativas abaixo estaria gramaticalmente correta?

- a) Aquela, sim, era a morte a que eu aspirava.
- b) Aquela, sim, era a morte para a qual eu aspirava.
- c) Aquela, sim, era a morte que eu aspirava.
- d) Aquela, sim, era a morte de que eu aspirava.
- e) Aquela, sim, era a morte com a qual eu aspirava.

○ 3. (UFRGS)

01 No início do século XXI, um geneticista inglês chamado
02 Anthony Monaco, professor da Universidade de Oxford e in-
03 tegrante do Projeto Genoma Humano, anunciou a descoberta
04 ta do que poderá ser o primeiro gene que, aparentemente,
05 está associado à competência linguística humana: o FOXP2.
06 Monaco proclamou sua possível descoberta após estudar
07 diferentes gerações dos K. E., uma família inglesa de classe
08 média. O geneticista constatou que muitos membros des-
09 sa família possuíam distúrbios de linguagem, os quais não
10 pareciam estar associados a algum mero problema de de-
11 sempenho linguístico, como língua presa, audição ineficien-
12 te etc. Tais distúrbios diziam respeito à conjugação verbal, à
13 distribuição e à referencialidade dos pronomes, à elabora-
14 ção de estruturas sintáticas complexas, como orações
15 subordinadas etc. O interessante é que os avós, pais, filhos e
16 netos da família K. E. não possuíam aparentemente nenhum
17 outro distúrbio cognitivo além desses problemas com o co-
18 nhecimento linguístico. Monaco analisou amostras de DNA
19 dessa família e descobriu que uma única unidade de DNA de
20 um único gene estava corrompida: o FOXP2.

21 O FOXP2 é um dos 70 genes diferentes que o cro-
22 mossomo 7, que é responsável pela arquitetura genética
23 do cérebro humano. Ou seja, trata-se de um gene que cria
24 neurônios, neurotransmissores e afins. Esse gene, o FOXP2,
25 possui 2.500 unidades de DNA, e só uma delas apresenta-
26 va problemas na genética da família K. E. Monaco estava
27 convencido de que esse gene deveria ser, pelo menos em
28 parte, responsável pela capacidade linguística humana. Ele
29 confirmou suas intuições quando descobriu o jovem inglês
30 C. S., que não possuía parentesco com os K. E., mas apresen-
31 tava os mesmos distúrbios linguísticos manifestados pelos
32 membros daquela família. Monaco analisou o FOXP2 de C.
33 S. e constatou aquilo que presumia: C. S. apresentava um
34 defeito na mesma unidade de DNA do FOXP2 deficiente na
35 família K. E. A partir desse achado, o geneticista divulgou o
36 que pode ser a descoberta do primeiro gene aparentemente
37 responsável pela genética da linguagem humana: o FOXP2.

38 A lógica subjacente afirmação de Monaco é a se-
39 guinte: como parte do FOXP2 está danificada nos K. E. e tam-
40 bém em C. S., e isso parece ter como correlato comporta-
41 mental dificuldades exclusivamente linguísticas, então esse
42 gene deve ser responsável pelas habilidades linguísticas
43 deficientes nos K. E. e em C. S. Se isso for verdadeiro, então,
44 nas pessoas com o FOXP2 sem anomalias, esse gene deve
45 ter a função de produzir os neurônios que virão a formar as
46 sinapses responsáveis pelo conhecimento linguístico.

47 Independentemente de as pesquisas de Anthony Mo-
48 naco a ser confirmadas ou não nas pesquisas mais
49 recentes sobre genética humana (e há, de fato, muitos ge-
50 neticistas que as refutam com muito bons argumentos e
51 evidências), o importante é que elas abriram ou aprofunda-
52 ram a discussão a respeito dos fundamentos biológicos da
53 linguagem humana.

Adaptado de: KENEDY, E. Curso básico de linguística gerativa. São Paulo: Contexto, 2013. p. 79-80.



Assinale a alternativa que preenche corretamente as lacunas das linhas 14, 21, 38 e 48, nessa ordem.

- a) às - compõe - à - vierem
- b) as - compõem - a - vierem
- c) às - compõe - a - virem
- d) as - compõem - à - virem
- e) as - compõem - à - vierem

○ 4. (UFRGS)

1 Havia naquele cemitério uma sepultura em torno a
2 imaginação popular tecera lendas. Ficava ao lado da capela,
3 perto dos grandes jazigos, e consistia numa lápide cinzenta,
4 com a inscrição já apagada por baixo numa cruz em al-
5 to-relevo. Seus devotos acreditavam que a alma cujo corpo
6 ali jazia tinha o dom de obrar milagres como os de Santo An-
7 tônio. Floriano leu a inscrição: Antônia Weber - Toni - 1895-
8 1915. Talvez ali estivesse o ponto de partida de seu próximo
9 romance...

10 Um jovem novelista visita o cemitério de sua terra e fica
11 particularmente interessado numa sepultura singela a que
12 a superstição popular atribui poderes milagrosos. Vem-lhe
13 então o desejo de, através da magia da ficção, trazer de volta
14 à vida aquela morta obscura. Sai à procura de habitantes
15 mais antigos e a eles pergunta: "Quem foi Antônia Weber?"
16 Alguns nada sabem. Outros contam o pouco de que se lem-
17 bram. Um teuto-brasileiro sessentão (Floriano já começava
18 a visualizar as personagens, a inventar a intriga), ao ouvir o
19 nome da defunta, fica perturbado e fecha-se num mutismo
20 ressentido. "Aqui há drama", diz o escritor para si próprio. E
21 conclui: "Este homem talvez tenha amado Antônia Weber...".
22 Ao cabo de várias tentativas, consegue arrancar dele uma
23 história fragmentada, cheia de reticências que, entretanto, o
24 novelista vai preenchendo com trechos de depoimentos de
25 terceiros. Por fim, de posse de várias peças do quebra-ca-
26 beça, põe-se a armá-lo e o resultado é o romance numa tal
27 Antônia Weber, natural de Hannover e que emigrou com os
28 pais para o Brasil e estabeleceu-se em Santa Fé, onde...

29 Mas qual! - exclamou Floriano, parando à sombra dum
30 plátano e passando o lenço pela testa úmida. Ia cair de novo
31 nos alçapões que seu temperamento lhe armava. Os críticos
32 não negavam mérito a seus romances, mas afirmavam que
33 em suas histórias o cheiro do suor humano e da terra:
34 achavam que, quanto à forma, eram tecnicamente bem escri-
35 tas; quanto ao conteúdo, porém, tendiam mais para o artifício
36 que para a arte, fugindo sempre ao drama essencial. Pouco
37 lhe importaria o que outros pensassem se ele próprio não
38 estivesse de acordo com essas restrições. Chegara à conclu-
39 são de que, embora a perícia não devesse ser menosprezada,
40 para fazer bom vinho era necessário antes de mais nada ter
41 uvas, e uvas de boa qualidade. No caso do romance, a uva era
42 o tema - o tema legítimo, isto é, algo que o autor pelo menos
43 tivesse *sentido*, se não propriamente *vivido*.

Adaptado de: VERISSIMO, Erico. O tempo e o vento: o retrato. v. 2. São Paulo: Companhia das Letras, 2010. p. 331-333.

Considere o enunciado abaixo e as três propostas para com-
pletá-lo. Em razão de alteração de regência, acarretaria outras
mudanças na frase a substituição de:

- 1. consistia (l. 03) por ostentava.
- 2. atribui (l. 12) por concede.
- 3. se lembram (l. 16-17) por têm memória.

Qual(is) proposta(s) está(ão) correta(s)?

- a) Apenas 1.
- b) Apenas 2.
- c) Apenas 3.
- d) Apenas 1 e 3.
- e) 1, 2 e 3.

○ 5. (UFRGS)

01 André Devinne procura cultivar a ingenuidade - uma
02 defesa contra tudo o que não entende. Pressente: há al-
03 guma coisa irresolvida que está em parte alguma, mas os
04 nervos sentem- Quem sabe seja uma espécie de ver-
05 gonha. Quem sabe o medo enigmático dos quarenta anos.
06 Certamente não é a angústia de se ver lavando o carro numa
07 tarde de sábado, um homem de sua posição. E até com de-
08 licadeza que se entrega ao sol das três da tarde, agachado,
09 sem camisa, esfregando o pano sujo no pneu, num ritual
10 disfarçado em que evita formular seu tranqüilo desespero.
11 Assim: ele está numa guerra, mas por acaso; de onde está,
12 submerso na ingenuidade, à qual se agarra sem saber, não
13 consegue ver o inimigo. Talvez não haja nenhum.

14 - Filha, não fique aí no sol sem camisa.

15 A menina recuou até a sombra. Agachou-se, olhos ne-
16 gros no pai.

17 - Você vai pra praia hoje?

18 André Devinne contemplou o pneu lavado: um bom
19 trabalho.

20 - Não sei. Falou com a mãe?

21 - Ela está pintando.

22 A filha tem o mesmo olhar da mãe, quando Laura, da ja-
23 nela do ateliê, observa o mar da Barra, transformando aquela
24 estreita faixa de azul acima da Lagoa, numa outra faixa, de ou-
25 tra cor, mas igualmente suave, na tela em branco. Um olhar
26 que investiga sem ferir - que parece, de fato, ver o que está lá.

27 Devinne espreguiçou-se esticando as pernas. Largou o
28 pano imundo no balde, sentou-se e olhou o céu, o horizonte,
29 as duas faixas de mar, o azul da Lagoa, vivendo momentanea-
30 mente o prazer de proprietário. Lembrou-se da lição de inglês
31 - It's a nice day, isn't it? - e tentou de imediato, mas era
32 tarde: o corpo inteiro se povoou de lembrança e ansiedade,
33 exigindo explicações. Estava indo bem, a professora era uma
34 mulher competente, agradável, independente. Talvez justo
35 por isso, ele tenha cometido aquela estupidez. Sem pensar,
36 voltou a cabeça e acenou para Laura, que do janelão do ateliê
37 respondeu-..... com um gesto. A filha insistiu:

38 - Pai, você vai pra praia?

39 Mudar todos os assuntos.

40 - Julinha, o que é, o que é? Vive casando e está sempre
41 solteiro?

42 Ela riu.

43 - Ah, pai. Essa é fácil. O padre!

TEZZA, C. o fantasma da infância. Rio de Janeiro: Ed. Record, 2007. p. 9-10.



Considere as seguintes afirmações sobre propostas de alteração de frases do texto.

- I. Se **não entende** (l. 02) fosse substituído por **desconfia**, seria necessário substituir **o que** (l. 02) por **que**.
- II. Se **está** (l. 03) fosse substituído por **ele não localiza**, nenhuma outra alteração seria necessária à frase.
- III. Se **se agarra** (l. 12) fosse substituído por **ele se protege**, seria necessário substituir **à qual** (l. 12) por **com a qual**.

Sem considerar alterações de sentido, qual(is) afirmação(ões) mantém(êm) a correção da frase?

- a) Apenas I.
- b) Apenas III.
- c) Apenas I e II.
- d) Apenas II e III.
- e) I, II e III.

Instrução: A questão 6 está relacionadas ao texto abaixo.

01 No momento em que abrimos um livro nos pomos no
02 reino da palavra escrita, compartilhando desse sortilégio
03 fala Verissimo no texto *Sinais mortíferos*, dessa mágica
04 de sinais gravados une as mentes das quais saíram si-
05 nais, e outros sinais, e outros sinais...

06 Ninguém duvida de que a manifestação falada é a lin-
07 guagem primeira, é a linguagem natural, que prescinde das
08 tábuas e dos sulcos que um dia os homens inventaram para
09 cumprir designios que foram sendo estabelecidos, para o
10 bem e para o mal.

11 Nas sagas que cantou, Homero distinguia heróis da pa-
12 lavra, heróis que eram os homens de fala forte, de fala efe-
13 tiva, de fala eficiente. Assim como havia heróis excelentes
14 na ação, havia aqueles excelentes na palavra (porque, para
15 o épico, excelente em tudo só Zeus!). E entre eles Homero
16 ressalta muito significativamente a figura do velho conse-
17 lheiro Nestor, sempre à parte dos combates, mas dono de
18 palavras sábias que dirigiam rumos das ações. Ele ressalta,
19 entre todos – no foco da epopeia –, a figura de Odisseu/Ulises,
20 que nunca foi cantado como herói de combate renhido,
21 mas que foi o senhor das palavras astutas que construíram
22 a *Odisseia*.

23 Hoje a força da palavra falada é a mesma, nada mudou,
24 na história da humanidade, quanto ao exercício natural da
25 capacidade que o humano tem de falar e quanto à destina-
26 ção natural desse exercício. Mas, que diferença!

27 E vem agora o lado prático dessa conversa inicial: sem
28 discussão, pode-se dizer que a palavra escrita é sustentáculo
29 da cultura, embora não ouse supor que as sociedades ágras
30 sejam excluídas da noção de “cultura”, e que os textos
31 de Homero, que então eram apenas cantados, não tenham
32 sido sustentáculo de cultura no mundo grego, exatamente
33 por onde chegaram ao registro escrito.

34 Diz Verissimo que a palavra escrita “dá permanência à
35 linguagem”, e isso se comprovaria, banalmente, no fato de
36 que hoje os versos de Homero nos chegam somente cra-
37 vados em folha de papel ou em tela de computador. Mas
38 com certeza o cronista, que não esqueceu a permanência
39 do texto oral de Homero, também não terá esquecido que,
40 já há algum tempo, gravam-se falas, e que, portanto, a tec-
41 nologia humana já soube dar registro permanente também
42 à palavra falada.

43 Ocorre que a permanência de que fala Verissimo é ou-
44 tra: acima do fato de que a escrita representa um registro

45 concreto permanente, está o fato de que ela leva a palavra
46 a “outro domínio”. A palavra falada povoa um domínio que,
47 já por funcionar automaticamente segundo o *software* que
48 trouxemos à vida com a vida, não desvenda todos os sortilé-
49 gios nos quais entramos quando complicamos o viver. Que
50 digam os versos dos poetas que no geral se produzem no
51 suporte gráfico e assim nos chegam (no papel ou em tela do
52 monitor, insisto), mas vêm carregados da melodia que lhes
53 dá sentido, e por aí nos transportam a um mundo particular-
54 mente mágico a que passamos a pertencer com a leitura!!!
55 Este é, por si, o mundo da palavra mágica!!

56 E chegamos à função da escola nesse mundo da má-
57 gica da linguagem. Se, como diz Verissimo, a escrita traz o
58 preço de “roubar a palavra à sua vulgaridade democrática”,
59 cabe aos professores, que são aqueles é dado levar às
60 gerações a força da linguagem e a força da cultura rever-
61 ter o processo e reverter o argumento: cabe-lhes valorizar
62 a democrática palavra falada, sim, mas sua missão muito
63 particular é *vulgarizar democraticamente* a palavra (escrita)
64 dos livros sem tirar-lhes o sortilégio: acreditemos ou não em
65 sortilégios...

Adaptado de: MOURA NEVES, M.H. Introdução. A gramática do português revelada em textos. São Paulo: Editora da Unesp, 2018.

○ 6. (UFRGS 2024) Assinale a alternativa que preenche corretamente as lacunas das linhas 03, 04 e 59, nesta ordem.

- a) de que – que – a quem
- b) sobre o qual – as quais – para quem
- c) que – que – a quem
- d) de que – os quais – que
- e) que – os quais – que

○ 7. (UFRGS)

01 **Cena 1**

02 Em uma madrugada chuvosa, um trabalhador residen-
03 te em São Paulo acorda, ao amanhecer, às cinco horas,
04 toma rapidamente o café da manhã, dirige-se até o carro,
05 acessa a rua, e, como de costume, faz o mesmo trajeto
06 até o trabalho. Mas, em um desses inúmeros dias, ouve
07 pelo rádio que uma das avenidas de sua habitual rota está
08 totalmente congestionada. A partir dessa informação e
09 enquanto dirige, o trabalhador inicia um processo men-
10 tal analítico para escolher uma rota alternativa que o faça
11 chegar empresa no horário de sempre.

12 Para decidir sobre essa nova rota, ele deverá conside-
13 rar: a nova distância a ser percorrida, o tempo gasto no
14 deslocamento, a quantidade de cruzamentos existentes
15 em cada rota, em qual das rotas encontrará chuva e em
16 quais rotas passará por áreas sujeitas a alagamento.

17 **Cena 2**

18 Mais tarde no mesmo dia, um casal residente na mes-
19 ma cidade obtém financiamento imobiliário e decide
20 pela compra de um apartamento. São inúmeras opções
21 de imóveis à venda. Para a escolha adequada do local de
22 sua morada em São Paulo, o casal deverá levar em con-
23 ta, além do valor do apartamento, também outros crité-
24 rios: variação do preço dos imóveis por bairro, distância
25 do apartamento até a escola dos filhos pequenos, tempo
26 gasto entre o apartamento e o local de emprego do casal,
27 preferência por um bairro tranquilo e existência de linha
28 de ônibus integrada ao metrô nas proximidades do imóvel
29 – entre outros critérios.



30 Essas duas cenas urbanas descrevem situações co-
 31 muns passam diariamente muitos dos cidadãos re-
 32 sidentes em grandes cidades. As protagonistas têm em
 33 comum a angústia de tomar uma decisão complexa, es-
 34 colhida dentre várias possibilidades oferecidas pelo espa-
 35 ço geográfico. Além de mostrar que a geografia é vivida
 36 no cotidiano, as duas cenas mostram também que, para
 37 tomar a decisão que seja mais conveniente, nossas
 38 protagonistas deverão realizar, primeiramente, uma *análi-
 39 se geoespacial* da cidade. Em ambas as cenas, essa análise
 40 se desencadeia a partir de um sistema cerebral composto
 41 de informações geográficas representadas internamente
 42 na forma de mapas mentais que induzirão as três protago-
 43 nistas a tomar suas decisões. Em cada cena podemos visu-
 44 alizar uma pergunta espacial. Na primeira, o trabalhador
 45 pergunta: “qual a melhor rota a seguir, desde este pon-
 46 to onde estou até o local de meu trabalho, neste horário
 47 de segunda-feira?” Na segunda, o questionamento seria:
 48 “qual é o lugar da cidade que reúne todos os critérios geo-
 49 gráficos adequados à nossa moradia?”

50 A cena 1 é um exemplo clássico de análise de redes, en-
 51 quanto a cena 2 é um exemplo clássico de alocação espacial
 52 – duas das técnicas mais importantes da análise geoespacial.

53 A análise geoespacial reúne um conjunto de métodos e
 54 técnicas quantitativos dedicados à solução dessas e de ou-
 55 tras perguntas similares, em computador, respostas
 56 dependem da organização espacial de informações geo-
 57 gráficas em um determinado tempo. Dada a complexidade
 58 dos modelos, muitas técnicas de análise geoespacial foram
 59 transformadas em linguagem computacional e reunidas,
 60 posteriormente, em um sistema de informação geográfica.
 61 Esse fato geotecnológico contribuiu para a popularização
 62 da análise geoespacial realizada em computadores, que
 63 atualmente é simplificada pelo termo geoprocessamento.

Adaptado de: FERREIRA, Marcos César. Iniciação à análise geoespacial : teoria, técnicas e exemplos para geoprocessamento. São Paulo: Editora UNESP, 2014. p. 33-34.

Assinale a alternativa que preenche corretamente as lacunas das linhas 11, 31, 37 e 55, nessa ordem.

- a) a – as quais – lhe – em que as
- b) à – com as quais – lhes – das quais as
- c) à – que – os – cuja
- d) a – por que – lhe – de que as
- e) à – pelas quais – lhes – cujas

○ **8. (UFSM)** Para responder à questão, analise o seguinte frag-
 mento.

Com ele, jovens enviam notícias dos protestos para os amigos, confirmam presença em manifestações de rua e aprendem estratégias sobre como proceder em conflitos violentos com a polícia.

Se considerado o emprego dos verbos, a substituição do segmento destacado entre parênteses pelo pronome **não** está adequada em:

- a) enviam-nas (notícias dos protestos).
- b) enviam-lhes (para os amigos).
- c) confirmam-na (presença em manifestações de rua).
- d) aprendem-nas (estratégias sobre como proceder em conflitos violentos com a polícia).
- e) procedê-lo (em conflitos violentos com a polícia).

Instrução: Para responder a questão 9, leia a crônica de Nilson Souza, publicada na edição de 24/5/07 do jornal Zero hora.

Letras viradas

01 Quando questioneï a senhora da faxina semanal por
 02 ter colocado vários dos meus livros de cabeça para baixo
 03 na estante, ela me deu uma explicação ao mesmo tempo
 04 ingênua e sincera para sua desajeitada operação:

05 – Dessas coisas de bê e cê eu não entendo nada! Mas
 06 eles estão bem limpinhos.

07 Estavam mesmo. E, evidentemente, não me custou
 08 nada recolocá-los na ordem correta. Gosto de tê-los per-
 09 filados como soldados à espera de uma convocação. Não
 10 disponho do tempo que gostaria de ter para colocar a lei-
 11 tura em ordem também, mas de vez em quando paro por
 12 alguns minutos diante da exposição de títulos e passo em
 13 revista os meus autores preferidos – para ter certeza de
 14 que ainda estão lá. Escritores e poetas são espíritos inquietos,
 15 costumam desaparecer nas horas furtivas da noite, especialmente
 16 quando alguém leva um livro emprestado e esquece de devolvê-lo.

18 O que não desaparece da vida dos brasileiros é a chaga
 19 (ou praga?) do analfabetismo.

20 Agora surge, nos bastidores do governo federal, essa
 21 ideia estapafúrdia de premiar com dinheiro a criança pobre
 22 que passar de ano na escola. O que assusta não é apenas a
 23 possibilidade de pressão sobre os professores por parte de pais
 24 necessitados ou gananciosos. Acredito até que, se a proposta
 25 vingar, os professores saberão se defender para manter a sua
 26 autonomia. Mas há um risco muito grande de que as crianças
 27 se transformem em vítimas deste pretendido mercantilismo
 28 educacional. Elas, sim, podem ser alvo de pressão e até de
 29 coerção física por parte de tutores autoritários.

31 Ora, é translúcido que a educação não deve ficar atrelada
 32 à remuneração. Crianças e adolescentes têm que ser conquistados
 33 pelos benefícios culturais e sociais do aprendizado, não podem
 34 ser subornados para estudar. Na sociedade consumista em que
 35 vivemos, tornou-se rotineiro dizer aos jovens que eles precisam
 36 estudar para ter um bom emprego e para ganhar dinheiro no futuro.
 37 Mas há outras razões tão fortes quanto essas. Quem estuda adquire
 38 conhecimento e autonomia para tomar suas próprias decisões.
 39 Quem estuda passa a entender melhor o mundo. Quem estuda
 40 melhora a autoestima, torna-se um indivíduo mais íntegro e
 41 mais responsável. Quem estuda conquista liberdade para fazer
 42 escolhas.

44 Não há dinheiro que pague isso.

45 Quem não estuda – seja por falta de oportunidade, de conscientização
 46 ou de vontade – nem se dá conta de que Garcia Márquez, Isabel
 47 Allende e Mário Quintana talvez preferiam ficar empoeirados a
 48 de cabeça para baixo.



○ 9. (UFSM) Na linha 8, a retomada de *livros* (l. 2) foi feita por um pronome. Para a adequada escolha desse pronome, foi observada a regência dos verbos recolocar e ter, o que, considerada também a harmonia sonora, resultou nas formas *recolocá-los* (l. 8) e *tê-los* (l. 8). Levando em conta essas informações, leia atentamente os períodos a seguir.

- I. É nossa obrigação devolver os livros no prazo estabelecido.
- II. Quando temos dúvidas, é aconselhável recorrer aos livros.
- III. Emprestar aos colegas os livros é uma atitude louvável.

Verifica-se que o mesmo pronome empregado no texto deve ser usado ao se substituir o segmento sublinhado

- a) em I apenas.
- b) em I e III apenas.
- c) em II apenas.
- d) em II e III apenas.
- e) em I, II e III

○ 10. (UFSM) Em qual alternativa o mecanismo de retomada do referente *os pedintes de Porto Alegre* evidencia um descuido relativo às orientações para a regência preconizadas pela norma culta?

Percebe-se que o autor ficou sensibilizado com os pedintes de Porto Alegre, que, nas sinaleiras da capital, tentam ganhar algum dinheiro que lhes garanta a sobrevivência. Pedir, e não roubar, não impede, porém, que a maioria das pessoas os acuse de vagabundos, desejando até afastá-los do convívio da sociedade. No texto, fica evidente que Scliar lhes defende ao destacar a preservação da sua dignidade face às adversidades de uma condição social que lhes é desfavorável.

Instrução: Para responder à questão 11, leia o texto a seguir.

Viva melhor com menos sal

01 A humanidade parece ter um problema recorrente com
02 o uso do sal [...]. O historiador britânico Felipe Fernandez-
03 -Arnesto, da Universidade de Notre Dame, nos Estados Uni-
04 dos, diz que, desde que os primeiros humanos deixaram de
05 ser nômades, houve um crescimento explosivo do uso do
06 sal. A ingestão diária aumentou cinco ou seis vezes desde
07 o período paleolítico – com enorme aceleração nas últimas
08 décadas. A American Heart Association, que reúne os car-
09 diologistas americanos, estima que mudanças no estilo de
10 vida provocaram aumento de 50% no consumo de sal desde
11 os anos 1970. Em boa medida, graças ao consumo de comi-
12 da industrializada.

13 A culpa pelo abuso do sal não deve, porém, ser atribu-
14 ída somente à indústria. A maior responsabilidade cabe ao
15 nosso paladar. Os especialistas acreditam que a natureza
16 gravou em nosso cérebro circuitos que condicionam a gos-
17 tar de sal e procurar por ele – em razão do sódio essencial
18 que contém. A indústria, assim como a arte gastronômica,
19 responde ao desejo humano. “É provável que o sal seja tão
20 apreciado porque tem a capacidade de ativar o sistema de
21 recompensa do nosso cérebro”, diz o neurofisiologista bra-

22 silheiro Ivan de Araújo, afiliado à Universidade Yale, nos Esta-
23 dos Unidos. Isso significa que sal nos deixa felizes [...].

24 Com base nas repercussões negativas na saúde pú-
25 blica, muitos médicos têm falado em “epidemia salgada” e
26 promovido um movimento similar àquele que antecedeu
27 as restrições impostas ao tabaco e ao álcool. Desde 2002, a
28 Organização Mundial da Saúde (OMS) faz campanhas para
29 chamar a atenção sobre o excesso de sal. O movimento que
30 defende as restrições ao sal já chegou ao Brasil. Na segunda
31 quinzena de junho, reuniram-se em Brasília representantes
32 do meio acadêmico, da indústria de alimentos, técnicos do
33 Ministério da Saúde, da Agricultura e da Anvisa, agência fe-
34 deral que regulamenta a venda de comida industrializada e
35 remédios. Como meta, discutiu-se passar, em dez anos, de
36 12 gramas *per capita* de sal por dia para os 5 gramas reco-
37 mendados pela OMS. “Essa mudança ajudaria a baixar em
38 10% a pressão arterial dos brasileiros. Seria 1,5 milhão de
39 pessoas livres de medicação para hipertensão”, diz a nefro-
40 logista Frida Plavnik, representante da Sociedade Brasileira
41 de Hipertensão na reunião. Seguindo ela, haveria queda de
42 15% nas mortes causadas por derrames e de 10% naquelas
43 ocasionadas por infarto.

Fonte: Época. Seção Saúde & Bem-estar. 26 jul. 2010, p. 89-94. (adaptado)

○ 11. (UFSM) Assinale a alternativa em que a substituição proposta mantém o sentido no texto e está de acordo com a norma-padrão.

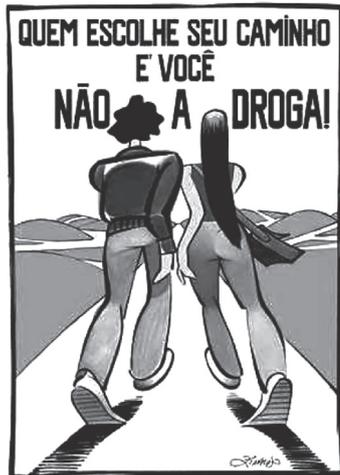
- a) “ao consumo” (l.11) por *a utilização*
- b) “à indústria” (l.14) por *à processos industriais*
- c) “ao desejo humano” (l.19) por *à vontade das pessoas*
- d) “àquele” (l.26) por *aquela campanha*
- e) “ao Brasil” (l.30) por *no país*



HABILIDADES À PROVA 4

» Crase

○ 1. (ENEM)



Disponível em: zivaldo.blogtv.uol.com.br. Acesso em: 27 jul. 2010.

O cartaz de Zivaldo faz parte de uma campanha contra o uso de drogas. Essa abordagem, que se diferencia das de outras campanhas, pode ser identificada:

- a) pela seleção do público-alvo da campanha, representado, no cartaz, pelo casal de jovens.
- b) pela escolha temática do cartaz, cujo texto configura uma ordem aos usuários e não usuários: diga não às drogas.
- c) pela ausência intencional do acento grave, que constrói a ideia de que não é a droga que faz a cabeça do jovem.
- d) pelo uso da ironia, na oposição imposta entre a seriedade do tema e a ambiência amena que envolve a cena.
- e) pela criação de um texto de sátira à postura dos jovens, que não possuem autonomia para seguir seus caminhos.

○ 2. (UFRGS)

01 Em julho, na Nhecolândia, Pantanal de Mato Grosso,
02 encontrei um vaqueiro que reunia em si, em qualidade e
03 cor, quase tudo o que _____ literatura empresta esparsa
04 aos vaqueiros principais. Era tão de carne-e-osso, que nele
05 não poderia empenhar-se o cediço e fácil da pequena lenda.
06 Apenas um profissional esportista: um técnico, amoro-
07 so de sua oficina. Mas denso, presente, almado, bom-
08 -condutor de sentimentos, crepitante de calor humano,
09 governador de si mesmo; e inteligente. Essa pessoa, este
10 homem, é o vaqueiro José Mariano da Silva, meu amigo.

11 Começamos por uma conversa de três horas, _____
12 luz de um lampião, na copa da Fazenda Firme. Eu tinha
13 precisão de aprender mais, sobre a alma dos bois, e insti-
14 gava-o a fornecer-me fatos, casos. Enrolado no poncho, as
15 mãos plantadas definitivamente na toalha da mesa, como
16 as de um bicho em vigia, ele procurava atender-me. Seu
17 rosto, de feitura franca, muito moreno, fino, tomava o ar
18 de seriedade, meio em excesso, de um homem-de-ação
19 posto em tarefa meditativa. Contou-me muita coisa.

20 Falou do boi Caroongo. Do garrote Guabiru que, quan-
21 do chegava em casa, de tardinha, berrava nove vezes, e só
22 por isso não o matavam, e porque tinha o berro mais sau-
23 doso. Da vaquinha Burivi, que acompanhava ao campo sua
24 dona moça, _____ colher as guaviras, ou para postar-se
25 _____ margem do poço, guardando o banho dela, sem
26 deixar vir perto nenhuma criatura.

27 Discorreu muito. Quando estacava, para tomar fôlego
28 ou recordação, fechava os olhos. Prazia ver esse modo, em
29 que eu o imaginava tornado a sentir-se cavaleiro sozinho.
30 Ponderava, para me responder, truz e cruz, no coloquial,
31 misto de guasca e de mineiro.

32 O sono diminuía os olhos do meu amigo; era tarde, para
33 quem precisava de levantar-se com trevas ainda na terra,
34 com os chopins cantantes. Nos despedimos. O céu estava
35 extenso. Longe, os carandás eram blocos mais pretos, de
36 um só contorno. As estrelas rodeavam: estrelas grandes,
37 próximas, desgastadas. Um cavalo relinchou, rasgado
38 a distância, repetindo. Os grilos, mil, mil, se telegrafavam:
39 que o Pantanal não dorme, que o Pantanal é enorme, que
40 as estrelas vão chover... José Mariano caminhava embora,
41 no andar bamboleado, cabeça baixa, ruminando seu can-
42 saço. Se abria e unia, com ele – vaca negra – a noite, vaca.

Adaptado de: ROSA, Guimarães. Estas histórias. 3ª ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1985. p. 93-103.

Assinale a alternativa que preenche corretamente as lacunas das linhas 03, 11, 24 e 25, nesta ordem.

- a) a - à - a - à
- b) à - à - a - a
- c) à - a - à - à
- d) à - à - a - à
- e) a - a - à - a

Instrução: A questão 3 está relacionada ao texto abaixo.

01 Uma noite, há anos, acordei bruscamente e uma estra-
02 nha pergunta explodiu de minha boca. De que cor eram os
03 olhos de minha mãe? Atordoada, custei reconhecer o quar-
04 to da nova casa em que estava morando e não conseguia
05 me lembrar como havia chegado até ali. E a insistente per-
06 gunta, martelando, martelando... De que cor eram os olhos
07 de minha mãe? Aquela indagação havia surgido há dias, há
08 meses, posso dizer. Entre um afazer e outro, eu me pegava
09 pensando de que cor seriam os olhos de minha mãe. E o que
10 a princípio tinha sido um mero pensamento interrogativo,
11 naquela noite se transformou em uma dolorosa pergunta
12 carregada de um tom acusatório. Então, eu não sabia de que
13 cor eram os olhos de minha mãe?

14 Sendo primeira de sete filhas, desde cedo, busquei
15 dar conta de minhas próprias dificuldades, cresci rápido,
16 passando por uma breve adolescência. Sempre ao lado de
17 minha mãe aprendi conhecê-la. Decifrava o seu silêncio
18 nas horas de dificuldades, como também sabia reconhecer
19 em seus gestos, prenúncios de possíveis alegrias. Naquele
20 momento, entretanto, me descobria cheia de culpa, por não
21 recordar de que cor seriam os seus olhos. Eu achava tudo



22 muito estranho, pois me lembrava nitidamente de vários
23 detalhes do corpo dela. Da unha encravada do dedo min-
24 dinho do pé esquerdo... Da verruga que se perdia no meio
25 da cabeleira crespa e bela... Um dia, brincando de pentear
26 boneca, alegria que a mãe nos dava quando, deixando por
27 uns momentos o lava-lava, o passa-passa das roupagens
28 alheias, se tornava uma grande boneca negra para as filhas,
29 descobrimos uma bolinha escondida bem no couro cabelu-
30 do dela. Pensamos que fosse carrapato. A mãe cochilava e
31 uma de minhas irmãs aflita, querendo livrar a boneca-mãe
32 daquele padecer, puxou rápido o bichinho. A mãe e nós ri-
33 mos e rimos e rimos de nosso engano. A mãe riu tanto das
34 lágrimas escorrerem. Mas, de que cor eram os olhos dela?

35 Eu me lembrava também de algumas histórias da infân-
36 cia de minha mãe. Ela havia nascido em um lugar perdido
37 no interior de

38 Minas. Ali, as crianças andavam nuas até bem grandí-
39 nhas. As meninas, assim que os seios começavam a brotar,
40 ganhavam roupas antes dos meninos. vezes, as histó-
41 rias da infância de minha mãe confundiam-se com de
42 minha própria infância. Lembro-me de que muitas vezes,
43 quando a mãe cozinhava, da panela subia cheiro algum. Era
44 como se cozinhasse, ali, apenas o nosso desesperado dese-
45 jo de alimento. E era justamente nos dias de parco ou ne-
46 nhum alimento que ela mais brincava com as filhas. Nessas
47 ocasiões a brincadeira preferida era aquela em que a mãe
48 era a Senhora, a Rainha. Ela se assentava em seu trono, um
49 pequeno banquinho de madeira. Felizes colhíamos flores
50 cultivadas em um pequeno pedaço de terra que circundava
51 o nosso barraco. Aquelas flores eram depois solenemente
52 distribuídas por seus cabelos, braços e colo. E diante dela
53 fazíamos reverências à Senhora. Postávamos deitadas no
54 chão e batíamos cabeça para a Rainha. Nós, princesas, em
55 volta dela, cantávamos, dançávamos, sorriamos. A mãe só
56 ria, de uma maneira triste e com um sorriso molhado... Mas
57 de que cor eram os olhos de minha mãe? Eu sabia, desde
58 aquela época, que a mãe inventava esse e outros jogos para
59 distrair a nossa fome. E a nossa fome se distraía.

60 De vez em quando, no final da tarde, antes que a noi-
61 te tomasse conta do tempo, ela se assentava na soleira da
62 porta e juntas ficávamos contemplando as artes das nuvens
63 no céu. Um viravam carneirinhos; outras, cachorrinhos;
64 algumas, gigantes adormecidos, e havia aquelas que eram
65 só nuvens, algodão doce. Tudo tinha de ser muito rápido,
66 antes que a nuvem derretesse e com ela também se esva-
67 cessem os nossos sonhos. Mas, de que cor eram os olhos
68 de minha mãe?

Adaptado de: EVARISTO, C. *Olhos d'água*. Rio de Janeiro: Pallas, 2016

3. (UFRGS 2024) Assinale a alternativa que preenche corretamente as lacunas das linhas 14, 17, 40 e 41, nesta ordem.

- a) a - a - Às - as
- b) à - a - As - as
- c) a - a - Às - às
- d) à - à - As - às
- e) a - à - Às - às

4. (UFRGS)

01 - Temos sorte de viver no Brasil - dizia meu pai, depois
02 da guerra. - Na Europa mataram milhões de judeus.
03 Contava as experiências que os médicos nazistas fa-
04 ziam com os prisioneiros. Decepavam-lhes as cabeças, fa-
05 ziam-nas encolher - à maneira, li depois, dos índios Jívaros.
06 Amputavam pernas e braços. Realizavam estranhos trans-

07 plantes: uniam a metade superior de um homem
08 metade inferior de uma mulher, ou aos quartos traseiros
09 de um bode. Felizmente morriam essas atrocidades quimeras;
10 expiravam como seres humanos, não eram obrigadas a vi-
11 ver como aberrações. (..... essa altura eu tinha os olhos
12 cheios de lágrimas. Meu pai pensava que a descrição das
13 maldades nazistas me deixava comovido.)

14 Em 1948 foi proclamado o Estado de Israel. Meu pai
15 abriu uma garrafa de vinho - o melhor vinho do armazém
16 -, brindamos ao acontecimento. E não saíamos de perto do
17 rádio, acompanhando notícias da guerra no Oriente
18 Médio. Meu pai estava entusiasmado com o novo Estado:
19 em Israel, explicava, vivem judeus de todo o mundo, ju-
20 deus brancos da Europa, judeus pretos da África, judeus da
21 Índia, isto sem falar nos beduínos com seus camelos: tipos
22 muito esquisitos, Guedali.

23 Tipos esquisitos - aquilo me dava ideias.

24 Por que não ir para Israel? Num país de gente tão es-
25 tranha - e, ainda por cima, em guerra - eu certamente não
26 chamaria a atenção. Ainda menos como combatente, entre
27 a poeira e a fumaça dos incêndios. Eu me via correndo pe-
28 las ruelas de uma aldeia, empunhando um revólver trinta
29 e oito, atirando sem cessar; eu me via caindo, varado de
30 balas. Aquela, sim, era a morte que eu almejava, morte he-
31 roica, esplêndida justificativa para uma vida miserável, de
32 monstro encurralado. E, caso não morresse, poderia viver
33 depois num *kibutz*. Eu, que conhecia tão bem a vida numa
34 fazenda, teria muito a fazer ali. Trabalhador dedicado, os
35 membros do *kibutz* terminariam por me aceitar; numa
36 nova sociedade há lugar para todos, mesmo os de patas
37 de cavalo.

Adaptado de: SCLIAR, M. O centauro no jardim. 9. ed. Porto Alegre: L&PM, 2001.
UFRGS - CV 2018 - LP

Assinale a alternativa que preenche corretamente as lacunas das linhas 7, 11 e 17, nessa ordem.

- a) à - À - às
- b) a - A - às
- c) à - A - às
- d) a - À - as
- e) à - A - as

5. (UFRGS)

01 me perguntam: quantas palavras uma pessoa
02 sabe? Essa é uma pergunta importante, principalmente
03 para quem ensina línguas estrangeiras. Seria muito útil
04 para quem planeja um curso de francês ou japonês ter
05 uma estimativa de quantas palavras um nativo conhece;
06 e quantas os alunos precisam aprender para usar a língua
07 com certa facilidade. Essas informações seriam preciosas
08 para quem está preparando um manual que incluía, entre
09 outras coisas, um planejamento cuidadoso da introdução
10 gradual de vocabulário.

11 À parte disso, a pergunta tem seu interesse próprio. Uma
12 língua não é apenas composta de palavras: ela inclui tam-
13 bém regras gramaticais e um mundo de outros elementos
14 que também precisam ser dominados. Mas as palavras são
15 particularmente numerosas, e é notável como qualquer
16 pessoa, instruída ou não, acesso a esse acervo imenso
17 de informação com facilidade e rapidez. Assim, perguntar
18 quantas palavras uma pessoa sabe é parte do problema
19 geral de o que é que uma pessoa tem em sua mente e que
20 permite usar a língua, falando e entendendo.



21 Antes de mais nada, porém, o que é uma palavra? Ora,
22 alguém vai dizer, “todo mundo sabe o que é uma palavra”.
23 Mas não é bem assim. Considere a palavra *olho*. É muito
24 claro que isso aí é uma palavra - mas será que olhos é a
25 mesma palavra (só que no plural)? Ou será outra palavra?

26 Bom, há razões para responder das duas maneiras: é
27 a mesma palavra, porque significa a mesma coisa (mas
28 com a ideia de plural); e é outra palavra, porque se pro-
29 nuncia diferentemente (*olhos* tem um “s” final que *olho*
30 não tem, além da diferença de timbre das vogais tônicas).
31 Entretanto, a razão principal por que julgamos que *olho* e
32 *olhos* sejam a mesma palavra é que a relação entre elas é
33 extremamente regular; ou seja, vale não apenas para esse
34 par, mas para milhares de outros pares de elementos da
35 língua: olhos, orelha/orelhas, gato/gatos, etc. E, semanti-
36 camente, a relação é a mesma em todos os pares: a forma
37 sem “s” denota um objeto só, a forma com “s” denota mais
38 de um objeto. Daí se tira uma consequência importante:
39 não é preciso aprender e guardar permanentemente na
40 memória cada caso individual; aprendemos uma regra ge-
41 ral (“faz-se o plural acrescentando um “s” ao singular”), e
42 estamos prontos.

Adaptado de: PERINI, Mário A. Semântica lexical. ReVEL, v. 11, n. 20, 2013.

Assinale a alternativa que preenche corretamente as lacunas das linhas 01, 16 e 20, nessa ordem.

- a) Às vezes - têm - lhe
- b) Às vezes - tem - lhe
- c) As vezes - têm - o
- d) Às vezes - tem - o
- e) As vezes - têm -lhe

6. (UFRGS)

01 Não faz muito que temos esta nova TV com controle
02 remoto, mas devo dizer que se trata agora de um instru-
03 mento sem o qual eu não saberia viver. Passo os dias sen-
04 tado na velha poltrona, mudando de um canal para o outro
05 - uma tarefa que antes exigia certa movimentação, mas
06 que agora ficou muito fácil. Estou num canal, não gosto
07 - zap, mudo para outro. Eu gostaria de ganhar em dólar
08 num mês o número de vezes que você troca de canal em
09 uma hora, diz minha mãe. Trata-se de uma pretensão fan-
10 tasiosa, mas pelo menos indica disposição para o humor,
11 admirável nessa mulher.

12 Sofre minha mãe. Sempre sofreu: infância carente, pai
13 cruel, etc. Mas o seu sofrimento aumentou muito quan-
14 do meu pai a deixou. Já faz tempo; foi logo depois que eu
15 nasci, e estou agora com treze anos. Uma idade em que se
16 vê muita televisão, e em que se muda de canal constante-
17 mente, ainda que minha mãe ache isso um absurdo. Da
18 tela, uma moça sorridente pergunta se o caro telespecta-
19 dor já conhece certo novo sabão em pó. Não conheço nem
20 quero conhecer, de modo que - zap - mudo de canal. “Não
21 me abandone, Mariana, não me abandone!”. Abandono,
22 sim. Não tenho o menor remorso, e agora é um desenho,
23 que eu já vi duzentas vezes, e - zap - um homem falando.
24 Um homem, abraçado guitarra elétrica, fala uma
25 entrevistadora. É um roqueiro. É meio velho, tem cabelos
26 grisalhos, rugas, falta-lhe um dente. É o meu pai.

27 É sobre mim que ele fala. Você tem um filho, não tem?,
28 pergunta a apresentadora, e ele, meio constrangido - situ-
29 ação pouco admissível para um roqueiro de verdade -, diz

30 que sim, que tem um filho só que não vê há muito tempo.
31 Hesita um pouco e acrescenta: você sabe, eu tinha que fa-
32 zer uma opção, era a família ou o rock. A entrevistadora,
33 porém, insiste (é chata, ela): mas o seu filho gosta de rock?
34 Que você saiba, seu filho gosta de rock? Ele se mexe na ca-
35 deira; o microfone, preso desbotada camisa, roça-lhe
36 o peito, produzindo um desagradável e bem audível rascar.
37 Sua angústia é compreensível; aí está, num programa local
38 e de baixíssima audiência - e ainda tem de passar pelo ve-
39 xame de uma pergunta que o embaraça e à qual não sabe
40 responder. E então ele me olha. Vocês dirão que não, que é
41 para a câmera que ele olha; aparentemente é isso; mas na
42 realidade é a mim que ele olha, sabe que, em algum lugar,
43 diante de uma tevê, estou a fitar seu rosto atormentado,
44 as lágrimas me correndo pelo rosto; e no meu olhar ele
45 procura a resposta pergunta da apresentadora: você
46 gosta de rock? Você gosta de mim? Você me perdoa? - mas
47 aí comete um engano mortal: insensivelmente, automa-
48 ticamente, seus dedos começam a dedilhar as cordas da
49 guitarra, é o vício do velho roqueiro. Seu rosto se ilumina e
50 ele vai dizer que sim, que seu filho ama o rock tanto quanto
51 ele, mas nesse momento - zap - aciono o controle remoto
52 e ele some. Em seu lugar, uma bela e sorridente jovem que
53 está - à exceção do pequeno relógio que usa no pulso -
54 nua, completamente nua.

Adaptado de: SCLiar, M. Zap. In: MORICONI, Í. (Org.) Os cem melhores contos brasileiros. Rio de Janeiro: Objetiva, 2009. p. 547-548.

Assinale a alternativa que preenche corretamente as lacunas nas linhas 24, 35 e 45, nessa ordem.

- a) à - a - à - a
- b) à - à - a - a
- c) a - à - a - à
- d) a - a - à - a
- e) à - a - à - à

7. (UFRGS)

1 Da sua janela, ponto culminante da Travessa das Acácias,
2 o Prof. Clarimundo viaja o olhar pela paisagem. No pátio de D.
3 Veva, um cachorro magro fuça na lata do lixo. Mais no fundo,
4 um pomar com bergamoteiras e laranjeiras pontilhadas de
5 frutos dum amarelo de gemada. Quintais e telhados, facha-
6 das cinzentas com a boca aberta das janelas. Na frente da
7 sapataria do Fiorello, dois homens conversam em voz alta. A
8 fileira das acácias se estende rua afora. As sombras são dum
9 violeta profundo. O céu está levemente enfumaçado, e a luz
10 do sol é de um amarelo oleoso e fluido. Vem de outras ruas a
11 trovoada dos bondes atenuada pela distância. Grasnar de bu-
12 zinas. Num trecho do Guaíba que se avista longe, entre duas
13 paredes caiadas, passa um veleiro.

14 Para Clarimundo tudo é novidade. Esta hora é uma espé-
15 cie de parêntese que ele abre em sua vida interior, para con-
16 templar o mundo chamado real. E ele verifica, com divertida
17 surpresa, que continuam a existir os cães e as latas de lixo,
18 apesar de Einstein. O sol brilha e os veleiros passam sobre
19 as águas, não obstante Aristóteles. Seus olhos contemplam
20 a paisagem com a alegria meio inibida duma criança que,
21 vendo-se de repente solta num bazar de brinquedos mara-
22 vilhosos, não quer no primeiro momento acreditar no teste-
23 munho de seus próprios olhos.

24 Clarimundo debruça-se à janela... Então tudo isto existia
25 antes, enquanto ele passava horas voltas com nú-
26 meros e teorias e cogitações, tudo isto tinha realidade? (Este
27 pensamento é de todas as tardes à mesma hora: mas a sur-
28 presa é sempre nova.) E depois, quando ele voltar para os



29 livros, para as aulas, para dentro de si mesmo, a vida ali fora
30 continuará assim, sem o menor hiato, sem o menor colapso?
31 Um galo canta num quintal. Roupas brancas se balou-
32 çam ao vento, pendentes de cordas. Clarimundo ali está
33 como um deus onipresente que tudo vê e ouve. A impres-
34 são que causam aquelas cenas domésticas leva a
35 pensar no seu livro.
36 A sua obra... Agora ele já não enxerga mais a paisagem.
37 O mundo objetivo se esvaeceu misteriosamente. Os olhos
38 do professor estão fitos na fachada amarela da casa fron-
39 teira, mas o que ele vê agora são as suas próprias teorias e
40 ideias. Imagina o livro já impresso... Sorri, exterior e interior-
41 mente. O leitor (a palavra leitor corresponde, na mente de
42 Clarimundo, à imagem dum homem debruçado sobre um
43 livro aberto: e esse homem - extraordinário! - é sempre o
44 sapateiro Fiorello) - o leitor vai se ver diante dum assunto
45 inédito, diferente, original.

Adaptado de: VERISSIMO, Erico, Caminhos Cruzados. 26. ed. Porto Alegre/Rio de Janeiro: Editora Globo, 1982. p. 57-58.

Assinale a alternativa que preenche corretamente as lacunas das linhas 25 e 34, nessa ordem.

- a) às - às - lhe - o
- b) as - as - o - lhe
- c) as - às - lhe - lhe
- d) às - as - o - o
- e) as - às - lhe - o

○ 8. (UFSM) Assinale verdadeira (V) ou falsa (F) em cada uma das afirmações relacionadas com o segmento a seguir.

"(...) as religiões monoteístas deflagaram uma guerra ao paganism e à feitiçaria (...)"

- () Se a palavra "feitiçaria" fosse colocada no plural, a crase permaneceria.
- () O verbo "deflagrar" apresenta a mesma regência de associar no seguinte período: Os animais associavam alguns movimentos à entrega do alimento.
- () Acentua-se "monoteístas" pela mesma razão que saúde.

A sequência correta é

- a) F - V - V.
- b) V - V - F.
- c) F - F - V.
- d) V - V - V.
- e) V - F - V.

Instrução: Leia o texto a seguir para responder à questão 9.

Nós, pais, sempre defendemos um ensino com qualidade e com a participação da comunidade. Como é possível chamar a comunidade para uma participação mais efetiva desse processo? (R.M. Porto Alegre)

Até o fim do ano, deve ocorrer em Brasília o primeiro encontro de dirigentes do ministério com associações de pais. A família corresponde a 70% da educação brasileira. O que a criança traz de casa é mais do que dois terços da sua formação. A família é uma aliada importantíssima da educação. A lição de casa, uma das coisas mais importantes, deixou de existir - afirmou o ministro.

As respostas do ministro para as dúvidas dos gaúchos Zero Hora, 02-9-08, p. 4-5.

○ 9. (UFSM) "A família corresponde a 70% da educação brasileira." "A família é uma aliada importantíssima da educação."

Assinale verdadeira (V) ou falsa (F) em cada afirmativa relacionada às declarações sobre a família.

- () A palavra "família" é acentuada pela mesma razão que "ingênuos".
- () Se a forma verbal "corresponde" fosse seguida de a uma alta porcentagem da educação brasileira, ocorreria o processo de crase.
- () Os dois verbos estão empregados no tempo presente para indicar que os fatos enunciados ocorreram no passado e continuam a se repetir.

A sequência correta é

- a) V - F - V.
- b) F - V - F.
- c) F - V - V.
- d) V - F - F.
- e) V - V - F.

○ 10. (UFSM) "No caso daqueles que recorrem à família, a ajuda também não é eficaz. Se os pais reclamam, a direção e os professores tomam medidas pontuais, sem desenvolver um trabalho generalizado, permitindo que o problema se repita."

Nesse fragmento,

- I. não há verbo que peça simultaneamente objeto direto e objeto indireto.
- II. a crase está diretamente relacionada com uma ocorrência de regência nominal.
- III. é articulada uma relação de condicionalidade entre escola e pais, de modo a levar a instituição de ensino a agir, mesmo que insatisfatoriamente.

Está(ão) correta(s)

- a) apenas I.
- b) apenas II.
- c) apenas I e III.
- d) apenas II e III.
- e) I, II e III.

○ 11. (UFSM) Assinale verdadeira (V) ou falsa (F) em cada uma das afirmações relacionadas ao seguinte período.

"Nós decoramos a propriedade que diz que a ordem dos fatores não altera o produto".

- () Todos os verbos do período são transitivos diretos.
- () Se "decoramos" for substituído por memorizamos, criam-se as condições para a crase.
- () A explicitação do sujeito "nós" é redundante, pois a desinência número-pessoal é parte integrante do verbo decorar.

A sequência correta é

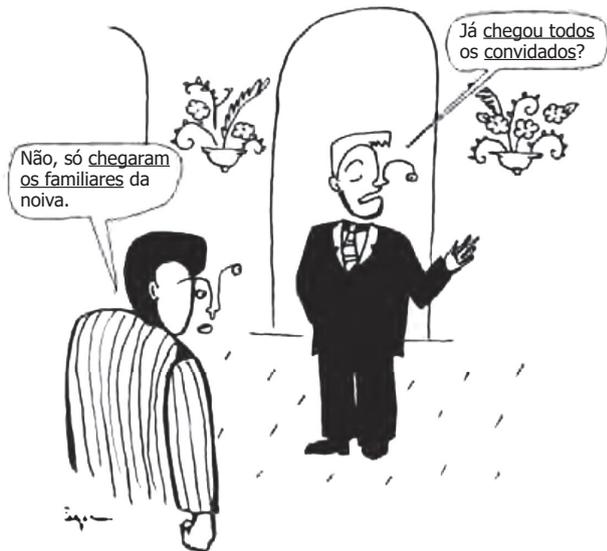
- a) V - V - F.
- b) F - F - V.
- c) V - F - F.
- d) F - V - V.
- e) V - F - V.



HABILIDADES À PROVA 5

» Concordância nominal e verbal

○ 1. (ENEM)



BAGNO, M. Não é errado falar assim!: em defesa do português brasileiro. São Paulo: Parábola, 2009 (adaptado).

A situação social em que o falante está inserido é determinante para o uso da língua. Dessa forma, cabe ao usuário adequar-se a cada contexto, a seus condicionantes: formalidade/informalidade, intimidade/hierarquias etc. Considerando-se a situação comunicativa, há, na charge:

- a) displicência de ambos os falantes, já que desconsideram a situação em que estão inseridos e usam um registro inadequado ao contexto.
- b) dualidade de registros entre os dois falantes, já que ambos usam regras distintas quanto à concordância.
- c) inobservância do personagem vestido de preto quanto à informalidade da situação e o consequente uso de um registro bastante formal.
- d) inadequação, do ponto de vista da norma padrão, do registro de um e de outro falante.
- e) consenso entre os registros dos dois falantes no tocante à norma padrão, já que ambos usam as mesmas regras de regência.

○ 2. (ENEM 2020)



◀ 'Todas chora'

O erro de concordância impresso na sandália ao lado é proposital, viu?

Uma estilista pegou carona no Twitter e, por extensão, nos bordões "todas comemora" e "todas chora", muito usados na rede. Em versão rasteirinha, custa R\$ 49.

O Globo, 12 fev. 2012 (adaptado).

Considerando-se os contextos de uso de "Todas chora", essa expressão é um exemplo de variante linguística:

- a) típica de pessoas despreocupadas em seguir as regras de escrita.
- b) usada como recurso para atrair a atenção de interlocutores e consumidores.
- c) transposta de situações de interação típicas de ambientes rurais do interior do Brasil.
- d) incompatível com ambientes frequentados por usuários da norma-padrão da língua.
- e) condenável em produtos voltados para uma clientela exigente e interessada em novidades.

○ 3. (UFRGS)

01 À porta do Grande Hotel, pelas duas da tarde, Chagas e
02 Silva postava-se de palito à boca, como se tivesse descido
03 do restaurante lá de cima. Poderia parecer, pela estampa,
04 que somente ali se comesse bem em Porto Alegre. Longe
05 disso! A Rua da Praia que o diga, ou melhor, que o dissesse.
06 O faz de conta do inefável personagem ligava-se mais à
07 importância, à moldura que aquele portal lhe conferia. Ele,
08 que tanto marcou a rua, tinha franco acesso às poltronas
09 do saguão em que se refestelavam os importantes. Andava
10 dentro de um velho fraque, usava gravata, chapéu, bengala
11 sob o braço, barba curta, polainas e uns olhinhos apertados
12 na bronzada. O charuto apagado na boca, para durar
13 bastante, era o toque final dessa composição de pardavasco
14 vindo das Alagoas.

15 Chagas e Silva chegou a Porto Alegre em 1928. Fixou-se
16 na Rua da Praia, que percorria com passos lentos, carregando
17 um ar de indecifrável importância, tão ao jeito dos
18 grandes de então. Os estudantes tomaram conta dele. Improvisaram
19 comícios na praça, carregando-o nos braços e fazendo-o discursar.
20 Dava discretas mordidas e consentia em que lhe pagassem o
21 cafezinho. Mandava imprimir sonetos, que "trocava" por dinheiro.

22 Não era de meu propósito ocupar-me do "doutor" Chagas e, sim,
23 de como se comia bem na Rua da Praia de antigamente. Mas ele
24 como que me puxou pela manga e levou-me a visitar casas por onde
25 sua imaginação de longe esvoaçava.

26 Porto Alegre, sortida por tradicionais armazéns de especialidades,
27 dispunha da melhor matéria-prima para as casas de pasto. Essas
28 casas punham ao alcance dos gourmets virtuosíssimos "secos e
29 molhados" vindos de Portugal, da Itália, da França e da Alemanha.
30 Daí um longo e período de boa comida, para regalo dos
31 homens de espírito e dos que eram mais estômago que outra coisa.

32 Na arte de comer bem, talvez a dificuldade fosse a da escolha.
33 Para qualquer lado que o passante se virasse, encontraria salões
34 ornamentados, maiores ou menores, tabernas ou simples
35 tascas. A Cidade divertia-se também pela barriga.

36 Adaptado de: RUSCHEL, Nilo. Rua da Praia. Porto Alegre: Editora da Cidade, 2009. p. 110-111.



Se a expressão *Os estudantes* (l. 18) fosse substituída por **Um estudante**, quantas outras alterações seriam necessárias, para fins de concordância, na passagem entre as linhas 18 e 20?

- a) 1.
- b) 2.
- c) 3.
- d) 4.
- e) 5.

○ 4. (UFRGS)

01 O menino sentado à minha frente é meu irmão, assim
02 me disseram; e bem pode ser verdade, ele regula pelos de-
03 zessete anos, justamente o tempo em que estive solto no
04 mundo, sem contato nem notícia.

05 A princípio quero tratá-lo como intruso, mostrar-lhe
06 minha hostilidade, não abertamente para não chocá-
07 -lo, mas de maneira a não lhe deixar dúvida, como se lhe
08 perguntasse com todas as letras: que direito tem você de
09 estar aqui na intimidade de minha família, entrando nos
10 nossos segredos mais íntimos, dormindo na cama onde eu
11 dormi, lendo meus velhos livros, talvez sorrindo das minhas
12 anotações à margem, tratando meu pai com intimidade, tal-
13 vez discutindo a minha conduta, talvez até criticando-a? Mas
14 depois vou notando que ele não é totalmente estranho. De
15 repente fere-me ideia de que o intruso talvez seja eu,
16 que ele tenha mais direito de hostilizar-me do que eu a ele,
17 que vive nesta casa há dezessete anos. O intruso sou eu,
18 não ele.

19 Ao pensar nisso vem-me o desejo urgente de entendê-
20 -lo e de ficar amigo. Faço-lhe perguntas e noto a sua avidez
21 em respondê-las, mas logo vejo a inutilidade de prosseguir
22 nesse caminho, as perguntas parecem-me formais e as res-
23 postas forçadas e complacentes.

24 Tenho tanta coisa a dizer, mas não sei como começar,
25 até a minha voz parece ter perdido a naturalidade. Ele me
26 olha, e vejo que está me examinando, procurando decidir se
27 devo ser tratado como irmão ou como estranho, e imagino
28 que as suas dificuldades não devem ser menores do que as
29 minhas. Ele me pergunta se eu moro em uma casa grande,
30 com muitos quartos, e antes de responder procuro desco-
31 brir o motivo da pergunta. Por que falar em casa? E qual a
32 importância de muitos quartos? Causarei inveja nele se re-
33 sponder que sim? Não, não tenho casa, há muitos anos que
34 tenho morado em hotel. Ele me olha, parece que fascina-
35 do, diz que deve ser bom viver em hotel, e conta que, toda
36 vez que faz reparos comida, mamãe diz que ele deve
37 ir para um hotel, onde pode reclamar e exigir. De repente o
38 fascínio se transforma em alarme, e ele observa que se eu
39 vivo em hotel não posso ter um cão em minha companhia, o
40 jornal disse uma vez que um homem foi processado por ter
41 um cão em um quarto de hotel. Confirmo proibição.
42 Ele suspira e diz que então não viveria em um hotel nem
43 de graça.

Adaptado de: VEIGA, José J. Entre irmãos. In: MORICONI, Ítalo M. Os Cem Melhores Contos Brasileiros do Século. Rio de Janeiro: Objetiva, 2001. p. 186-189

Se as expressões *perguntas* (l. 20), *as perguntas* (l. 22) e *as respostas* (l. 22-23) fossem substituídas, respectivamente, por **uma pergunta, a pergunta e a resposta**, quantas outras alterações seriam necessárias no texto, para fins de concordância?

- a) 1.
- b) 2.
- c) 3.
- d) 4.
- e) 5.

○ 5. (UFRGS) Considere o trecho abaixo extraído do texto.

É o que tem ocorrido com o estudo da relação entre a obra e o seu condicionamento social, que a certa altura chegou a ser vista como chave para compreendê-la, depois foi rebaixada como falha de visão, — e talvez só agora comece a ser proposta nos devidos termos.

Se a palavra **relação** fosse substituída por **vínculo**, quantas outras palavras no trecho teriam de ser modificadas para fins de correção gramatical?

- a) Duas.
- b) Três.
- c) Quatro.
- d) Cinco.
- e) Seis.

○ 6. (UFRGS)

01 Se, em um tempo futuro, muito distante, só tivessem só-
02 brado de nós vestígios e alguns deles fossem encontrados,
03 e entre esses, fotografias, pensemos que um fato seria pos-
04 sível: por meio delas, para os que as encontrariam, poderia
05 se operar uma revelação. As fotografias diriam sobre quem
06 fomos e como vivemos. Caso os habitantes do futuro encon-
07 trassem, por acaso, soterrado um arquivo de fotografias de
08 guerra, quem sabe deduziriam a condição daquela hu-
09 manidade perdida e suspirariam de alívio pela nossa
10 Se, ao contrário, o que encontrassem fossem álbuns de uma
11 prosaica família, apreciariam crianças fotografadas, ao longo
12 dos anos, sempre tão divertidas, cenas de trivial alegria.

13 Por um lado, redução: há como superar a finitude. Por
14 outro, castigo: não se esquecerá enquanto houver a foto-
15 grafia. O que se lembra diante do retrato de um anônimo
16 fotografado no séc. XIX? Há sempre um encanto imanente
17 nessas imagens do passado; são como pontos que não se
18 cruzam, como caminhos indicados por setas que parecem le-
19 var a lugar nenhum. Mas nos fazem desejar, pela expectativa
20 do que se pode ver do outro lado, cruzá-los.

21 Um postulado pode ser enunciado nos termos de que,
22 se está na imagem, existe; ou, tratando-se de fotografia, se
23 está na foto, existiu e pode ou não ainda existir. Na esteira
24 dessa lógica, então, seria aceitável considerar que esquecer
25 é humano e lembrar é fotográfico. Se remontarmos às nos-
26 sas experiências, considerando o álbum de família, segura-
27 mente a maioria de nós dará como depoimento a surpresa
28 do encontro com o passado. A palavra encontro talvez seja
29 um superlativo do que realmente acontece, visto que o má-
30 ximo que a fotografia nos oferece é a possibilidade de uma
31 projeção do aproximar-se com o que foi. Há uma tendência
32 em acreditarmos na foto, desde, é claro, que a informação
33 nela contida não nossas certezas projetadas em ima-



34 gens mentais sobre o passado. Uma personagem de Virginia
35 Wolf comenta: “Não possuímos as palavras. Elas estão por
36 trás dos olhos, não sobre os lábios”. E sem as palavras, o que
37 contaríamos as fotografias? Talvez não possamos contar, mas
38 seguramente alguma coisa do passado vem evocada nelas,
39 como a dúvida, ou no mínimo a nostalgia daquele fato frag-
40 mentado em imagem, na referência a outra pessoa em uma
41 festa perdida na lembrança.

Adaptado de: MICHELON, F. F. Introdução. In: MICHELON, F. F.; TAVARES, F. S. (orgs.). Fotografia e memória. Pelotas, RS: EduFPEl, 2008. p. 7-15.

A partir da linha 06 até o final do primeiro parágrafo do texto, quantos verbos estão no plural, em virtude de estabelecerem relação com o segmento *os habitantes do futuro* (l. 06)?

- a) Três.
- b) Quatro.
- c) Cinco.
- d) Seis.
- e) Sete.

Instrução: A questão 7 está relacionada ao texto abaixo.

01 No momento em que abrimos um livro nos pomos no
02 reino da palavra escrita, compartilhando desse sortilégio
03 fala Verissimo no texto *Sinais mortíferos*, dessa mágica
04 de sinais gravados une as mentes das quais saíram si-
05 nais, e outros sinais, e outros sinais...

06 Ninguém duvida de que a manifestação falada é a lin-
07 guagem primeira, é a linguagem natural, que prescinde das
08 tábuas e dos sulcos que um dia os homens inventaram para
09 cumprir desígnios que foram sendo estabelecidos, para o
10 bem e para o mal.

11 Nas sagas que cantou, Homero distinguia heróis da pa-
12 lavra, heróis que eram os homens de fala forte, de fala efe-
13 tiva, de fala eficiente. Assim como havia heróis excelentes
14 na ação, havia aqueles excelentes na palavra (porque, para
15 o épico, excelente em tudo só Zeus!). E entre eles Homero
16 ressalta muito significativamente a figura do velho conse-
17 lheiro Nestor, sempre à parte dos combates, mas dono de
18 palavras sábias que dirigiam rumos das ações. Ele ressalta,
19 entre todos – no foco da epopeia –, a figura de Odisseu/Ulis-
20 ses, que nunca foi cantado como herói de combate renhido,
21 mas que foi o senhor das palavras astutas que construíram
22 a *Odisseia*.

23 Hoje a força da palavra falada é a mesma, nada mudou,
24 na história da humanidade, quanto ao exercício natural da
25 capacidade que o humano tem de falar e quanto à destina-
26 ção natural desse exercício. Mas, que diferença!!

27 E vem agora o lado prático dessa conversa inicial: sem
28 discussão, pode-se dizer que a palavra escrita é sustentáculo
29 da cultura, embora não ouse supor que as sociedades ágra-
30 fas sejam excluídas da noção de “cultura”, e que os textos
31 de Homero, que então eram apenas cantados, não tenham
32 sido sustentáculo de cultura no mundo grego, exatamente
33 por onde chegaram ao registro escrito.

34 Diz Verissimo que a palavra escrita “dá permanência à
35 linguagem”, e isso se comprovaria, banalmente, no fato de
36 que hoje os versos de Homero nos chegam somente cra-
37 vados em folha de papel ou em tela de computador. Mas
38 com certeza o cronista, que não esqueceu a permanência
39 do texto oral de Homero, também não terá esquecido que,
40 já há algum tempo, gravam-se falas, e que, portanto, a tec-
41 nologia humana já soube dar registro permanente também
42 à palavra falada.

43 Ocorre que a permanência de que fala Verissimo é ou-
44 tra: acima do fato de que a escrita representa um registro
45 concreto permanente, está o fato de que ela leva a palavra
46 a “outro domínio”. A palavra falada povoa um domínio que,
47 já por funcionar automaticamente segundo o *software* que
48 trouxemos à vida com a vida, não desvenda todos os sortilé-
49 gios nos quais entramos quando complicamos o viver. Que
50 digam os versos dos poetas que no geral se produzem no
51 suporte gráfico e assim nos chegam (no papel ou em tela do
52 monitor, insisto), mas vêm carregados da melodia que lhes
53 dá sentido, e por aí nos transportam a um mundo particular-
54 mente mágico a que passamos a pertencer com a leitura!!!
55 Este é, por si, o mundo da palavra mágica!!

56 E chegamos à função da escola nesse mundo da má-
57 gica da linguagem. Se, como diz Verissimo, a escrita traz o
58 preço de “roubar a palavra à sua vulgaridade democrática”,
59 cabe aos professores, que são aqueles é dado levar às
60 gerações a força da linguagem e a força da cultura rever-
61 ter o processo e reverter o argumento: cabe-lhes valorizar
62 a democrática palavra falada, sim, mas sua missão muito
63 particular é *vulgarizar democraticamente* a palavra (escrita)
64 dos livros sem tirar-lhes o sortilégio: acreditemos ou não em
65 sortilégios...

Adaptado de: MOURA NEVES, M.H. Introdução. A gramática do português revelada em textos. São Paulo: Editora da Unesp, 2018.

○ 7. (UFRGS 2024) Se a palavra *versos* (l. 50) estivesse no singular, quantas outras palavras na frase (l. 49-54) deveriam ser alteradas para fins de concordância?

- a) Quatro.
- b) Cinco.
- c) Seis.
- d) Sete.
- e) Oito.

Instrução: A questão 8 está relacionada ao texto abaixo.

Texto 2

01 *Leia isto.* A depender da maneira como a frase acima
02 for falada, ela será entendida como um pedido, uma or-
03 dem ou uma sugestão. Suponha, por exemplo, que ela seja
04 falada por alguém que acabou de chegar do consultório
05 médico e não consegue decifrar o que está escrito na recei-
06 ta. Suponha agora que seja falada por um oftalmologista,
07 apontando para a primeira linha de um quadro de letras,
08 durante uma avaliação oftalmológica. Suponha ainda que
09 seja falada por um amigo, numa livraria, segurando o novo
10 livro de Daniel Galera. Agora suponha que a pessoa com
11 a receita quer, na verdade, ironizar porque sabe que nin-
12 guém vai entender os rabiscos do médico e que o amigo, fã
13 de Daniel Galera, denuncia com a sugestão o entusiasmo
14 pelo novo livro. Suponha, por fim, que o paciente exami-
15 nado comece a ler a segunda linha do quadro e seja inter-
16 rompido pelo oftalmologista, que aponta para a primeira
17 linha e fala: “Leia ISTO”.

18 Como uma mesma combinação de sons consegue ex-
19 pressar sentidos diversos? Como vimos, a frase que inicia
20 este texto pode ser utilizada para realizar diferentes ações
21 (um pedido ou uma ordem, por exemplo), pode indicar
22 uma atitude (ironia, por exemplo) ou uma emoção (alegria,
23 entusiasmo, euforia etc.). Também é possível destacar
24 uma das palavras da frase, de maneira a indicar um con-
25 traste (no exemplo, o oftalmologista apontou para o que
26 estava escrito na primeira linha do quadro, em oposição
27 ao que estava escrito na segunda linha). A frase, escrita



28 como está, não consegue sozinha, sem a ajuda de um con-
29 texto, expressar nenhum desses sentidos. Quando falada, a
30 sim. Mas que propriedades da fala são responsáveis pela
31 diversidade de sentidos que ela é capaz de expressar? Não
32 são certamente as propriedades de cada segmento sonoro
33 individual que formam, em combinação, as palavras. São
34 propriedades que não estão no nível do segmento, mas
35 num nível acima dele.

36 Uma frase como a de nosso exemplo pode ser enun-
37 ciada mais lenta ou mais rapidamente. Podemos sobrepor
38 uma duração diferenciada a um mesmo grupo de sons.
39 Também é possível falar a frase bem baixinho ou até mes-
40 mo gritá-la. É possível então regular a intensidade de enun-
41 ciação de um mesmo conjunto de sons. Por fim, também
42 podemos usar um tom mais grave (grosso) ou mais agudo
43 (fino) para falar uma mesma frase.

44 Por sua vez, a escrita tenta capturar a entonação de di-
45 versas maneiras. Assim, por exemplo, temos os sinais de
46 pontuação; eles servem para indicar se determinada frase
47 é uma pergunta ou uma afirmação e também para indicar
48 quando uma frase termina e outra começa ou quando ela
49 não terminou por completo e ainda há mais por dizer. Na
50 escrita, utilizamos marcas para explicitar que vamos iniciar
51 uma nova porção do discurso, utilizamos maiúsculas ou
52 itálicos para indicar ênfase e assim por diante. No entanto,
53 a escrita não consegue expressar muito do que é possível
54 com a entonação. Comumente temos de indicar expressa-
55 mente que estamos sendo irônicos ou gentis, por exemplo,
56 para evitar mal-entendidos na escrita, o que, mesmo de
57 maneira restrita, indica o modo como um texto deve ser
58 lido ou compreendido.

Adaptado de: OLIVEIRA JR., M. O que é entonação? In: OTHERO, G. A.; FLORES, V. N. *O que sabemos sobre a linguagem?* São Paulo: Parábola, 2022.

○ 8. (UFRGS) Se a palavra **propriedades** (l. 32) estivesse no singular, quantas outras palavras na frase deveriam ser alteradas para fins de concordância?

- a) Uma.
- b) Duas.
- c) Três.
- d) Quatro.
- e) Cinco.

Instrução: A questão 9 está relacionada ao texto abaixo.

01 Entre a desordem carnavalesca, que permite e estimula
02 o excesso, e a ordem, que requer a continência e a discipli-
03 na pela obediência estrita às leis, como é que nós, brasilei-
04 ros, ficamos? Qual a nossa relação e a nossa atitude para
05 com e diante de uma lei universal que teoricamente deve
06 valer para todos? Como procedemos diante da norma ge-
07 neral, se fomos criados numa casa onde, desde a mais tenra
08 idade, aprendemos que há sempre um modo de satisfazer
09 nossas vontades e desejos, mesmo que isso vá de encon-
10 tro às normas do bom-senso e da coletividade em geral?

11 Num livro que escrevi – *Carnavais, malandros e heróis* –,
12 lancei a tese de que o dilema brasileiro residia numa trágica
13 oscilação entre um esqueleto nacional feito de leis universais
14 cujo sujeito era o indivíduo e situações onde cada
15 qual se salvava e se despachava como podia, utilizando
16 para isso o seu sistema de relações pessoais. Haveria, assim,
17 nessa colocação, um verdadeiro combate entre as leis
18 que devem valer para todos e as relações que evidentemente
19 só podem funcionar para quem as tem. O resultado

20 é um sistema social dividido e até mesmo equilibrado entre
21 duas unidades sociais básicas: o indivíduo (o sujeito das
22 leis universais que modernizam a sociedade) e a pessoa
23 (o sujeito das relações pessoais, que conduz ao polo tradi-
24 cional do sistema). Entre os dois, o coração dos brasileiros
25 balança. E no meio dos dois, a malandragem, o “jeitinho”
26 e o famoso e antipático “sabe com quem está falando?”
27 seriam modos de enfrentar essas contradições e paradoxos
28 de modo tipicamente brasileiro. Ou seja: fazendo uma
29 mediação também pessoal entre a lei, a situação onde ela
30 deveria aplicar-se e as pessoas nela implicadas, de tal sorte
31 que nada se modifique, apenas ficando a lei um pouco
32 desmoralizada, mas, como ela é insensível e não é gente
33 como nós, todo mundo fica, como se diz, numa boa, e a
34 vida retorna ao seu normal...

35 De fato, como é que reagimos diante de um “proibido
36 estacionar”, “proibido fumar”, ou diante de uma fila quilo-
37 métrica? Como é que se faz diante de um requerimento
38 que está sempre errado? Ou diante de um prazo que já se
39 esgotou e conduz a uma multa automática que não foi divul-
40 gada de modo apropriado pela autoridade pública? Ou
41 de uma taxação injusta e abusiva?

Adaptado de: DA MATTÁ, Roberto. *O que faz o Brasil, Brasil?* Rio de Janeiro: Rocco, 1984. p. 97-99.

○ 9. (UFRGS) Se a palavra **relações** (l. 18) fosse para o singular, quantas outras palavras na frase teriam de ser modificadas para fins de concordância?

- a) Uma.
- b) Duas.
- c) Três.
- d) Quatro.
- e) Cinco.

Instrução: A questão 10 está relacionada ao texto abaixo.

01 Cena 1

02 Em uma madrugada chuvosa, um trabalhador residen-
03 te em São Paulo acorda, ao amanhecer, às cinco horas,
04 toma rapidamente o café da manhã, dirige-se até o car-
05 ro, acessa a rua, e, como de costume, faz o mesmo trajeto
06 até o trabalho. Mas, em um desses inúmeros dias, ouve
07 pelo rádio que uma das avenidas de sua habitual rota está
08 totalmente congestionada. A partir dessa informação e
09 enquanto dirige, o trabalhador inicia um processo mental
10 analítico para escolher uma rota alternativa que o faça chegar
11 empresa no horário de sempre.

12 Para decidir sobre essa nova rota, ele deverá conside-
13 rar: a nova distância a ser percorrida, o tempo gasto no
14 deslocamento, a quantidade de cruzamentos existentes
15 em cada rota, em qual das rotas encontrará chuva e em
16 quais rotas passará por áreas sujeitas a alagamento.

17 Cena 2

18 Mais tarde no mesmo dia, um casal residente na mes-
19 ma cidade obtém financiamento imobiliário e decide pela
20 compra de um apartamento. São inúmeras opções de imó-
21 veis à venda. Para a escolha adequada do local de sua mo-
22 rada em São Paulo, o casal deverá levar em conta, além do
23 valor do apartamento, também outros critérios: variação
24 do preço dos imóveis por bairro, distância do apartamen-
25 to até a escola dos filhos pequenos, tempo gasto entre o
26 apartamento e o local de emprego do casal, preferência
27 por um bairro tranquilo e existência de linha de ônibus in-
28 tegrada ao metrô nas proximidades do imóvel – entre ou-
29 tros critérios.



30 Essas duas cenas urbanas descrevem situações comuns
31 passam diariamente muitos dos cidadãos residentes
32 em grandes cidades. As protagonistas têm em comum a
33 angústia de tomar uma decisão complexa, escolhida dentre
34 várias possibilidades oferecidas pelo espaço geográfico.
35 Além de mostrar que a geografia é vivida no cotidiano,
36 as duas cenas mostram também que, para tomar a decisão
37 que seja mais conveniente, nossas protagonistas deverão
38 realizar, primeiramente, uma *análise geoespacial* da cidade.
39 Em ambas as cenas, essa análise se desencadeia a partir
40 de um sistema cerebral composto de informações geográficas
41 representadas internamente na forma de mapas mentais que
42 induzirão as três protagonistas a tomar suas decisões. Em
43 cada cena podemos visualizar uma pergunta espacial. Na
44 primeira, o trabalhador pergunta: “qual a melhor rota a seguir,
45 desde este ponto onde estou até o local de meu trabalho,
46 neste horário de segunda-feira?” Na segunda, o questionamento
47 seria: “qual é o lugar da cidade que reúne todos os critérios
48 geográficos adequados à nossa moradia?”
49

50 A cena 1 é um exemplo clássico de análise de redes, enquanto
51 a cena 2 é um exemplo clássico de alocação espacial – duas das
52 técnicas mais importantes da análise geoespacial.

53 A análise geoespacial reúne um conjunto de métodos e técnicas
54 quantitativos dedicados à solução dessas e de outras perguntas
55 similares, em computador, respostas dependem da
56 organização espacial de informações geográficas em um
57 determinado tempo. Dada a complexidade dos modelos, muitas
58 técnicas de análise geoespacial foram transformadas em
59 linguagem computacional e reunidas, posteriormente, em um
60 sistema de informação geográfica. Esse fato geotecnológico
61 contribuiu para a popularização da análise geoespacial
62 realizada em computadores, que atualmente é simplificada
63 pelo termo *geoprocessamento*.

Adaptado de: FERREIRA, Marcos César. Iniciação à análise geoespacial: teoria, técnicas e exemplos para geoprocessamento. São Paulo: Editora UNESP, 2014. p. 33-34.

○ 10. (UFRGS) Se a palavra **informações** (l. 40) fosse substituída pela expressão **um dado**, quantas outras palavras seriam alteradas no segmento da linha 39 a 43 para fins de concordância?

- a) 1.
- b) 2.
- c) 3.
- d) 4.
- e) 5.

○ 11. (UFRGS)

01 A variação linguística é uma realidade que, embora razoavelmente
02 bem estudada pela sociolinguística, pela dialetologia e pela
03 linguística histórica, provoca, em geral, reações sociais muito
04 negativas.

05 O senso comum tem escassa percepção de que a língua é um fenômeno
06 heterogêneo, que alberga grande variação e está em mudança
07 contínua. Por isso, costuma folclorizar a variação regional;
08 demoniza a variação social e tende a interpretar as mudanças
09 como sinais de deterioração da língua. O senso comum não se dá
10 bem com a variação linguística e chega, muitas vezes, a explosões
11 de ira e a gestos de grande violência simbólica diante de fatos
12 de variação.

13 Boa parte de uma educação de qualidade tem a ver precisamente
14 com o ensino de língua - um ensino que ganha o domínio das
15 práticas socioculturais de leitura, escrita e fala nos espaços
16 públicos. E esse domínio inclui o das variedades linguísticas
17 historicamente identificadas como as mais próprias a essas
18 práticas - isto é, as variedades escritas

19 e faladas que devem ser identificadas como constitutivas da
20 chamada norma culta. Isso pressupõe, inclusive, uma ampla
21 discussão sobre o próprio conceito de norma culta e suas
22 efetivas características no Brasil contemporâneo.

23 Parece claro hoje que o domínio dessas variedades caminha
24 junto com o domínio das respectivas práticas socioculturais.
25 Parece claro também, por outro lado, que não se trata apenas
26 de desenvolver uma pedagogia que garanta o domínio das
27 práticas socioculturais e das respectivas variedades linguísticas.
28 Considerando o grau de rejeição social das variedades ditas
29 populares, parece que o que nos desafia é a construção de toda
30 uma cultura escolar aberta à crítica da discriminação pela
31 língua e preparada para combatê-la, o que pressupõe uma
32 adequada compreensão da heterogeneidade linguística do país,
33 sua história social e suas características atuais. Essa compreensão
34 deve alcançar, em primeiro lugar, os próprios educadores e,
35 em seguida, os educandos.

36 Como fazer isso? Como garantir a disseminação dessa cultura
37 na escola e pela escola, considerando que a sociedade em que
38 essa escola existe não reconhece sua cara linguística e não só
39 discrimina impunemente pela língua, como dá sustento explícito
40 a esse tipo de discriminação? Em suma, como construir uma
41 pedagogia da variação linguística?

Adaptado de: ZILLES, A. M.; FARACO, C. A. Apresentação. In: ZILLES, A. M.; FARACO, C. A. orgs., Pedagogia da variação linguística: língua, diversidade e ensino. São Paulo: Parábola, 2015.

Se a expressão **toda uma cultura escolar** (l. 30) fosse substituída por **culturas escolares**, quantas outras palavras do período deveriam ser alteradas para fins de concordância?

- a) 01.
- b) 02.
- c) 03.
- d) 04.
- e) 05.

○ 12. (UFRGS)

1 Da sua janela, ponto culminante da Travessa das Acácias,
2 o Prof. Clarimundo viaja o olhar pela paisagem. No pátio de D. Veva,
3 um cachorro magro fuça na lata do lixo. Mais no fundo, um pomar
4 com bergamoteiras e laranjeiras pontilhadas de frutos dum
5 amarelo de gemada. Quintais e telhados, fachadas cinzentas
6 com a boca aberta das janelas. Na frente da sapataria do Fiorello,
7 dois homens conversam em voz alta. A fileira das acácias se
8 estende rua afora. As sombras são dum violeta profundo. O céu
9 está levemente enfumacado, e a luz do sol é de um amarelo oleoso
10 e fluido. Vem de outras ruas a trovoada dos bondes atenuada
11 pela distância. Grasnar de buzinas. Num trecho do Guaíba que
12 se avista longe, entre duas paredes caídas, passa um veleiro.

13 Para Clarimundo tudo é novidade. Esta hora é uma espécie de
14 parêntese que ele abre em sua vida interior, para contemplar
15 o mundo chamado real. E ele verifica, com divertida surpresa,
16 que continuam a existir os cães e as latas de lixo, apesar de
17 Einstein. O sol brilha e os veleiros passam sobre as águas,
18 não obstante Aristóteles. Seus olhos contemplam a paisagem
19 com a alegria meio inibida dum criança que, vendo-se de
20 repente solta num bazar de brinquedos maravilhosos, não quer
21 no primeiro momento acreditar no testemunho de seus próprios
22 olhos.

23 Clarimundo debruça-se à janela... Então tudo isto existia antes,
24 enquanto ele passava horas voltas com números
25 e teorias e cogitações, tudo isto tinha realidade? (Este pensamento
26 é de todas as tardes à mesma hora: mas a surpresa é sempre nova.)
27 E depois, quando ele voltar para os livros, para as aulas, para dentro
28 de si mesmo, a vida ali fora continuará assim, sem o menor hiato,
29 sem o menor colapso?



31 Um galo canta num quintal. Roupas brancas se balou-
32 çam ao vento, pendentes de cordas. Clarimundo ali está
33 como um deus onipresente que tudo vê e ouve. A impressão
34 que causam aquelas cenas domésticas levam a
35 pensar no seu livro.

36 A sua obra... Agora ele já não enxerga mais a paisagem.
37 O mundo objetivo se esvaeceu misteriosamente. Os olhos
38 do professor estão fitos na fachada amarela da casa fron-
39 teira, mas o que ele vê agora são as suas próprias teorias e
40 ideias. Imagina o livro já impresso... Sorri, exterior e interior-
41 mente. O leitor (a palavra leitor corresponde, na mente de
42 Clarimundo, à imagem dum homem debruçado sobre um
43 livro aberto: e esse homem - extraordinário! - é sempre o
44 sapateiro Fiorello) - o leitor vai se ver diante dum assunto
45 inédito, diferente, original.

Adaptado de: VERISSIMO, Erico, Caminhos Cruzados. 26. ed. Porto Alegre/Rio de Janeiro:
Editora Globo, 1982. p. 57-58.

Se a expressão **duma criança** (l. 20) fosse substituída por **de crianças**, quantas outras palavras, no segmento que vai da linha 19 à linha 23, deveriam sofrer alterações para fins de concordância?

- a) Uma.
- b) Duas.
- c) Três.
- d) Quatro.
- e) Cinco.

Instrução: A questão 13 está relacionada ao texto abaixo.

01 Recebi consulta de um amigo que tenta deslindar se-
02 gredos da língua para estrangeiros que querem aprender
03 português. – Seu problema: “se digo em uma sala de aula:
04 ‘Pessoal, leiam o livro X’, como explicar a concordância? Cer-
05 tamente, não se diz ‘Pessoal, leia o livro X’”.

06 Pela pergunta, vê-se que não se trata de fornecer re-
07 gras para corrigir eventuais problemas de padrão. Trata-se
08 de entender um dado que ocorre regularmente, mas que
09 parece oferecer alguma dificuldade de análise.

10 Em primeiro lugar, é óbvio que se trata de um pedido
11 (ou de uma ordem) mais ou menos informal. Caso contrá-
12 rio, não se usaria a expressão “pessoal”, mas talvez “Senho-
13 res” ou “Senhores alunos”.

14 Em segundo lugar, não se trata da tal concordância
15 ideológica, nem de silepse (hipóteses previstas pela gramá-
16 tica para explicar concordâncias mais ou menos excepcio-
17 nais, que se devem menos a fatores sintáticos e mais aos
18 semânticos; exemplos correntes do tipo “A gente fomos” e
19 “o pessoal gostaram” se explicam por esse critério). Como
20 se pode saber que não se trata de concordância ideológica
21 ou de silepse? A resposta é que, nesses casos, o verbo se
22 liga ao sujeito em estrutura sem vocativo, diferentemente
23 do que acontece aqui. E em casos como “Pedro, venha cá”,
24 “venha” não se liga a “Pedro”, mesmo que pareça que sim,
25 porque Pedro não é o sujeito.

26 Para tentar formular uma hipótese mais clara para o
27 problema apresentado, talvez se deva admitir que o sujeito
28 de um verbo pode estar apagado e, mesmo assim, produzir
29 concordância. O ideal é que se mostre que o fenômeno não
30 ocorre só com ordens ou pedidos, e nem só quando há vo-
31 cativo. Vamos por partes: a) é normal, em português, haver
32 orações sem sujeito expresso e, mesmo assim, haver flexão
33 verbal. Exemplos correntes são frases como “chegaram e
34 saíram em seguida”, que todos conhecemos das gramáti-
35 cas; b) sempre que há um vocativo, em princípio, o sujeito

36 pode não aparecer na frase. É o que ocorre em “meninos,
37 saiam daqui”; mas o sujeito pode aparecer, pois não seria
38 estranha a sequência “meninos, vocês se comportem”; c) se
39 forem aceitas as hipóteses a) e b) (diria que são fatos), não
40 seria estranho que a frase “Pessoal, leiam o livro X” pudes-
41 se ser tratada como se sua estrutura fosse “Pessoal, vocês
42 leiam o livro x”. Se a palavra “vocês” não estivesse apagada,
43 a concordância se explicaria normalmente; d) assim, o pro-
44 blema real não é a concordância entre “pessoal” e “leiam”,
45 mas a passagem de “pessoal” a “vocês”, que não aparece na
46 superfície da frase.

47 Este caso é apenas um, dentre tantos outros, que nos
48 obrigariam a considerar na análise elementos que parecem
49 não estar na frase, mas que atuam como se lá estivessem.

Adaptado de: POSSENTI, Sírio. *Malcomportadas línguas*. São Paulo: Parábola Editorial, 2009. p. 85-86.

○ 13. (UFRGS) De acordo com o autor do texto, a explicação para a concordância verbal da frase ‘Pessoal, leia o livro X’ (l. 05) está relacionada ao fato de a concordância verbal se fazer com um sujeito não expresso nem fonética nem ortograficamente.

Assinale a alternativa em que se encontra outro exemplo desse mesmo fenômeno gramatical de que trata o autor do texto.

- a) Meninos, vocês se comportem.
- b) Chegaram e saíram em seguida esses meninos.
- c) Gente, chegaram as pizzas!
- d) Gurizada, já terminaram a prova?
- e) Guria, tu já leu o livro que o professor indicou?

○ 14. (UFRGS)

01 Muita gente que ouve a expressão “políticas linguísticas”
02 pela primeira vez pensa em algo solene, formal, oficial, em
03 leis e portarias, em autoridades oficiais, e pode ficar se per-
04 guntando o que seriam leis sobre línguas. De fato, há leis so-
05 bre línguas, mas as políticas linguísticas também podem ser
06 menos formais – e nem passar por leis propriamente ditas.
07 Em quase todos os casos, figuram no cotidiano, pois envol-
08 vem não só a gestão da linguagem, mas também as práticas
09 de linguagem, e as crenças e os valores que circulam a res-
10 peito delas. Tome, por exemplo, a situação do cidadão das
11 classes confortáveis brasileiras, que quer que a escola ensine
12 a norma culta da língua portuguesa. Ele folga em saber que
13 se vai exigir isso dos candidatos às vagas para o ensino supe-
14 rior, mas nem sempre observa ou exige o mesmo padrão cul-
15 to, por exemplo, na ata de condomínio, que ele aprova como
16 está, desapegada da ortografia e das regras de concordância
17 verbais e nominais preconizadas pela gramática normativa.
18 Ele acha ótimo que a escola dos filhos faça baterias de exercí-
19 cios para fixar as normas ortográficas, mas pouco se incomo-
20 da com os problemas de redação nos enunciados das tarefas
21 dirigidas às crianças ou nos textos de comunicação da escola
22 dirigidos à comunidade escolar. Essas são políticas linguísti-
23 cas. Afinal, onde há gente, há grupos de pessoas que falam
24 línguas. Em cada um desses grupos, há decisões, tácitas ou
25 explícitas, sobre como proceder, sobre o que é aceitável ou
26 não, e por aí afora. Vamos chamar essas escolhas – assim
27 como as discussões que levam até elas e as ações que delas
28 resultam – de políticas. Esses grupos, pequenos ou grandes,
29 de pessoas tratam com outros grupos, que por sua vez usam
30 línguas e têm as suas políticas internas. Vivendo imersos em
31 linguagem e tendo constantemente que lidar com outros in-
32 divíduos e outros grupos mediante o uso da linguagem, não
33 surpreende que os recursos de linguagem lá pelas tantas se
34 tornem, eles próprios, tema de política e objetos de políticas
35 explícitas. Como esses recursos podem ou devem se apre-



36 sentar? Que funções eles podem ou devem ter? Quem pode
37 ou deve ter acesso a eles? Muito do que fazemos, portanto,
38 diz respeito às políticas linguísticas.

Adaptado de: GARCEZ, P. M.; SCHULZ, L. Do que tratam as políticas linguísticas. *ReVEL*, v. 14, n. 26, 2016.

Se a expressão *políticas linguísticas* (l. 05) fosse para o singular, quantas outras alterações seriam necessárias no período para manter-se a concordância?

- a) 1.
- b) 2.
- c) 3.
- d) 4.
- e) 5.

15. (UFRGS)

01 Havia naquele cemitério uma sepultura em torno a
02 imaginação popular tecera lendas. Ficava ao lado da capela,
03 perto dos grandes jazigos, e consistia numa lápide cinzenta,
04 com a inscrição já apagada por baixo numa cruz em
05 alto-relevo. Seus devotos acreditavam que a alma cujo corpo
06 ali jazia tinha o dom de obrar milagres como os de Santo An-
07 tônio. Floriano leu a inscrição: Antônia Weber – Toni – 1895-
08 1915. Talvez ali estivesse o ponto de partida de seu próximo
09 romance...

10 Um jovem novelista visita o cemitério de sua terra e fica
11 particularmente interessado numa sepultura singela a que
12 a superstição popular atribui poderes milagrosos. Vem-lhe
13 então o desejo de, através da magia da ficção, trazer de vol-
14 ta à vida aquela morta obscura. Sai à procura de habitantes
15 mais antigos e a eles pergunta: "Quem foi Antônia Weber?"
16 Alguns nada sabem. Outros contam o pouco de que se lem-
17 bram. Um teutobrasileiro sessentão (Floriano já começava
18 a visualizar as personagens, a inventar a intriga), ao ouvir o
19 nome da defunta, fica perturbado e fecha-se num mutismo
20 ressentido. "Aqui há drama", diz o escritor para si próprio.
21 conclui: "Este homem talvez tenha amado Antônia Weber...".
22 Ao cabo de várias tentativas, consegue arrancar dele uma
23 história fragmentada, cheia de reticências que, entretanto,
24 o novelista vai preenchendo com trechos de depoimentos
25 de terceiros. Por fim, de posse de várias peças do quebra-ca-
26 beça, põe-se a armá-lo, e o resultado é o romance *duma tal*
27 *Antônia Weber*, natural de Hannover e que emigrou com os
28 pais para o Brasil e estabeleceu-se em Santa Fé, onde...

29 Mas qual! – exclamou Floriano, parando à sombra dum
30 plátano e passando o lenço pela testa úmida. Ia cair de novo
31 nos alçapões que seu temperamento lhe armava. Os críticos
32 não negavam mérito a seus romances, mas afirmavam que
33 em suas histórias o cheiro do suor humano e da ter-
34 ra: achavam que, quanto à forma, eram tecnicamente bem
35 escritas; quanto ao conteúdo, porém, tendiam mais para o
36 artifício que para a arte, fugindo sempre ao drama essencial.
37 Pouco lhe importaria o que outros pensassem se ele próprio
38 não estivesse de acordo com essas restrições. Chegara à
39 conclusão de que, embora a perícia não devesse ser menos-
40 prezada, para fazer bom vinho era necessário antes de mais
41 nada ter uvas, e uvas de boa qualidade. No caso do romance
42 a uva era o tema – o tema legítimo, isto é, algo que o autor
43 pelo menos tivesse sentido, se não propriamente vivido.

Adaptado de: VERISSIMO, Erico. O tempo e o vento: o retrato. v. 2. São Paulo: Companhia das Letras, 2010, p. 331-333.

Se substituíssemos *Os críticos* (l. 31) por *A crítica*, quantas outras alterações seriam necessárias, no texto, para fins de concordância?

- a) 1.
- b) 2.
- c) 3.
- d) 4.
- e) 5.

16. (UFSM) "A partir da eleição deste ano, a votação portando a bandeira do partido ou estampando a camiseta com o nome e o número do candidato está _____ pela Justiça Eleitoral. As novas regras, em razão da minirreforma eleitoral _____ pelo TSE, deixaram a campanha mais rígida e _____ resultar em cidades mais limpas."

Assinale a alternativa que contemple as formas adequadas para completar as lacunas.

- a) proibida - aprovada - vão
- b) proibido - aprovado - vão
- c) proibido - aprovada - vai
- d) proibida - aprovadas - vão
- e) proibida - aprovado - vai

17. (UFSM)



Maurício de Sousa. Disponível em: <<http://alb.com.br/>>. Acesso em: 04 jul. 2013.

A frase que poderia substituir corretamente a inscrição na placa, mantendo-se o sentido e a adequação à norma-padrão, é:

- a) Postergada a caça!
- b) Proibido a caça de árvores!
- c) Não é permitida caça!
- d) Caça promulgada!
- e) É proibido caça!



Instrução: Leia o texto VI para responder à questão 18.

Texto VI



Manolito - Quino.

○ 18. (UFSM) Observe o pronome de tratamento usado por Mafalda para dirigir-se a Manolito. Imagine o diálogo que antecedeu àquele registrado nos quadrinhos e analise os possíveis enunciados da professora se empregasse, de acordo com a norma culta, o mesmo pronome de tratamento que Mafalda usa para falar com Manolito.

- I. Manolito, vais indo bem em Matemática.
- II. Fico espantada com a tua rapidez para fazer contas.
- III. Eu lhe dou os parabéns pelo seu desempenho em Matemática.

Está(ão) correta(s)

- a) apenas I.
- b) apenas II.
- c) apenas III.
- d) apenas I e II.
- e) apenas II e III.

○ 19. (UFSM)

Um algoritmo vale mais que o charme?

Uma nova safra de sites de namoro _____ a tecnologia para juntar as pessoas à moda antiga.

Vale até um PowerPoint sobre a sua vida.

As redes sociais ampliaram não só os grupos de amigos, mas também o número de pessoas com as quais _____ ter um relacionamento amoroso. Mas o problema é que as redes sociais aumentaram a quantidade e não a qualidade dos candidatos. O novo desafio amoroso é exatamente este: filtrar as pessoas que interessam. Daí _____ serviços, como o eHarmony.com e Match.com, que ajudam a selecionar parceiros(as) dentro e fora da sua rede com a ajuda de algoritmos que analisam a compatibilidade entre duas pessoas. Outros aplicativos, como o Pair, _____ grande importância à privacidade num mundo onde

as interações são cada vez mais públicas. E se der tudo errado, _____ vários sites de divórcio. Se você quiser manter o lado tradicional da separação, mas sem a lentidão da Justiça, hospede-se no DivorceHotel.com.

Fonte: LARIU, Alessandra. Um algoritmo vale mais que o charme? INFO, jul. 2012, p. 30. (adaptado)

Assinale a alternativa que preenche, adequadamente, as lacunas do texto, segundo os princípios da norma-padrão da língua portuguesa.

- a) usa - se pode - entram - dão - existem
- b) utiliza - é possível - surgem - tem dado - há
- c) usam - pode-se - entram - dão - existem
- d) utiliza - é possível - surge - estão dando - há
- e) utilizam - se pode - entra - dão - existe

○ 20. (UFSM) Observe o trecho: "a maior parte dos eleitores (...) tem entre 25 e 34 anos, mas seguida de perto pelos que têm entre 45 e 59 anos". O verbo *ter* aparece duas vezes, uma sem acento gráfico e outra com acento. A segunda forma está acentuada

- a) porque é uma palavra monossílaba átona.
- b) porque é uma oxitona terminada em "-em".
- c) para concordar com "a maior parte".
- d) para concordar com "entre 45 e 59 anos".
- e) para indicar a flexão da terceira pessoa do plural.

○ 21. (UFSM) Marque C (certo) ou E (errado) quanto à concordância do verbo sublinhado.

- () Em vista do El Nino, poderão fazer invernos com mais tempestades.
- () Falta ainda três jogadores para completar a escalação do time.
- () Se houvesse jogadores empenhados, a seleção estaria melhor.
- () Vende-se terrenos na praia.

Assinale a alternativa com a sequência correta.

- a) C - C - E - E.
- b) E - E - C - E.
- c) E - C - C - C.
- d) C - E - E - E.
- e) C - E - C - C.



○ 22. (UFSM) Leia o trecho a seguir.

“Até a noite de ontem, sete candidatos ao Palácio do Planalto haviam registrado a candidatura no Tribunal Superior Eleitoral (TSE). A eleição, por enquanto, está polarizada entre o presidente Luiz Inácio Lula da Silva (PT) e o ex-governador de São Paulo, Geraldo Alckmin (PSDB).”

Jornal ZH, 6 de julho de 2006.

Assinale a alternativa que apresenta, de acordo com a norma culta, uma versão da informação contida no primeiro período.

- a) Até a noite de ontem, haviam sete candidatos ao Palácio do Planalto com registro de candidatura no Tribunal Superior Eleitoral (TSE).
- b) Até a noite de ontem, havia sete candidatos ao Palácio do Planalto com registro de candidatura no Tribunal Superior Eleitoral (TSE).
- c) Sete candidatos ao Palácio do Planalto haviam registrado, na noite de ontem, a candidatura no Tribunal Superior Eleitoral (TSE).
- d) Sete candidatos ao Palácio do Planalto tiveram seu registro de candidatura concedido, na noite de ontem, no Tribunal Superior Eleitoral (TSE).
- e) Até a noite de ontem, houveram sete candidatos ao Palácio do Planalto com registro da candidatura no Tribunal Superior Eleitoral (TSE).

Instrução: Com base nesse fragmento, responda à questão de números 23.

Pular 7 ondas no ano-novo

01 Trata-se de uma tradição africana ligada à umbanda e
02 ao candomblé. O 7 é um número considerado espiritual (são
03 7 os dias da semana e os chacras). Pular 7 ondas ajudaria a
04 invocar os poderes de Iemanjá, a deusa do mar, que purifica
05 e nos dá força para vencer os obstáculos do ano que está
06 por vir.

Revista Superinteressante, maio 2006, p. 66.

○ 23. (UFSM) Analise as afirmativas a seguir.

- I. Se a palavra “tradição” fosse colocada no plural, “Trata-se” passaria para Tratam-se.
- II. No terceiro período (l. 3-6), existe emprego de vírgulas para separar o apostro.
- III. O emprego do tempo e do modo do verbo ajudar, no terceiro período, indica um fato tomado como verdade universal.

Está(ão) correta(s)

- a) apenas I.
- b) apenas II.
- c) apenas III.
- d) apenas I e II.
- e) apenas I e III

Instrução: Para responder à questão 24, leia o texto a seguir sobre o filme *Ratatouille*, lançado em 2007, sobre um ratinho que morava em Paris.

Sobre ratos e homens

01 O filme *Ratatouille* conta a história de Remy, um ratinho
02 que sonha em se tornar um grande chef, mesmo contra os
03 desejos de sua família - e do óbvio problema de ser um rato
04 em uma profissão totalmente inapropriada para roedores.
05 (www.blogtemplates)

06 Trata-se de um dos mitos fundadores da civilização: um
07 jovem é separado dos seus e tem não apenas de enfrentar
08 o mundo sozinho, entre estranhos, como também de se
09 provar à altura de uma tarefa gigantesca, da qual ninguém
10 o julga capaz.

11 Remy é o proverbial estranho no ninho. Em vez de co-
12 mer qualquer coisa que encontre pela frente, como manda
13 o instinto da espécie, ele persegue os melhores ingredientes
14 e sonha com combinação de sabores. Ratos, ainda que de
15 paladar apurado e talento gastronômico como Remy (que
16 também lava as mãos antes de tocar na comida), não são
17 bem-vindos em cozinhas, o que obrigará o herói a uma exist-
18 tência clandestina, sob o chapéu do recém-contratado lava-
19 dor de pratos, Linguini.

Isabela Boscov, Veja, 04 de julho de 2007, p. 130. (adaptado)

○ 24. (UFSM) Assinale verdadeira (V) ou falsa (F) em cada uma das afirmativas relacionadas a estruturas gramaticais do texto.

- () Se *um dos mitos fundadores da civilização* (l. 6) fosse substituído por *mitos fundadores da civilização*, haveria necessidade de iniciar o parágrafo por *Tratam-se de*.
- () Considerando-se a estrutura passiva *é separado* (l. 7), o contexto permite recuperar qual é o agente responsável pela separação, a família do ratinho.
- () Os segmentos *da qual* (l. 9) e *o* (l. 10) retomam, respectivamente, de *uma tarefa gigantesca* (l. 9) e *um jovem* (l. 7).

A sequência correta é

- a) V - V - V.
- b) F - F - F.
- c) V - F - V.
- d) F - F - V.
- e) V - V - F.



Instrução: Para responder à questão 25, leia o texto a seguir.

COMO ENXERGAMOS O MUNDO?



Fonte: SOCIOLOGIA ILUSTRADA. Publicado em: 04 maio 2023. Disponível em: <<https://facebook.com/photo.php?fbid=698043275659444&id=100063613330351&set=a.131127662351011>>. Acesso em: 27 dez. 2023. (Adaptado)

○ 25. (UFSM 2024) Assinale a alternativa em que a reescrita da oração extraída do texto NÃO está de acordo com a norma-padrão.

- a) “para enxergar o mundo” (quadrinho 1) → para que se enxergue o mundo
- b) “uns óculos que usamos” (quadrinho 1) → uns óculos que se usa
- c) “ele (esse olhar) é construído historicamente por um grupo social” (quadrinho 3) → constrói-se historicamente esse olhar
- d) “precisamos retirar os preconceitos” (quadrinho 4) → precisamos que se retirem os preconceitos
- e) “precisamos reconhecer a diversidade de olhares” (quadrinho 4) → precisamos que se reconheça a diversidade de olhares



HABILIDADES À PROVA 6

» Colocação pronominal

○ 1. (ENEM) O uso do pronome átono no início das frases é destacado por um poeta e por um gramático nos textos abaixo.

Pronominais

Dê-me um cigarro
Diz a gramática
Do professor e do aluno
E do mulato sabido
Mas o bom negro e o bom branco
da Nação Brasileira
Dizem todos os dias
Deixa disso camarada
Me dá um cigarro

ANDRADE, Oswald de. Seleção de textos. São Paulo: Nova Cultural, 1988.

"Iniciar a frase com pronome átono só é lícito na conversação familiar, despreocupada, ou na língua escrita quando se deseja reproduzir a fala dos personagens [...]."

CEGALLA, Domingos Paschoal. Novíssima gramática da língua portuguesa. São Paulo: Nacional, 1980.

Comparando a explicação dada pelos autores sobre essa regra, pode-se afirmar que ambos:

- a) condenam essa regra gramatical.
- b) acreditam que apenas os esclarecidos sabem essa regra.
- c) criticam a presença de regras na gramática.
- d) afirmam que não há regras para uso de pronomes.
- e) relativizam essa regra gramatical.

○ 2. (ENEM) Páris, filho do rei de Troia, raptou Helena, mulher de um rei grego. Isso provocou um sangrento conflito de dez anos, entre os séculos XIII e XII a.C. Foi o primeiro choque entre o ocidente e o oriente. Mas os gregos conseguiram enganar os troianos. Deixaram à porta de seus muros fortificados um imenso cavalo de madeira. Os troianos, felizes com o presente, puseram-no para dentro. À noite, os soldados gregos, que estavam escondidos no cavalo, saíram e abriram as portas da fortaleza para a invasão. Daí surgiu a expressão "presente de grego".

DUARTE, Marcelo. O guia dos curiosos. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

Em "puseram-no", a forma pronominal "no" refere-se:

- a) ao termo "rei grego".
- b) ao antecedente "gregos".
- c) ao antecedente distante "choque".
- d) à expressão "muros fortificados".
- e) aos termos "presente" e "cavalo de madeira".

○ 3. (ENEM) A colocação pronominal é a posição que os pronomes pessoais oblíquos átonos ocupam na frase em relação ao verbo a que se referem. São pronomes oblíquos átonos: me, te, se, o, os, a, as, lhe, lhes, nos e vos. Esses pronomes podem assumir três posições na oração em relação ao verbo. Próclise, quando o pronome é colocado antes do verbo, devido a partículas atrativas, como o pronome relativo. Ênclise, quando o pronome é colocado depois do verbo, o que acontece quando este estiver no imperativo afirmativo ou no infinitivo impessoal regido da preposição "a" ou quando o verbo estiver no gerúndio. Mesóclise, usada quando o verbo estiver flexionado no futuro do presente ou no futuro do pretérito.

A mesóclise é um tipo de colocação pronominal raro no uso coloquial da língua portuguesa. No entanto, ainda é encontrada em contextos mais formais, como se observa em:

- a) Não lhe negou que era um improviso.
- b) Faz muito tempo que lhe falei essas coisas.
- c) Nunca um homem se achou em mais apertado lance.
- d) Referia-se à D. Evarista ou tê-la-ia encontrado em algum outro autor?
- e) Acabou de chegar dizendo-lhe que precisava retornar ao serviço imediatamente.

○ 4. (UFSM)

A - Não se deve varrer ou limpar o chão depois do pôr-do-sol, no Paquistão. Caso contrário, corre-se o risco de atrair azar para toda a vida.

B - A urucubaca do 13 tem provável origem nos mitos nórdicos, como o de Loki, espírito maligno que apareceu sem ser chamado em um banquete celestial onde havia 12 convidados.

Analisar as afirmativas a seguir, relacionadas com A e B.

I. Em A, a primeira vírgula separa termos de mesma função sintática.

II. Em A, o uso culto da língua permite a colocação da partícula "se" depois da forma verbal "deve", a exemplo de "corre-se".

III. Em B, o emprego de "onde" está de acordo com a norma culta, uma vez que equivale a em que.

Está(ão) correta(s)

- a) apenas I.
- b) apenas II.
- c) apenas III.
- d) apenas I e II.
- e) apenas I e III.



GABARITO

• Habilidades à prova

Unidade 1 - Análise sintática: período simples

1. D	5. C	9. D	13. C	17. A	21. B	25. E	29. D	33. A
2. D	6. E	10. A	14. A	18. A	22. C	26. A	30. A	34. E
3. E	7. B	11. A	15. C	19. B	23. A	27. C	31. A	35. B
4. E	8. E	12. A	16. E	20. B	24. A	28. A	32. B	36. E

Unidade 2 - Pontuação

1. B	6. C	11. B	16. D	21. E	26. B	31. B	36. D	41. B
2. B	7. C	12. D	17. A	22. B	27. B	32. E	37. E	42. C
3. D	8. C	13. B	18. C	23. A	28. D	33. E	38. C	43. A
4. B	9. A	14. A	19. E	24. D	29. E	34. A	39. B	44. E
5. B	10. C	15. B	20. D	25. E	30. A	35. A	40. E	45. B

Unidade 3 - Regência verbal e nominal

1. E	4. A	7. E	10. D
2. A	5. D	8. E	11. C
3. D	6. A	9. B	

Unidade 4 - Crase

1. C	4. E	7. E	10. C
2. A	5. B	8. C	11. E
3. A	6. E	9. D	

Unidade 5 - Concordância nominal e verbal

1. B	4. E	7. E	10. B	13. D	16. A	19. A	22. B	25. B
2. B	5. C	8. C	11. B	14. C	17. E	20. E	23. B	
3. B	6. C	9. C	12. B	15. C	18. C	21. B	24. D	

Unidade 6 - Colocação pronominal

1. E	2. E	3. D	4. E
------	------	------	------

